

LUIZ GONZAGA GODOI TRIGO

FILOSOFIA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL NAS SOCIEDADES PÓS-
INDUSTRIAIS - UM OLHAR PARA ALÉM DO TRADICIONAL:
O caso do lazer e do turismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

1996

9618398

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

T734f

Trigo, Luiz Gonzaga Godoi

Filosofia da formação profissional nas sociedades pós-industriais - um olhar para além do tradicional : o caso do lazer e do turismo. / Luiz Gonzaga Godoi Trigo. -- Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador : João Francisco Régis de Moraes.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Turismo. 2. Lazer e educação. 3. Educação - Filosofia. 4. Formação profissional. 5. Pós-modernismo. I. Moraes, João Francisco Régis de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	f/ UNICAMP
	T734f
V.	Ex.
TÍTULO	29.013
PROC.	667/96
C	<input type="checkbox"/> 0 <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	38,11,00
DATA	05/11/96
N.º CPD	

CM.00099621-2

LUIZ GONZAGA GODOI TRIGO

Este exemplar corresponde à
redação final da tese defendida
por Luiz Gonzaga Godoi Trigo
e aprovada pela Comissão
Julgadora.

Data: 01/10/1996.

Assinatura: 

Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Luiz Gonzaga Godoi Trigo
Luiz Gonzaga Godoi Trigo

LUIZ GONZAGA GODOI TRIGO

**FILOSOFIA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL NAS SOCIEDADES PÓS-
INDUSTRIAIS - UM OLHAR PARA ALÉM DO TRADICIONAL:
O caso do lazer e do turismo**

Tese apresentada como exigência parcial
para obtenção do título de Doutor em
Educação na área de Concentração:
Filosofia e História da Educação, à
Comissão Julgadora da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação do Professor
Doutor João Francisco Régis de Moraes

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

1996

SUMÁRIO

Agradecimentos	05
Resumo	06
I - Introdução: o mundo do lazer e a pós-modernidade	07
1. Introdução	07
2. Definições básicas	09
3. A importância do turismo	12
4. Delimitação do problema	15
II - A pós-modernidade e o social	19
1. Introdução	18
2. Pequeno histórico da pós-modernidade cultural	22
3. Informação: a nova droga pós-industrial	25
4. Informação e mutação social	32
III - A nova ordem internacional, o lazer e o turismo	37
1. Introdução	37
2. As novas tecnologias e as mudanças políticas globais	41
3. O turismo no final do século XX	53
4. Para que, afinal, se faz turismo?	59
5. Conclusão	66
IV - O mundo do trabalho - do marxismo à flexibilidade	68
1. Introdução	68
2. O trabalho na obra de Marx	69
3. As novas configurações do capitalismo	75
4. As mudanças e o aumento das incertezas	82
V - O desaparecimento do trabalho tradicional	90
1. Introdução	90
2. Um futuro aberto: década de 1980	92
3. Um futuro aberto: década de 1990	96
4. A visão de um mundo sem trabalho e mal educado	104
5. A defesa da economia internacionalizada	114

VI - O espaço pós-moderno	123
1. O espaço global	123
2. O espaço norte-americano	129
3. O espaço globalizado: da geopolítica à geoeconomia	134
VII - A educação e os novos tempos	144
1. Introdução	145
2. O turismo enquanto ciência	145
3. O turismo e a educação	151
4. A importância da educação em turismo e o mercado	157
5. O novo contexto educacional e o turismo	165
6. Estética, espaço e cultura	183
Conclusão	189
Summary	194
Referências Bibliográficas	195
ANEXOS	
Introdução aos anexos	210
1 - Projeto pedagógico do curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Autor: Luiz Gonzaga Godoi Trigo	211
2 - Plano de Trabalho da Unidade (1996) do Centro de Educação em Turismo e Hotelaria do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC-CET). Autor: José Ruy Veloso Campos	243

AGRADECIMENTOS

O trabalho de elaboração de uma tese de doutorado envolve várias contribuições diretas ou indiretas. Aqui deixo os agradecimentos às pessoas e instituições que mais participaram desse processo.

Professor Doutor João Francisco Régis de Moraes, pela orientação e amizade.

Faculdade de Educação da UNICAMP, pelo espaço e liberdade de discussão.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), pelos três anos de bolsa de estudos.

American Airlines, na pessoa do Sr. José Roberto Trinca, pelo apoio em duas viagens de pesquisa à América do Norte.

ORECAP Representações Campinas, na pessoa do Sr. Luiz Alberto Timossi, por intermediar a solicitação à American Airlines.

Coordenadoria de Estudos e Apoio à Pesquisa (CEAP) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Instituto de Artes, Comunicações e Turismo da PUCCAMP e SENAC - Centro de Educação em Turismo e Hotelaria, em especial à equipe do Grande Hotel São Pedro), instituições onde exerço atividades profissionais.

Professora Doutora Cleonice Furtado de M. Van Reij, da PUCCAMP, pela revisão do texto.

100% Vídeo, Loja 12, Campinas.

Aos meus alunos e ex-alunos.

RESUMO

As novas configurações internacionais são percebidas aos níveis econômico, político, social e cultural (globalização, novas tecnologias, desemprego estrutural, formação de blocos econômicos, conflitos étnicos e religiosos etc.) e engendraram as sociedades denominadas pós-industriais e pós-modernas. Nessas novas sociedades houve uma profunda transformação no mundo do trabalho. Desde a análise de Karl Marx até as análises contemporâneas de Jeremy Rifkin, Robert Reich, Peter Drucker, Robert Kurz, Jean-François Lyoard, Charles Handy e Karl Albrecht, entre outros, pode-se ver claramente que, no amplo cenário internacional, o mundo do trabalho sofreu transformações estruturais profundas que alteraram inexoravelmente suas características estabelecidas durante a Revolução Industrial.

Uma sociedade pós-Industrial exige novos paradigmas didático-pedagógicos para o treinamento e educação dos novos profissionais e atualização e/ou reciclagem dos profissionais já estabelecidos. Além das escolas tradicionais surgem como instrumentos educacionais os meios de comunicação, as empresas sindicatos e organizações não-governamentais. Fica claramente estabelecido que o processo educacional não tem um "fim". Educação permanente, "aprender a aprender", reciclagens periódicas, novos cursos para novas profissões, mudanças conjunturais, tudo isso significa sucessivos desafios e oportunidades para as pessoas. O campo do lazer, turismo e hotelaria está situado no âmago dessas novas realidades. Seus profissionais precisam ser orientados para um mundo dinâmico, mutável, extremamente competitivo. Em um contexto internacional, as pessoas têm que habituar-se com as mudanças, pois estas ainda estão em pleno processo evolutivo. A análise dos fundamentos filosóficos de alguns projetos de educação em Turismo na América do Norte e Europa Ocidental, é importante para auxiliar o estabelecimentos de uma filosofia da educação para esse setores no Brasil e no Mercosul. As mudanças curriculares, as novas ementas, conteúdos programáticos e o trabalho feito junto aos professores e alunos são instrumentos fundamentais para que esse trabalho seja desenvolvido no sentido de garantir uma sólida formação humanística e técnica aos alunos e inserir o curso na realidade nos novos mercados. Os resumos do Projeto Pedagógico do curso de Turismo da PUCAMP e do Plano de Trabalho da Unidade de Turismo e Hotelaria do SENAC São Paulo foram anexados para ilustrar algumas reflexões realizadas ao longo do texto.

I - INTRODUÇÃO: O MUNDO DO LAZER E A PÓS-MODERNIDADE

1. Introdução

"Salvo para alguns privilegiados, essas poucas pessoas que exercem uma atividade agradável, criativa e variada, que determinam pessoalmente as tarefas do dia e o ritmo do trabalho, que são livres, a quem nada falta, e cuja moradia é tão agradável que podem muito bem passar as férias no jardim. Tais privilégios, contudo, são reservados ao pequeno número da aristocracia do trabalho: escritores, pintores, músicos, professores e poucos outros que souberam se organizar."

Jost Krippendorf

Algumas pessoas trabalham onde outras se divertem. Esse axioma abrange uma grande variedade de profissionais, especialmente em alguns dos setores de serviços. São os que têm postos de trabalho em artes e cultura, lazer, esportes, turismo, alimentos e bebidas, hospedagem, casas noturnas em geral e até o ginecologista da anedota.

Não significa, entretanto, que trabalhar no setor de lazer e diversões seja exatamente divertido ou prazeroso. Significa, porém, que esse setor está crescendo no mundo inteiro e que suas condições de trabalho tendem a ser melhores e mais variadas do que no setor industrial. Essa situação do setor de serviços, em geral no mundo atual, contraria a tendência que predominou durante a maior parte do século XX, quando a indústria garantia aos trabalhadores, inclusive àqueles não muito qualificados, oportunidades de realização profissional e ascensão social. Neste final de século, os indicadores econômicos apontam que, nos países desenvolvidos e em grande parte dos países em desenvolvimento, a maior parte da população economicamente ativa está no setor terciário e que a maior parte do Produto Interno Bruto (PIB) desses países ou regiões provém igualmente do setor de serviços. Não quer dizer que o setor secundário (indústria) tenha se tornado insignificante. Apenas aponta na direção de que, no final do século 20, a economia internacional está, em sua maior parte, assentada no vasto e complexo setor terciário que abrange comércio, finanças, transportes, saúde, educação, publicidade e propaganda, administração pública e privada, comunicações, artes e cultura, lazer e turismo etc.

Um dado econômico relevante do setor de serviços é que, em vários países desenvolvidos, o setor de entretenimento é um dos que apresentaram maiores índices de crescimento na década de 1990. A revista norte-americana *International Business Week* (de 14/03/1994) publicou uma matéria de capa sobre "The Entertainment Economy" nos Estados Unidos. Usando dados do Bureau of Labor Statistics, a revista calculou que o setor de recreação e entretenimento empregou, em 1993, cerca de 200 mil trabalhadores nos EUA ou 12% da oferta total de novos empregos. Calcula-se, ainda, que os norte-

americanos gastaram, em 1993, US\$ 340 bilhões em atividades divertidas como aluguel de vídeo, cassinos, parques temáticos e esportes:

CONSUMO GASTO EM RECREAÇÃO E ENTRETENIMENTO NOS EUA - 1993

<u>Atividades</u>	<u>US\$ bilhões</u>
Brinquedos e equipamentos esportivos.....	65
TV, vídeo, som	58
Livros, revistas e jornais.....	47
Jogos de azar.....	28
Tv a cabo.....	19
Parques de diversões e similares.....	14
Cinema e aluguel de fitas de vídeo.....	13
Computadores pessoais domésticos.....	8
Barcos e aviões privados.....	7
Entretenimento ao ar livre (exceto esportes).....	6
Esportes (espectadores).....	6
Outros tipos de recreação e entretenimento.....	70
Total.....	341

Fonte: International Businessweek 14/03/1994, p. 38

Os dados indicam os gastos feitos apenas em entretenimento. Aqui não estão computados os gastos com viagens e turismo (detalhados na parte 3 e no capítulo III) ou os gastos com pesquisa em alta tecnologia destinada à produção de jogos eletrônicos, CD ROMs, filmes para cinema e vídeo, informática aplicada aos sistemas de transportes e telecomunicações etc. Essas atividades servem de maneira direta ou indireta ao lazer e ao turismo mas é muito difícil identificar claramente as origens e destinos de todo o capital envolvido com os gastos ou o desenvolvimento desses serviços e produtos destinados aos aspectos lúdicos ou prazerosos de bilhões de pessoas em todo o mundo. Porém vários analistas internacionais como John Naisbitt, Peter Drucker, Alain Touraine, Paul Kennedy (sem contar inúmeros geógrafos e economistas) apontam para o fato inquestionável de que o setor terciário é hoje predominante na economia mundial e que o entretenimento e o turismo em geral têm uma participação bastante prioritária na construção do PIB de vários países e no oferecimento de serviços para mercados cada vez maiores, além de oferecer postos de trabalho cada vez mais exigentes em termos de habilidades profissionais.

O significado dessa hipertrofia do setor terciário é, em geral, a caracterização das sociedades do final do século 20, como sendo "pós-industriais" - denominação feita principalmente com base na superação da importância econômica que o setor secundário representou para os países industrializados desde o final do século 19 e a ser devidamente conceitualizada

e discutida no capítulo II. Por hora é importante deixar evidente que o crescimento do lazer e do turismo acontece mais intensamente após as décadas de 1970 e 1980, ou seja, em plena era "pós-industrial".

2. Definições básicas

As atividades de recreação e entretenimento fazem parte de um universo maior denominado "lazer". Tendo-se já alguns dados que indicam a importância e o crescimento das atividades profissionais na área de lazer, faz-se necessário delimitar alguns conceitos básicos. Joffre Dumazedier alerta para que se evite confusão entre os conceitos de RECREAÇÃO e LAZER. O conceito de recreação foi criado nos estados Unidos nos fins do século XIX. O conceito de lazer também é proveniente dos EUA, porém surgiu em outra época. Na Europa, o conceito de lazer sempre predominou sobre o conceito de recreação. O lazer é muito mais amplo do que recreação e a denominação começa a se firmar a partir de 1950, com as profundas mudanças nas sociedades dos países desenvolvidos.

Dumazedier aponta quatro grandes definições de lazer:

"Definição nº 1

O lazer não é uma categoria definida de comportamento social. Todo comportamento em cada categoria pode ser um lazer, mesmo o trabalho profissional. O lazer não é uma categoria, porém um estilo de comportamento, podendo ser encontrado em não importa qual atividade: pode-se trabalhar com música, estudar brincando, lavar a louça ouvindo rádio, misturar o erotismo ao sagrado, etc. Toda atividade pode pois vir a ser um lazer. David Rieman foi talvez o primeiro (1948) a ter desenvolvido esta concepção ... que pode ser encontrada também em H. Wilensky ou M. Kaplan. Esta definição é mais psicológica do que sociológica. Confunde lazer e prazer, lazer e jogo. Não permite definir um campo específico entre as diferentes atividades que assumem diferentes funções na sociedade.

Definição nº 2

Situa o lazer somente com respeito ao trabalho profissional em oposição a este último, como se nada mais existisse contiguamente, como se o lazer resumisse inteiramente o não-trabalho. Esta definição é, na maioria das vezes, a dos economistas, sobretudo depois de Keynes, que via no lazer o grande problema das sociedades avançadas e aparece também na maioria dos escritos de Karl Marx.

Definição nº 3

Esta definição do lazer, que exclui do lazer as obrigações doméstico-familiares, tem a vantagem de fazer parecer que a dinâmica principal da criação e da limitação do tempo de lazer para o homem e para a mulher, é dupla: simultaneamente na relação do trabalho profissional e na do trabalho familiar. Mas tal definição tem o inconveniente ... de ser confusa, polissêmica.

Definição nº 4

Acreditamos ser a um só tempo mais válido e mais operatório destinar o vocábulo lazer ao único conteúdo do tempo orientado para a realização da pessoa com fim último. Este tempo é outorgado ao indivíduo pela sociedade quando este se desempenhou, segundo as normas

sociais do momento, de suas obrigações profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas. É um tempo que a redução da duração do trabalho e a das obrigações familiares, a regressão das obrigações sócio-espirituais e a liberação das obrigações sócio-políticas tomam disponível. Esse tempo disponível não é o resultado de uma decisão do indivíduo; é, primeiramente, o resultado de uma evolução da economia e da sociedade. ...é um novo valor social da pessoa que se traduz por um novo direito social, o direito de ela dispor de um tempo cuja finalidade é, antes, a auto-satisfação.

Como o tempo se define primeiro - mas não de modo exclusivo - com respeito ao trabalho profissional, propusemos, a partir de 1960, distinguir quatro períodos de lazer: o lazer do fim do dia, o do fim de semana, o do fim do ano (férias) e o do fim da vida (aposentadoria)." (Dumazedier, 1979, pág. 88-92).

Para Renato Requistá, lazer é "uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social." (Requistá, 1980, pág. 35).

Para Nelson Carvalho Marcellino, a problemática do lazer não está separada da problemática do trabalho:

"... considerar apenas uma esfera da atividade humana, seja ela o trabalho ou o lazer, é entender o homem de maneira parcial. E muitos autores, fascinados pelas possibilidades abertas pelo progresso tecnológico, liberando tempo das obrigações profissionais passaram, numa atitude radicalmente oposta à 'mitificação' do trabalho, a propor o elogio do lazer, como finalidade da existência e ideal da felicidade." (Marcellino, 1990, p. 25).

Com essa ressalva sobre a inconveniência de se tomar posições extremadas, baseadas nos movimentos "pendulares" entre posições antagônicas através dos tempos, o autor propõe sua definição de lazer:

"Dessa forma prefiro entender o lazer como a cultura - compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída) no tempo 'disponível'. O importante, como traço definidor, é o caráter 'desinteressado' dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A 'disponibilidade de tempo' significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa. Quero enfatizar esta última afirmação, uma vez que significa uma revisão de conceitos que emiti em outros trabalhos. ... Autocriticando minha posição anterior, não coloco lazer e ócio em campos opostos. Na realidade eles se confundem e constituem oportunidades para opção pessoal 'desinteressada' ..." (Marcellino, 1990, p. 31/32).

Essas definições estão relacionadas com o tempo livre do indivíduo e surgem nas sociedades mais desenvolvidas, especialmente após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando alguns países capitalistas e (então) socialistas se estabilizam e começam a garantir, para consideráveis parcelas de suas populações, a possibilidade pluralista e democrática de se dedicarem a atividades de sua escolha. Isso foi possível graças a várias conquistas das classes trabalhadoras e ao entendimento de alguns capitalistas, como Henry Ford, de que os operários deveriam ter um salário mais digno e tempo livre para aumentarem o mercado de consumo e, conseqüentemente, os lucros dos empresários. A semana de seis dias, as oito horas de trabalho diárias, as férias remuneradas, os seguros sociais, a democratização do ensino público gratuito foram alguns dos pontos que possibilitaram que cada vez mais pessoas no

século 20 tivessem acesso à diversão e ao turismo. É verdade que apenas após a Segunda Guerra Mundial (cerca de 1950) surge o que pode ser denominado de turismo de massa acessível às classes médias dos países desenvolvidos. A cultura e o lazer de massa começaram a ser acessíveis já na primeira metade do século 20. Isso é visível tanto pela força que as empresas produtoras de filmes adquiriram nos estados Unidos, como pelo crescimento da indústria editorial, das emissoras de rádio, da disseminação de shows mais populares em teatros de revista ou cabarés ou ainda pelo surgimento da publicidade. A indústria cultural destinada à informação e ao lazer crescia tanto que os marxistas da denominada escola de Frankfurt produziram vários textos sobre mais esse "aparelho ideológico do Estado".

O turismo está inserido em um universo de divertimentos e prazeres maior que é o universo do lazer, sendo articulado por um vasto e complexo conjunto de atividades. O turismo abrange diversos tipos de viagens, equipamentos, transportes, hospedagem, passeios locais, mão de obra especializada etc (Barretto, 1995).

Sendo duas áreas vastas e complexas é um pouco dificultoso separar, aos níveis econômico, operacional e administrativo, o que é exatamente lazer e turismo. Na verdade, de acordo com a lógica do que foi afirmado na primeira linha deste parágrafo, toda atividade turística é lazer mas nem todo lazer é turismo. Há várias definições de turismo. Tradicionalmente entende-se que o turismo

"...é, por um lado, o conjunto de turistas, que cada vez são mais numerosos; por outro são os fenômenos e relações que esta massa produz e as consequências de suas viagens. Turismo é toda a malha receptora de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias, intérpretes etc., que o núcleo deve habilitar para atender às correntes turísticas que o invadem. Turismo são as organizações privadas ou públicas que surgem para fomentar a infraestrutura e a expansão do núcleo; as campanhas de propaganda necessárias para planejar, executar e difundir; a criação de escolas para o ensino de Turismo; o estudo do Turismo para difundir as linhas gerais da política a seguir; a promoção do Turismo Social." (Fuster, 1974, Vol. I, pág. 29).

Segundo o analista Frank M. Go:

"Turismo pode ser definido como o movimento de indivíduos e grupos de uma localização geográfica para outra por prazer e/ou por negócios, sempre em caráter temporário; o atendimento das necessidades dos viajantes, seja em trânsito ou no destino; e os impactos econômico, sócio-cultural e ecológico que tanto os turistas como o setor turístico provocam nas áreas de destino. Esta definição implica que o turismo deve ser visto como: a) uma indústria composta por atrações, transportes, facilidades/serviços em geral, e informação e promoção; b) um ato social que permite às pessoas se expressarem enquanto viajam a negócios ou prazer; c) o reflexo da expressão cultural local, identidade e composição social. Nesse sentido o turismo pode atuar como peça importante em um contexto maior de planejamento ambiental e auxiliar a qualidade de vida, especialmente ao nível local." (in Theobald - org., 1994).

Para o Educational Institute, uma organização educacional criada pela Associação Americana de Hotéis e Motéis, com sede nos Estados Unidos, o turismo internacional...

"...é muito mais do que viajar através das fronteiras de seu próprio país. Turismo internacional engloba todos os serviços requeridos pelo turista - incluindo aqueles no país de origem, o destino e todas as paradas feitas durante o percurso. Companhias aéreas e marítimas estão envolvidas, mas não exclusivamente. O Turismo internacional integra os setores público e privado, além de agências governamentais que incluem autoridades aeroportuárias, serviço de alfândega e sistemas públicos de transporte. Não é suficiente pensar apenas no turista quando se define Turismo internacional. Os dois lados da equação - o consumidor e os fornecedores - precisam ser considerados." (Fridgen, 1991, pág. 103).

Existe até uma definição eminentemente empresarial como a da American Express que define o Turismo simplesmente como:

"A indústria de viagens e turismo inclui transporte de passageiros, hotéis, motéis e outras formas de hospedagem, restaurantes, cafés e similares, serviços de recreação, lazer e cultura." (de um folheto da American Express).

A professora Margarita Barretto reuniu no livro *Manual de iniciação ao estudo do turismo* dezessete definições de turismo publicadas entre 1911 e 1992. Trata-se de um exemplo de como o campo de estudos turísticos é mutável, de acordo com sua recente história, e sensível às peculiaridades de seus pesquisadores e analistas. (Barretto, 1995, pág. 9).

3. A importância do turismo

Percebe-se, portanto, que lazer e turismo são atividades complexas e entrelaçadas. Geram muito dinheiro, movimentam imensas somas em impostos e criam empregos. O senso comum pensa que trabalhar nessas áreas é "divertido" ou "engraçado", eventualmente "tranquilo" ou "gostoso", bastando ter uma "boa aparência" e vontade de se relacionar com outras pessoas. Porém Fuster já atenta para o fato de que o ensino e a pesquisa são parte fundamental do Turismo. O setor turístico tem passado por constantes etapas de profissionalização em virtude da nova conjuntura internacional e do crescente grau de exigência dos seus clientes na maior parte do mundo desenvolvido. Atualmente é inconcebível alguém fazer um planejamento em lazer ou turismo e não pensar na formação da mão-de-obra especializada que vai trabalhar na área. Os investimentos são muito elevados, os riscos são consideráveis e, por ser um setor de serviços, o atendimento pessoal é fundamental.

Pode-se ter uma idéia do volume de negócios em lazer e turismo, analisando o montante dos investimentos feitos em alguns dos diversos projetos durante a década de 1990:

- o MGM Grand Casino Hotel de Las Vegas custou US\$ 1,1 bilhão;
- a ampliação do estúdios da Universal em Orlando, Flórida, com inauguração prevista para 1996, foi orçada em US\$ 3 bilhões;
- o grupo Disney já investiu US\$ 4 bilhões na Walt Disney World em Orlando, mais de US\$ 1 bilhão na Tóquio Disney, cerca de US\$ 2 bilhões na Euro Disney (o único parque que apresentou graves problemas financeiros) e pretende investir US\$ 2,7 bilhões até 1997 no Disney's Westcot Center em Anaheim, Califórnia;
- um navio de cruzeiros marítimos de primeira linha não sai por menos de US\$ 200 milhões e um avião Boeing 747-400 custa mais de US\$ 100 milhões.

Esses investimentos referem-se aos negócios diretamente relacionados com lazer e turismo. Se for aberto o campo interligando turismo e entretenimento, tem-se números bem mais elevados. A associação de capitais entre a Capital Cities/ABC e o Walt Disney Company, em agosto de 1995, envolveu dezenove bilhões de dólares. Ambos são grupos gigantescos que se completam. A Capital Cities/ABC, com sede em New York, tem uma rede de TV com 225 emissoras afiliadas, controla 80% do canal de esportes ESPN, ligado a 160 milhões de casas no mundo todo, é acionista de Tvs na Europa Ocidental, além de possuir uma editora, emissoras de rádio, jornais e revistas nos Estados Unidos. O grupo Disney tem estúdios de TV e música, empresas de vídeo, parques de diversões e licencia a venda de produtos com seus personagens (Veja, 9/8/1995, p. 98/99). A conexão dos grandes capitais internacionais faz-se em vários níveis: turismo, lazer, entretenimento, cultura e comunicações em geral. Onde começa o turismo, onde termina o campo de comunicações, o que é publicidade de produtos do *Rei Leão*, *Pocahontas* ou *Toy Story* e o que é publicidade do filme? Não se sabe. Os capitais, a veiculação das marcas e personagens e a estrutura dos negócios se sobrepõem. Quem faz turismo na Disney World também compra produtos Disney, se hospeda em hotéis ligados - direta ou indiretamente - à Disney, assiste a filmes Disney/ABC e depois faz publicidade ao voltar para casa colando adesivos no carro, colocando bonecos nas camas ou usando camisetas com motivos Disney. Tudo isso intensifica o efeito multiplicador do capital.

Com tanto dinheiro em jogo, não é estranho que as empresas e os governos se preocupem também com a qualidade das pessoas que vão trabalhar com esses equipamentos caros e sofisticados e que deverão ajudar a atrair clientes para os seus negócios. É evidente a necessidade de se preparar os profissionais da área, sob pena de os projetos ficarem comprometidos e com sua operacionalidade prejudicada devido à falta de profissionais eficientes.

A emergência do setor de serviços na economia mundial, enquanto força preponderante e inovadora, é bastante recente. Dentro desse setor, o turismo é ainda mais novo enquanto setor significativo da economia, especialmente em

países em desenvolvimento como o Brasil. Mas quanto é o turismo importante para a economia mundial?

"O turismo emprega 204 milhões de pessoas no mundo ... totalizando 10,6% da força de trabalho global. O turismo é o setor que mais contribuiu para a economia do mundo, produzindo ... 10,2% do produto nacional bruto mundial. O turismo é o maior gerador de receitas de impostos, no valor de 655 bilhões de dólares. O turismo é a maior indústria do mundo em termos de produção bruta, que se aproxima dos 3,4 trilhões de dólares, corresponde a 10,9% de todos os dispêndios dos consumidores, 10,7% de todos os investimentos de capital e 6,9% de todos os gastos governamentais." (Naisbitt, 1994, p. 116).

O turismo é um setor em rápido crescimento. As expectativas do crescimento global são de 6,1% ao ano, ou seja, 23% a mais do que o crescimento da economia mundial. Entre 1990 e 1993, os empregos nas áreas de turismo cresceram 50% mais rapidamente do que os empregos totais. Até o ano 2005 o turismo gerará 144 milhões de empregos em todo o mundo, sendo 112 milhões na Bacia do Pacífico, área de maior crescimento global do turismo (Naisbitt, 1994, p. 116).

Com base nessas contribuições tão significativas para a economia mundial, é de se perguntar o motivo pelo qual o turismo teve uma relevância mínima nas negociações da Organização Mundial do Comércio - OMC (antigo Acordo Geral de Tarifas e Comércio - GATT) e chega a ser quase ignorado no Tratado de Maastricht da União Européia. Uma das explicações para que o setor fosse subestimado seria

"... que o turismo é uma indústria de múltiplos componentes, da qual muitas partes estão inextricavelmente associadas a outro setor econômico: as empresas de aviação ao transporte, as lojas de souvenirs, os stands de concessionárias e os restaurantes ao comércio varejista ou aos serviços e os hotéis e outras acomodações ao desenvolvimento comercial." (Naisbitt, 1994, p. 117).

O artigo intitulado *Broadening the Mind: A Survey of World Travel and Tourism*, publicado na revista *The Economist* de 23 de março de 1991, faz a seguinte consideração:

"A importância do setor de turismo é de difícil compreensão, por pelo menos três razões. Primeira, não existe uma definição aceita do que constitui essa indústria; qualquer definição corre o risco de superestimar ou subestimar a atividade econômica. Segunda, o turismo é um negócio em que muitas atividades (como a dos guias de turismo e dos vendedores de souvenirs) e receitas (gorjetas) se prestam bem aos praticantes da economia informal. Nos países com controle do câmbio exterior (que é sempre contornado), todas as cifras oficiais sobre os gastos no estrangeiro estarão erradas. Terceira, o turismo internacional sofre de diferenças espantosas nos dados de diferentes países." (Naisbitt, 1994, p. 118).

Toda essa super e infra-estrutura de lazer e turismo começou a sofrer investimentos maciços depois de 1950, quando as marcas da Segunda Guerra já tinham se atenuado em todo o mundo e, apesar das incertezas da Guerra Fria (1947-1991), a economia recomeçava a crescer. Os planejamentos dos novos centros turísticos no mundo todo começaram a incluir análises sobre a

formação profissional; escolas e centros de treinamento surgiram ou foram remodelados e ampliados, acompanhando o crescimento do setor.

Porém, alguns complicadores surgiram a partir do final da década de 1970. As novas tecnologias e a dinâmica da economia e da política internacionais tornaram mais rápidas as mudanças sociais em geral. As transformações conjunturais e estruturais se aceleraram e grandes dúvidas surgiram nos horizontes do futuro próximo. A história da última metade do século XX, após-II Guerra Mundial, foi marcada por uma sucessão de conflitos, mudanças e incertezas que acabaram se refletindo no turismo: as tensões da Guerra Fria; as crises de 1968 envolvendo jovens estudantes e trabalhadores; a fragmentação do mundo socialista, desde as hostilidades entre eles (entre China e ex-URSS a partir de 1956 e as tensões internas no leste europeu onde a ex-Iugoslávia, a Albânia e a Romênia não seguiam totalmente as diretrizes do Partido Comunista da União Soviética constituindo regimes com características muito particulares e divergentes do marxismo-leninista) até o colapso do sistema entre 1989 e 1991; o neo-liberalismo selvagem da década de 1980 na América do Norte e na Europa Ocidental, estendendo-se para a América Latina na década de 1990. Com base nesses poucos exemplos, percebe-se que a história recente aprofundou as incertezas e as dúvidas das pessoas, não apenas sobre o futuro, mas até mesmo para se entender melhor o presente.

4. Delimitação do problema

Para se delimitar a problemática na qual se pretende trabalhar, há que se considerar algumas proposições básicas iniciais que serão aprofundadas nos próximos capítulos.

A primeira proposição situa o turismo nas sociedades atuais do final do século 20, sociedades essas caracterizadas pelo agrupamento de países em blocos econômicos e pela conseqüente globalização da economia. Neste cenário coexistem desde nações com níveis de qualidade de vida excelentes como o Canadá, a Suíça e a Nova Zelândia, até nações completamente marginalizadas do desenvolvimento e das relações comerciais internacionais como a maioria dos estados africanos. Entre esses dois extremos estão os países desenvolvidos da União Européia, os Estados Unidos, o Japão e os novos países industrializados da Ásia, todos com variados graus de problemas internos como rivalidades étnicas, desemprego estrutural, violência urbana, nacionalismo e xenofobia. Há também os países em desenvolvimento como o México, Argentina, China e o Brasil. Esses países sobrevivem com imensas contradições internas e em desesperadas tentativas de conseguirem alcançar patamares de desenvolvimento similares aos do primeiro mundo. O Brasil é um caso extremo de contrastes entre desenvolvimento e subdesenvolvimento, riqueza e miséria, bolsões de primeiro e quarto mundo vizinhos. Até mereceu, por parte do jornalista norte-americano Michael Lind, o neologismo "brasileiração", quando ele se referia a uma possibilidade da evolução da problemática social nos Estados Unidos. Com este termo, Lind propôs em seu

livro *A Nova Nação Americana* que: “A verdadeira ameaça não é a balcanização, mas a brasilização dos EUA, não com uma fragmentação das raças, mas uma divisão de classes. A brasilização está simbolizada pelo maior retraimento da classe dominante americana em sua própria nação barricada: um mundo de bairros particulares, polícia particular, assistência médica particular, e até mesmo estradas particulares.” (Folha de São Paulo, 09/07/1995, p. 1-28). Em outro exemplo acadêmico, as mazelas sociais do Brasil são citadas como paradigmas de desigualdade e injustiça no livro *A era dos Extremos*, do historiador Eric Hobsbawn, para ilustrar a condição sócio-econômica contemporânea originada pelo capitalismo intensificado do final do século 20. Em suma, esses exemplos permitem constatar que o mundo tornou-se mais diversificado e fragmentado em bolsões contraditórios, tensos e excludentes e nada sugere que possa mudar radicalmente a curto prazo.

A segunda proposição analisa este mundo como sendo pós-moderno e pós-industrial. A opção por essas categorias filosóficas foi feita após reflexões envolvendo a análise do pensamento contemporâneo, pensamento esse inserido em uma realidade econômica e cultural global, dinâmica e pluralista. Portanto, o eixo filosófico do trabalho assume a polêmica categoria filosófica denominada “pós-modernidade”, apesar de se estar consciente de todas as críticas e dúvidas que envolvem esta nomenclatura. Essa opção necessariamente direciona a reflexão para a discussão de determinados problemas que permeiam as sociedades atuais: a questão filosófica da pós-modernidade; as novas tecnologias; o mundo do trabalho; a educação em um mundo que se transforma rapidamente e suas relações com a tecnologia de ponta; as concepções de espaço e tempo relacionadas ao turismo de massa etc.

Em meio a toda essa problemática - que excede a análise filosófica para se deter em alguns momentos em análises sociológicas ou políticas - insere-se novos fenômenos como a multiplicação das possibilidades de lazer e entretenimento e o crescimento acentuado do turismo na maior parte do mundo. O lazer e o turismo desdobram-se em novas possibilidades de prazer, lucros e projetos e seu perfil econômico é impressionante (como já foi visto em parte neste capítulo e será retomado no capítulo III).

Finalmente, emerge a **questão central do trabalho**: qual é a Filosofia da Educação adequada para embasar o preparo dos novos profissionais para o setor de serviços nas sociedades pós-industriais, especialmente nas áreas de lazer e turismo? Se as sociedades atuais são tão complexas e dinâmicas; se as novas tecnologias tornam quase tudo obsoleto em questão de meses ou poucos anos; se surgem novas possibilidades para antigas profissões e novas profissões para mercados antes inexistentes; se o turismo e suas áreas afins (hotelaria, transportes, lazer, alimentos e bebidas) enquadram-se plenamente nestas “novas profissões”, especificamente do setor terciário; como trabalhar os paradigmas educacionais para preparar os novos profissionais? Qual referência filosófica utilizar para embasar um planejamento educacional, os projetos pedagógicos, as ementas das disciplinas e os conteúdos programáticos? Enfim, como fazer para que a educação formal seja importante para as pessoas e se

utilize das novas tecnologias e dos meios de comunicação como incremento de sua ação didático-pedagógica? Como uma proposta educacional pode sobreviver em um mundo cujos paradigmas são cada vez mais submetidos a uma entidade abstrata e, ao mesmo tempo, pretensamente absoluta, denominada "mercado"? Essas indagações fazem parte do cotidiano de inúmeros educadores, especialistas em formação profissional e recursos humanos, psicólogos, filósofos e empresários. Qualquer pessoa interessada em desenvolver ou aprimorar outras pessoas para o setor terciário, especialmente o turismo, entende que é uma tarefa relativamente nova e que seus pressupostos não estão totalmente estabelecidos.

O sentido e o significado da realidade do lazer e do turismo não podem ficar à mercê dos interesses limitados, particulares e relativos do mercado. É preciso que os filósofos e outros teóricos, como sociólogos, antropólogos, economistas, geógrafos, historiadores e políticos, contribuam decididamente para lançar bases teóricas sólidas e abrangentes tentando compreender melhor o passado e ajudar a desenhar o futuro.

Com vinte anos de trabalho no turismo, completados em 1995, aprendi que os recursos financeiros, os equipamentos sofisticados, as bibliotecas bem providas, a parceria com o mercado e a atualização incessante são extremamente importantes para a formação profissional e o desenvolvimento de padrões elevados de qualidade em serviços. Mas só dinheiro e equipamento não bastam; as pessoas são fundamentais. Com "gente" é preciso ter sentimento e sensibilidade, é necessário reflexão e estudos sistemáticos sobre os relacionamentos humanos. Não é de se admirar que a Ásia tenha se tornado padrão de excelência em serviços no mundo todo, especialmente em turismo. Eles prezam a educação e o pensamento, preocupam-se com detalhes minuciosos que só quem entende de "gente" pode inserir em sua agenda de rotinas. Isso acontece no mundo todo, onde um serviço é bem prestado. Quem recebe essa dívida sabe que está tratando com alguém muito bem treinado, com recursos razoáveis e bons aparatos filosóficos. Mas a grande diferença na qualidade - segundo os mais recentes "gurus" de administração - é o aspecto pessoal, a compreensão profunda da pessoa humana a ponto de antecipar suas necessidades. Só o pensamento elaborado pode atingir tal nível de consciência profissional. É o campo filosófico da existência, quando a alteridade se faz presente e as motivações tornam-se existenciais, excedendo o profissionalismo. É conhecida a comparação entre os diversos serviços de bordo no mundo inteiro. Os aviões são padronizados, com poucas diferenças entre si, assim como os serviços de bordo. A grande diferença é propiciada pelas tripulações de cabine, aqueles que interagem com os passageiros, os chamam pelos nomes e resolvem seus pequenos problemas de vôo. Esse tipo de atitude diferencial serve para qualquer tipo de prestação de serviço, seja para resolver os problemas dos clientes, representar a empresa ou instituição em suas "horas da verdade", segundo Jan Carlson, ou em seus momentos "brilhantes", na denominação de Karl Albrecht. O mercado e a sociedade precisam de "gente que pensa", de filósofos do cotidiano treinados e experientes a atuar face aos

novos desafios, dificuldades e oportunidades. Poderá a filosofia contribuir para melhorar a formação profissional e incrementar a qualidade dos serviços em geral e do turismo em particular? Penso que sim. Vale tentar demonstrar essa convicção ao longo do texto.

II - A PÓS-MODERNIDADE E AS NOVAS SOCIEDADES

"Começo com o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta traçar um mapa dele, opor-se a ele e sequer definir os elementos "eternos e imutáveis" que poderiam ser encontrados nele. O pós-modernismo nada, e até se esjoja, nas fragmentárias e caóticas condições da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse." (Harvey, 1993, p. 49)

1. Introdução

Toda a imensa complexidade do setor turístico analisada por John Naisbitt em seu livro *Paradoxo Global* - que tanto encantou estudiosos e profissionais de turismo do mundo todo graças à posição de destaque a que o autor elevou o setor na economia internacional - não é uma novidade trazida por analistas internacionais apenas em 1994. Em um outro livro intitulado *Megatrends 2000*, publicado em 1990, o próprio Naisbitt tenta montar um detalhado cenário para a última década do século e do milênio, onde já se percebem claramente indícios de como o setor terciário, especialmente lazer, cultura e turismo, estavam influenciando e ao mesmo tempo se posicionando nas sociedades pós-industriais. Naisbitt é um dos analistas internacionais que fez sucesso escrevendo livros para um público visceralmente ligado aos negócios e às últimas tendências culturais. Possui uma vasta infra-estrutura de comunicações e pesquisa, contando inclusive com uma equipe de assistentes, consultoria internacional e acesso por rede de computadores a milhares de informações no mundo todo. Ao estilo de outros autores como Popcorn e Alvin Toffler, por exemplo, ele traça um panorama das condições gerais sociais, políticas e econômicas atuais, sem se deter em teorias ou conceitos profundos. Esses autores não se preocupam em inserir suas conclusões em "paradigmas" ou modelos filosóficos e econômicos existentes. Seu material de análise é composto por informações recentes e sistematizadas e pretende mostrar como grandes áreas sensíveis do mundo dos negócios se comportam no presente, qual foi o seu comportamento no passado recente e como essas áreas tendem a se configurar nos próximos anos. Uma infinidade de dados, estatísticas e artigos publicados em livros, revistas e jornais do mundo todo são compilados e dispostos de maneira a formar um texto denso e objetivo. Utilizam-se exaustivamente dos fluxos de informações disponíveis em suas redes informatizadas e conectadas a bancos de dados em várias instituições de pesquisa do planeta e com eles tentam montar seus próprios edifícios do conhecimento apenas com os "tijolos" de dados coletados, sem nenhuma "estrutura" mais ampla de fundo. Em resumo, seus livros tendem a privilegiar um modelo econômico social-liberal ou neo-liberal, mas sem se deterem nos conceitos de filosofia política ou ciência econômica que caracterizam esse modelo. Não se preocupam em polemizar com outros modelos políticos e

econômicos como o marxismo ou as economias planejadas de regimes conservadores como os modelos salazarista, franquista ou nacionalistas-estatizantes da América Latina. Para eles, esses modelos são experiências mal sucedidas e encerradas, com as quais não se deve perder tempo. Sem se preocupar com reflexões ou embates teóricos, trabalham as informações como se elas naturalmente se encaixassem em sua visão de mundo, de uma forma até mesmo óbvia e indiscutível. Apesar da metodologia questionável, Naisbitt acertou várias de suas "previsões" no final da década de 1980 e parece repetir o sucesso na década de 1990. Conhecer essas tendências é importante para uma maior compreensão da problemática envolvendo o turismo internacional.

As dez grandes megatendências apontadas por Naisbitt para os anos 1990 são:

1. Explosão econômica global.
2. Renascimento do interesse pelas artes e cultura.
3. Surgimento de um socialismo de livre mercado nos moldes da China.
4. Estilo de vida global e nacionalismo cultural.
5. Privatização do *Welfare State*.
6. Ascensão da bacia do Pacífico enquanto área privilegiada do desenvolvimento internacional.
7. Crescimento da importância das mulheres em posições de liderança.
8. Novos desenvolvimentos em biologia.
9. Renascimento de práticas místicas e religiosas.
10. Valorização cada vez maior das atitudes individuais.

O que permeia os dois livros de John Naisbitt e os livros de outros autores, preocupados em entenderem a nova ordem internacional, é o fortalecimento de duas vertentes básicas:

- a) Novas tecnologias.
- b) Novas formações econômicas, políticas e sociais.

As tendências descritas acabam por estruturar sociedades com características muito particulares e marcantes, diferentes de tudo o que se produziu até agora na história. As novas formações humanas têm nomes bem definidos: ao nível econômico chamam-se sociedades pós-industriais; ao nível

filosófico e cultural sociedades pós-modernas. São, portanto, denominações diferenciadas em dois grandes níveis.

Ao nível econômico são sociedades caracterizadas pela predominância do setor terciário na formação de seu Produto Interno Bruto (PIB), pela concentração do maior número de pessoas economicamente ativas no setor de serviços e pelo surgimento de novas tecnologias, que estão em constante evolução e acabam por determinar a obsolescência de inúmeros produtos alguns meses ou anos depois que eles foram lançados, além de estarem constituindo uma rede inédita de informações que estão cobrindo o planeta com computadores, canais de TV, telefones estacionários e celulares, satélites e cabos de comunicação. Toda essa tecnologia potencializa os lucros, altera as relações de produção e de trabalho e permite manipulações gigantescas e globais de dados. Sob esse prisma tais sociedades são denominadas de pós-industriais, cuja origem é apontada por Karl Albrecht:

“A nossa economia é de serviços e assim tem sido por um algum tempo. O analista de tendências John Naisbitt aponta o início desse novo período no ano de 1956 quando, pela primeira vez na história dos Estados Unidos, trabalhadores de colarinho-branco, em posições técnicas, administrativas e gerenciais, ultrapassaram em número os trabalhadores de colarinho-azul. A América industrial estava cedendo caminho para uma nova sociedade. Naisbitt rotulou essa nova era de sociedade da informação. Anteriormente, um sociólogo de Harvard de nome Daniel Bell notou os mesmos fatos e tendências, e afirmou que estávamos entrando em uma sociedade pós-industrial.” (Albrecht, 1990, p. 1).

Aos níveis culturais e filosóficos essas sociedades são denominadas pós-modernas. Enquanto submetidas a análises baseadas na reflexão, na comparação crítica e analítica entre sistemas políticos e sociológicos, tais sociedades submetem-se a um crivo orientado pelo discurso filosófico. Essa metodologia, aplicada principalmente por Lyotard e outros filósofos, preocupa-se com a articulação e expressão da cultura e do pensamento nas sociedades atuais. Por isso, o termo “pós-modernidade” remete ao nível da análise reflexiva, sistemática e abrangente, ou seja filosófica, enquanto que o termo “pós-industrial” remete ao nível da análise econômica.

As questões envolvendo a pós-modernidade têm uma série de posições epistemológicas contraditórias na comunidade acadêmica. Alguns autores e pesquisadores pensam que a pós-modernidade é apenas uma nova face do antigo irracionalismo; outros, que ela mascara as relações neo-liberais na nova ordem internacional, especialmente na América Latina (Appignanesi, 1995); outros, que ela representa algo de novo na epistemologia ocidental e nas relações sociais, econômicas e culturais. A epistemologia diz respeito à teoria do conhecimento, ou seja, à reflexão de como se conhece o mundo. Ao longo da história da filosofia vários pensadores tentaram explicar como o ser humano apreende, trava contato intelectual - em suma, conhece - com a realidade ou o que se entende por ela. Para Platão, por exemplo, o conhecimento provinha do “mundo das idéias”; para Santo Tomás, tudo teria uma origem divina; e para Comte, a fundamentação das ciências seria a ciência sociológica. Todos os

grandes organizadores do pensamento, como Descartes, Hume, Kant, Hegel, Marx ou Sartre, propunham modelos ou discursos para se interpretar a realidade. Esses discursos tentavam abranger a totalidade do universo conhecido, dos problemas sociais e científicos em geral, por isso Lyotard denomina-os "meta-discursos". Uma das características da pós-modernidade é justamente a de questionar esses meta-discursos, porque eles, na tentativa de abarcar o todo, acabam se tornando dogmáticos, fechados e excludentes - em suma -, inválidos na medida em que o conhecimento evolui e algumas áreas desses sistemas de pensamento vão se tornando obsoletas, incompletas ou simplesmente falsas. Evidentemente os marxistas ortodoxos, os positivistas e os fundamentalistas religiosos se desesperam ao ouvir dizer que não existe mais um modelo único válido para interpretar a realidade, logo eles que se baseiam em meta-discursos apegados a livros revelados ou produzidos por "gênios" da humanidade. Por outro lado, o cipoal ideológico e comportamental das sociedades atuais muitas vezes tenta encontrar, na fragmentação social, na heterodoxia e no multiculturalismo, desculpas para justificar pensamentos eminentemente religiosos e/ou metafísicos ou niilistas e caóticos, o que provoca a acusação de que a pós-modernidade abriga o irracionalismo. Há, também, os críticos do socialismo que se utilizam da possibilidade de acusar os meta-discursos para condenar as práticas ditatoriais estalinistas e por extensão todo o socialismo, servindo de arcabouço para um pensamento conservador. Em suma, não há um consenso acadêmico sobre a questão, mas o conceito adquiriu respeitabilidade teórica e tem sido bastante discutido na sociologia, na política, nas artes, na economia e na filosofia. Como exemplo da proliferação de livros a respeito do tema, cito a consulta realizada por computador à rede britânica de livrarias Blackwell's quando, sob o tópico "Pósmodernismo", foram listados 57 títulos apenas no mercado de língua inglesa (<http://www.blackwell.co.uk/cgi-bin/bb>).

Não será realizado um longo debate sobre pós-modernidade neste capítulo, pois o assunto foi tema central de uma dissertação de mestrado por mim defendida em 1991 no Instituto de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Porém, faz-se necessário situar no pensamento brasileiro a vertente que entende ser a pós-modernidade um fator importante de mudanças para as sociedades contemporâneas, já que a análise da formação profissional na área de serviços situa-se plenamente nos setores mais avançados das sociedades capitalistas pós-industriais.

2. Pequeno histórico da pós-modernidade cultural

"Assim, pois, se tivéssemos que eleger um material tipicamente pós-moderno, este seria a luz, que se projeta efêmera de uma tela de cinema ou emerge do tubo de um vídeo" (Martinez, 1986, p. 22)

Ao longo da década de 1980, uma discussão diferente surgia nos meios de comunicação e, mais timidamente, nos meios acadêmicos. Um marco do surgimento da polêmica sobre a pós-modernidade no Brasil foi uma edição

especial do periódico *Arte em Revista* com uma grande seção intitulada *Modernismo, Pós-Modernismo ou Anti-Modernismo*. A revista foi publicada no dia 7 de agosto de 1983, editada pelo Centro de Estudos de Arte Contemporânea (CEAC) de São Paulo, e trazia artigos de cinco autores (Jurgen Habermas, Peter Burger, Andreas Huyssen, Jean-François Lyotard e Paolo Portoghesi) favoráveis ou contrários à pós-modernidade. O interesse pelo tema foi crescendo paulatinamente, à medida em que o Brasil entrava em uma época democrática e a indústria editorial traduzia desde temas polêmicos antigos como a literatura *Beat* até a divulgação de novos autores e assuntos inéditos sobre as novas configurações sociais que estavam surgindo.

O ano de 1985 pode ser considerado como o início do debate sobre a pós-modernidade feito pelos meios de comunicação de massa junto ao grande público leitor dos suplementos de cultura dos jornais. Assim, um tema eminentemente acadêmico, restrito aos filósofos, artistas, sociólogos ou arquitetos, ganhou as ruas e a população com bom nível cultural mas não especializado na metodologia científica ou no jargão acadêmico. O *Folhetim* (extinto suplemento semanal do jornal Folha de São Paulo) entrou na discussão no dia 15/12/1985 com um ensaio de Sérgio Paulo Rouanet intitulado *Pós-Moderno: a nova cara do velho irracionalismo* em que o autor, a exemplo de Habermas, se colocava entre os que defendem a continuidade do projeto da modernidade. Para Rouanet, não haveria rupturas na tessitura social que justificassem uma mudança de paradigma. As transformações sociais, econômicas, culturais e comportamentais existem e são profundas, mas continuam dentro de uma continuidade estrutural caracterizada pelo iluminismo e racionalismo vigentes desde a revolução industrial, ou seja, dentro do projeto da modernidade. Logo depois outra edição do *Folhetim* (13/04/1986) trazia na capa o título *Tempos pós-modernos* com textos de Félix Guattari e Eduardo Subirats. Outro veículo a entrar no debate foi a revista *Leia* que, em junho de 1986, lançou um número especial denominado *Pós-Moderno*, com textos de José Tadeu Arantes, Paulo Leminski e Sérgio Paulo Rouanet.

Em 1987, os jornais do eixo Rio-São Paulo aproveitaram a visita do francês Jean Baudrillard ao Brasil para abordarem assuntos que, apesar de não abrangerem direta e exclusivamente a pós-modernidade, foram importantes para o posicionamento referente a questões culturais. Em 1988, o *Folhetim* aborda mais uma vez o assunto em uma edição intitulada *Imagens contemporâneas e o discurso da mídia* (08/01/1988).

Se começava a existir um modo pós-moderno de viver, começava também a aparecer um modo pós-moderno de morrer. Não é gratuito o aparecimento de toda uma produção literária e cinematográfica na qual a violência explode nas mais estranhas nuances: terrorismo, gangues juvenis, tráfico de drogas, psicoses, revoltas sociais, violência urbana etc. A década de 1980 viu aparecer um romance tão violento e doentio (*O psicopata americano*, de Brest Willis) que até mesmo a indústria cinematográfica de Hollywood, sedenta de lucros e temas polêmicos, recusou-se a filmar o romance devido às

violências cometidas friamente por um norte-americano branco e rico contra pobres, negros e mulheres. A temática da violência persistiu nos anos 1990 de forma cada vez mais sofisticada. O romance de estréia de Donna Tartt, (*A história secreta*), reúne em uma atmosfera acadêmica sofisticada e erudita, repleta de citações de mitologia e filosofia gregas, jovens estudiosos com um estilo de vida absolutamente desregrado e dissolutos. O crime que acontece na história é simples consequência das vidas fragmentadas desses jovens; nelas a sociedade material convive com a penúria existencial, filhos frustrados que procuram negar sua cultura e se refugiar nas sombras da antiguidade clássica, um projeto impossível destinado à tragédia e ao fracasso. Os filmes *O silêncio dos inocentes* (do romance de Thomas Harris), *O cabo do medo* (de Martin Scorsese), *Assassinos por Natureza* (de Oliver Stone), *Seven* (de David Fincher) e *Pulp fiction* (de Quentin Tarantino) são alguns exemplos da diversão excitante de final de século que arrecada milhões nas bilheterias. A morte é lucrativa e o terror é sedutor. O *Folhetim* publicou um inquietante texto de Susan Sontag (em 26/02/1988) no qual a personagem central era a morte. Intitulado *O modo como vivemos hoje*, tinha um estilo marcado por frases rápidas e curtas, personagens efêmeros e cenários urbanos. O tema, apesar de recente, estava na condição de grande terror do final do século: a AIDS. No cotidiano de Manhattan a morte penetra e se reproduz na vida agitada de um povo que ignora coisas absolutas. Ela é pretensamente ignorada, escondida, tratada assepticamente nos grandes hospitais mas nem por isso deixa de existir enquanto aura maldita. É estranho que esses mistérios soturnos e mórbidos fascinem a cultura de final de século. O grande personagem da romancista Anne Rice é o vampiro Lestat e seus parceiros (protagonizados no filme *Entrevista com o vampiro* pelos paradigmas hollywoodianos da estética masculina: Tom Cruise, Brad Pitt e Antonio Banderas). A beleza, em vários romances deste final do século 20, está associada à morte ou ao terror. Anne Rice e Donna Tartt deixam isso claro em seus textos. O fascínio, a intelectualidade e os sentimentos mais estéticos e elevados podem conduzir à morte e é interessante que isso ocorra em uma cultura repleta de aparatos tecnológicos e descobertas científicas. O filme neozelandês *Navigator - a time odyssey* fez um grande sucesso sugerindo o paralelo entre uma população insular britânica do século 14 apavorada pela peste negra e a epidemia de AIDS nas cidades atuais. Esse filme - assim como vários outros filmes e romances - joga com o medo do desconhecido e a atração que o absoluto exerce nos seres humanos. Um "clássico" da morte "pós-moderna" nos tempos da AIDS foi feito pelo desenhista norte-americano de quadrinhos Garry Trudeau. Famoso por ironizar o estilo de vida dos EUA, Trudeau idealiza um personagem, Andy, terminal graças aos efeitos devastadores da AIDS. Em uma das tiras da série ele faz um balanço de seus últimos dias:

"Vamos ver, escutei o Pet Sounds em CD, vi o último capítulo da novela e vivi para ver o Bush romper a promessa dos impostos. Mais: gravei um vídeo de despedida. Acho que fiz tudo o que queria antes de morrer." (Folha de São Paulo, Ilustrada, 1/6/1990)

É uma cultura que, desde os tempos em que Freud escreveu um ensaio sobre isso, gera um certo mal estar. E é exatamente o subtítulo da seção

especial da revista *Leia* de julho de 1988: *O mal estar da cultura*, que analisa a realidade brasileira do ponto de vista da produção cultural. Mal estar, melancolia ou morte são atributos bastante diferentes das promessas oferecidas pelo Iluminismo e racionalismo ancorados pela tecnologia nascente do século 18 e, no entanto, estes sentimentos surgem sombrios em pleno final de milênio.

Ao nível acadêmico, o texto principal de Lyotard (*O Pós-Moderno*) é publicado no Brasil em 1986, sete anos depois de seu aparecimento na França, e lança a discussão em termos críticos e reflexivos, ou seja, em termos filosóficos.

3. Informação: a nova droga pós-industrial

Com este pequeno histórico da polêmica sobre a pós-modernidade nos meios de comunicação de massa no Brasil, pode-se perceber como o tema alcançou receptividade. Evidentemente, vários textos acadêmicos foram produzidos no país. Pode-se ter uma idéia observando esta bibliografia parcial dos autores nacionais em ordem cronológica de publicação:

- 1986 - Teixeira Coelho - *Moderno Pós-Moderno* - Porto Alegre, L&PM.
- 1986 - Jair Ferreira do Santos - *O que é pós-moderno* - São Paulo, Brasiliense.
- 1987 - Roberto Cardoso Oliveira (org.) - *Pós-modernidade* - Campinas, Unicamp.
- 1987 - Nelson Brissac Peixoto - *Cenários em ruínas* - São Paulo, Brasiliense.
- 1987 - Sérgio Paulo Rouanet - *As razões do iluminismo* - São Paulo, Cia. das Letras.
- 1988 - Hygina Bruzzi de Melo - *A cultura do simulacro: filosofia e modernidade em Jean Baudrillard* - São Paulo, Loyola.
- 1988 - Domicio Proença Filho - *Pós-Modernismo e literatura* - São Paulo, Ática.
- 1988 - Gilberto de Mello Kujawski - *A crise do século XX* - São Paulo, Ática.

Entre os autores estrangeiros traduzidos para o mercado editorial brasileiro destacam-se: Jean Baudrillard, Marshall Berman, Allan Bloom, Steven Connor, Armand Mattelart, David Harvey, Charles Jencks, Christopher Lasch, Jean-François Lyotard, Michel Maffesoli, Jean-Marc Parisi, Mark Poster, Eduardo Subirats, Alain Touraine, Gianni Vattimo e A.C. Weinsbecker.

O assunto provocou ainda a publicação de centenas de artigos em revistas, jornais e seminários, a favor ou contra a expressão "pós-modernidade". O enfoque que nos interessa neste trabalho é a relação entre a "pós-modernidade" e o universo da informação, pois a formação profissional em turismo depende do fluxo de informações que geram o conhecimento específico da área. Para isso, é necessário entender os conceitos básicos sobre pós-modernidade e sociedades pós-industriais.

A pós-modernidade insere-se nas sociedades capitalistas pós-industriais. Sua **economia** caracteriza-se pela predominância do setor de serviços, por um

parque industrial amplamente robotizado e automatizado e por processos burocráticos e administrativos informatizados. Com acesso facilitado às novas tecnologias - ou tecnologias de ponta, ou ainda alta tecnologia como são definidas pelos norte-americanos (*high-tech*) - esses países direcionam suas pesquisas para problemas de linguagem, telecomunicações, inteligência artificial, fluxos e processamento de informações, além de aperfeiçoamentos na administração racional e eficiente de uma economia forte e crescente, apesar das crises cíclicas que têm que ser administradas pelos países mais desenvolvidos. Exemplos recentes destas crises são a queda da bolsa de valores nos Estados Unidos em 1987, os violentos protestos rurais no México em 1994 ou a crise cambial em 1995 que envolveu também o México e parte da América latina.

Conceitualmente, ao nível da **cultura**, o pós-moderno caracteriza-se "...pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes." (Lyotard, 1986, p. VIII). Um dos principais fundamentos dessas novas sociedades é a capacidade de armazenar e processar imensos volumes de informação. A importância das informações e do conhecimento é tão relevante que alguns autores nelas centralizam toda a problemática que abrange seus estudos sobre as formações sociais atuais. Alvin Toffler, por exemplo, chega a intitular seu livro (*Powershift - As mudanças do poder*) com base em pesquisas sobre como o domínio dos fluxos de informações garantem riqueza e poder aos seus proprietários. Toffler afirma que há três maneiras de se deter o poder: através da violência, da riqueza e/ou do conhecimento. Destas, o conhecimento é a mais sofisticada:

"Aqueles que lutaram pelo controle do futuro fizeram uso da violência, da riqueza e do conhecimento. Hoje, começou uma revolução semelhante, embora muito mais acelerada. As mudanças que temos visto recentemente nos negócios, na economia, na política e no nível global são apenas as primeiras escaramuças de lutas futuras muito maiores pelo poder. Porque nos encontramos à beira do mais profundo deslocamento de poder da história humana." (Toffler, 1990, p. 34).

Se a informação e seu processamento são tão importantes, "... a ciência - assim como qualquer modalidade de conhecimento - nada mais é do que um certo modo de organizar, estocar e distribuir certas informações. Longe, portanto, de continuar tratando a ciência como fundada na "vida do espírito" ou na "vida divina", o cenário pós-moderno começa a vê-la como um conjunto de mensagens possível de ser traduzido em quantidade (bits) de informação." (Lyotard, 1986, p. IX).

É tão importante e vital à pós-modernidade o "status" concernente às informações e seus consumidores que alguns autores afirmam:

"A mudança irreversível do sujeito conhecedor para o consumidor de conhecimento é a pedra básica da pós-modernidade. Esta é a real mudança histórica que legitima o pósmodernismo - e não como é usualmente sugerido, a 'mudança' para a arquitetura pós-moderna." (Appigananesi, 1995, p. 107).

Inseridos nesse contexto, a pesquisa científica e o ensino ficam condicionados às possibilidades técnicas de equipamentos e sistemas

envolvendo alta tecnologia. Se a revolução industrial do século XIX deixou claro que sem riqueza não se tem condições para desenvolver a ciência e tecnologia, a condição pós-moderna vem demonstrando o contrário, ou seja, que sem ciência e tecnologia não se pode produzir riqueza.

A informação se torna uma mercadoria extremamente valiosa. Para atingir esse objetivo os educadores e pesquisadores não mais trabalham com a finalidade de preparar pessoas aptas a elaborarem conceitos e noções de "verdades", mas, sim, para que adquiram competência ou eficiência. As mudanças epistemológicas provocadas pela pós-modernidade levaram à formação de profissionais e pesquisadores eficientes para um objetivo claro: assegurar o bom desempenho da dinâmica institucional, seja na administração privada ou pública, nacional ou multinacional. Esse pragmatismo tende a eliminar as diferenças entre os procedimentos científicos e os procedimentos políticos. Isso pode ser um problema na medida em que o senso crítico torna-se diminuído ou até mesmo anulado. Quando se mantém, geralmente é por uma forma casuísta e ligada ao *status quo*. O mesmo pragmatismo tende a desconsiderar a problemática do conhecimento enquanto ontologia, ou seja não o considera de uma forma metafísica, enquanto um ser independente de suas características particulares ou algo absoluto. O conhecimento deixa de ser um fundamento comum ou uma "ciência primeira", como era, por exemplo, para Aristóteles, para se tornar algo intrinsecamente ligado à eficiência do mundo atual. Esse conhecimento tornou-se pragmático, não se preocupa mais com a essência do universo, com a existência presumível - ou não - da alma humana ou com a existência de um Deus. Não se pensa na essência do conhecimento ou em sua metafísica. O conhecimento só é válido enquanto força capaz de produzir, controlar e administrar. A "verdade" é o "poder" instalado no momento. Ambos são mutáveis, pois dependem das exigências das sociedades, também por sua vez mutáveis. Essas exigências fixam-se amplamente nos objetivos de manutenção da detenção da riqueza e do poder nas mãos das classes dominantes, fortalecendo-as cada vez mais.

Enquanto ao nível econômico e produtivo a sociedade atual recebe o nome de pós-industrial, ao nível cultural e ideológico a denominação pode ser "pós-moderna" e Lyotard se propõe a analisar a posição do saber nessas sociedades, na medida em que o mesmo foi profundamente modificado. A cultura, em geral, foi influenciada na medida em que a literatura, as artes e a ciência foram transformadas por sua vez pelas novas tecnologias aplicadas à produção industrial e aos setores de serviços como a administração, o lazer e o turismo em geral.

Todas as sociedades têm um discurso ou um relato como denomina Lyotard, para explicar seu próprio mundo. O filósofo espanhol José Gaos analisa como as diferentes culturas da civilização ocidental se valeram de relatos escritos, pintados, esculpidos ou musicados para deixarem aos outros a sua idéia de mundo (Gaos, 1973). A catedral de Chartres, por exemplo, é um imenso discurso estético que se vale da arquitetura, da pintura, da escultura e

da estrutura do edifício - entremeando luzes, cores e sombras - para passar ao povo um discurso sobre Deus e a história sagrada. O discurso pode se apresentar também na forma de uma peça musical como a ópera ou as valsas vienenses; uma peça de teatro, como em Molière; ou um romance, como *Em busca do tempo perdido*, de Proust. Essas obras de arte trazem em seu âmago mais do que simples ideologias. Elas contêm toda a estrutura de uma época, de um povo, de uma cultura que se apresenta em sua complexidade, pluralidade e riquezas conceituais. Os grandes discursos de várias culturas ou civilizações passadas podem ser admirados nas suas mais diversas formas estéticas, além de poderem ser analisados nos textos e documentos legados ou resgatados do passado. As ruínas desertas e emolduradas pela floresta tropical na península de Yulcatán, da milenar cidade de Chichen Ytzá, ressudam em suas formas arquitetônicas uma teia de impressões e emoções mais significativas do que as traduções de seus ideogramas. Seu discurso arquitetônico reflete a forma pela qual os maias viam o mundo, como entendiam sua cosmogonia, a divisão do poder político, o modo de produção e seu conceito de beleza. Aliás, pode-se estudar o nascimento, a plenitude e o ocaso da cultura maia analisando as formas arquitetônicas de diversas cidades espalhadas por Yulcatán, construídas ao longo de alguns poucos séculos.

As arquiteturas totalitárias da primeira metade do século 20 forneceram vários exemplos de como os sentimentos de glória, vitória ou ufanismo podem ser representados às custas da opressão, da mais completa falta de liberdade e da violência sistemática contra pretensos inimigos internos ou externos. Isso aconteceu no estalinismo soviético, no nazismo alemão, no fascismo italiano e no franquismo espanhol. Uma das maiores reuniões de peças artísticas e arquitetônicas dos regimes totalitários europeus aconteceu na Exibição Internacional de Paris em 1937, dois anos antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial. A memória daquela época terrível, a reprodução em miniatura de várias esculturas, exposição de quadros, posters, plantas e maquetes arquitetônicas estiveram expostas na Galeria Hayward em Londres, em 1995, com o nome *Art and Power - Images of the 1930s*. Partes do discurso ideológico e pretensamente filosófico dos ditadores foi transformado em linguagem estética, em discurso artístico, para impressionar as massas através dos símbolos, cores e formas insinuantes. O discurso totalitário pode ser encontrado nos quadros de artistas como A. Gerasimov representando Stálin, Gerardo Dottori representando o Duce Mussolini ou nos de Heinrich Knirr representando Hitler. Os filmes sobre as paradas nazistas e o célebre filme sobre as Olimpíadas de 1936 dirigidos por Leni Riefenstahl são eloquentes retratos de uma época. A arquitetura monumental de Albert Speer representando o ideal nacional-socialista e as esculturas do realismo socialista, representadas pelo operário e pela camponesa erguendo a foice e o martelo, arte de Vera Mukhima (escultura símbolo da exposição de Londres), simbolizam uma época, assim como as esculturas de Lenin feitas por Sergei Merkurov que jamais davam a impressão da verdadeira estatura (ele era baixinho) do líder revolucionário.

A arte totalitária manteve fragmentos de seu discurso nos poucos países europeus que mantiveram regimes fascistas após a Segunda Guerra Mundial, como a Espanha (Portugal, apesar de ter se mantido Salazarista - ou Salazarento, como diziam os opositores - não teve grandes representações artísticas desse período tão pobre, inclusive na arte). Uma das suas grandes obras denominada "Vale dos Caídos", localizada perto de Madri, famosa atração turística espanhola, teve sua merecida apreciação:

"É como se os faraós contratassem Walt Disney; como se Stálin se tornasse um beato; como se a Máfia decidisse erigir uma necrópole para a Honrosa Sociedade; como se Albert Speer planejasse um Vaticano sem Papa; como se Paul Getty incumbisse um bando de falsários de construir um bunker renascentista a salvo de explosões atômicas. O turismo, porém, tritura a pedra mais dura. Ele normaliza tudo, na medida em que tudo é fotografado e coberto de copos de papel. Com o turismo, essa construção inútil encontra seu verdadeiro destino." (Enzensberger, 1988, p. 280).

Será que a exposição *Art and Power* de Londres também é banalizada e canibalizada pelos turistas? Talvez depois das horas angustiantes nas galerias repletas de belezas de tristes lembranças, assistindo aos filmes da época e (re) vendo os quadros e esculturas, o cansado expectador saia para o largo belvedere que ladeia o Tâmis para olhar o perfil da cidade ao entardecer, as luzes acendendo e se refletindo nas águas escuras, símbolos do pós-guerra vitorioso e de como se vive em paz (quando as bombas do IRA não explodem nas ruas). Finalmente o andarilho pode se retirar em um pub para beber sua cerveja predileta ou sentar em um Mc Donald's para fazer uma refeição rápida antes da programação noturna. O discurso totalitário foi normalizado pelo turismo de massas.

Esses meta-relatos, sejam eles filosóficos, ideológicos, arquitetônicos ou artísticos em geral, mantiveram-se incólumes durante vários séculos através da história. Com a nossa cultura surgiram problemas mais profundos do que as eventuais contestações dos opositores que, por sua vez, muitas vezes contra-atacavam com outros meta-relatos. Os discursos começaram a entrar em conflito com a ciência na medida em que esta evoluía. As representações artísticas ou religiosas foram se distanciando cada vez mais da realidade mostrada pelo desenvolvimento científico. Essa dicotomia não poupou as artes. Elas próprias foram influenciadas pelas transformações sociais e pelas ondas de dúvida, solidão e angústia que assolaram o mundo na *Era dos Extremos*, conforme o historiador Eric Hobsbawm denomina o século 20.

Na cultura moderna pode-se falar na existência de um discurso possível de ser o legitimador da ciência: a filosofia. Em vários modelos filosóficos o saber estava sempre a serviço de um fim ético, político ou da paz universal. Era uma teleologia direcionada à libertação dos trabalhadores e cidadãos de seus sofrimentos. Desde a filosofia de Aristóteles, passando pela filosofia cristã, pelo Iluminismo, Karl Marx, Sartre ou Freud, existia um claro objetivo no processo filosófico. Havia um meta-discurso, um metarrelato, para orientar os anseios dos filósofos e cientistas. Porém, na era pós-moderna, aparece a incredulidade

frente aos metarrelatos e na medida em que a ciência vai se desdobrando em novos conhecimentos a crise da filosofia metafísica, iniciada no século XIX, se aprofunda rumo à uma epistemologia diferenciada: a filosofia deixa de ter a primazia na explicação totalizante do mundo. Se o pensamento de Santo Tomás de Aquino não deixava margens para dúvidas ou contestações; se a Razão do Iluminismo era uma garantia permanente de progresso e civilização; se a denúncia das injustiças sociais e dos mecanismos de exploração econômica eram, para Marx e os marxistas, a garantia de se conseguir uma sociedade mais justa e feliz, para o mundo pós-moderno esses metarrelatos não passam de um discurso a mais na imensa teia discursiva da história e da sociedade.

"A função narrativa perde seus grandes atores, os grandes heróis, os grandes perigos... e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos, etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas sui generis." (Lyotard, 1986, p. XVI).

Lyotard explicita que o saber contemporâneo é produzido como uma mercadoria qualquer. Pode ser vendido, trocado e consumido. O saber

"deixa de ser para si mesmo seu próprio fim: perde o seu valor de uso." (Lyotard, 1986, p. 5).

A ciência tem sua importância potencializada na medida em que é uma das fontes produtoras deste conhecimento e a competição internacional sobre as novas fontes de poder e riquezas é intensificada.

"Sob a forma de mercadoria informacional, indispensável ao poderio produtivo, o saber já é e será um desafio maior, talvez o mais importante, na competição mundial pelo poder. Do mesmo modo que os Estados-Nações se bateram para dominar territórios, e com isso dominar o acesso e a exploração das matérias-primas e da mão-de-obra barata, é concebível que eles se batam no futuro para dominar as informações." (Lyotard, 1986, p. 5).

É muito clara a relação entre esta citação e outra, anterior, retirada de um texto de Alvin Toffler, sobre a importância estratégica de se controlar fluxos de dados que originam informações e produzem conhecimento. Outro autor envolvido nessas preocupações é David Harvey que sintetiza a questão da informação, da pesquisa e do mercado:

"O acesso ao conhecimento científico e técnico sempre teve importância na luta competitiva; mas, também aqui, podemos ver uma renovação de interesse e de ênfase, já que, num mundo de rápidas mudanças de gostos e necessidades ... o conhecimento da última técnica, do mais novo produto, da mais recente descoberta científica, implica a possibilidade de alcançar uma importante vantagem competitiva. O próprio saber se torna uma mercadoria-chave, a ser produzida e vendida a quem pagar mais, sob condições que são elas mesmas cada vez mais organizadas em bases competitivas. ... A produção organizada de conhecimento passou por notável expansão nas últimas décadas, ao mesmo tempo que assumiu cada vez mais um cunho comercial. As celebradas conexões com a indústria de 'alta tecnologia' do Vale de Silício de Stanford ou a rota 128 MIT-Boston são configurações bastante novas e especiais da era de acumulação flexível (muito embora, como assinala David Nogle em *America by design*, muitas universidades americanas tenham sido instaladas e promovidas pelo capital corporativo desde o início). (Harvey, 1993, p. 151).

A questão envolvendo conhecimento e poder, tão básica para Alvin Toffler, é explicitada enquanto objetivo permanente para o futuro pois...

"... o conhecimento possui outras importantes características que o tornam fundamentalmente diferente de fontes menores de poder no mundo de amanhã. Assim, a força, para todos os sentidos práticos, é finita. Há um limite para a força que pode ser empregada antes de destruímos aquilo que queremos capturar ou defender. O mesmo é verdade quanto à riqueza. O dinheiro não pode comprar tudo, e a determinada altura até mesmo uma carteira recheada fica vazia. Em contraste, o conhecimento não se acaba. Podemos sempre gerar mais." (Toffler, 1990, p. 43).

A luta pelo conhecimento pode vir a ser a mais nova fonte de injustiças e exclusão entre os seres humanos na medida em que se sofisticam os modos de produzir, armazenar e distribuir a informação. As novas tecnologias têm barateado os custos mas certamente os equipamentos e assinaturas de jornais, revistas, TVs a cabo e correio eletrônico não são gratuitos e a maior parte da humanidade ainda está à margem de toda a parafernália eletrônica.

"... apesar da imensa má distribuição da riqueza em um mundo dolorosamente dividido entre ricos e pobres, verifica-se que, comparada com as outras fontes de poder temporal, a riqueza tem sido, e é, a menos mal distribuída. Seja qual for o golfo que separa os ricos dos pobres, um abismo ainda maior separa os armados dos desarmados e os ignorantes dos instruídos." (Toffler, 1990, p. 44).

Para Andy Grove, presidente da Intel Corporation, ao ser indagado sobre acesso igualitário para as novas redes de informação que os Estados Unidos estão pensando em criar, o problema é bastante grave:

"Em uma sociedade como a nossa (EUA), onde cerca de 10% da população não tem seguro médico, você está falando sobre disponibilidade de redes de grande capacidade? Ora, vamos. Você sabe que temos gente dormindo nas ruas e vem falar sobre redes de alta capacidade? Quero dizer, se vamos começar a falar de acesso igualitário (em redes), que tal falar sobre comida, casa e serviço de saúde em primeiro lugar? Não há dinheiro público suficiente para bancar disponibilidade igualitária em uma infraestrutura dispendiosa. Se nós modificarmos os objetivos e não falarmos sobre acesso para todos, mas sim sobre um amplo acesso, tão amplo quanto possível, creio que o melhor caminho para que isto aconteça é possuir indústrias vitais, competitivas e agressivas - as quais, no processo de competição entre elas, consigamos diminuir os custos e portanto tornar acessíveis os equipamentos a um grande número de pessoas. Foi isto que tornou a TV um aparelho popular. Foi isso que trouxe os PCs para as pessoas." (Business Week, The Information Revolution 1994, p. 78).

Mas as mudanças deste final de década, de século e de milênio estão se processando de uma maneira rápida, profunda e inexorável.

"Não há dúvidas sobre isso - a revolução da informação chegou para ficar... Talvez ainda existam inúmeras pessoas com medo dos computadores, mas ninguém ficou imune à explosão da tecnologia computacional. Tudo, da mídia à medicina, da manipulação de dados à obtenção de informações, foi radicalmente transformado por um instrumento inventado há apenas 50 anos. Esse é o Big Bang da nossa época - talvez devêssemos chamar de Bit Bang. A revolução mal começou, mas já envolve a todos nós. Ela está tornando nossas leis obsoletas, transformando nossos desejos, reestruturando nossa economia, reordenando nossas prioridades, redefinindo nossos postos de trabalho, invalidando regras estabelecidas, mudando

nosso conceito de realidade e nos fazendo sentar por longos períodos em frente a telas de computadores enquanto o drive do CD-ROM acessa outro vídeo clip." (*Newsweek*, 27/02/1995, edição especial "Technology '95" p. 12).

4. Informação e mutação social

"Que os mesmos alto-falantes - geralmente de fabricação japonesa - assegurem ao mesmo tempo a difusão das mensagens da pista de decolagem de Singapura, o chamado do muezzin para a oração do Corão no Oriente Médio, a publicidade das marcas de detergente nos supermercados americanos, a propagação das palavras-de-ordem nas manifestações de rua, que provocaram a queda do ditador Marcos nas Filipinas, as movimentações da polícia anti-revolta em Praga, o anúncio das medalhas olímpicas em Seul, seria suficiente para reconciliar os seres humanos entre si?" (Chesneaux, 1995, p. 60)

As mudanças estão acontecendo nas sociedades contemporâneas de uma forma rápida e profunda. O vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore, está pessoalmente envolvido em um gigantesco projeto destinado a implementar as superinfóvias (*Information Superhighway*). Em 1994, a Time Warner Cable iniciou um projeto experimental na cidade de Orlando, Flórida, envolvendo projetos de TV interativa. A idéia é possibilitar ao assinante assistir em sua TV a filmes escolhidos, acessar compras e se divertir com vídeo-games compartilhados com outros assinantes. Outras empresas que iniciaram projetos em 1994 com a TV interativa são: Bell Atlantic, com testes envolvendo 2.000 residências na Virgínia; US West, com um projeto em 2.500 residências em Omaha, estimando chegar até o final do ano a 60.000 casas; Viacom, começando com 1.000 casas em Castro Valley (Califórnia). Esses projetos são o início de um salto qualitativo em telecomunicações, laser e transmissão de dados que deverão interligar o telefone convencional ligado por um modem ao computador e à televisão. O telefone celular também pode possuir um modem ligando-o a banco de dados através de um computador portátil *note book*. Mas até se chegar às Superinfóvias vários problemas tecnológicos deverão ser resolvidos, o que não impede que dentro de uns poucos anos essa tecnologia já esteja suficientemente desenvolvida para ser distribuída a baixos custos e dotada de um nível bastante razoável de eficiência a grandes parcelas da população com rendimentos suficientes para bancarem os novos brinquedinhos eletrônicos. Autores como Nicholas Negroponte e Bill Gates, especializados em informática e sua influência na sociedade, têm se preocupado com as consequências das novas tecnologias e procurado estruturar as características e tendências das formações sociais em face dessas novas realidades (conforme será analisado no capítulo VII). Afinal, até fins da década de 1980 era muito raro alguém fazer uma ligação telefônica celular ou sacar seu computador pessoal a bordo de um jato comercial. Hoje isto é tão normal que as companhias aéreas precisaram proibir o uso de equipamentos eletrônicos durante os procedimentos de decolagem e aterrissagem (ou até mesmo durante os vôos) devido à poluição eletro-magnética causada por dezenas de *gizmos* dos passageiros que interferem com os equipamentos eletrônicos de bordo. Na cidade de São Paulo foram constatados casos de carros importados dotados de vários computadores e sensores que tiveram falhas inexplicáveis em alguns pontos da cidade e logo

depois voltaram a operar normalmente. A causa foi a mesma poluição eletromagnética, principalmente no alto. Sumaram-se na avenida Paulista onde estão concentradas torres de emissão de vários tipos de ondas, que influem nos delicados equipamentos dos carros. O mesmo problema foi detectado em outras cidades do planeta. A solução é fazer blindagens mais resistentes para proteger a tralha eletrônica embarcada nos automóveis, metrô e outros veículos, mas a quantidade de eletrônica embarcada é sinal evidente da banalização e redução dos custos das novas tecnologias.

Os avanços tecnológicos surgem das mais diversas necessidades e repentinamente são apropriados, parcial ou totalmente, pela sociedade. No início da década de 1960, o governo norte-americano, através do Pentágono, queria criar uma rede de informações computadorizada que não fosse destruída por eventuais bombardeios nucleares dos seus inimigos socialistas da Guerra Fria. Essa rede deveria ligar pontos estratégicos como centros de pesquisa e tecnologia. O problema era evitar que a central do sistema fosse destruída por um suposto ataque nuclear inimigo inviabilizando todas as conexões. A solução foi evitar uma central. Em 1964, surgiu o conceito de que a rede operaria de forma a que todos os pontos (nós) teriam o mesmo *status*, de forma que qualquer computador desligado poderia ser substituído por outros. As informações viajariam em qualquer sentido por vias intercambiáveis. Em 1969 surgiu finalmente uma rede com quatro nós, a ARPAnet (Advanced Research Projects Agency), que, em 1972, já tinha 37 nós. A partir daí começou uma verdadeira "subversão" na utilização da rede quando os cientistas começaram a trocar notícias gerais e mensagens pessoais através da rede. Pouco tempo depois foi criada uma lista de correspondência (*mailing list*), até hoje utilizada pelos usuários. A primeira lista foi de amantes de ficção científica, seguida de inúmeras outras. Em 1983, parte da ARPAnet desdobrou-se na MILnet, exclusiva das forças armadas norte-americanas. Aos poucos a secreta ARPAnet transformou-se na democrática Internet graças ao programa de base de dados chamado TCP/IP de domínio público, ou seja, não é preciso pagar direitos autorais para usá-lo. Atualmente a Internet interliga milhares de computadores pessoais no mundo todo. No Brasil, a Rede Nacional de Pesquisas (RNP), criada em 1990, coordena o acesso à Internet. Em 1995, estava presente em 22 estados, conectando mais de 350 instituições de ensino no país e começou a ser oferecida a todas as pessoas que tivessem um *modem* ligando seu computador pessoal à linha telefônica. O exemplo da INTERNET ilustra como um poderoso meio de comunicações alternativo e altamente secreto transformou-se, em poucos anos, em uma rede global absolutamente democrática, com códigos e "manias" próprias, acessível a qualquer um que tenha um computador pessoal com *modem* e uma linha telefônica.

A informatização da sociedade é um processo realmente irreversível.

"...qualquer pessoa habituada a refletir em termos de ciências sociais contemporâneas compreende que as transformações revolucionárias da ciência e da técnica, com as consequentes modificações na produção e nos serviços, devem necessariamente produzir mudanças também nas relações sociais. Só um cego não percebe as mudanças que estão

ocorrendo nesse campo e suas óbvias conexões com a segunda revolução industrial que cada vez mais se intensifica." (Schaff, 1990, p. 21)

Se os centros de processamento de dados repentinamente ficassem inativos as conseqüências seriam desastrosas. Bancos, centrais energéticas, parques industriais, fazendas, redes de transportes, hospitais, centros de comunicação, setores administrativos públicos e privados, tudo isso seria afetado provocando colapsos parciais ou totais. O poder da ciência provém deste controle efetivo e eficiente do mundo, apesar dos desastres que eventualmente acontecem e do fato de não se saber exatamente até onde a humanidade chegará com a ciência.

Se a ciência detém uma parcela considerável de poder, alguém é responsável pela tomada de decisões e pelas estratégias e táticas a serem articuladas. Conseqüentemente, esses profissionais personalizam o poder da ciência e da tecnologia e dele podem se beneficiar. Essa classe dirigente forma um grupo pragmático preocupado mais com soluções eficientes do que com julgamentos de valores sobre a origem epistemológica dos métodos a serem aplicados.

"Ela (a classe dirigente) já não é mais constituída pela classe política tradicional, mas por uma camada formada por dirigentes de grandes órgãos profissionais, sindicais, políticos, confessionais." (Lyotard, 1986, p. 27).

Mas quem são exatamente esses decisores?

"Bem longe da gregariedade dos estádios gigantescos, da servidão voluntária das férias com as estradas abarrotadas, do stress japonês, do sórdido trabalho dos pepenadores, da passividade indiferente da periferia soviética, vão e voltam nas alturas - visto que grande parte de suas existências se passa nas cabinas de primeira classe dos aviões de longo curso - os privilegiados da jet-modernidade. ... Alguns são assalariados pelas inúmeras instituições e serviços, direta ou indiretamente ligados ao pesado aparelho das Nações Unidas, ou outras agências de atuação mundial. Outros são empregados das firmas capitalistas multinacionais ou representam no Terceiro Mundo os interesses dos seus países de origem. Outros saíram das neoburguesias do Estado, que proliferaram e prosperaram pelo mundo desde a grande onda de descolonização dos anos 60. Outros ainda devem a sua (posição) ao conhecimento das novas tecnologias." (Chesneaux, 1995, p. 57).

Um editorial da revista francesa *Express*, assinado por Christine Ockrent, analisa a problemática de quem e como se tomam as decisões nos anos 1990:

"O poder já não está lá onde se pensava que estava. A economia global engendra seus próprios mecanismos que já não são apenas aqueles dos Estados. ... No universo virtual que formam e desformam, a vontade, nas telas de seus computadores, os operadores dos mercados financeiros e os administradores de fundos, as fronteiras, as regulamentações, as políticas nacionais e mesmo comunitárias não são mais determinantes. ... Nesse universo não há mestre nem guia e ninguém, em nenhum momento pode pretender ter uma visão de conjunto. ...o mundo está nas mãos de alguns rapazes de 35 anos que ninguém controla." (editorial do Jornal da Tarde de 23/02/1995, p. 4).

Poucos dias depois que o artigo foi publicado, um desses rapazes, Nicholas Leeson, não com 35, mas com apenas 28 anos, manipulou irresponsavelmente alguns bilhões de dólares em derivativos na bolsa de valores de Singapura e levou à falência o tradicional banco Barings do Reino Unido, com 233 anos de idade.

A globalização e o pragmatismo criam instâncias muito particulares na tomada de decisões.

"Com a mundialização do 'planeta teleguiado' aparece uma inversão de prioridades. Daqui para a frente, são as perspectivas e também as exigências do campo econômico mundial que determinam as orientações ... os ritmos e o nível da atividade econômica local, enquanto que sempre foi o contrário, mesmo no capitalismo clássico." (Chesneaux, 1995, p. 64).

Com as tendências, reais ou imaginárias, dominando o imenso fluxo interplanetário de capital e tecnologia, torna-se evidente a importância, a densidade e a complexidade do poder concentrado nas mãos dos tecnoburocratas detentores das senhas de acesso às redes de informação. Essas redes garantem a manipulação do sucesso e do fracasso de empresas, governos e instituições. Um dos exemplos mais recentes foi o *hot money*, manipulado pela "ciranda financeira globalizada", que abalou a economia mexicana e assustou modelos similares, como a Argentina e o Brasil, no início de 1995.

A ciência hoje preocupa-se fundamentalmente com o pragmatismo produtivo. Se no passado o conjunto de relatos ou discursos científicos articulava-se em metarrelatos ou metadiscursos capazes de envolverem teoricamente a vida dos homens, da história e da sociedade em geral, o princípio da metalinguagem universal foi substituído por uma pluralidade de sistemas formais e axiomáticos. Para a ciência não mais interessam as discussões metafísicas sobre o que é belo, justo ou verdadeiro. Interessa a eficiência, nova palavra mágica do capitalismo pós-industrial. Mesmo que esta eficiência signifique frias estatísticas tecnoburocráticas interligadas por redes típicas das páginas e telas de ficção científica. Nem 1984 e nem *Admirável Mundo Novo* chegaram a prever algumas das características tecnológicas e sociológicas do final da década de 1990. Quem imaginaria a seguinte situação?:

"Imagine que todas as Bolsas de Valores do mundo são uma única Bolsa: na idade da globalização as apostas são feitas simultaneamente em quatro continentes, on-line, e os jogadores sequer têm uma idéia precisa do dinheiro envolvido - simplesmente alguns trilhões de dólares. Plugado a computadores em tempo real, um operador de Roma pode ver na hora os resultados de decisões tomadas segundos antes por outros investidores." (Folha de São Paulo, 19/03/1995, p. 1-14).

O sistema nunca pára. Tomando-se por base a hora oficial de Brasília, tem-se a rodada diária das bolsas através do planeta, em um incessante ritmo de abrir e fechar, à medida em que a terra gira sobre seu eixo. À medida em que algumas bolsas estão encerrando suas atividades outras estão abrindo e analisando as tendências consolidadas minutos antes nos outros continentes.

Assim, com base na hora de Brasília, as bolsas funcionam nos seguintes horários:

Tóquio	- das 20:30h. às 03:00h.
Hong Kong	- das 22:30h. às 04:45h.
Singapura	- das 22:00h. às 06:00h.
Londres	- das 05:00h. às 13:30h.
São Paulo	- das 09:30h. às 16:30h.
Buenos Aires	- das 12:00h. às 16:00h.
New York	- das 11:30h. às 18:00h.
México	- das 11:30h. às 18:00h.

Até mesmo tradicionais defensores do neoliberalismo, como Roberto Campos, preocupam-se com as novidades internacionais. Para ele

"... o mundo, em termos políticos, se tornou menos perigoso e mais complexo. Em termos econômicos, o mundo se tornou mais eficiente e mais perigoso por três fenômenos concorrentes: a inter-relação dos mercados, a revolução da telemática e a globalização financeira." (Folha de São Paulo, 19/03/1995, p. 1-19).

Os mesmos sistemas e articulações que envolvem o mercado financeiro envolvem igualmente o turismo. A gigantesca teia de telecomunicações que serve ao mega-mercado internacional atende também aos fluxos turísticos em todo o planeta. A globalização é hoje sentida mais intensamente em alguns setores vitais como as telecomunicações, as finanças, o comércio e o turismo. As implicações políticas, culturais e sociais servem como câmaras de ressonância onde alguns dos problemas são amplificados ou distorcidos. Analisemos como alguns desses problemas interferem no turismo.

III - A NOVA ORDEM INTERNACIONAL E O TURISMO

1. Introdução

Uma série de mudanças nas condições mundiais a partir do final da segunda guerra mundial, mais especificamente a partir de 1950, ofereceu condições para a proliferação do turismo de massa. Um outro conjunto de alterações estruturais a partir da década de 1980 permitiu que se repensasse sobre a importância do lazer e do prazer nas sociedades agora denominadas pós-industriais. A condição pós-moderna induz a um estilo de vida marcado pelo conforto e pelo bem estar. A alta tecnologia e o poderio econômico dos países desenvolvidos possibilitaram investimentos para grandes projetos nas áreas de lazer e turismo, levando a grandes parcelas da população novas opções de lazer e entretenimento. Essas novas opções surgem em um contexto caracterizado por novas exigências de opções de lazer por parte das pessoas e pela atuação das grandes empresas que criam novas necessidades e possibilidades para as massas, inclusive o consumo insuflado de emoções fortes. As novas tecnologias a serviço do entretenimento transformaram profundamente a estrutura de viagens, espetáculos, artes e esportes. Por exemplo, a turnê mundial dos Rolling Stones intitulada *Voodoo Lounge* (1995) custou, apenas de produção, mais de um milhão de dólares por apresentação. Inovações como telões de altíssima definição foram desenvolvidos; bonecos de vinte metros de altura, infláveis em cinco ou seis segundos, exigiram gases especiais e bombas poderosas; e todo um sistema de luzes coloridas móveis e passagem de som exigiu soluções de engenharia eletrônica bastante sofisticadas. O resultado foi um espetáculo aclamado pela mídia mundial, apesar da idade média (50 anos) dos participantes do conjunto, que gerou milhões de dólares em lucros.

A mesma infra-estrutura complexa envolve esportes como a Fórmula 1, onde o show é cuidadosamente editado eletronicamente pela mídia. Há micro-câmeras instaladas a bordo dos carros que se deslocam a quase trezentos quilômetros por hora, câmeras a bordo de helicópteros sobrevoando a pista, câmeras que deslizam por eixos dentro dos boxes e câmeras instaladas em pontos estratégicos (e perigosos) da pista que operam automaticamente. Essa teia envia os sinais para ilhas de edição que montam o espetáculo, inserem *replays* ou vinhetas de publicidade e transmitem o conjunto para uma rede de satélites e cabos que cobrem o planeta. Centenas de milhões de pessoas viram a morte de Ayrton Senna *on line*, ou seja, no tempo real em que ele se despedaçava contra o muro da curva de Tamburello e depois era retirado para a pista em uma inútil tentativa de salvamento. Toda a tecnologia não impediu duas ironias no acidente. A primeira é que ele foi causado por um defeito mecânico banal: a quebra da barra de direção. A segunda foi que a sofisticada vigilância eletrônica não impediu o engodo da "morte" no hospital. Utilizando-se de sutilezas da linguagem técnica da medicina, o piloto foi levado de helicóptero para o centro hospitalar com "vida" cerebral garantida por aparelhos, apesar de

o cérebro ter sido destruído no acidente ao ser trespassado por uma peça da suspensão que antes perfurou o capacete do piloto. Mas os interesses econômicos e comerciais envolvidos não permitem a morte no palco, o que causaria a interdição imediata da pista e a interrupção da corrida. Assim como casas noturnas e hotéis, sempre que podem, acertam a morte eventual de seus clientes a caminho ou na entrada do hospital, perante o mundo inteiro ligado *on line*, Senna e Ratzemberger (o piloto austríaco que morreu dois dias antes em um acidente semelhante nos treinos) saíram “vivos” da pista e morreram cercados de tudo o que a tecnologia pode oferecer, seja nos carros de Fórmula 1, na mídia ou nos hospitais exclusivos para os que podem pagar suas altas tarifas. Foram mortes milionárias, glamorosas e expostas às massas sedentas de excitação. O circo da Fórmula 1 faz jus ao seu título que lembra o *Circus Maximus Romanus*, ao entregar cadáveres heróicos aos telespectadores mundiais.

Ficou claro que os interesses milionários estão acima da vida de um homem, seja ele quem for. Vários editoriais da imprensa mundial deixaram claro que os pilotos ganham muito porque sabem o risco que correm e a glória efêmera que os cerca pode acabar, de repente, em um acidente espetacular. O público paga, as empresas lucram, o espetáculo continua. O ano de 1994 foi emocionante para a Fórmula 1 e aqueles que pensavam que os acidentes tinham comprometido a competição enganaram-se, pois 1995 reencontrou os patrocinadores, construtores e o público novamente dispostos a investir em mais emoção nas pistas. Afinal, cada vez que um piloto se acidenta, um jogador de futebol é afastado por *doping* ou um esportista famoso pega AIDS as primeiras páginas dos jornais, as capas das revistas e as chamadas da TV e dos rádios ganham alguns pontos de audiência. A pós-modernidade é irônica, sarcástica e colocou ao nível global as primitivas sensações selvagens humanas antigamente expostas na catarse coletiva nos teatros gregos ou nos estádios romanos. Hoje a tragédia rende muito mais e é acessível a todos os lares, sempre com o patrocínio de um produto delicioso ou fantástico.

Todas as mudanças mundiais influenciaram não apenas o mundo dos espetáculos e das artes, mas também outros setores da vida humana, inclusive o setor de viagens. As mesmas tecnologias que transformaram o mundo dos shows e do entretenimento de massa possibilitam contatar fisicamente, de uma forma mais fácil, rápida e econômica, diversos pontos do planeta.

Os avanços adquiridos pela engenharia militar durante a Segunda Guerra Mundial foram repassados para a engenharia aeronáutica, naval e de transportes terrestres comerciais. Os computadores permitiram a informatização de reservas nos meios de transportes e hospedagem,¹ da administração e controle de processos burocráticos e financeiros, além das redes de telecomunicações. As redes foram interligando uma série de serviços e operações e posteriormente as próprias redes se interligaram. Isso se tornou possível graças a algumas conquistas científicas reunidas: digitalização de dados, interfaces entre computadores e as redes telefônicas, fibras óticas,

centrais telefônicas digitais para codificação e decodificação dos dados, rede de computadores ligada às redes telefônicas para processar a massa de dados e programas capazes de gerenciar operações. Com essas facilidades toda uma malha mundial de serviços pode ser oferecida a simples comandos em terminais: aluguel de carros, passagens em vários tipos de transportes, reservas em diversos meios de hospedagem, informações sobre legislação, restrições alfandegárias e financeiras, exigências médicas, tours especializados, facilidades em convenções, esportes e uma infinidade de outros serviços.

Para se ter uma idéia do tamanho e complexidade desses sistemas, pode-se avaliar o SABRE, da American Airlines, o mais poderoso sistema de controle de reservas da América do Norte com ramificações no mundo todo. Os dados sobre esses sistemas estarão permanentemente desatualizados, pois o crescimento do sistema é tão rápido que a cada semana as informações sobre seu tamanho e complexidade tornam-se obsoletas, conforme informam os dados expostos a seguir:

1993	1995
58 países	74 países
21.000 agências de viagens	29.000 localidades
102.000 terminais	143.000 terminais (CTRs)
170 cadeias hoteleiras	201 cadeias hoteleiras
27.000 hotéis	31.800 hotéis
57 locadoras de carros	53 locadoras de carros
360 companhias aéreas filiadas	725 companhias aéreas filiadas
36 operadoras turísticas	38 operadoras turísticas
	8 cias. de cruzeiros marítimos
	6 cias. de "ferry boat"
	5 ferrovias
	1 bilhão de tarifas no sistema

Obs. A American Airlines é uma das maiores empresas aéreas do mundo. Em 18/01/1996 possuía 648 aviões e a American Eagle, subsidiária da American Airlines, possuía 264 aviões em 15/12/1995. Em um dia médio a empresa recebe mais de 343.000 solicitações de reservas, manipula mais de 304.000 peças de bagagem, serve mais de 196.000 refeições e *snacks*, realiza mais de 2.200 vôos e transporta cerca de 270 animais.

Fonte: folhetos institucionais da American Airlines (1993) e AMR Corporation Corporate Facts, fevereiro 1996

O *hardware* possui 12 unidades centrais de processamento *on line*, uma unidade de reserva, capacidade total de armazenamento de 1.875 gigabytes, capacidade de 2.768 mensagens por segundo nas horas de pico e produz cerca de 111.000.000 de mensagens por dia. O sistema possui 2.300 funcionários no mundo e investe US\$ 120 milhões por ano em novos equipamentos e

operações. Esse é apenas um dos sistemas mundiais (existe mais de uma dezena) que atendem às reservas das companhias aéreas e seus parceiros comerciais.

Além do suporte tecnológico e das mudanças econômicas, o que contribuiu para o aumento das viagens e turismo foi a valorização que as pessoas começaram a fazer das atividades ligadas ao lazer, às artes, à cultura e aos contatos internacionais. Nesse contexto viajar tornou-se mais fácil, até mesmo um hábito, uma prática social ou profissional comum ou até mesmo uma necessidade para vários segmentos sociais (esportistas, empresários, religiosos, políticos, acadêmicos e profissionais do setor de turismo e hotelaria).

Com um público receptivo e ansioso por novas experiências, o empresariado internacional dedicou-se a promover as novas possibilidades de viagens. Numa sociedade caracterizada pelo setor de serviços, o turismo encontrou um campo fértil para crescer e se tornar mais variado e sofisticado. Os textos de Baudrillard (*América*), de Nelson Briss Peixoto (*América e Cenários em Ruínas*) ou de Umberto Eco (*Viagem na Inutilidade Cotidiana*), por exemplo, se utilizam fartamente do panorama das viagens para mostrar o estranho mundo pós-industrial.

Os novos cenários formados por *resorts*, *shopping centers*, terminais de aeroportos, vias expressas e centros de lazer convivem no cotidiano das grandes cidades pós-modernas. Bilhões de dólares são investidos e retornam aos seus investidores após terem sido gastos por milhões de pessoas no mundo inteiro em busca de novas sensações. Mas nada disso ocorre sem profundas rupturas no cotidiano dessas pessoas e sem que se tenha sempre em mente a única certeza possível: as mudanças ainda estão se processando rápida e, muitas vezes, violentamente por todo o planeta.

2. As novas tecnologias e as mudanças políticas globais

"Nunca houve tanto fim. Com o colapso do socialismo real, toda uma época desaparece e vira história. A constelação familiar de uma sociedade mundial da época pós-guerra está se dissolvendo diante dos nossos olhos com rapidez incrível. Acabou-se toda uma era; mas levanta-se a premente pergunta: que era foi essa?" (Kurz, 1992, p. 16)

A questão das novas tecnologias é tão importante que afetou até mesmo a política internacional. O desaparecimento do socialismo real no mundo, com a desintegração da ex-União Soviética e o colapso dos regimes socialistas do leste europeu, tem tudo a ver com as novas tecnologias. O processo foi tão rápido que a implosão do socialismo real apanhou de surpresa a maioria dos analistas internacionais. Em 1989 Peter Drucker escrevia:

"Todavia, dentro de vinte e cinco anos - possivelmente antes - o império (soviético) terá desaparecido, ou, no mínimo, sido transformado..." (Drucker, 1991, p. 25).

Paul Kennedy, em 1988, escreveu em seu livro *Ascensão e queda das grandes potências* que apesar das dificuldades enfrentadas ...

"...não significa que a União Soviética esteja à beira do colapso ... já que nada existe no caráter ou na tradição do Estado russo para sugerir que ele poderia aceitar de bom grado o declínio imperial." (Kennedy, 1989, p. 487).

Pouco tempo depois, no dia 21 de dezembro de 1991 ocorreu o colapso: reunidos em Alma Ata (capital do Casaquistão), líderes de doze repúblicas soviéticas (a Estônia, a Letônia e a Lituânia não participaram) decidiram extinguir a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e formar a Comunidade dos Estados Independentes. Apesar da surpresa, pode-se delimitar algumas causas para os acontecimentos. Nem Paul Kennedy ou Peter Drucker, ou até mesmo os analistas econômicos e políticos da mídia internacional ou marxistas, previram o colapso quase imediato do bloco socialista no final da década de 1980.

A ex-União Soviética tinha problemas crônicos com a sua agricultura e com o abastecimento de produtos básicos para a população, mas Paul Kennedy já apontava uma outra causa bastante delicada:

"Igualmente problemático é o desafio de áreas de alta tecnologia como a robótica, os supercomputadores, lasers, óptica, telecomunicações e assim por diante nas quais a URSS corre o perigo de atrasar-se cada vez mais em relação ao Ocidente." (Kennedy, 1989, p. 469).

Na maior parte das análises sobre a queda da ex-URSS aparece a questão da escassez e racionamento de bens de consumo, queda geral da qualidade de vida, problemas na agricultura e principalmente o atraso, em relação aos países capitalistas, em tecnologia de ponta e produtividade industrial (Olic, 1993, p. 69/70). Estes dois últimos fatores estão diretamente

relacionados com as novas tecnologias. O fato é tão marcante que mereceu destaque até de analistas marxistas:

"Houve, porém, uma mudança dramática quando os surtos ocidentais de racionalização e produtividade, nos anos 70 e 80, acelerados pela microeletrônica, fizeram com que o socialismo real perdesse no mercado mundial o chão debaixo dos pés, uma vez que, devido a sua estrutura interna estagnante, não podia acompanhar esses surtos." (Kurz, 1992, p. 132).

A ex-União Soviética encalhou no paradigma da segunda revolução industrial onde a disciplina, a inflexibilidade e até mesmo artefatos toscos e rudes poderiam gerar poder e riquezas. Com esforços titânicos os soviéticos construíram uma grande economia na década de 1980, mas que adianta saber que *"ela produzia 80% mais aço, duas vezes mais ferrogusa e cinco vezes mais tratores que os EUA, quando não se adaptara a uma economia que dependia de silício e software?"* (Hobsbawn, 1995, p. 244). Hobsbawn analisa as transformações tecnológicas ocorridas ao longo do século e especialmente nas últimas décadas, como tendo sido um "terremoto tecnológico" que transformou o mundo em três vertentes principais:

a) mudou profundamente a vida cotidiana do mundo rico e até mesmo do mundo pobre, na medida em que possibilitou novos artefatos eletrodomésticos, gerou a "revolução verde" na agricultura e calçou agricultores por todo o mundo com sandálias de plástico, sem contar os tecidos e materiais sintéticos, os avanços na área de saúde e higiene e nas mudanças nos hábitos de consumo;

b) quanto mais complexa se tornava a tecnologia, mais complexo também o caminho que ia da descoberta à produção, e mais dispendioso o processo de criação, ou seja, de "pesquisa e desenvolvimento". A ciência e a tecnologia tornam-se objetivos privilegiados e passíveis de altos investimentos por arte dos governos, especialmente no setor de armas convencionais e nucleares e os complexos sistemas de vigilância e defesa;

c) as novas tecnologias eram em geral de capital intensivo, exigindo pouca mão-de-obra (a não ser por cientistas ou técnicos altamente qualificados), substituíam parte da mão-de-obra empregada e careciam apenas de consumidores ávidos de seus produtos e serviços inovadores. (Hobsbawn, 1995, p. 260/262).

Conectado a essas transformações estruturais envolvendo a pesquisa científica surgiu, ao nível da produção, o fator globalizante que também significou problemas para o antigo bloco soviético. Enquanto a Europa Ocidental, o Japão e a América do Norte anglo-saxônica trocavam seus melhores desenvolvimentos, espalhavam linhas de montagem por vários continentes potencializando a produtividade, disseminavam tecnologias tornadas obsoletas, mas que ainda eram bastante sofisticadas para os mercados em desenvolvimento e lucravam pelo mundo todo, o bloco socialista permutava problemas sociais, controlava desesperadamente o desenvolvimento

científico para manter o controle social e político e entrava em um anacronismo tecnológico fatal.

A questão do socialismo é bastante delicada. O seu colapso apanhou de surpresa a mídia e vários analistas internacionais, mas a "crônica de sua morte anunciada" perdurou durante décadas, reproduzida por aqueles que, seja por conservadorismo ou interesse no avanço do ideário democrático, possuíam um forte senso crítico em relação à ex-URSS ou queriam a sua destruição. Os problemas com os países socialistas surgiram com a própria revolução que os gerou. O ideário do socialismo científico formou-se no século 19, principalmente com as obras de Karl Marx e Frederic Engels. Tomou a forma de uma proposta concreta de governo revolucionário com a vitória da revolução de outubro de 1917 na Rússia e após o governo mais aberto de Lênin transfigurou-se num totalitarismo estatal controlado por Stálin, um regime de terror que, segundo a filósofa Annah Arendt, em nada diferia dos métodos utilizados pela Alemanha nazista.

A história do pensamento político-filosófico após a II Guerra Mundial foi marcada por ataques aos vários modelos do espectro político, inclusive aos socialistas. Os críticos do regime socialista expressaram-se de formas diversas. O romancista George Orwell (*1984* e *A revolução dos bichos*) usou da ficção literária para denunciar os métodos cruéis e tirânicos de Stálin. O alemão-oriental Rudolf Bahro, já na década de 1970, criticava o "socialismo real" como sendo uma degeneração das propostas socialistas de Marx. O francês Roger Garaudy apontava como um problema a socialização exclusiva da economia, enquanto a política e a cultura continuavam nas mãos parciais e casuístas de uma cúpula burocrático-partidária que se perpetuava no poder locupletando-se de suas benesses.

A Guerra Fria, surgida logo após o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), dividiu o planeta em duas grandes áreas rivais: o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos e o bloco socialista, liderado pela ex-União Soviética. Essa polarização catalisou apoios de simpatizantes das esquerdas mundiais e antipatizantes dos norte-americanos em direção ao bloco socialista que crescia cada vez mais com a inserção de países do leste europeu em sua área de influência e com a entrada da China, Mongólia e áreas do sudeste asiático, a partir de 1949, em sua área de influência política e ideológica. Com isso a ex-URSS atingia o *status* de defensora dos povos pobres e oprimidos pelo imperialismo capitalista burguês internacional e mentora das lutas de libertação nacional, especialmente no terceiro mundo. A criação do estado de Israel, apoiado pelos Estados Unidos, gerou problemas com os árabes palestinos que, por sua vez, buscaram e conseguiram ajuda com os soviéticos. A radicalização da Guerra Fria provocou uma divisão maniqueísta e manteve um cenário de bi-polaridade mundial que justificava investimentos bilionários em armas convencionais e nucleares, intromissões nas políticas internas dos outros países ligados a suas áreas de influência e uma sistemática guerra ideológica de propaganda. Foi a época em que surgiram regimes autoritários no Ocidente,

especialmente na América Latina (décadas de 1960/1970), tolerados pelos Estados Unidos, enquanto mal menor em face do “perigo vermelho” representado pelos comunistas. A filosofia política mundial apresentava-se como marxista ou simpatizante, engajada na libertação dos povos. Um desses exemplos é o existencialismo de Sartre e suas lutas por Cuba, Argélia ou Vietnam. A Filosofia da Libertação, surgida na América Latina, também preocupava-se com a transformação dialética da sociedade ao invés da criticada reflexão sobre a problemática do ser humano. O auge dessa efervescência intelectual aconteceu no final da década de 1960, quando a insatisfação dos jovens de várias partes do mundo explodiu em rebeliões mais ou menos amplas, ligadas direta ou indiretamente ao movimento operário, e contesta os paradigmas sociais, os modelos econômicos e as ações repressivas, tanto do ocidente capitalista quanto do bloco socialista. Os gritos de liberdade se apoiavam nas críticas ao racionalismo que originou os estados autoritários e as sociedades conservadoras, hipócritas ou cínicas. A filosofia vigente foi contestada por outros modelos, inclusive místicos, baseados em antigas experiências religiosas medievais, no orientalismo ou no uso de drogas enquanto agentes para se abrir “as portas da percepção” (Huxley, 1981).

A filosofia tornou-se um anátema para as classes dominantes e um campo permitido apenas onde houvesse autoridades que garantissem a ortodoxia e a correta hermenêutica do pensamento humano, seja o marxismo ou os modelos tecnoburocráticos. Na Argentina (década de 1970), os livros de filosofia e de ciências humanas em geral foram banidos das livrarias. No Brasil, na mesma época, filosofia e sociologia foram retirados dos currículos escolares. Pelos países subdesenvolvidos em geral surgiam teóricos revolucionários pregando adaptações locais do pensamento marxista (maoísmo, castrismo, leninismo, stalinismo, teologia da libertação, titoísmo) e pelo mundo afora o marxismo sofria re-interpretações variadas, desde Rosa de Luxemburgo até Luckács, passando pela Escola de Frankfurt e pelo socialismo libertário.

Na década de 1980, surgiram dois novos pólos de influência no mundo, tornando a bi-polaridade entre Estados Unidos e ex-União Soviética cada vez mais relativa. Um desses novos pólos foi o Japão que liderou, no leste da Ásia, os novos países industrializados (Coréia do Sul, Cingapura, Hong Kong e Taiwan) que, ao lado do crescimento econômico da China, colocaram a bacia ocidental do Pacífico como um competidor importante no mercado mundial. Outro pólo emergente foi o antigo Mercado Comum Europeu, posteriormente denominado Comunidade Econômica Européia e, a partir de 01/01/1994, União Européia. A Europa unificada passou a disputar parcelas consideráveis dos negócios internacionais retomando, de certa forma, uma posição que detinha antes da Segunda Guerra. Essas alterações políticas foram acompanhadas por uma rearticulação da economia, das manifestações artísticas e culturais e dos paradigmas filosóficos (quando surge o debate sobre a pós-modernidade, conforme já analisado no capítulo II). Ao mesmo tempo aparecem as novas tecnologias, tornando o quadro ainda mais dinâmico, apesar de instável e preocupante.

O socialismo real foi profundamente influenciado pela nova configuração internacional e as mudanças não passaram sem ser notadas pelos pensadores críticos do regime, mesmo aqueles marxistas simpatizantes do modelo socialista como os já citados Bahro e Garaudy.

Vários outros filósofos e cientistas políticos alertaram sobre as consequências das mudanças e as necessidades de adaptação que os governos socialistas teriam que promover se não quisessem soçobrar perante os novos desafios e os velhos defeitos. É inegável que o socialismo ofereceu justiça social para os trabalhadores, saúde, educação formal, habitação, garantia de emprego e transporte às massas, em suma, condições minimamente dignas de sobrevivência e até mesmo de acesso a condições melhores de vida. A outra face da revolução foi o cerceamento das liberdades individuais sob o pretexto de se defender dos contra-revolucionários, a proliferação das polícias estatais onipresentes, o surgimento do totalitarismo, da insatisfação e apatia, do mau gerenciamento, da má administração dos recursos nacionais. O Estado tornou-se um organismo maligno; uma estrutura hipertrofiada, burocrática, ineficiente e corrupta (Gorbatchev, 1987). A situação começou a ficar visivelmente insustentável.

"A crise do socialismo é indissociável do declínio de uma cultura, de um modo de produção e de relações de classe, e do surgimento de um outro modo de conhecimento, de outras formas de investimento e de poder econômico, de uma outra imagem do homem. ... Há muito tempo o movimento socialista deixou de existir: seus dois componentes - a defesa dos trabalhadores e a gestão do Estado - afastaram-se um do outro". (Touraine, 1988, pág. 22 e 24)

Não se pense que a filosofia política do bloco socialista foi a única vítima das transformações do final do século 20. Os tremores se estenderam por todo o planeta.

"A opinião pública não fala mais a linguagem da política: inquietude e desconfiança a governam, e não mais a cólera e a esperança. ... A associação das reivindicações mais urgentes e dos projetos mais vastos está sendo substituída pelo seu oposto, lutas defensivas de um lado, espiritualismo barato de outro e, por todos os lados, desencanto e medo. O tempo do socialismo passou; é preciso voltar à ação prática." (Touraine, 1988, pág. 16,17 e 21).

Os estados socialistas teriam traído as esperanças neles depositadas pelas massas empobrecidas de várias partes do mundo e os sintomas eram evidentes: uma comparação dos índices de desenvolvimento econômico entre os países da Europa Ocidental e Oriental mostrava claramente que a primeira possuía um nível mais alto de qualidade de vida; o massacre feito pela China, em 1989, contra milhares de estudantes na Praça da Paz Celestial perante câmeras de todo o mundo deixou antever a face cruel e repressora do regime, cujo pragmatismo justificava qualquer ato violento para inibir movimentos de crítica; a feroz ditadura na Romênia, incluindo-se aí as mortes das crianças recém-nascidas nas maternidades, causadas por AIDS (uma doença burguesa que não ocorreria em um país socialista, segundo os dirigentes) e a devastação ambiental por todo o país; o isolamento esquizofrênico da Albânia. Tudo isso

criou condições para a formulação de objeções sérias ao sistema. Ao mesmo tempo a ascensão de novas formas culturais gerou novas práticas administrativas e gerenciais nas empresas privadas e públicas no mundo. Novas formas de ação política apareceram e com isso o socialismo deixou de ser um conjunto monolítico de idéias, forças políticas e interesses sociais, para se tornar um simples programa de governo. A passagem da sociedade industrial, com arquitetura taylorista-fordista de produção caracterizada pela divisão autoritária do trabalho, para a sociedade pós-industrial, com acumulação flexível de capital, ocupa um espaço importante na análise política de autores como Alain Touraine. Na sociedade industrial, tanto o capitalismo quanto o socialismo geram linhas de produção monótonas, autoritárias e alienantes.

"Essa (nova) sociedade aparece a partir do momento em que se aplica o investimento na própria capacidade de produção, para além da organização do trabalho. O essencial não é a recorrência à ciência e à tecnologia, mas a intervenção global sobre um sistema de produção através do cálculo da análise de um sistema e não mais de uma atividade e, portanto, a passagem do conhecimento técnico ao tratamento da informação. A sociedade pós-industrial concebe as interdependências entre os elementos de um sistema e transforma este conhecimento em programas e roteiros. Ela não se preocupa mais em estabelecer uma relação direta entre uma causa e seu efeito, isolados de seu contexto, mas em definir os encaminhamentos que permitem conduzir um conjunto complexo a determinado estado. É por isso que a sociedade pós-industrial deve ser chamada de sociedade programada." (Touraine, 1988, p. 101).

Touraine e Lyotard coincidem seus pontos de vista em relação às novas concepções de educação que vão surgindo sob este também novo paradigma pós-industrial:

"... a escola não precede mais a vida profissional, ela se mescla a ela: reciclagem, formação permanente dos adultos, universidade de terceira idade." (Touraine, 1988, p. 171).

No final da década de 1980, essas concepções podiam ter um caráter de inovação, mas, atualmente, basta ler as justificativas da Universidade da terceira Idade da PUCCAMP, experiência realizada com sucesso em 1992, ou os textos do Centro de Educação em Turismo e Hotelaria (CET) do SENAC de São Paulo, para perceber que são conceitos já incorporados ao discurso dessas instituições e colocados em prática. O mesmo acontece com os cursos de especialização ou extensão universitária oferecidos por universidades estaduais como a UNICAMP e a USP. Um exemplo evidente da nova mentalidade pode ser observado na Proposta de Trabalho da Unidade de 1996, documento oficial de planejamento do CET (SENAC São Paulo), na parte que se refere ao Grande Hotel São Pedro, uma das três divisões do CET (São Paulo, Campos de Jordão e Águas de São Pedro, sendo que nestas duas últimas cidades estão os Hotéis-Escolas):

"Com a implantação dos programas de nível superior a partir de 1995, sua área educacional começa a deslanchar rumo a auto-sustentabilidade, decorrente do princípio de que essa unidade trabalha com duas unidades estratégicas de negócio, a comercial (o hotel) e a educacional, ainda que, do ponto de vista conceitual e operacional, essa composição se traduza

num avançado processo educacional onde se aprende fazendo, vivenciando na prática aquilo que as escolas tradicionais diferenciavam entre teoria e prática." (PTU, CET-SENAC 1996).

As mesmas preocupações podem ser encontradas no discurso da *Commission of the European Communities* (CEC) em seu folheto onde o nome já demonstra claramente o paradigma escolhido: *Educação e Treinamento*. Os programas oferecidos a adultos e jovens referem-se continuamente a parcerias com setores empresariais e universidades ou colégios em vários países da União Européia. (CEC, 1991). Como último exemplo pode ser citada a organização britânica *Speedwing Training*, subsidiária da British Airways. Seus folhetos não têm longos discursos sobre paradigmas educacionais ou conceitos pedagógicos. Vão direto ao assunto a que se referem, ou seja, treinamento intensivo para profissionais experientes ou iniciantes no setor de turismo. As brochuras reúnem informações sobre os cursos dirigidos a pessoal de linha de frente, gerências médias ou gerências executivas e compreendem técnicas de administração, administração do tempo, técnicas de entrevistas e negociação, como atender telefones, vendas, tarifas aéreas, geografia para turismo, procedimentos para vendas em aviação comercial etc. Os cursos são direcionados para procedimentos técnicos em viagens de prazer ou de negócios, são oferecidos na própria *Speedwing* em Londres ou *in company* (a domicílio dos interessados) e de curta duração (de um a quatro dias). São caros, com os preços variando de 165 a 410 libras esterlinas e o mercado paga o preço exigido pois precisa de profissionais capacitados.

Esses conceitos formam as bases de uma nova sociedade baseada em uma obsessão por eficiência e produtividade, em competição internacional por um mercado globalizado. Este novo tempo é caracterizado pelas micro-políticas, únicas instâncias da sociedade civil onde o individualismo permanente se esvanece para dar lugar a uma articulação temporária de pessoas em torno a questões práticas e imediatas, circunscritas a um tempo e espaço determinados. Os partidos políticos e os sindicatos se esvaziam em várias partes do mundo, as grandes questões políticas perdem o sentido e as massas se aquietam. Se observarmos a prática política atual veremos que a população se reúne para defender a ecologia, protestar contra testes nucleares, exigir pesquisas para a cura da AIDS, denunciar preconceitos ou defender direitos conquistados (aborto, benefícios sociais, emprego etc.). Em 1992 centenas de milhares de jovens brasileiros - os caras pintadas - se reuniram nas ruas das principais cidades do país para exigir a renúncia do então presidente Fernando Collor. Após o processo que provocou a renúncia, os jovens voltaram aos seus afazeres (*surf*, *vídeo-game*, estudos, trabalho, festas, moto, namoro etc.). O então presidente da União Nacional dos Estudantes, Lindeberg Farias, vitorioso nas ruas, ganhou alguns quilos e um mandato de deputado federal. Foi um caso de micro-política. Quem estava nas ruas não era uma multidão coesa com uma ideologia clara e monolítica. Eram tribos, grupos multifacetados com um objetivo comum de alcance limitado.

"A tensão das heterogeneidades, umas com as outras, tenderia a assegurar a solidez do conjunto. Modos de vida estranhos uns aos outros podem engendrar, em pontilhado, uma forma de viver em comum." (Maffesoli, 1987, p. 142).

Foi-se o tempo das revoluções românticas. As imagens idealizadas da revolução pertenciam apenas à mídia ou à nostalgia romântica: as massas miseráveis guiadas pela deusa da liberdade nos becos de uma Paris revolucionária; o povo correndo pelas ruas de paralelepípedos, iluminadas por luzes difusas, empunhando bandeiras vermelhas e cantando a Internacional; ou então, em outra versão, a população triunfando, de armas em punho, derrotando o tirano bancado pelo imperialismo e levando ao poder seu líder religioso naximo, regressando do exílio na Europa para dar felicidade ao seu povo. Essas imagens viraram lendas e mitos, banalizadas pelo cinema ou pelas retrospectivas históricas das Tvs. As revoluções defrontaram-se com os problemas profundos do cotidiano da reconstrução nacional. As guerras hoje são travadas entre etnias, entre religiões ou tribos, de uma forma selvagem e que desafia as lógicas racionais da geopolítica. Longe dos cenários em conflito, as pessoas querem viver sua vida em paz e de seu jeito. Querem ter e exercer sua individualidade, ajuntando-se conforme seus interesses contingentes. Entre a massificação e as "tribos" urbanas as pessoas se expressam de forma policultural. Cada um com sua música, sua droga, sua diversão preferida, seu bairro e seu time.

No final de 1989 um evento internacional mostrou como as mudanças podem ser bruscas e extensas. Vários países da Europa Oriental tinham regimes políticos conhecidos pelo nome de "socialismo real", em contraposição ao socialismo científico estruturado por Karl Marx e Frederich Engels. O socialismo real era na verdade um regime com fortes conotações estalinistas, ou seja, um totalitarismo na prática política cotidiana. Desde o final da Segunda Guerra Mundial esses países estavam na órbita de influência da ex-União Soviética e foram submetidos a um isolamento do mundo ocidental garantido por uma eficiente censura estatal e restrição de viagens para países capitalistas. Mesmo com todos estes cuidados governamentais as populações do "bloco socialista" foram se cansando do modo de vida regido por um único partido, das restrições de mercado e da repressão e começaram a exigir reformas. Segundo Roger Garaudy, o socialismo havia conseguido socializar apenas a economia, restando a cultura e a política nas mãos de alguns poucos guardiões fiéis ligados aos Partidos Comunistas e o povo exigia participar de todo o processo. As críticas ao centralismo soviético, aos privilégios das castas do Partido Comunista no poder e seu conservadorismo eram reproduzidas por vários teóricos preocupados com os rumos da revolução e com o desenvolvimento do mundo capitalista (Bahro, 1980).

Existiam as conquistas sociais e garantias de emprego e necessidades básicas, mas a contrapartida era custosa e exigia grandes sacrifícios como falta de liberdade de expressão, de locomoção, de informação e a impossibilidade da escolha de produtos para consumo, além da corrupção, centralismo burocrático e ineficiência administrativa. Tudo isso contribuiu para um descontentamento

em massa e provocou, no estágio final do longo processo de necrose político-econômica (1989/1990), combates sangrentos na Albânia e Romênia, além da guerra civil na ex-Iugoslávia. Com a abertura das fronteiras entre Europa Ocidental e Europa Oriental, as massas correram aos países capitalistas em busca de lojas, supermercados e *shopping centers* para comprar o que quisessem. Foi uma embriaguez de consumo que durou semanas. A ressaca está durando anos, porque a realidade não se restringia aos belos edifícios espelhados dos bancos e às lojas repletas de produtos variados, coloridos e... caros. A realidade dos países socialistas remetia às décadas de 1940 e 1950. As indústrias poluíam o meio ambiente, os campos eram literalmente bucólicos, as estradas ruins, o povo educado e ordeiro e os produtos muito baratos, mas somente quando estavam disponíveis para consumo (**Revista Condé Nast Traveler, fevereiro de 1990, pág. 110**). Os contrastes eram evidentes e a convivência entre duas realidades tão discrepantes está tendo um preço muito alto, especialmente para os antigos países socialistas, agora vivendo a febre da reestruturação e da tentativa de se alinhar aos mercados ocidentais.

A época das festas da derrubada do Muro de Berlim cedeu lugar aos canteiros de obras em Berlim Oriental para tentar inserir a "outra Alemanha" na prosperidade capitalista, uma miragem que não se concretiza para milhares de alemães frustrados e preocupados com o futuro. Para comemorar a queda do Muro, vários países europeus ocidentais patrocinaram a produção da ópera-rock *The Wall* do conjunto inglês Pink Floyd. O show foi montado no dia 21 de julho de 1990, dirigido por Roger Walters e custou 7,5 milhões de dólares. Mais de 150 mil pessoas se aglomeraram em um dos trechos mais largos da faixa de segurança que separava os dois muros em volta de Berlim Ocidental em um local repleto de simbolismos históricos. Foi aí que Adolf Hitler mandou excavar seu famoso *bunker*, nos arredores de onde se ergue a magnífica porta de Bradenburgo com a Deusa da Vitória, marco arquitetônico do militarismo prussiano, pontos próximos ao Reichstag, incendiado por ordem de Hitler em 1936. Em meio a esses símbolos foi contada a história de um roqueiro que lembra as antigas repressões e frustrações que o marcaram desde a infância. Na história ele imagina derrubar um imenso muro feito ao longo dos anos, representando cada tijolo uma proibição, uma interdição ou repressão imposta. A imagem deste muro - *The Wall* - se funde à lembrança do Muro que separava as duas partes de Berlim. O show termina com a derrubada de um muro feito por 2.500 tijolos de espuma não inflamável, em meio aos holofotes, helicópteros e canhões. É a escatologia da democracia liberal resgatando os povos oprimidos pela ditadura socialista. Isso é muito irônico pois a ópera-rock foi feita, em sua versão original, para denunciar as repressões do sistema educacional britânico e a ânsia por guerras de conquista, igualmente preconizadas pelo imperialismo inglês contra os povos mais pobres do planeta.

As pessoas que assistiram ao show são as mesmas que subiram na porta de Bradenburgo para comemorar o fim do Muro; as mesmas que pediram o fim do socialismo nas ruas e as mesmas que um dia fizeram a revolução. As massas são imprevisíveis, elas mantêm uma misteriosa e cruel independência

ante ao “Leviatan” estatal. Jean Baudrillard analisa o comportamento popular e suas contradições:

“Ninguém pode dizer que representa a maioria silenciosa, e esta é sua vingança (...). Fim das esperanças revolucionárias, a massa não é um lugar de negatividade nem de explosão, é um lugar de absorção e de implosão. (...) Sempre se acreditou que são os meios de comunicação que enredam as massas - o que é a própria ideologia do mass-media. Preservou-se o segredo da manipulação numa semiologia que combate os mass-media. Mas se esqueceu, nesta lógica ingênua da comunicação, que as massas são um meio muito mais forte que todos os meios de comunicação, que são elas que os enredam e os absorvem - ou que pelo menos não há nenhuma prioridade de um sobre o outro.” (Baudrillard, 1985, p. 23, 38 e 39)

Essa visão sobre a configuração política das massas preocupa a filosofia política. O povo se reúne para ver um show de rock, um espetáculo esportivo ou para reclamar algo específico. Só isso. Numa sociedade contemporânea, todas as outras manifestações populares são ambíguas. Quanto à política, Baudrillard julga que os representantes do povo são ingênuos ao pensarem que a eleição é uma aprovação e um consenso popular. Para o povo, a classe política, seja ela qual for, permanece para sempre sua inimiga fundamental. O espetáculo mais gratificante continua sendo a derrota das classes políticas. A delicada situação conjuntural cria problemas para as esquerdas. As massas

“... querem um bom espetáculo, não um bom programa. Elas não querem ser representadas. Querem assistir a uma representação.” (Baudrillard, 1985, p. 60).

A esquerda sente então receio de tomar o poder. Os Partidos Comunistas na Europa Ocidental ficaram diante do dilema de cair no reformismo total para preservar seu eleitorado e, no outro lado do extremo, assumir suas responsabilidades revolucionárias e serem varridas do cenário. Baudrillard afirma que:

“Os comunistas jamais tiveram, talvez, o gosto pelo poder. Enquanto comunistas, somente possuíram, desde sempre, o gosto pelo domínio burocrático - o que é muito diferente do exercício político e deste constitui apenas a caricatura (...) Os comunistas acreditam em tudo, querem acreditar em tudo, essa é a profunda moralidade deles. É o que lhes retira toda a capacidade política. Não crêem no horizonte sagrado das aparências - a revolução é o que quer por fim às aparências - mas somente no horizonte limitado da realidade. Acreditam na administração das coisas e numa revolução empírica que acompanharia o curso do tempo. Escapa-lhes tudo o que signifique desregramento, imoralidade, simulação e sedução, componentes do político. É o que os torna tolos, presos à sua burocracia mental. Mais concretamente, é o que os torna ineptos para conservar o poder.” (Baudrillard, 1985, p.15 ,16 e 21).

Qualquer semelhança com o texto da peça *As mãos sujas*, de Sartre, não é mera coincidência, especialmente quando ele se refere à “inteligência” revolucionária:

“És um destruidor. Detestas os homens, porque te detestas a ti próprio; a tua pureza parece-se com a morte. e a revolução com que sonhas não é a nossa: tu não queres modificar o mundo, queres é acabar com ele. Vocês são todos iguais. Um intelectual nunca é um verdadeiro revolucionário; pode dar, quando muito, em assassino.” (Sartre, 1965, p. 131).

O desempenho dos partidos comunistas na Europa Ocidental na década de 1980 revelou tais dificuldades e problemas. As teorias socialistas foram fundamentais na compreensão das injustiças sociais e explorações feitas pelas classes dominantes às massas trabalhadoras. Porém, a implantação do socialismo em vários países e as características dos partidos comunistas em outros lugares, onde foram oposição durante anos e posteriormente conquistaram parcelas de poder, parecem sugerir que se deva pensar seriamente sobre a análise feita por Baudrillard.

Totalmente diferente foi o desempenho da social-democracia e do eurocomunismo. Afastando-se do extremismo, esses partidos envolveram-se no jogo complexo do poder e souberam barganhar propostas e diretrizes políticas com seus adversários. Esses jogos, feitos em sociedades avançadas, onde o bem estar da população alcança níveis bastante satisfatórios, são importantes para que se preserve ao mínimo a política. As características das sociedades pós-modernas ou pós-industriais define de uma forma diferente a parceria política. Não quer dizer que antigos fantasmas não ressurgam para assombrar as conquistas recentes. É sem dúvida preocupante ver os *skinheads* travestirem-se de neonazistas, observar a xenofobia francesa e alemã, ver as "tribos" perambularem pelas ruas amassando latas de cerveja e espancando transeuntes ou as gangues de motoqueiros baderneiros em busca de nada. Em suma, se na cultura existe um sentimento de mal estar, este sentimento persiste na política. As saídas "honrosas" para as crises sociais tornaram-se desacreditadas com o passar das décadas e se hoje há um vácuo cultural há, por outro lado, um vácuo político. Não há um vácuo de poder. O poder está concentrado em empresas e estados fortes que fornecem, razoavelmente, as diretrizes sociais. Não que esses grupos tenham o controle total da sociedade ou saibam definir precisamente suas diretrizes com parâmetros claros. Simplesmente apostam em alguns rumos, através de riscos probabilisticamente calculados. Enquanto os filósofos, sociólogos, antropólogos e historiadores, intelectuais e artistas, em geral, discutem os rumos da sociedade, grandes grupos empresariais e tecnoburocratas partem em várias direções buscando decodificar os desejos e necessidades das massas que perambulam pelas ruas iluminadas e coloridas das cidades pós-industriais para melhor estabelecerem sua teia de influências e perpetuarem-se no poder.

Todos esses fatos envolvem as relações entre economia, cultura e política. É importante analisar as conseqüências das transformações internacionais na formação do contexto mundial na medida em que, em uma sociedade cada vez mais globalizada, esse contexto influencia os blocos econômicos emergentes e consolidados a partir de meados da década de 1990. As novas configurações internacionais refletem-se em todo o mundo, mas estas tendências não surgiram nos anos que antecederam os anos 1990, datando de meados do século 20. Desde a década de 1950 a Europa ocidental tenta uma unificação econômica. As tentativas desembocaram na União Européia, uma organização articulada lenta e cuidadosamente que, no dia primeiro de janeiro

de 1994 originou um bloco de doze países com grandes facilidades entre seus países-membros abrangendo tarifas comerciais e alfandegárias, transportes de cargas e passageiros, padronização de regulamentos industriais, agrícolas e comerciais. A meta, prevista no polêmico tratado de Maastricht, é atingir até o final do século uma paridade econômico-financeira única (o ECU - *European Currency Unity*) e a completa eliminação de barreiras alfandegárias para mercadorias, serviços, finanças e turismo. Atualmente a União Européia compõe-se de quinze países: Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Itália, França, Alemanha, Reino Unido, Irlanda, Dinamarca, Portugal, Espanha, Grécia, Suécia, Finlândia e Áustria.

O dia primeiro de janeiro de 1994 assistiu à consolidação de outro magabloco econômico, o NAFTA (*North America Free Trade Agreement*) entre Canadá, Estados Unidos e México. No mesmo ano foi realizada outra importante conferência internacional na Indonésia sobre a Asia-Pacífico, seguindo-se à primeira grande conferência realizada em 1993 em Seattle, Estados Unidos, para articular os acordos que estão lentamente formando a APEC (*Asia Pacific Economic Cooperation*). Os países envolvidos são os Estados Unidos, Canadá, México, Chile, Japão, China, Hong Kong, Singapura, Coréia do Sul, Taiwan, Indonésia, Filipinas, Tailândia, Malásia, Austrália, Nova Zelândia e Brunei. As metas do NAFTA e da APEC são as mesmas da União Européia, com a diferença de que a "unificação" está em fase inicial na APEC e em fase mais avançada no NAFTA, porém ainda bastante longe da articulação obtida na Europa Ocidental com a União Européia.

O MERCOSUL, formalizado em primeiro de janeiro de 1995 entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, igualmente procura uma crescente unificação entre seus países membros, tentando eliminar cada vez mais barreiras alfandegárias e fiscais e regulamentações padronizadas entre seus países-membros. A evolução do Mercosul tende a ser lenta mas constante, na medida em que seus países membros têm tarefas complexas como a estabilização democrática; reformas políticas, econômicas e sociais; luta contra a corrupção; projetos de desenvolvimento e diminuição dos índices de miséria e injustiça social.

A Comunidade dos Estados Independentes (CEI) continua em seu difícil processo de estabilização, submetida às forças centrífugas nacionalistas que podem dilacerar vários de seus estados e provocar convulsões violentas em toda a região chegando a afetar a Europa Oriental e vastas porções da Ásia. Os 12 estados que compõem a CEI (Rússia, Bielorrússia, Ucrânia, Moldova, Geórgia, Armênia, Azerbaijão, Casaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Quirguistão e Tadjiquistão) ainda têm muito o que avançar política e economicamente antes de serem considerados um bloco estável e com um desenvolvimento harmonioso. As diferenças culturais e religiosas, as rivalidades étnicas, os ódios seculares entre nacionalismos exacerbados e as disparidades ao nível de desenvolvimento dificultam a desejada interação entre os países

que, de 1922 a 1991, compuseram a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A República Popular da China é outro agrupamento de territórios atados pelo socialismo real que apresenta dificuldades na manutenção de sua "ordem" interna. As mudanças econômicas provocadas pela criação das Zonas Econômicas Especiais (ZEE) na costa leste criaram um "socialismo de mercado", na verdade um sistema político-econômico híbrido entre o capitalismo e socialismo, com direito à propriedade privada, importação de alta tecnologia do ocidente, investimentos estrangeiros e bolsas de valores. Tudo temperado pelo centralismo, burocracia, corrupção e controle do estado socialista. Esse "socialismo de mercado" está provocando um abismo entre as possibilidades de desenvolvimento e poder aquisitivo dos chineses das ZEE e dos que ainda estão na imensa zona rural do país. A chegada de mais de dez milhões de turistas internacionais por ano ajudou a provocar transformações cada vez mais profundas na sociedade chinesa, especialmente na porção oriental onde as mudanças são mais amplas e intensas.

O mundo de meados da década de 1990 apresenta-se bastante diferente do mundo da década de 1980 e até mesmo daquele vivido no início dos anos 90. A hegemonia econômica dos Estados Unidos é contrabalançada pela emergência da União Européia e da APEC. O socialismo real deixou apenas três representantes que ainda sobreviviam em 1996: Cuba, Coréia do Norte e China. O chamado complexo bélico-industrial que dominou a vida planetária nos anos da Guerra Fria viu seu trilionário orçamento ser diminuído, apesar dos conflitos locais que proliferaram após 1991. A diminuição dos gastos com armamentos devido ao final da Guerra Fria e a abertura de novos destinos possíveis na Europa Oriental, China e ex-URSS, provocaram um aquecimento da demanda turística internacional e dos investimentos no setor. As novas tecnologias e a emergência dos megablocos econômicos no mundo todo também contribuiu para impulsionar os fluxos comerciais, financeiros e turísticos em níveis cada vez mais densos. A pressão do turismo internacional provoca por sua vez novos investimentos em transportes, construção de alojamentos, instalação de equipamentos de lazer e organização de maiores e complexos destinos turísticos, seja para negócios, atividades acadêmicas, políticas ou de prazer.

3. O turismo no final do século XX

O desenvolvimento e a disseminação das novas tecnologias, a globalização dos mercados internacionais e a abertura de novas áreas ao turismo (Europa Oriental, China, sudeste asiático etc.) foram alavancando o crescimento do turismo em grande parte do planeta. Já foram dados exemplos sobre as características do turismo na década de 1990 (capítulo 1.3 - A importância do turismo no mundo atual), e esses exemplos serão agora ampliados, em necessidade de melhor se entender o contexto dos serviços ao

nível global, com base em dados retirados da publicação *World Travel and Tourism Review* de 1991:

- as chegadas de passageiros internacionais cresceram 42% entre 1980 e 1989;
- durante a década de 1980 o setor de cruzeiros marítimos cresceu 11% ao ano no número de passageiros transportados;
- o turismo continuará a ser um fator econômico extremamente relevante nos anos 1990, com um crescimento real de 4,3% a 5,0% ao ano;
- o mercado de viajantes europeus com idade entre 55 e 65 anos deverá crescer até 100 milhões de passageiros até o ano 2000;
- o setor de turismo em quase todo o mundo está se posicionando coletivamente em busca de posturas unificadas quanto a políticas fiscais, taxas, formação de capital e outras diretrizes importantes;
- mais de 700.000 períodos de *timesharing*, no valor de US\$ 5,25 bilhões, foram comprados por 500.000 pessoas entre 1989 e 1990;
- se o setor de viagens e turismo continuar a crescer aos mesmos índices nos anos 1990 do que na década anterior, cerca de 38 a 55 milhões de empregos serão criados no mundo;
- até o ano 2002 o número de passageiros transportados pelas companhias aéreas deverá crescer 2,3 vezes, em relação a passageiros/quilômetro voado, comparado com o ano de 1990;
- a epidemia de AIDS e eventuais atentados terroristas (como a onda terrorista de 1986 que afetou as viagens rumo à Europa Ocidental) podem prejudicar o turismo;
- o crescimento da pobreza pode gerar nas megacidades do mundo todo zonas de instabilidade, afetando o turismo negativamente;
- o sistema de teleconferências pode reduzir o mercado de viagens a negócios em até 25% até o final da década. Por outro lado, a informatização nos locais de trabalho pode resultar em maiores períodos de lazer, o que pode incrementar os setores de entretenimento nos anos 1990 (conforme foi demonstrado no primeiro capítulo);
- a Europa Ocidental deve manter a sua posição privilegiada no turismo internacional, mas a região do leste asiático e do Pacífico deverá apresentar os maiores índices de crescimento turístico nos próximos anos.

Sendo uma das mais prestigiosas publicações sobre turismo no mundo, tendo como editores os pesquisadores Donald E. Hawkins e J. R. Brent Ritchie, o texto não deixou muitas dúvidas ao analisar as tendências do turismo para a década de 1990. Foram apontadas 11 grandes tendências relativas aos seguintes pontos relacionados ao turismo:

- meio ambiente;
- democratização de vários países até então dominados por governos autoritários;
- a nova ordem mundial;
- globalização;
- aumento dos valores regionais;
- estabilização demográfica nos países ricos e crescimento da população dos países mais pobres;
- impacto das novas tecnologias;
- investimentos financeiros;
- ética e turismo sustentável;
- problema de doenças e violência;
- formação de mão de obra especializada.

Foram destacadas as seguintes tendências que servirão de fundamentação para análises neste trabalho:

"1. A ordem econômica mundial está mudando. A constante pressão para que virtualmente todos os países adaptem sua economia às forças do mercado está reestruturando os padrões de geração de riquezas. Esta reestruturação, por sua vez, se refletirá inevitavelmente nos padrões globais de viagens.

2. A globalização das estruturas políticas e econômicas iniciou um movimento em direção a 'um mundo sem fronteiras'. Nesse novo mundo, as corporações transnacionais emergem como uma força poderosa.

3. Talvez como uma reação à globalização e padronização, há um crescente reconhecimento do valor da diversidade cultural. Paralelamente, esse reconhecimento é um desejo consciente para manter e divulgar as características únicas e especiais de grupos étnicos e sociedades receptivas como um princípio fundamental de promover e desenvolver o turismo.

4. A tecnologia continua a ter um impacto na experiência de viajar e aqueles ligados a esse setor. Em particular, o elo e a interdependência entre telecomunicações, transporte e turismo tem recebido atenção crescente.

5. As atuais preocupações relacionadas com a disponibilidade da força de trabalho apropriada para desenvolver e operar o crescente sistema de turismo global deverão se intensificar na próxima década. Uma ampla variedade de políticas econômicas e sociais - particularmente aquelas que causam impacto no planejamento demográfico, educação, imigração, relações trabalhistas e uso da tecnologia - vão influenciar consideravelmente a habilidade do setor turístico em todos os países para encontrar os recursos humanos necessários." (World Travel and Tourism Review, 1991, p. X).

Pode-se perceber claramente que as tendências apontadas no início de 1991 foram sendo comprovadas conforme vários estudos desenvolvidos ao longo da década de 1990. A nova ordem econômica mundial acentuou-se nos últimos anos e o fenômeno da globalização afeta cada vez mais todos os países, seja os desenvolvidos e/ou os em desenvolvimento. Muitos estudos surgiram na tentativa de buscar explicações teóricas à problemática atual e pode-se apontar dois grupos significantes: autores ligados à área de administração e análises internacionais (John Naisbitt, Alvin Toffler, Paul Kennedy e Peter Drucker); filósofos preocupados com a contemporaneidade (Jean-François Lyotard, Félix Guattari, Jean Baudrillard, Armand Mattelart, Gilles Deleuze e Eduardo Subirats). Ambos os grupos realizaram extensas análises sobre cultura internacionalizada e culturas locais. No Brasil a inquietação com as tendências do turismo nacional igualmente preocupam o mundo acadêmico. A professora Doris van de Meene Ruschmann, da Escola de Artes e Comunicações da Universidade de São Paulo, defendeu uma tese de doutorado em 1994 intitulada *Tendências para o desenvolvimento do turismo no Brasil até o ano 2002*. Olga Tulik, também da Universidade de São Paulo, é outra especialista que se preocupa com os efeitos da globalização do turismo (Tulik, 1994, p. 7). Inúmeros artigos têm sido escritos sobre as novas tecnologias e uma das discussões mais profundas no mundo contemporâneo é sobre formação profissional e as condições de trabalho e desemprego nas sociedades pós-industriais.

O relatório sobre turismo no Mercosul elaborado pela *World Travel & Tourism Council* de 1995, distribuído no Brasil pela American Express, conclui nesses termos:

"Viagens e Turismo deverão gerar US\$ 3,4 trilhões em resultados brutos, em 1995, no mundo inteiro. Durante a próxima década, Viagens e Turismo deverão crescer 5,5% em termos reais, alcançando US\$ 7,2 trilhões em resultados brutos. No Mercosul, V & T deverão gerar US\$ 70,99 bilhões em resultado bruto no ano de 1995. Durante a próxima década V & T devem crescer 6% anualmente em termos reais (no Mercosul), alcançando US\$ 156,4 bilhões de resultados brutos. Mundialmente a participação do Mercosul na indústria mundial de V & T deverá crescer de 2,1% para 2,2%. Se por um lado as previsões de crescimento do setor são positivas, a posição relativa de V & T no Mercosul, globalmente, é um alerta que aponta para a necessidade de maior atenção para o setor."

Outros pontos importantes relacionados ao desenvolvimento do turismo são a consciência preservacionista e a análise das motivações das viagens. O surgimento da consciência de que a exploração irracional, baseada exclusivamente nas regras de mercado, pode trazer prejuízos irreparáveis a

regiões geográficas e a grupos humanos, tornou possível a criação de legislações específicas, regulamentações turísticas e serviços de fiscalização em vários países do mundo. Ao lado da repressão institucional surgiram programas de prevenção e educação para os turistas e os próprios nativos das localidades turísticas, onde se aprende que o conservacionismo é necessário para garantir a permanente exploração sustentável do local. Aprendeu-se também que a preservação ambiental e cultural não são incompatíveis com o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida de seus habitantes.

Finalmente há a compreensão de que, nas sociedades contemporâneas, muitas pessoas querem viajar. Por quê?

"Nos nossos dias a necessidade de viajar é sobretudo criada pela sociedade e marcada pelo cotidiano. As pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho ou onde moram. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente do fardo das condições normais de trabalho, de moradia e de lazer, a fim de estar em condições de retomá-lo quando regressarem." (Krippendorf, 1989, p.17).

Esse é um aspecto eminentemente negativo das viagens, mas há outras motivações mais positivas: o sonho criado pela perspectiva de uma viagem, o prazer exótico proporcionado pelas terras distantes ou a meta hedonista de se encontrar "paraísos perdidos" por entre os caminhos burocratizados e já familiares do mundo moderno. Pode ser também que a motivação seja simplesmente entrar nos fluxos do turismo de massa e passar alguns dias em grandes centros de compras, de cultura e de agitação existencial.

Os motivos para viajar são muito variados e bastante influenciados pela cultura e imaginário do turista. Uma pesquisa sobre os motivos que levaram as pessoas a viajar durante as férias de verão, na Europa em 1985, obteve os seguintes resultados:

- "64% - desligar, relaxar
- 57% - fugir da vida diária, mudar de ambiente
- 51% - recuperar as forças
- 40% - estar em contato com a natureza
- 40% - ter tempo um para o outro (casais)
- 35% - comer bem
- 34% - descansar, não fazer nada
- 34% - ir ao encontro do sol e fugir do mau tempo
- 31% - fazer o que quiser, ser livre
- 30% - fugir do ambiente poluído
- 29% - ter distrações, brincar, divertir-se
- 29% - adquirir novas impressões, conhecer outras coisas
- 26% - ver outros países, ver o mundo
- 26% - possibilidade de se mexer, atividades esportivas
- 23% - ser tratado com deferência, ter prazer
- 22% - travar conhecimentos
- 19% - cuidar da saúde, prevenir doenças
- 19% - rever parentes, conhecidos e amigos
- 18% - cuidar da beleza, bronzear-se
- 18% - alargar os horizontes, buscar educação e saber
- 17% - restaurar as lembranças
- 16% - dedicar-se a interesses particulares
- 15% - pegar muita estrada pela frente, mexer-se
- 13% - voltar-se para dentro, ter tempo para pensar
- 12% - fazer esportes, colocar-se em forma
- 9% - aventurar-se, assumir riscos
- 7% - dedicar-se aos hobbies.

Como a pessoa podia mencionar vários motivos, o total do porcentual atinge mais de 100 respostas múltiplas." (Krippendorf, 1989, p. 49/50)

Naturalmente há outros motivos para se viajar como negócios, congressos, compras, eventos religiosos, eventos esportivos, encontros culturais etc., que não aparecem na pesquisa relatada por Krippendorf devido ao fato de ela ter sido realizada no verão europeu, um período privilegiado de viagens de férias. Existe, também, o chamado "turismo de segmentos" que reúne grupos com características bem definidas e que têm grande importância no *trade* turístico nacional e internacional:

- faixa etária: crianças, adolescentes, jovens, idosos;
- grupos étnicos e culturais;
- segmentos profissionais: congressos, seminários, convenções, feiras;
- festivais: música, teatro, cinema;
- esportes: corridas automobilísticas, Copa do Mundo, Olimpíadas, Olimpíadas de Inverno etc.

O universo potencial do turismo não foi ampliado apenas em termos numéricos, mas diversificou-se e complexificou-se com o surgimento de novos tipos de viagens e turismo para os diversos segmentos sociais das sociedades pós-industriais cada vez mais pluralistas.

4. Para que, afinal, se faz turismo?

É importante analisar por que as pessoas, nessas sociedades pós-industriais, querem viajar, cada uma a seu jeito. Mas o processo de se deslocar no espaço torna-se algo dúbio e contraditório. A viagem é uma tarefa ao mesmo tempo prazerosa e, de certa forma, decepcionante. O turista é uma pessoa adorada em alguns lugares, odiada em outras ou ainda recebida com indiferença. Qual é o problema com esse personagem tão estereotipado ou invejado?

Em primeiro lugar, existe uma certa resistência à palavra "turista". No filme *O céu que nos protege*, de Bernardo Bertolucci, um casal e um amigo vão à África passar uma temporada. Ao desembarcar alguém pergunta se os três são turistas europeus buscando o exótico ou a aventura no continente africano, ao que imediatamente respondem: "*Não somos turistas, somos viajantes. Turista é aquele que chega com um roteiro pré-determinado e com data certa de voltar. Viajante é o que chega sem saber ao certo aonde vai, quanto tempo vai ficar e se mistura com as populações locais, bebendo seus costumes e vivendo suas vidas.*" Uma resposta parecida por um grupo de Campinas (SP) denominado Clube dos Viajólogos. Eles não se intitulam turistas, mas, sim, pessoas que se deslocam pelo mundo em busca de cultura. Chegam até a fazer um mapeamento dos lugares visitados (países, acidentes geográficos, regiões historicamente importantes) ou dos eventos presenciados (furacões, convulsões sociais, copas do mundo etc.). Cada local ou evento vale um número de pontos que somados garantem ao "viajólogo" um título honorífico com uma denominação similar à acadêmica (graduado, mestre, doutor, pós-doutor). Talvez seja uma tentativa de voltar aos séculos XVIII e XIX quando a burguesia fazia viagens de "formação" intelectual para conhecer novos mercados, novas possibilidades de administração e de investimentos, sem contar as culturas a serem visitadas. É uma brincadeira entre gente viajada, mas reflete claramente o sentimento de repulsa que as denominadas "elites" têm em relação ao turismo massificado. Aliás algumas "pérolas" foram selecionadas para atentar contra a prática das viagens (citações in Scliar, 1995):

"Não é porque o asno viaja que ele volta um corcel." (Thomas Fuller).

"Quem viajou muito pode mentir com impunidade." (Provérbio francês).

"Viajo para voltar." (William Trevor).

"Os homens viajam, as mulheres têm amantes." (André Malraux).

"Viajar é uma coisa brutal. Perdemos o conforto do lar e dos amigos, somos forçados a confiar em estranhos. Estamos sempre fora de nosso equilíbrio." (César Pavese).

"A viagem é uma sequência de desaparecimentos irreparáveis." (Paul Nizan).

"Viajar não é necessário, a não ser para as imaginações limitadas." (Colette).

"Três coisas enfraquecem o ser humano: o medo, o pecado, a viagem." (Talmude).

"Viajou. Conheceu a melancolia dos navios, o aturdimento das paisagens e das ruínas, a amargura das simpatias interrompidas. Voltou." (Gustave Flaubert).

"Partir é morrer um pouco." (E. Haraucourt).

"Quando se conclui que a vida é inútil, apela-se para o suicídio ou para as viagens." (Edward Dahlberg).

E após tanto mau humor, para terminar:

"O mundo é um livro. Quem não viaja, só lê uma página." (Santo Agostinho).

Algumas pessoas condenam os "pacotes" em ônibus ou vôos superlotados, que se aglomeram em hotéis de classe duvidosa e despejam os turistas para comprar em *free shops*, *shopping* ou *outlets*. É um horror em termos culturais, antropológicos e sociais? Provavelmente sim, mas como se pode conseguir viagens econômicas para as classes médias mundiais sem cair nesse tipo de atividade economicamente lucrativa para as empresas e degradante para os turistas?

A questão precisa ser melhor formulada. É verdade que não é nada agradável se acotovelar em aeroportos ou rodoviárias lotadas, dormir em aviões apertados e se aborrecer em Porto Seguro, Salvador, Fortaleza, Miami, Paris ou Veneza na alta estação. Mas se fosse tão horrível assim, tudo isso não estaria superlotado no verão e nos feriados prolongados. As pessoas não apenas gostam mas querem - precisam - sair por uns dias, antes de enlouquecerem completamente no seu dia-a-dia. Evidentemente todos gostariam de pegar um helicóptero e voar por sobre o congestionamento de trânsito, chegar no aeroporto e embarcar imediatamente em seu jato privado ou na primeira classe da Swissair ou Singapore Airlines (as melhores do mundo) aterrissando em um hotel luxuoso ou nas mais exclusivas ilhas do Havaí, Mediterrâneo ou Caribe. Pode-se incluir nesses desejos os cruzeiros em iates fantásticos para no

máximo vinte pessoas. A conta do sonho vai ficar em algumas dezenas ou centenas de milhares de dólares ... por pessoa. Um pacote para Porto Seguro por uma semana custa quatrocentos dólares e um pacote de duas semanas na Flórida sai por dois mil dólares por pessoa. Por isso que, na hora de viajar, até mesmo as classes médias mais lúcidas e intelectualmente preparadas acabam contendo seu asco e se misturam à promiscuidade turística dominante, com raras exceções dos que se dirigem, por exemplo, para a Europa no inverno (é barato) ou podem sair em períodos distantes das férias e temporadas, inclusive em roteiros exóticos em locais semi-inexplorados.

Tudo isso é turismo? Sim, tudo é turismo mas visto como um fenômeno social complexo e diversificado, podendo ser classificado por diferentes critérios. Os livros teóricos específicos dividem a atividade em turismo emissor ou receptor; nacional ou internacional; de minorias ou de massas; de classes privilegiadas, média ou popular; excursionista (menos de 24 horas), de fim de semana, férias ou tempo indeterminado; regular ou esporádico; individual ou coletivo, aéreo, rodoviário, ferroviário ou marítimo; étnico, por faixa etária ou objetivos específicos (Barretto, 1995, p. 17-19). Sem contar o turismo ecológico, cultural, familiar, religioso, de eventos, de negócios, esportivo ou para fins profissionais (visitas técnicas, estágios etc.).

Portanto, a distinção entre "turistas" e "viajantes" é bastante subjetiva e polêmica. Não há nenhum problema em assumir a condição de turista. Inclusive é preciso atentar para o fato de que não é todo mundo que adora viajar. O personagem do livro *O turista acidental*, de Anne Tyler, é Macon Leary, um especialista em guias de viagens para pessoas que odeiam viajar (assim como ele). Seu trabalho é viajar uma vez por ano em busca de hotéis, restaurantes e transportadores que não atormentem os pobres viajantes e indicar seus telefones, endereços e características em seu famoso guia chamado "O turista acidental". O personagem de um conto de Rubem Fonseca explica que "viajar é conhecer idiotas que falam outra língua" (Fonseca, 1995, p. 35), ou seja, uma atividade completamente descartável, conforme já visto nos pensamentos citados anteriormente.

O problema não é como denominar aqueles que gostam ou precisam se deslocar pelo mundo, mas, sim analisar aqueles que querem sair por um tempo de sua vida cotidiana por livre vontade ou desejo. O suíço Jost Krippendorf entrevistou vários turistas europeus que apresentaram seus motivos de maneira inconfundível: *"desligar, relaxar, fugir da vida diária etc."* Do que as pessoas querem fugir? Para onde querem ir? Por que anseiam por uns dias longe de casa e de suas vidas rotineiras? Vale tentar descobrir o que se esconde por trás de tais perguntas e das respostas por elas suscitadas.

"Quando as pessoas me perguntam o que diferencia a Royal Viking Line de outros navios, eu lhes digo que é simplesmente a atenção que nós damos aos detalhes. Detalhes como conhecer o que nossos passageiros precisam antes que eles peçam ou possibilitar aos nossos viajantes os roteiros mais imaginativos, ou ainda possibilitar um jantar aconchegante a alguém,

mesmo que essa pessoa esteja sozinha. Cunard. *We make all the difference.*" (Condé Nast Traveler, novembro de 1994, p. 111).

É o que diz o sonho, o desejo. Aquela sensação do paraíso perdido, da Idade do Ouro da Antiguidade Clássica deixada no passado mítico da humanidade onde não existe o reino da necessidade - tudo está previsto ou pode ser satisfeito imediatamente - é o que muitas vezes se busca nas viagens pelo mundo. As promessas são abundantes, veja-se o exemplo acima retirado da publicidade da Cunard ou este, de um anúncio dos resorts The Ritz-Carlton, dirigido aos casais: "*Se o casamento tem seus altos e baixos, as férias aqui são alguma coisa entre o Monte Everest e a Lua.*" Esse é o lado "positivo" do desejo do turismo. A busca de um lugar onde se possa ser bem tratado, onde a natureza não seja ameaçadora e onde se possa ficar sem a sensação de que a qualquer momento alguém venha despertar o viajante do sonho de perfeição. Mas o sonho de perfeição esconde algo ruim, terrível. É o lado "negativo" do desejo do turismo. O escapismo, a fuga da vida medíocre, tensa, cruel e massificante que a grande maioria das pessoas é obrigada a aguentar como as obrigações sociais, profissionais, religiosas, acadêmicas, éticas, morais, familiares. Não apenas o que nos é proibido, mas também tudo o que nos é impingido goela e consciência abaixo. Proibição e obrigação. A cultura e a civilização segundo o famoso texto de Freud, *O mal estar na cultura*, oprimem os seres humanos e os acorrentam na esteira infundável das grandes repressões e das pequenas concessões, dosadas meticulosamente com horário, local e companhia marcadas. Vivemos em um mundo estranho que cada vez mais se parece com a cidade futurista horrorosa de *Blade Runner*. Cidades que apenas se distanciaram da triste realidade imaginada no filme *Metropolis*, do começo do século 20, simplesmente porque começam a não mais existir grandes fábricas que engolem seus empregados robotizados e alienados, mas mantêm seus espaços impessoais e produtores de solidão asséptica. Os empregos desaparecem e se transformam em trabalhos terceirizados ou contratados ou resta simplesmente um termo novo e elegante: desemprego estrutural. O futuro é incerto e o terror espreita sob formas inéditas para perturbar os seres humanos nesses tempos sombrios, em meio às luzes frias e aos leds coloridos. Aqueles que têm recursos financeiros podem tentar fugir por algum tempo dessa realidade nos seus condomínios fechados, nos carros com vidros elétricos e ar-condicionado ou nas viagens aos confins da Terra. São formas diferentes de isolamento, inclusive nas visitas aos outros países, pois os miseráveis que cercam as vilas turísticas no México, as (os) jovens pobres que se prostituem na Tailândia ou no Brasil, as rotas turísticas fechadas para Split ou Dubrovnik no mar Adriático porque facções estão se matando na ex-Iugoslávia, a molecada viciada nos bairros pobres de Los Angeles ou o ódio secular entre seitas religiosas no norte da Índia não dizem respeito ao turista. São eventos desagradáveis que "acontecem, fazer o quê". Tanto faz ler o livro de Kapucinski (*Imperium*) sobre a desagregação do ex-império soviético, ver na CNN reportagens ao vivo sobre violências no Cáucaso ou estar em Moscou ou Leningrado nos confortáveis hotéis, longe da turba empobrecida pelo colapso do socialismo e pelo capitalismo selvagem. Basta ignorar a movimentação da

máfia nas ruas controlando os passos do turista endinheirado e desfrutar o que a parte do país destinada aos turistas pode oferecer. Conscientes (às vezes) de suas dificuldades particulares reais, porque lhes atingem diretamente em seus próprios países, os turistas em geral ignoram os problemas dos locais visitados, tornando-os virtuais ou, no máximo, experiências que se transformarão em relatos emocionantes para seus amigos quando voltarem para casa: "Saiu na televisão aquele atentado no metrô em Paris, pois é, nos estávamos a apenas três estações dali e foi um horror, as sirenes nas ruas, o nervosismo, tive até que telefonar para mamãe - coitada - para tranquilizá-la. Ela até chorou quando me viu no aeroporto, na chegada." As tragédias viram conversas de *happy hour* ou notas de jornais, para desaparecerem por completo do noticiário depois de dois ou três dias. Se a desgraça causou dezenas ou centenas de mortos pode até ser lembrada por ocasião do aniversário de um ano e basta. A volta ao lugar de residência permanente, no caso, significa geralmente a aterrissagem em um aeroporto lotado, as filas da alfândega e do *free shop*, o engarrafamento de trânsito nas avenidas. Depois vem o ato de abrir a porta de casa constatando que aquela realidade da qual nos afastamos felizes um dia lá está, inteirinha, aguardando nossa volta. Seja essa realidade boa ou ruim, ela se mantém, apesar das memórias de viagem e da tralha carregada como compras ou lembranças. Resta o sonho e o desejo. A vontade não foi totalmente satisfeita. O pacote tem um número limitado de dias ou semanas, o dinheiro acaba, o desejo de realidade vai ultrapassando o desejo de prazer e a volta é inevitável. Infelizmente as delícias passadas fora do cotidiano são passageiras e o mundo dos sonhos e da fantasia acaba no momento em que o avião aterrissa, o trem chega na estação, o ônibus estaciona ou o navio atraca no cais.

O hotel Hyatt Regency Kauai Resort (Havai) usa as seguintes palavras em seu anúncio, para descrever a ilha onde está instalado: paradisíaca, transcendental, além da imaginação. Beira o misticismo. A frase que emoldura a foto da ilha tem uma conotação onírica: *"Talvez possam existir lugares mais bonitos. Mas não na Terra."* Depois do paraíso idealizado resta então apenas Kauai, mas desde que seja no hotel Hyatt. *"O hotel que combina o fascínio deste paraíso insular com os mais sofisticados confortos do mundo civilizado."* O paraíso real tem endereço e método administrativo. Faz parte de uma cadeia de hotéis (uma das melhores do mundo, é verdade), com uma arquitetura e um sistema de serviços muito bem estabelecido. Seu planejamento de exploração turística, dentro e ao redor do complexo hoteleiro, garante a satisfação da maioria das vontades dos hóspedes, não dos desejos. A diferença entre vontade e desejo é importante, pelo menos na fria lógica dos administradores e controladores das tendências internacionais:

"... a vontade deve estar profundamente enraizada, não apenas ser um desejo. (Gostaria de ser mais jovem, gostaria de pesar menos, gostaria de não ser tão preguiçoso, gostaria de ter um milhão de dólares.) Desejos são comichões. Levam à fantasia, que é como o ato de coçar-se, que alivia por pouco tempo, mas, em seguida, provoca um desconforto mais sério. Os desejos têm uma qualidade de faz-de-conta: afinal a Fada Madrinha realiza desejos, não a vontade da pessoa. Reagimos aos desejos com uma fantasia, na qual, num passe de mágica, nos transformamos naquilo que não somos, e que fará com que todos lamentem não

terem sido mais simpáticos conosco antes. Com a vontade porém, não existe magia. Você simplesmente quer alguma coisa com tanta intensidade que vence todos os obstáculos para alcançá-la." (Bridges, 1995, p. 90)

Feita essa diferença burocrática e pragmática entre vontade e desejo, resta constatar que realmente a maior parte das viagens não satisfaz os desejos dos turistas, apenas algumas vontades. O desejo de ser um monge no Tibete ou no vale de Meteora, o desejo de ser um milionário no Caribe ou de ser um aventureiro nas Montanhas Rochosas provavelmente ficará frustrado nos pacotes turísticos "normais". Resta, portanto, a possibilidade de "escapadas" periódicas por um fim de semana, uma ou mais semanas, fazendo de conta que se é outra pessoa. Por exemplo, alguém cruzando num barquinho uma vila marítima pitoresca assaltada por piratas sanguinários em uma noite quente de verão, mesmo que logo depois o barco apareça em um canal que leva à saída da atração "Os piratas do Caribe" na Disney World. Aí já não resta muita vontade ou desejo, apenas a fantasia, o que já significa muita coisa para os seres humanos, afinal pode-se viajar de inúmeras maneiras. Os *video-games* com capacetes de realidade virtual permitem, de forma ainda rudimentar, travar uma batalha entre veículos militares na superfície de um planeta distante. O sonho é implantar lembranças diretamente no cérebro para assistir filmes ou lembrar coisas passadas, no estilo dos livros de Arthur Clarke ou do filme *Total Recall*, com Arnold Shwarznegger (baseado em um livro de ficção científica do genial Philip Dick), onde no final o espectador fica em dúvida se aquilo foi real ou não. O tempo disponível pelos seres humanos pode ser usado de várias formas, não será de se admirar se em alguns anos a navegação eletrônica nos computadores se transformar em viagens virtuais absolutas. Teremos, então, "turismos" reais e virtuais. Alguns teóricos já conceituam o "pós-turismo", uma situação peculiar com três características principais:

a) o pós-turista não precisa deixar sua casa para ver as maravilhas turísticas destinadas às massas, pois ele pode ter um acesso relativo a elas através da TV ou do vídeo. Pode, também, assistir ao mundo através das janelas de seu carro, do ônibus ou do hotel, não se "contaminando" pela realidade local e mantendo-se confortável. Evidentemente o vídeo representa a possibilidade máxima de conforto, edição do que se quer observar e repetição infinita das melhores partes;

b) a tecnologia permite que o mundo seja um palco e que o pós-turista escolha entre inúmeras peças para representar ou assistir de acordo com seus gostos e idiossincrasias e o comércio infinito lhe possibilita possuir cópias ou maquetes de filmes, edifícios, situações e pessoas (como nos museus de cera);

c) o mais importante é que o pós-turista sabe que ele representa e que o turismo é um jogo ou uma série de jogos com textos múltiplos que lhe garantam experiências múltiplas e (quase) sob encomenda. O bar, o restaurante, a festa e as lojas para turistas são cenários; a chegada em uma ilha fantástica e deserta com as trezentas pessoas do vôo fretado ou os dois mil companheiros do cruzeiro marítimo são um arremedo muito bem feito de uma aventura aos mares

bravios. Ele sabe que é um *outsider* olhando situações "naturais" especialmente reduzidas para ele e que a população nativa em geral é tão primitiva quanto um *homeless* de New York. A maior arte do planeta foi devidamente pesteurizada, esterilizada e embalada para um consumo de massa. (Urry, 1990, p. 100).

Com essas ramificações e especializações, o turismo é uma fuga, um escapismo, uma possibilidade cultural ou uma aventura? Depende de cada caso, mas não se pode negar que um grande número de viagens representa uma fuga mal-disfarçada para o turismo e uma possibilidade de lucro para o empresário. Muitas vezes nem a fuga é solicitada. Quem sai de sua cidade e chega em outro país para se internar nos shopping centers, comer *fast food* e ler seu jornal preferido ou assistir a seu canal predileto viajou espacialmente e não saiu de "casa", continua sempre no mesmo lugar existencial e cultural, com uma mesma atitude perante o mundo. Isso tudo já é acessível aos brasileiros. Há canais brasileiros de TV em Montevidéu e Buenos Aires; os mesmos canais de TVs a cabo que existem no Brasil estão no mundo todo (até mesmo nas ilhas do Caribe, do Índico e do Pacífico) e os principais jornais brasileiros podem ser encontrados nos Estados Unidos, no Mercosul e em alguns países da Europa. O resto faz parte da mesma infra-estrutura internacionalizada de serviços que permite guiar o mesmo carro, colocar a mesma gasolina, comer o mesmo sanduíche, usar a mesma roupa e tomar o mesmo sorvete em vários pontos do planeta. Em breve um sistema de satélites vai possibilitar conectar um único número de telefone celular em todo a Terra. Ao viajar, em um futuro próximo, basta carregar seu telefone portátil que a rede internacional "inteligente" identifica a procedência de seu telefone e faz as conexões necessárias, cobra a conta em seu cartão de crédito internacional e recebe suas chamadas. É a ampliação do mesmo sistema que já existe funcionando no Brasil.

Existem muitos motivos para se viajar. Atualmente, nas sociedades contemporâneas, a utilização do tempo livre não obedece a modelos preestabelecidos para todos e nem está necessariamente separada da atividade profissional ou cultural. O tempo livre pode ser utilizado para o "fazer nada", ou o ócio; para o lazer individual ou coletivo, seja ele espontâneo ou programado; para atividades culturais, esportivas ou para o turismo. Muitas vezes as atividades realizadas no "tempo livre" servem, também, para reforçar habilidades ou conhecimentos necessários à atividade profissional. Existiria, então, uma área híbrida entre o lazer ou o turismo "puros" e a atividade profissional. Essa área é cada vez mais explorada, ampliando a possibilidade dos "turismos" ligados a atividades de aperfeiçoamento e atualização profissional. Devido ao enfoque publicitário dirigido às viagens para as áreas quase exclusivas de lazer, as pessoas podem tender a ignorar que há todo um setor de viagens profissionais ou semi-profissionais. São aquelas programadas para realizar reuniões, fechar negócios e contratos, resolver problemas, ministrar cursos ou outros treinamentos profissionais. A viagem não é, portanto, apenas um lazer ou um escapismo, podendo ser um meio de complementar ou realizar um trabalho, por isso justifica-se o termo "turismo de negócios" apesar

de este não ser aceito consensualmente pela comunidade científica brasileira especializada em estudos turísticos.

5. Conclusão

Preparar profissionais para o setor terciário nas sociedades pós-industriais, inclusive no setor específico do turismo, implica compreender os paradigmas dessas sociedades e toda a complexidade e pluralismo existentes para que se possa pensar em estruturar um projeto pedagógico ligado ao ensino de turismo, hotelaria, alimentos e bebidas ou entretenimento em geral. Existe um eixo principal de questões emergentes referentes ao turismo e às sociedades pós-industriais que precisa ser delimitado para que as questões educacionais sejam colocadas em toda sua profundidade.

Uma questão básica é a importância do lazer e do turismo no mundo atual, que foi tratada no **primeiro** capítulo. Outra questão é a crescente importância da informação nas sociedades pós-modernas e as transformações causadas pelas novas tecnologias nessas sociedades, temas tratados no **segundo** capítulo. Outro ponto fundamental refere-se às mudanças políticas provocadas pelas novas tecnologias, como a globalização e a regionalização, a nova ordem internacional e como essas mudanças afetam profundamente o turismo e traçam as tendências de seu futuro desenvolvimento, questões essas abordadas neste **terceiro** capítulo.

Tendo-se delineado um quadro geral das sociedades pós-industriais e como o turismo nelas se insere, pode-se agora, com base em alguns pressupostos básicos, abordar a difícil questão do mercado de trabalho nessas sociedades. Questões como a concentração dos postos de trabalho no setor terciário, desemprego estrutural, paradigmas educacionais e novas tecnologias antecedem qualquer tipo de crítica, proposta ou análise da formação profissional em turismo no Brasil e esses serão os tópicos do **quarto** e do quinto capítulo. A questão do trabalho, no **quinto** capítulo, será delimitada por autores que se preocupam em abordar o tema em pleno contexto da década de 1990. O trabalho torna-se um enigma para o ser humano contemporâneo na medida em que se transfigura mais uma vez perante seus olhos e sentidos. A expressão humana no trabalho é cada vez mais mediada por máquinas e interpretações, símbolos e relações sociais complexas. O **sexto** capítulo tratará da ocupação do espaço pelos seres humanos da era pós-industrial. Como se trabalha, se diverte e se vive nesses espaços e como eles são imaginados e reproduzidos por uma cultura pós-moderna influenciada e angustiada pela crescente complexidade social e cultural. Sómente depois de atravessar todas essas questões que demandam muita reflexão e crítica é que se poderá, a partir do **sétimo** capítulo, começar a elaboração do que seria a educação em uma sociedade permeada de alta tecnologia e como aplicar essa educação na área de serviços, inclusive no turismo.

O quadro, então, começará a ficar mais definido e os traços de uma história da formação profissional em turismo, no mundo e no Brasil, apontarão para uma série de estratégias e táticas educacionais que tentam de várias maneiras garantir os projetos pedagógicos de vários cursos e programas. A filosofia da educação subjacente a esses cursos, projetos e programas nem sempre é evidente. Aliás, nem sempre existe enquanto opção filosófica clara e consistente, como instrumento de conhecimento capaz de apontar caminhos para a educação, a pesquisa e o ensino. O pragmatismo pós-industrial muitas vezes tenta justificar sua ignorância epistemológica e sua mediocridade conceitual por uma pretensa "praticidade" ou urgência em atender aos desejos e necessidades do mercado. Mas tudo isso ficará delineado à medida em que as páginas forem sendo percorridas e as perguntas (talvez nem todas) sendo respondidas.

IV - O MUNDO DO TRABALHO - DO MARXISMO À FLEXIBILIDADE

"Os idosos oscilam entre a valorização comercial que lhes vale esse eufemismo (terceira idade) e o sentimento demarcado pelo obsoleto, ser us agées. As pessoas de meia-idade se sentem na plenitude de suas forças, mas vivem a angústia do desprezo, a obsessão da reciclagem. Os jovens são encorajados pela evolução dos costumes à precocidade sexual, bancária, cultural, mas se atrasam na pós-adolescência na dependência alimentar e moral para com os pais decididos a ser sempre compreensivos." (Chesneaux, 1995, p. 35).

1. Introdução

A problemática envolvendo o trabalho ocupou vários analistas políticos, economistas e cientistas sociais, especialmente depois que a Revolução Industrial, na segunda metade do século 18, transformou profundamente o modo e as relações de produção feudais. O capitalismo industrial foi progressivamente substituindo o capitalismo mercantil ao longo dos séculos 17 e 18. O acúmulo de capital, proporcionado aos países europeus envolvidos na conquista colonial, possibilitou que consideráveis recursos financeiros ficassem disponíveis. Esses recursos, aliados à pesquisa sobre novas tecnologias industriais, financiaram a implantação das primeiras fábricas na Europa, especialmente no Reino Unido. Vários fatores viabilizaram a industrialização pioneira britânica, pois ali havia uma tradição do pensamento empírico e especulativo, desde Roger Bacon a David Hume. A Igreja Anglicana, dissociada da Igreja Católica de Roma, dentro de uma ética "protestante" para utilizar a terminologia de Max Weber, não condenava os lucros gerados pelos grandes investimentos financeiros e professava a necessidade do trabalho como objetivo nobre dos seres humanos. Finalmente, havia um grande capital chegando ao Reino Unido, proveniente das colônias e transportado pelas centenas de navios da poderosa marinha britânica.

Todas essas condições foram reunidas em um país com mão de obra disponível. Na medida em que camponeses eram desalojados de suas terras, graças aos interesses imobiliários dos grandes proprietários e às novas técnicas agrícolas, homens e mulheres ficavam desocupados nos campos e seguiam em direção às cidades. A industrialização nasceu ligada aos setores mecânico (especialmente o desenvolvimento da máquina a vapor) e têxtil, mineração e siderurgia, absorvendo homens, mulheres e crianças que se aglomeravam em miseráveis cômodos subdivididos nos bairros pobres das grandes cidades como Londres, Leeds, Birminham, Sheffield, Manchester e Liverpool. As massas trabalhadoras, até então ocupadas em atividades portuárias, de comércio, construção civil e empregos temporários, se juntaram aos camponeses, expulsos de suas terras, nos galpões das novas fábricas. As condições de trabalho, moradia, alimentação e saúde continuaram extremamente precárias, agravadas pela realidade cruel dos acidentes e mutilações gerados pelas máquinas.

Em tal contexto surgiram, no século 19, movimentos sociais que tentaram estruturar teoricamente uma crítica à industrialização e aos males por ela causados aos trabalhadores das fábricas. Vários teóricos escreveram textos denunciando as péssimas condições de trabalho e o crescimento da pauperização das massas desprovidas de capital e propriedade. Foram textos embasados em pressupostos cristãos, filantrópicos e humanistas em geral, posteriormente denominados de "socialismo utópico" pelos autores marxistas. Em meados do século 19, Karl Marx e seu companheiro Friedrich Engels publicaram uma série de obras analisando o capital e o trabalho. Essas obras são a base do socialismo científico, que mudou profundamente a história das lutas sociais, políticas e as análises sobre a economia capitalista.

2. O trabalho na obra de Karl Marx

No capítulo V do livro I de *O Capital*, Marx faz diversas considerações sobre o trabalho. O trabalho é um processo no qual o homem atua e transforma a natureza. É uma atividade especificamente humana, na medida em que planeja racionalmente sua intervenção no mundo natural, produzindo as culturas e as civilizações. Os elementos mais simples do processo de trabalho são a atividade orientada a um fim proposto, o objeto e os meios desta atividade. A terra é o primeiro e mais importante instrumento de trabalho, pois é ela que fornece os meios básicos de subsistência e possibilita as formas iniciais de transformação da natureza em produtos, serviços e cultura em geral. Neste estágio se situam os primeiros objetos de trabalho do ser humano.

O meio de trabalho seria aquilo que é interposto entre o trabalhador e o objeto de trabalho e que serve de instrumento de ação sobre este objeto. Para se obter as matérias primas, ou seja, no primeiro passo para se conseguir transformar a natureza bruta, já são necessários alguns instrumentos básicos. Por exemplo, a retirada do minério de ferro de seu estado natural, a coleta de frutos, a caça ou a pesca exigem um instrumental específico, algumas ferramentas básicas. Tais meios de trabalho possibilitam conhecer o desenvolvimento alcançado pela força de trabalho humana e as relações sociais sobre as quais se efetua esse trabalho.

Se for considerado o processo geral do trabalho, desde seus resultados, passando pela análise dos produtos, tanto o meio de trabalho como o seu objeto compõem o meio de produção.

As mercadorias produzidas podem ter simplesmente um valor de uso, quando consumidas ou utilizadas para consumo próprio daquele que produziu o produto, ou valor de troca, quando intercambiadas enquanto excedentes por outros produtos necessários ao ser humano mas não produzidos por ele. Um mesmo valor de uso produzido em determinado trabalho, pode constituir meio de produção de um outro trabalho ou de outra etapa do processo laboral. O setor extrativista encontra diretamente na natureza seu objeto de trabalho, enquanto a indústria opera com um objeto que é a matéria prima, ou seja, com

um objeto de trabalho já filtrado pela atividade laboral que é produto igualmente de uma etapa anterior do trabalho. Essa matéria prima pode se constituir em substância principal de um produto ou entrar como material auxiliar em sua composição. O material auxiliar pode ser consumido pelo meio de trabalho, como o carvão no caso da máquina a vapor, o lubrificante na maquinaria mecânica ou o combustível das máquinas da linha de produção (gás, hidroeletricidade, diesel etc.). Pode ser ainda incorporado ou agregado à matéria prima para provocar uma transformação, como o carvão incorporado ao ferro que produz o aço ou a tintura ao tecido. Pode ainda atuar como auxiliar à produção como a iluminação, refrigeração ou calefação do local de trabalho. Na indústria química e petroquímica, a diferença entre material primordial e auxiliar se perde na medida em que os elementos se transformam em substâncias cada vez mais diferenciadas umas das outras, de forma ao mesmo tempo sutil e complexa. Um mesmo produto pode servir de meio de trabalho e de matéria prima em um mesmo processo de produção.

O processo de trabalho, enquanto processo no qual o capitalista consome a força de trabalho, mostra dois fenômenos importantes. O operário trabalha sob controle do capitalista e o produto final deste processo pertence ao mesmo capitalista e não ao seu produtor direto, o operário. Através da compra da força de trabalho, o capitalista incorporou a atividade laboral como insumo vivo aos elementos inanimados que compõem seu produto. Portanto o processo laboral é simplesmente o consumo da mercadoria denominada força de trabalho adquirida e que só se pode consumir se a ela forem adicionados os meios de produção.

Ao final desses processos tem-se a formulação da apropriação do capitalista. Primeiramente, o capitalista produz algo, com um valor de uso, que tenha valor de troca. Isso significa a produção de algo destinado a ser comercializado no mercado, ou seja, uma mercadoria. Mas a mercadoria deverá ter um valor maior do que a soma dos valores das outras mercadorias necessárias para sua produção, dos meios de produção e da força de trabalho. Portanto, não se produziu algo com um valor de uso apenas, mas, sim, uma mercadoria; não apenas algo com um valor, mas, sim, com mais-valia.

No capítulo VI de *O Capital*, Marx analisa o trabalho produtivo como produtor direto da mais-valia. Tal conceito se refere ao capital variável que fica nas mãos do capitalista depois de um certo número de horas de trabalho, quando o operário já pagou os insumos de produção, os meios de trabalho, o capital constante e o seu salário. O tempo excedente trabalhado, ou o excedente qualitativo de trabalho, é a mais-valia. É um conceito dinâmico, constituído de relações sociais permeadas pelos conflitos de classes sociais e pelos mecanismos de controle. Há a mais-valia absoluta (as horas extras, por exemplo) e a mais-valia relativa (aumento da produtividade do trabalhador pela tecnologia ou forma de gestão cooperativa, divisão do trabalho etc.). Com tais características peculiares à força de trabalho, percebe-se que esta é a única mercadoria que, ao ser consumida, cria valor.

O ponto principal para avaliar se um trabalho é ou não produtivo é a mais-valia. O trabalho produtivo é algo coletivo, constituído socialmente e não necessariamente se refere a um produto material, pois o trabalho pode gerar um serviço. O capitalismo monopolista e financeiro, apoiado pelas novas tecnologias da microeletrônica e das telecomunicações, assim como pelas novas teorias e técnicas administrativas das grandes empresas transnacionais, gerou uma força econômica no setor de serviços desconhecida na época de Marx. Esse ponto é fundamental quando se discute a situação do trabalho nas sociedades pós-industriais. A lógica da industrialização, que permeou as obras da sociologia clássica de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, foi profundamente alterada por sociedades que não têm mais o paradigma da industrialização como base de seu desenvolvimento econômico e de suas relações culturais, políticas e sociais. As sociedades pós-industriais, como o nome bem delimita, possuem uma lógica aplicada ao universo do setor terciário, ou seja, da prestação de serviços. Essas mudanças econômicas, aliadas às novas tecnologias, provocaram uma reconfiguração nas sociedades contemporâneas que levam o nome de pós-modernidade.

Atualmente, os países desenvolvidos caracterizam-se por ter sua economia distribuída em seus diversos setores, desta maneira em média:

SETOR	PORCENTAGEM
Primário	5 a 15%
Secundário	10 a 40%
Terciário	30 a 65%

Pode-se observar a importância do setor terciário analisando-se as vinte maiores empresas do mundo pela revista *Business Week* de 13 de julho de 1992:

NOME	PAÍS	VALOR US\$ Bi
01. RoyalDutch/Shell	Reino Unido	77,82 (1)
02. Nippon Telegraph & Tel.	Japão	77,52 (5)*
03. Exxon	EUA	75,30 (1)
04. Philip Morris	EUA	71,29 (4)
05. General Electric	EUA	66,00 (3)
06. Wal-Mart Stores	EUA	60,82 (5)*
07. Coca-Cola	EUA	58,47 (4)
08. Merck	EUA	58,41 (4)
09. AT & T	EUA	55,85 (5)*
10. IBM	EUA	51,82 (3)
11. Toyota Motor	Japão	43,97 (4)
12. Glaxo Holdings	Reino Unido	42,64 (5)*
13. British Telecom	Reino Unido	40,45 (6)*
14. Mitsubishi Bank	Japão	39,84 (6)*
15. Bristol-Myers Squibb	EUA	37,60 (4)
16. Sumitomo Bank	Japão	37,12 (6)*
17. Du Pont	EUA	35,41 (2)
18. Procter & Gamble	EUA	34,74 (4)
19. Dai-ichi Kangyo Bank	Japão	34,68 (6)*
20. Industrial Bank of Japan	Japão	34,04 (6)*

Códigos: (1) Energia (3) Bens de capital
(2) Materiais (4) Bens de consumo
(5) Serviços (6) Finanças

Esses códigos são os mesmos utilizados pela revista na sua divisão em áreas econômicas.

*Note-se que nove das empresas citadas são ligadas ao setor terciário como finanças, telecomunicações ou comércio em geral (estão marcadas com um *)*

Para comparar os resultados ao longo da primeira metade da década de 1990 nos Estados Unidos, segue o quadro das 25 companhias norte-americanas líderes em vendas e lucros no ano de 1995 e sua posição em 1994. As tabelas foram publicadas na *BusinessWeek* de 4 de março de 1996 (pág. 54):

AS 25 CAMPEãs EM VENDAS

Empresa	Vendas em 1995 em US\$ milhões	Rank 1994
1. General Motors	168.829	1
2. Ford Motor	137.137	2
3. Exxon	109.620	3
4. Wal-Mart Stores	90.525	4
5. AT&T	79.609	5
6. Mobil	74.879	6
7. IBM	71.940	7
8. General Eletric	70.028	8
9. Chrysler	53.200	11
10. Philip Morris	53.139	10
11. Dupont	42.163	12
12. Chevron	37.082	13
13. Texaco	36.792	15
14. Sears Roebuck	34.925	9
15. Procter & Gamble	34.923	16
16. Kmart	34.572	14
17. Hewlett-Packard	31.519	20
18. Pepsico	30.421	18
19. Citicorp	28.128	17
20. Amoco	27.066	19
21. Motorola	27.037	25
22. Conagra	24.637	21
23. Kroger	23.938	23
24. Lockheed Martin	22.853	nr
25. United Technologies	22.802	28

AS 25 CAMPEÃS EM LUCROS

Empresa	Lucros em 1995 em US\$ milhões	Rank 1994
1. General Motors	6.932	2
2. General Electric	6.573	1
3. Exxon	6.470	4
4. Philip Morris	5.478	5
5. IBM	4.178	9
6. Ford Motor	4.139	3
7. Intel	3.566	16
8. Citicorp	3.464	8
9. Merck	3.335	10
10. Dupont	3.293	11
11. Coca-Cola	2.986	13
12. Procter & Gamble	2.835	15
13. Wal-Mart Stores	2.828	12
14. BankAmerica	2.664	17
15. GTE	2.538	14
16. Hewlett-Packard	2.433	23
17. Johnson & Johnson	2.403	21
18. Mobil	2.376	26
19. Fannies Mae	2.156	20
20. Chrysler	2.025	7
21. Ameritech	2.008	47
22. Nationsbank	1.950	27
23. Allstate	1.904	136
24. Dow Chemical	1.891	59
25. SBC Communications	1.889	28

3. As novas configurações do capitalismo

"Dois hamburgers, alface, queijo, maionese, um pedaço de cebola, pickles, num pão com gergelino. A receita é fácil. O segredo é como fazer isso mais de 50 milhões de vezes por ano sem variar muito."

de uma publicidade da McDonald's

Quais foram as alterações do capitalismo no pós-industrial e como essas precisam ser analisadas para se compreender as novas formações econômicas e suas conseqüências para o resto da sociedade? Vários autores analisaram essas modificações. Karl Albrecht inicia seu livro *Service America* com as seguintes palavras:

"A nossa economia é de serviços, e assim tem sido nos últimos anos. O analista de tendências John Naisbitt aponta o início deste período no ano de 1956 quando, pela primeira vez, na história dos Estados Unidos os trabalhadores de "colarinho-branco" (técnicos, administradores, gerentes etc) superam em número os trabalhadores de "colarinho-azul" (macacões) do setor industrial. A América industrial estava abrindo caminho para uma nova sociedade." (Albrecht, 1990, p. 1)

A análise de David Harvey acompanha um raciocínio mais elaborado, porém semelhante. Houve uma transição no regime de acumulação e no modo de regulamentação social e política a ele associado. O longo período de expansão de pós-guerra, que se estendeu de 1945 a 1973, teve como base todo um conjunto de práticas de controle administrativo e operacional do trabalho, de hábitos de consumo e de estruturação do poder político e econômico que é denominado por Harvey de "fordista-keynesiano". O colapso desse sistema iniciou, a partir de 1973, um período de rápida mudança e incertezas. Para Harvey

"Não está claro se os novos sistemas de produção e de marketing, caracterizados por processos de trabalho e mercados mais flexíveis, de mobilidade geográfica e de rápidas mudanças práticas de consumo garantem ou não o título de um novo regime de acumulação nem se o renascimento do empreendedorismo e do neoconservadorismo, associado com a virada cultural para o pós-modernismo, garante ou não o título de um novo modo de regulamentação. Há sempre o perigo de confundir as mudanças transitórias e efêmeras com as transformações de natureza mais fundamental da vida política-econômica. Mas os contrastes entre as práticas político-econômicas da atualidade e as do período de expansão do pós-guerra são suficientemente significativos para tornar a hipótese de uma passagem do fordismo para o que poderia ser chamado regime de acumulação 'flexível' uma reveladora maneira de caracterizar a história recente." (Harvey, 1993, p. 119).

O fordismo pode ter como data inicial o ano de 1914, quando Henry Ford introduziu seu dia de oito horas e salários de cinco dólares na linha automática de montagem de carros que ele estabelecera no ano anterior em Dearbon, Michigan. Mas as concepções e modos operacionais de Ford remetiam a algumas tendências já bem estabelecidas e conhecidas pelos capitalistas do

início do século. Ao longo do século 19, a forma corporativa de organização de negócios foi aperfeiçoada pelas estradas de ferro e vários trustes e cartéis tinham sido formados. O American History Museum, um dos imensos museus da Smithsonian Institution de Washington D. C., mostra com farta documentação fotográfica, esquemática e de peças da época, como os grandes sistemas organizacionais foram se estruturando na medida em que as grandes burocracias privadas e estatais, as redes de telégrafo, de energia elétrica e de estradas de ferro do início do século exigiam soluções de controle, operação e administração. Em 1911, foi publicado *Os Princípios da Administração Científica* de F. W. Taylor, um tratado que descrevia como a produtividade do trabalho podia ser aumentada através da decomposição de cada processo de trabalho em movimentos fragmentados segundo padrões rigorosos de tempo e estudo dos movimentos necessários à elaboração deste trabalho. O pensamento de Taylor remontava aos experimentos de Gilbreth, da década de 1890. Mas o que havia de especial em Ford era a sua visão de que produção de massa significava consumo de massa, um novo tipo de controle e gerência do trabalho, da estética, uma nova psicologia, ou seja, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista.

O fordismo se estabeleceu ao longo de quase meio século, através de uma série de decisões em vários níveis (individuais, corporativas, institucionais e estatais), seja como escolha política feita ao acaso, seja como resposta às crises do capitalismo, especialmente à Grande Depressão dos anos 1930. Após 1945, o fordismo chegou à sua maturidade como regime de acumulação plenamente acabado, formando a base de um longo período de expansão após a II Guerra mundial, que durou até 1973. Durante esse período, os padrões de vida se elevaram nos países capitalistas desenvolvidos, as tendências de crise foram contidas, a democracia de massa mantida e as ameaças de guerras entre os países capitalistas tornaram-se remotas. É durante essa época que floresce o *American Way of Life*, tão reproduzido nas artes, seja pelos desenhos de Norman Rockwell, pelas telas de Andy Warhol, pela indústria cinematográfica de Hollywood ou pela publicidade tornada global, levando símbolos do capitalismo norte-americano à Europa Ocidental, Japão e sudeste asiático, Oceania e América Latina. O fordismo se aliou ao keynesianismo e o capitalismo expandiu-se pelo mundo todo, atraindo para sua área de influência várias nações descolonizadas, em uma disputa com os países socialistas caracterizada pela Guerra Fria. A partir desses anos o turismo de massa floresceu, levando milhões de pessoas a viajar por entre os países centrais do capitalismo e pela periferia exótica, nos lugares remotos e inexplorados que estavam sendo rapidamente abertos aos olhos ansiosos por aventuras, por novidades e por ângulos diferentes para se deitar os olhos ou produzir fotos e filmes.

O fordismo desenvolveu-se lentamente fora dos Estados Unidos antes de 1939. Após a década de 1940, foi implantado com mais firmeza na Europa e no Japão como resultado do esforço de guerra. Consolidou-se e expandiu-se amplamente após a Guerra, seja através das políticas de ocupação, seja por

meio do Plano Marshall e dos investimentos diretos norte-americanos que o seguiram. A verdade é que os Estados Unidos foi o líder ocidental a sair vitorioso e fortalecido da II Guerra. Seu grande opositor, a ex-União Soviética, tinha problemas a resolver em sua área de influência e na exportação da revolução para o restante da Ásia e África. Os Estados Unidos se tinham como os heróis que derrotaram os nazistas e com a missão de instaurar um cordão sanitário para impedir o avanço do comunismo. Duas cenas da filmografia contemporânea ilustram bem como a “América” se via no final da guerra. No filme *O Império do Sol* de Steven Spielberg, um garoto inglês, preso num campo de concentração japonês no interior da China, observa extasiado os aviões norte-americanos que sobrevoam o campo após bombardear os japoneses. A câmera lenta acompanha o vôo dos aviadores, em meio à fumaça e à selva, enquanto o tema musical inspira bravura e a chegada dos heróis salvadores. Enquanto um dos aviões faz uma suave curva de reconhecimento, o garoto identifica o piloto através do *cockpit* transparente e ambos trocam acenos de reconhecimento mútuo, ambos defensores da liberdade ocidental capitalista. O final da guerra se aproxima. Em uma outra cena do mesmo filme, já quando os japoneses deixam o território chinês e as pessoas quase mortas de fome perambulam pelos campos destruídos, aviões cargueiros norte-americanos sobrevoam os céus e jogam de paraquedas misteriosos tubos de papelão reforçado. O garoto, correndo pelos campos, acompanha a queda de um dos tubos. Ao atingir o solo eles se abrem com o choque e deixam cair pela relva bolachas, latarias, remédios, agasalhos e, a delícia suprema, chocolates. Os olhos do menino ficam úmidos ao ver aquela cornucópia mágica deitada aos seus pés e demora alguns segundos para se decidir a pegar algumas coisas com as quais ele apenas sonhou nos quatro longos anos passados no campo com outros prisioneiros ocidentais. A vitória norte-americana tinha cor, sabor, rótulo, e trilha sonora; conseguia, enfim, uma estética própria. Seu nome: capitalismo industrial.

Mas havia uma diferença entre o que o fordismo representava e o que ele realmente oferecia às pessoas. Havia os excluídos do sistema que se perpetuavam no chamado terceiro mundo, ou que, mesmo no primeiro mundo, não conseguiam as benesses prometidas pela TV, pelo rádio e pelo cinema. As críticas e práticas da contra-cultura dos anos 1960 eram paralelas aos movimentos das minorias excluídas e às críticas da racionalidade burocrática despersonalizada. As várias correntes de oposição começaram a se fundir no próprio momento em que o fordismo, como sistema econômico, parecia estar mais fortalecido. A essas críticas iniciadas nos países centrais do capitalismo, havia, também, as feitas pelo então terceiro mundo. Para eles o fordismo prometia desenvolvimento, satisfação das suas necessidades e integração aos países ricos, mas na prática provocava destruição de culturas locais e opressão, em troca de alguns benefícios geralmente destinados às elites locais que colaboravam com as multinacionais e com os métodos de administração importados dos países desenvolvidos. Em suma, os progressos garantidos aos países subdesenvolvidos não eram harmoniosamente distribuídos a todos e criavam laços problemáticos de dependência.

Começaram a surgir movimentos de libertação nacional, de caráter socialista ou nacionalista, e a hegemonia dos Estados Unidos viu-se contestada por vários grupos, desde o Movimento dos Países Não-Alinhados até alguns setores das Nações Unidas, para não dizer evidentemente do bloco dos países do socialismo real. Mas os problemas não eram apenas políticos. A face política e cultural dos conflitos tinha origem em raízes econômicas. Um dos primeiros sinais de que havia problemas foi a formação do mercado do eurodólar e a redução do crédito entre 1966 e 1967, que significavam redução do poder dos Estados Unidos de regulamentação do sistema financeiro internacional. Logo a seguir as políticas de substituição de importação, especialmente na América Latina, associadas ao primeiro grande movimento das multinacionais na direção de manufaturas em países estrangeiros (especialmente o sudeste asiático, reforçando uma linha de investimentos iniciada com o Plano Colombo para o Japão em 1951), geraram uma onda de industrialização fordista que competia em ambientes totalmente novos. A partir desse momento a Europa Ocidental, o Japão e vários países recém-industrializados começaram a competir com os Estados Unidos, a ponto de comprometer o acordo de Bretton Woods e de produzir a desvalorização do dólar.

"De modo mais geral, o período de 1965 a 1973 tornou cada vez mais evidente a incapacidade do fordismo e do keynesianismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo. Na superfície, essas dificuldades podem ser melhor apreendidas por uma palavra: rigidez. Havia problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes." (Harvey, 1993, p. 135).

Para complicar o quadro, em 1973, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) aumentou os preços do petróleo e embargou a exportação do produto para o ocidente durante a guerra árabe-israelense. Isso elevou o custo dos insumos de energia e levou ao problema da reciclagem dos petrodólares existentes. Os mercados financeiros internacionais tornaram-se instáveis. Em 1975, a cidade de New York, dona de um dos maiores orçamentos públicos do mundo, atingia a falência técnica, exemplificando a gravidade do problema da instabilidade financeira mundial.

A recessão de 1973, aprofundada pelo choque do petróleo, pôs em processo uma série de movimentos que comprometeram o fordismo. As décadas de 1970 e 1980 foram um período turbulento de reacomodação social e política, e uma nova formação econômica começou lentamente a surgir, fruto das incertezas e dos conflitos mal resolvidos por um mundo em profundas mudanças.

A partir da década de 1960, as mudanças ocorridas na economia não foram apenas ao nível de fortalecimento do setor terciário. Houve um crescimento acentuado e concentrado no setor de serviços e as novas tecnologias propiciaram esdesenvolvimento, ao mesmo tempo em que

racionalizavam e criavam novas linhas de produção automatizadas no setor industrial. Porém, para David Harvey, o eixo principal das mudanças ocorridas nas últimas décadas do século 20 passa pela superação do fordismo em virtude do surgimento da acumulação flexível:

"A acumulação flexível é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores, como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, não só um vasto movimento no emprego no chamado 'setor de serviços', mas também conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas. Ela também envolve um novo movimento de compressão do espaço-tempo no mundo capitalista - os horizontes temporais da tomada de decisões pública e privada se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo." (Harvey, 1993, p. 140)

A descrição de Harvey, acerca do que ele entende por "acumulação flexível", liga-se a uma série de concepções sobre mudanças no mercado de trabalho, como no livro de Robert Kurz *O colapso da modernização*, ou até mesmo em reflexões sobre as concepções do espaço como em Paul Virilio em seu livro *O espaço crítico*. O fundamental é que essas alterações, tanto na estruturação do mercado de trabalho, como no entendimento do espaço, necessariamente inserem novos paradigmas na estruturação dos cursos profissionalizantes em geral e especialmente de turismo. **No final da década de 1990, as escolas formam profissionais para um mercado não apenas com características totalmente novas, mas para um mercado que se mantém em mutação, com um alto grau de incerteza e desconhecimento das tendências para os próximos cinco ou dez anos. Essa acumulação flexível, instaurada no auge do capitalismo monopolista-financeiro e impulsionada pelas novas tecnologias, parece implicar níveis relativamente elevados de desemprego estrutural, em uma rápida destruição e reconstrução de habilidades profissionais, em ganhos modestos dos salários reais principalmente no setor não tão especializado dos serviços e no retrocesso do poder sindical.**

O mercado de trabalho foi amplamente reestruturado graças à forte volatilidade do próprio mercado, do aumento da competição e da necessidade de racionalização dos processos de trabalho para garantir maiores lucros ou, na maioria dos casos, para garantir antigas margens de lucro que se tornaram escassas. O mercado de trabalho mais "flexível" apresenta-se com um "centro" de pequeno porte composto por empregados em tempo integral, com maior segurança, reciclagem, seguros e pensões, enfim, são os antigos funcionários com uma certa estabilidade e segurança. Esses "privilegiados" são em número cada vez menor, pois a competição desenfreada erodiu a maioria das empresas de grande porte que garantiam o trabalho para toda a vida.

Em volta desse "centro" há uma periferia com dois grupos bem distintos. O primeiro consiste de empregados em tempo integral com habilidades facilmente disponíveis no mercado de trabalho como secretárias, setor financeiro e serviços menos especializados. São caracterizados por uma alta rotatividade e fácil reposição. O segundo grupo periférico possui uma flexibilidade numérica ainda maior e abrange empregados em tempo parcial, empregados casuais, contratos temporários e subcontratações. Este tem menos segurança no emprego do que o primeiro, e seu número tem crescido nos últimos anos. A atual tendência do mercado, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento, é reduzir o número dos trabalhadores "centrais" e empregar cada vez mais gente que entra facilmente e é demitida sem custo quando chegam as costumeiras crises localizadas do sistema. Há ainda os trabalhadores autônomos, os que se deslocam para conseguir trabalho em outros lugares e toda a malha da economia informal, especialmente nos países menos desenvolvidos, que abrangem desde atividades à margem das regulamentações e tributações como pequenos biscates e comércio das ruas, até atividades legalizadas porém de alto grau de degradação como a prostituição, chegando às atividades ilegais como tráfico de drogas, prostituição e pornografia infantil e crimes em geral.

Outras atividades que vêm surgindo são as pequenas empresas com características familiares, domésticas, patriarcais ou paternalistas, chegando às atividades semelhantes à da Máfia italiana. Os corsos franceses, os chineses e coreanos que migraram para fora de seus países, os brasileiros nos Estados Unidos e as minorias étnicas em geral arranjam meios de se proteger ou de explorar seus compatriotas nas grandes cidades da América do Norte e Europa Ocidental. A migração no mundo aumentou nos últimos anos. Brasileiros descendentes de japoneses migram para trabalho temporário no Japão; no Reino Unido paquistaneses, indianos e agregados detêm o pequeno comércio de frutas, legumes e *delicatessen* em geral que fica aberto quase vinte e quatro horas por dia; colônias de latino-americanos de língua espanhola formam imensos enclaves na Flórida, Texas, Nova Iorque e Califórnia, nos estados Unidos; os turcos fazem todo tipo de serviço menos qualificado na Alemanha e enfrentam um crescente racismo, assim como os árabes na França; os negros africanos ajeitam-se como podem nas suas antigas metrópoles européias sofrendo fortes preconceitos étnicos e culturais. O quadro provavelmente mais grave é na Comunidade dos Estados Independentes onde o colapso da antiga condição de "homem soviético" criou categorias absolutamente estranhas e virtualmente impossíveis de serem integradas facilmente na nova "ordem" política. É o caso do homem que nasceu na Rússia, casou-se com uma mulher da Geórgia e foram ainda jovens morar na Ucrânia onde tiveram filhos. Antigamente todos eram soviéticos, mas hoje há uma crise profunda, especialmente para aqueles que residem em áreas hostis aos russos como o Cáucaso e as repúblicas muçulmanas. O polonês Kapuscinski em seu já citado livro *Imperium* retrata a realidade dos doze países da CEI e das três repúblicas do mar Báltico (Letônia, Lituânia e Estônia) revelando facetas estranhas e inéditas para os ocidentais que ignoravam as susceptibilidades das centenas de

etnias e culturas que formavam a antiga União Soviética. O mundo pós-moderno para eles, assim como para os habitantes da ex-Iugoslávia, é representado pela fragmentação violenta, perda de identidade e incerteza perante o futuro. Se os europeus ocidentais estranham as mudanças em curso, seus vizinhos no leste passam por pesadelos. A maior parte da antiga área de influência soviética sofre no cotidiano a destruição material e simbólica de seus antigos paradigmas e a ausência de respostas imediatas para o futuro, convivendo em meio às antigas teias de corrupção governamental, com o crime organizado das inúmeras máfias que surgiram, à ineficiência estatal e a vontade de adquirir os tão sonhados produtos capitalistas, inacessíveis à maior arte da população. Para eles a migração é difícil. A tão desejada União Européia fechou-se e enfrenta seus próprios problemas internos de desemprego e tentativas para consolidar a tão desejada unidade. Ao sul estão os desertos dos países muçulmanos e as montanhas do Himalaia e ao sudeste as vastas regiões hostis da China. Se a vida tornou-se difícil para os habitantes do ocidente pós-industrial, ela se apresenta quase desesperadora para aqueles que vivem nas ruínas do socialismo soviético e em vários países da Europa Oriental como a Romênia, a Bulgária e a ex-Iugoslávia.

Enquanto isso, a tecnologia ocidental acelera constantemente o ritmo da inovação dos produtos e da exploração dos nichos de mercado altamente especializados e de pequena escala. Surgem e ressurgem as modas passageiras, quase descartáveis e recicláveis, o espetáculo, a obsolescência programada ou não, a mercadificação de tudo, da política à cultura. Por exemplo, não importa o quanto um equipamento de informática é recente, ele estará obsoleto em questão de dias. Em três ou quatro anos será algo primitivo e em dez anos um fóssil capaz de envergonhar seu proprietário. Nos corredores externos do Campus I da PUCAMP, bem em frente ao prédio da Secretaria Geral, repousou durante anos um computador IBM que serviu à universidade durante muito tempo e depois foi sendo substituído por equipamentos mais novos. Ele ficou tão obsoleto que não compensava ser vendido nem para o ferro velho. Ficou durante anos simbolizando como a tecnologia é efêmera, rápida e cruel.

"O movimento mais flexível do capital acentua o novo, o fugidio, o efêmero, o fugaz e o contingente da vida moderna, em vez dos valores mais sólidos implantados pelo fordismo. Na medida em que a ação coletiva se tornou, em consequência disso, mais difícil, o individualismo exacerbado se encaixa no quadro geral como condição necessária, embora não suficiente, de transição do fordismo para a acumulação flexível." (Harvey, 1993, p. 161).

A questão da flexibilidade do capital, assim como questões envolvendo a pós-modernidade, não apresenta um consenso no mundo acadêmico sobre como vão se desdobrar em tendências e se estabelecer enquanto paradigma em um futuro, seja a médio ou a longo prazo. Harvey entende que existem três posições principais sobre a flexibilidade do capital. A primeira é defendida principalmente pelos autores Piore e Sabel (1984) que pensam que as novas tecnologias abrem possibilidades de reconstituição das relações de trabalho e

dos sistemas de produção em bases sociais, econômicas e geográficas totalmente distintas. Novas formas de organização cooperativa de trabalhadores e a descentralização poderão ser bastante favoráveis aos pequenos empresários para se posicionarem no mercado ao lado das corporações maiores e poderosas.

Já uma segunda posição entende que a flexibilidade legitima um conjunto de práticas políticas reacionárias e contrárias aos trabalhadores. Pollert (1988), por exemplo, conclui que a “força de trabalho flexível” é parte de uma ofensiva ideológica que celebra a complacência e a eventualidade, como se elas fossem inevitáveis.

Uma terceira posição situa-se entre esses dois extremos. Não há uma hegemonia absoluta da flexibilidade do capital, assim como também nunca houve uma hegemonia absoluta do fordismo. Atualmente ainda convivem sistemas de produção baseados no fordismo (indústria automobilística dos EUA, Japão ou Coréia do Sul), sistemas mais tradicionais, paternalistas ou patriarcais (Singapura, Taiwan ou Hong Kong) juntamente com sistemas altamente flexíveis, especialmente nos setores financeiros da economia globalizada.

O que fica evidente nas análises de Harvey é que realmente ocorreram alterações na produção capitalista que influenciaram a redução, a distribuição do capital e a configuração dos mercados de trabalho no mundo todo e isso se reflete nos programas de formação profissional em todos os níveis, sendo necessário que os planejadores, pesquisadores e críticos desses sistemas educacionais tenham consciência das novas características do capitalismo para que possam melhor estruturar suas táticas e estratégias educacionais.

4. As mudanças e o aumento das incertezas

As mudanças podem ser vistas por uma outra perspectiva ainda mais dramática. Aprofundando-se a análise crítica da realidade, ainda segundo modelos marxistas não ortodoxos (a exemplo de David Harvey), pode-se vislumbrar um quadro onde as crises não sejam encaradas como “localizadas” ou quase “esporádicas”. Alguns autores, como Robert Kurz, em *O colapso da modernização*, pensam que a crise que afetou os países sub-desenvolvidos e os países socialistas ainda não acabou e mais, é a mesma crise que agora está afetando os países capitalistas desenvolvidos. A partir deste momento, faz-se um salto epistemológico, quando não mais se discute apenas as novas tecnologias, as mudanças econômicas e políticas, a flexibilização do capital e suas influências no mercado de trabalho. Passa-se a discutir a própria sobrevivência de um sistema de produção, agora bastante globalizado e interligado, em que as conseqüências de problemas ocorridos em um ponto desse sistema podem ter conseqüências imprevisíveis ou até mesmo catastróficas na medida em que as relações entre as suas diferentes partes tornaram-se extremamente complexas e as variáveis que compõem o quadro são tantas e tão distintas que a imprevisibilidade alcança níveis nunca antes

considerados na história humana. Para Kurz não houve, nas mudanças contemporâneas, grandes acomodações entre o estado e o mercado, por exemplo.

“No entanto, o que se deu não foi nem uma conciliação assimiladora de mercado e Estado nem um processo de transformação ontológico das sociedades industriais marcadas pelas ciências naturais, mas sim um colapso histórico. Se esse não significa o simples triunfo do sistema da economia de mercado ocidental, como formação apenas externamente oposta ao socialismo real, que faleceu sem cerimônias, mas sim, indica a existência de uma base comum ameaçada e que se torna obsoleta, esta deve ser procurada tanto além do paradigma da sociedade industrial como além da relação entre mercado e Estado.” (Kurz, 1992, p. 20).

O colapso do socialismo foi uma fase final de uma crise em um modo de produção, criado dentro do capitalismo e transformado em um desdobramento que se verificou problemático porque o próprio capitalismo já tinha seus problemas internos. Nesse contexto, a ideologia do *ethos* do trabalho protestante, a militarização da sociedade e a economia de comando estatista de um mercado totalmente planejado foram características que o socialismo incorporou e que se petrificaram, tornando-se fatais para o sistema. A estagnação da produção socialista foi fatal para o desenvolvimento do bloco soviético.

“A concorrência (no apogeu fordista do capital), depois de alcançar um grau mais alto de desenvolvimento e de libertar-se da economia de guerra e de crise, impeliu, sob a égide da Pax Americana, a novos surtos enormes o desenvolvimento das forças produtivas e a penetração das ciências , até a introdução mais recente da micro-eletrônica e dos computadores com seus potenciais de automatização antes inimagináveis em todos os setores da reprodução social. Para as unidades empresariais esse processo significa uma ‘coação muda’ da concorrência, cada vez mais ligada ao mercado mundial, que obriga à intensificação do processo de produção, isto é uma coação que atua no sentido de uma racionalização a cada vez renovada, penetração das ciências e automatização.” (Kurz, 1992, p. 85).

A eliminação do princípio de concorrência interna, a corrupção e a ineficiência amparadas pela estatização, o centralismo burocrático e o mega-planejamento, a perda da competitividade tecnológica com o ocidente e os dogmatismos epistemológicos gerados pelo marxismo-leninismo levaram a consecutivos atrasos o bloco soviético e finalmente ao seu colapso. A incapacidade de atender às necessidades básicas de seus cidadãos foi outro ponto crucial para os regimes socialistas. Na antiga República Democrática Alemã, a nação mais desenvolvida do bloco depois da ex-União Soviética, o tempo de espera para um carro chegou a ser de quinze ou vinte anos e para uma linha telefônica de vinte e cinco anos (Kurz, 1992, p. 125). A moral revolucionária dos primeiros anos foi substituída logo depois pelo terror estalinista e finalmente pelos esforços da Segunda Guerra . Depois veio o período da Guerra Fria com mais terror estalinista e finalmente a acomodação e o imobilismo que antecederam o fim do regime. Porém, ao contrário do que pensam os ideólogos do liberalismo, Kurz entende o colapso como apenas uma etapa de um longo processo.

“Por outro lado o mercado mundial ocidental não é nenhum modelo excogitado por cabeças pensantes, mas sim apenas um elemento do mesmo processo histórico da modernidade. Por isso, não está sendo substituído agora um modelo social e econômico errado (o socialismo) por um modelo correto (o capitalismo), o que poderia conduzir à paz e ao bem estar, mas sim está se impondo de forma abrangente a lógica da crise do sistema produtor de mercadorias. O colapso dos ‘mercados planejados’ é apenas uma arte dessa crise global. ... Enquanto nas sociedades da economia de comando as massas nada podiam comprar, apesar de sua capacidade aquisitiva formal, agora, ao contrário, nada podem comprar porque, apesar da abundância nas lojas, não têm mais dinheiro. O ‘serviço folgado’ nas empresas da economia de escassez, subvencionadas pelo Estado, está sendo substituído pelo óbvio desemprego em massa; o congelamento estagnante da crise, pela dinamização desta. ... O negativo pouco nítido da relação capitalista está sendo substituído por um positivo perfeitamente nítido, cujo aspecto apenas pode inspirar terror.” (Kurz, 1992, p. 142-143).

Para Kurz, as economias vencedoras atuais são o Japão e a Alemanha. Depois, em um segundo grupo, aparecem os Estados Unidos, Canadá, França, Itália, Reino Unido e outros países desenvolvidos, onde a pobreza e a miséria já aparecem em escala razoável. Finalmente, há os países da periferia do capitalismo. Esses, com exceção das regiões favorecidas pelo turismo, são um conjunto de opressão e carências absolutas que marcam a América Latina e principalmente a África. É interessante notar que a análise de Kurz, em relação aos países “vencedores”, é bastante similar à de Paul Kennedy em seu livro *Preparando para o século XXI*. A exceção é que Kennedy aponta o fato, posteriormente reconfirmado por revistas econômicas como *The Economist* (de 30/10/1993), de que a Ásia recuperou-se razoavelmente de parcelas de miséria utilizando-se do modelo de desenvolvimento capitalista. Essas áreas foram as Zonas Econômicas Especiais da China, os “Tigres” asiáticos Hong Kong, Coréia do Sul, Singapura e Taiwan) e até mesmo países como Indonésia, Malásia, Tailândia e Filipinas.

Kurz “profetiza” que o desemprego estrutural e a pobreza deverão aumentar à medida em que mais áreas vão caindo fora dos benefícios do sistema capitalista. O colapso definitivo das especulações financeiras globais causará também o colapso do sistema internacional de crédito, já bastante prejudicado com as dívidas externas e internas de vários países.

“Mas a causa da crise é a mesma para todas as partes do sistema mundial produtor de mercadorias: a diminuição histórica da substância de ‘trabalho abstrato’, em consequência da alta produtividade (força produtiva ciência) alcançada pela mediação da concorrência.... É muito provável que o mundo burguês do dinheiro total e da mercadoria moderna, cuja lógica constituiu com dinâmica crescente a chamada Era Moderna, entrará já antes de terminar o século XX numa era das trevas, do caos e da decadência das estruturas sociais, tal como jamais existiu na história do mundo.” (Kurz, 1992, p. 220-222)

Outros pensadores, inclusive brasileiros, atentam para o fato de a ordem social e política atual estar no mínimo sofrendo problemas estruturais bastante graves. No limite, os problemas poderão crescer até o ponto de comprometerem a sociedade como um todo. Existe uma consciência de que tais problemas não são novidades; são históricos e envolvem um longo e complexo processo de

exploração, concentração de riquezas, injustiças sociais e, o pior, cinismo e acomodação da consciência daqueles que são privilegiados e conseguem manter-se à tona dos desastres.

"De todo modo, com tantos séculos de discussão sobre a justiça social, vivemos - sobretudo aqui no terceiro mundo - a impressão de que, tristemente, quase nada logrou sair dos limites da especulação teórica, pois, o mundo que nos cerca parece totalmente enfermo de injustiças. ... Esta é uma hora, na história do século XX, em que as rebeliões das massas estão se tornando expedientes quase cotidianos. Iniciam-se os gigantescos atos de vingança social porque já não se crê que as elites econômicas algum dia haverão de sensibilizar-se com a miséria dos condenados da terra, que clama contra os céus. ... As classes dominantes, tradicionalmente insensíveis, não se dão conta de que as rebeliões de massa estão apenas começando e que, se os ricos não acordarem para a necessidade de justiça social, terminarão exilados ou exterminados." (Morais, 1993, p. 58/59).

Rubem Fonseca, autor de alguns dos contos mais realistas da literatura brasileira, explora fartamente a violência urbana e a revolta dos excluídos em textos como *Feliz Ano Novo*, *A Coleira do Cão* e *O Cobrador*, às vezes colocando-se no lugar e no ponto de vista do marginalizado. Os sentimentos de ódio perante as classes dominantes são frios e "puros", destituídos de qualquer consideração ética romântica ou de qualquer eco de remorso, como no personagem central de *O Cobrador*:

"Tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol. Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da televisão e em pouco tempo meu ódio volta. Quero muito pegar um camarada que faz anúncio de uísque. Ele está vestidinho, bonitinho, todo sanforizado, abraçado com uma loura reluzente, e joga pedrinhas de gelo num copo e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e verdadeiros, e eu quero pegar ele com a navalha e cortar os dois lados da bochecha até as orelhas, e aqueles dentes branquinhos vão todos ficar de fora num sorriso de caveira vermelha. Agora está ali, sorrindo, e logo beija a loura na boca. Não perde por esperar." (Fonseca, 1994, p. 493/494).

A despeito do tom apocalíptico de Kurz e das profecias bastante alarmantes e ousadas para antes do final do século XX que está tão próximo, o raciocínio de Harvey e de Kurz demonstra claramente as transformações sofridas pelo mundo pós-industrial. Ambos prosseguem a trilha da análise marxista, apesar de serem heterodoxos, e se preocupam em inserir nas análises dados impossíveis de serem considerados por Marx e outros sociólogos de seu tempo, devido evidentemente à distância que os separa no fluxo temporal dos fenômenos do final do século.

Pode-se ilustrar os problemas anteriormente citados com alguns dados bastante significativos. Na mesma linha de Kurz, o marxista Ernest Mandel afirma que as políticas neoconservadoras pseudoliberais estão sendo aplicadas em um contexto internacional, dominado pelo capital monopolista. Dessa realidade o autor conclui que a alegada superioridade da chamada "economia de mercado" é uma farsa e que qualquer política econômica alternativa,

aplicada dentro desse contexto, em nada mudará o quadro atual onde a miséria é parte significativa da realidade. Esse quadro caracteriza-se pelo aumento mundial da pobreza: em 1950, o PNB *per capita* na América Latina equivalia a 45,3% do PNB *per capita* dos países da OCDE e, em 1987, havia caído para 29,7%. Os efeitos desastrosos das políticas econômicas neoconservadoras, fruto da "nova ordem internacional", não se limitam aos países subdesenvolvidos (Folha de São Paulo de 11/04/1993, p. 6-3). Nos países desenvolvidos, já há entre 53 e 70 milhões de pessoas vivendo abaixo dos limites de pobreza. No Reino Unido, há 10% de desempregados e, na Espanha, 20%. Os Estados Unidos enfrentaram uma queda de salários reais entre 1968 e 1988 e hoje a sociedade norte-americana sofre, entre outros problemas, do medo de novas revoltas raciais envolvendo as comunidades negras, asiáticas e latino-americanas sob um pano de fundo *wasp* (*white, anglo-saxon and protestant*).

O mundo das novas tecnologias, dos novos procedimentos administrativos e planejamentos empresariais não trouxe o capitalismo liberal como sistema salvador das mazelas do planeta. O colapso do socialismo real, representado pelas ditaduras estalinistas e pós-estalinistas, segundo Mandel, além de não avançar em direção ao socialismo democrático e retroceder em direção ao capitalismo, criou uma crise mundial de credibilidade do socialismo. A crise está ajudando na falência dos regimes social-democratas, na medida em que os regimes da Espanha, França e Itália sofrem as crises da ideologia, de liderança e dos escândalos políticos (Folha de São Paulo de 11/04/1993, p. 3-3). Esses fatores dificultaram a resistência à ofensiva capitalista.

Sem os "paraísos" capitalista ou socialista, restam aos trabalhadores cenários sombrios como aqueles fotografados pelo brasileiro Sebastião Salgado, em seu projeto sobre o mundo do trabalho, percorrendo desde 1986 paisagens urbanas e rurais do mundo. Se as condições dos trabalhadores dos países desenvolvidos e de alguns bolsões dos países sub-desenvolvidos melhoraram consideravelmente nas últimas décadas, fica evidente que para milhões de pessoas as condições permaneceram estagnadas no século passado. Lendo o capítulo XIII do tomo I de *O Capital* e olhando as fotos de Salgado sobre Serra Pelada, por exemplo, é impossível não fazer comparações entre o século e meio que separa essas obras e como, para inúmeros trabalhadores, o tempo se congelou na miséria, na opressão e no laborioso cotidiano que apenas lhes tira a energia e a vontade de viver dignamente.

Paul Kennedy igualmente aponta para o problema do crescimento da miséria e do desemprego no mundo. As novas tecnologias, o crescimento das taxas de natalidade dos países mais pobres, o colapso do socialismo real, a crescente poluição ambiental, a redução dos postos de trabalho causados pelas crises econômicas e pela informatização das linhas de montagem industriais e processos administrativos de empresas prestadoras de serviços, tudo isso está causando o crescimento da pobreza no mundo.

Acompanhando as notícias da grande imprensa no primeiro semestre de 1993, pode-se ver com bastante preocupação, como as previsões de David Harvey, Robert Kurz, Peter Drucker e Paul Kennedy vão rapidamente se concretizando em uma sociedade internacional assolada pelas mudanças.

Apesar de uma certa reação da economia norte-americana, a Boeing anunciou a demissão de 23 mil funcionários em 1993 e, até 1994, os cortes eram estimados em 30 mil; a IBM que, em 1992, teve um prejuízo recorde de US\$ 4,96 bilhões, anunciou cortes de 25 mil funcionários também em 1993 (Folha de São Paulo, 19/02/1993, p. 2-11).

O fenômeno de crescimento econômico nos países desenvolvidos, mas sem aumento de emprego (growing jobless), tem preocupado os líderes políticos. A Europa tem 25 milhões de trabalhadores desempregados, os EUA, 9 milhões e a ONU calcula o número de adultos desempregados ou subempregados no mundo todo em cerca de 700 milhões. Segundo estudos da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o avanço tecnológico é uma das principais causas desse cenário assustador.

"Máquinas fazem cada vez mais o serviço de mais homens, com o rápido avanço da informática. Ao mesmo tempo, empresários contratam menos devido ao alto custo da mão-de-obra - não só dos salários, mas dos benefícios sociais. Muitos preferem mudar suas empresas para países de mão-de-obra barata. A OIT informa que está havendo uma seleção biológica. Vai sobreviver mais, segundo seus técnicos, quem melhor se adaptar ao mundo informatizado e, sobretudo, submeter-se a um processo constante de treinamento a fim de atualizar seu conhecimento tecnológico." (Folha de São Paulo, 13/06/1993, p. 3-3).

Por ocasião da cúpula dos sete países mais ricos do mundo (G-7) em Davos, Suíça, em julho de 1993, dois temas ocuparam as manchetes dos jornais: a incerteza mundial perante a velocidade das mudanças e os problemas econômicos e de desemprego. (Folha de São Paulo, 6/7/1993, p. 2-9).

A Comunidade Européia tem enfrentado o problema do desemprego desde o início da década de 1990.

TAXAS DE DESEMPREGO NA EUROPA

Taxa Média européia	9,4%
Espanha	21,0%
Irlanda	18,6%
Reino Unido	11,3%
Itália	10,7%
França	10,7%
Dinamarca	10,6%

Dados de maio de 1993

A taxa de desemprego em meados da década de 1996 não diminuiu, pelo contrário, aumentou em vários países conforme mostra a tabela abaixo com dados de 14 países do mundo:

Grupo dos sete	Desemprego em %
Estados Unidos	5,5
Japão	3,3
Canadá	9,4
Alemanha	10,8
França	11,8
Itália	11,3
Reino Unido	8,3

Mercosul/América latina

Brasil	5,26
Argentina	16,4
Uruguai	11,3
Paraguai	2,1
Chile	5,7
México	6,4
Venezuela	11,4

Fonte: Folha de São Paulo, 31/03/1996, p. 2.2 (Finanças)

O crescimento do setor terciário da economia acompanha as mudanças conjunturais internacionais. Mesmo sem uma relação direta com as taxas de desemprego, o crescimento do setor terciário reforça as teorias sobre as sociedades pós-industriais:

POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA NOS SETORES

Comunidade Européia

1958 Serviços-39,0%/Indústria - 42,0% / Agricultura - 19,0%

1989 Serviços-61,4%/Indústria - 31,8% / Agricultura - 6,8%

Estados Unidos

1958 Serviços-58,0%/Indústria - 34,0% / Agricultura - 8,0%

1989 Serviços-70,9%/Indústria - 26,3% / Agricultura - 2,7%

Japão

1958 Serviços-40,0%/Indústria - 27,0% / Agricultura - 33,0%

1989 Serviços-59,1%/Indústria - 33,5% / Agricultura - 7,4%

Dados "Commission of the European Communities

Catalogue number: CC-AD-91-007-EN-C (1991)

Com esses dados pode-se observar como as teorias mais recentes sobre a problemática internacional, especialmente as referentes às transformações do mercado de trabalho e às novas tecnologias, são confirmadas nas estatísticas e análises sobre a economia política mundial.

Essa realidade do desemprego estrutural traz alguns problemas a serem analisados no que se refere à formação profissional em turismo no Brasil. Como é possível se falar em um perfil de profissional a se formar *a priori*, diante de tantas incertezas? Como estabelecer um perfil de profissional em uma atividade tão pluralista, mutável e sensível às crises econômicas, políticas e sociais, como é o caso do turismo e do setor de serviços em geral? Quais são as propostas para um mundo onde o trabalho se modifica de maneira incognoscível para a grande maioria das massas que começam a se desesperar, flutuando entre o ocaso do fordismo e o surgimento de uma economia flexível a tal ponto que quase ninguém sabe os limites até onde a distensão vai ocorrer?

V - O DESAPARECIMENTO DO TRABALHO TRADICIONAL

1. Introdução

"Quando o comunismo entrou em colapso e os mercados livres floresceram ao redor do mundo, os dividendos da paz e o capitalismo em conjunto supuseram um rápido crescimento econômico. Ao final das contas, isso talvez aconteça. Mas por enquanto a economia mundial não deslanchou. Altos níveis de desemprego, crescimento lento, e violenta competição entre preços e salários irromperam nos países industrializados. Benvindo à nova ordem econômica mundial que ninguém esperava." (**Texto de capa da revista BusinessWeek de 02/08/1993**)

O final do século 20 trouxe vários paradoxos aos habitantes de um planeta que se divide entre ciclos díspares: paz e prosperidade e guerra e destruição; crescimento econômico aliado à melhoria do nível de vida e colapsos de economias tidas como muito estáveis e consolidadas; esperança de um mundo melhor e pessimismo ou o simples niilismo; visões da ciência como um elixir milagroso para solucionar todos os problemas humanos e o horror caracterizado por imagens insólitas como o cogumelo nuclear ou um ratinho induzido artificialmente a um estado imunodepressivo com uma orelha humana perfeitamente implantada em suas costas. Mas, em qual ciclo a maioria dos países se encontra neste final de século 20? Não há consenso entre os analistas. Alguns encaram o futuro com otimismo, outros com pessimismo e outros partiram para o irracionalismo dos projetos místicos ou religiosos aproveitando-se da confusão e da ausência de valores bem estabelecidos para pregar em proveito pecuniário e/ou político próprio. Às vezes a mídia parece patrocinar um estado constantemente dúbio e contraditório da situação internacional através de informações qualitativamente inferiores (o tradicional lixo cultural dos jornais sensacionalistas, das revistas femininas estereotipadas, da maioria dos programas de TV comercial e os livrinhos de bolso ordinários vendidos em bancas de jornais), gerando nas pessoas uma certa alienação reconfortante ou um ceticismo terapêutico, algo do tipo "se todos estão confusos não há problema em eu estar perdido no mundo". Por exemplo, compare o texto reproduzido na citação inicial deste capítulo com o seguinte texto, ambos da mesma revista:

A tecnologia está transformando a economia americana (EUA) na mais produtiva e competitiva do mundo. Poderão as outras nações seguir o exemplo americano?" (**Texto de capa da revista BusinessWeek, 16/10/1995**).

Apenas vinte e seis meses separam uma capa da outra e já se percebe mudanças aparentemente contraditórias em uma mesma publicação econômica. Vários dados estatísticos e opiniões de analistas serão analisados neste capítulo e o que fica evidente é a discrepância entre as interpretações e reflexões feitas pelos diversos atores do cenário internacional. Se os economistas, sociólogos, políticos, empresários e acadêmicos em geral têm posturas não apenas pluralistas mas até mesmo contraditórias, o que dizer dos filósofos? A filosofia do final de século 20 traz as marcas profundas das perdas

e rupturas que foram se abatendo sobre a humanidade. Essas marcas estão na cultura em geral, como já foi visto em inúmeros exemplos anteriores e será abundante nos exemplos que ainda estão por vir. A pós-modernidade é uma constatação fria e árida, ou asséptica e artificial para usar adjetivos condizentes com a era tecnológica. Ela não oferece uma certa totalidade conceitual encontrável em Paul Ricoeur, por exemplo, nos seus textos sobre a cultura; não remete a uma análise crítica dolorosa mas prenhe de esperanças como na Hannah Arendt de *As razões do totalitarismo* ou *Homens em tempos difíceis*; não nos leva à uma ascese pessoal como Martin Buber em *Eu e tu*. Na cultura de massa a pós-modernidade pretende dar risada da realidade mas se manifesta não na forma de humor e, sim, como ironia ou sarcasmo. “A ironia não é uma virtude, é uma arma - voltada quase sempre contra outrem. É o riso mau, sarcástico, destruidor, o riso da zombaria, o riso que fere, que pode matar, é o riso a que Spinoza renuncia (*“non ridere, non lugere, neque detestari, sed intelligere”*), é o riso do ódio, é o riso do combate. Útil? Como não, quando necessário. Que arma não o é? Mas nenhuma arma é a paz. Nenhuma ironia é o humor.” (Comte-Sponville, 1995, p. 231). O humor é um importante aliado para análises políticas e econômicas. Vários grupos contemporâneos como o britânico *Monty Python*, as revistas norte-americanas *Mad* e *National Lampoon* e o grupo brasileiro *Casseta e Planeta*, assim como a grande maioria dos cartunistas políticos, se valem abundantemente da ironia e do sarcasmo para denunciar situações delicadas ou simplesmente erradas patrocinadas pelos dirigentes de partidos políticos, empresas ou instituições poderosas como as igrejas, a imprensa e as universidades. Os tabus das sociedades contemporâneas vão sendo lentamente criticados e despidos de sua aura de respeitabilidade inquestionável. Mas a queda dos ídolos deixa um vazio e uma angústia existencial, uma insatisfação profunda e sentimentos difusos de solidão, frustração, de “morangos mofados” (Abreu, 1982). A imagem do personagem canalha, vivido por Cacá Rosset na peça *Ubu-Rei*, vem-me à mente. A criatura patética, sózinha no palco, tendo perpetrado todos os atos não éticos possíveis movida pela ambição descomunal e sede psicótica do poder, vive sua desgraça pessoal e exclama repetidas vezes para um público que se contorce de rir: “Não tô legal... Sei lá.... Mil coisas...”. As comédias e as tragédias sucedem-se na vida cotidiana dos personagens. As cidades são cenários e as histórias pessoais enredos, com efeitos especiais e trilha sonora, porém são eventos pasteurizados, estéreis. São como as histórias contadas por Raymond Carver onde a mediocridade do cotidiano foi elevada à condição de absurdo letárgico e fatalista, tão claramente representado no livro e filme *Short Cuts*, traduzido por *Cenas da Vida*. Nessa obra a existência, entendida no sentido sartreano, encontra componentes extras de absurdo e *non sense*. O imenso caudal da cultura ocidental transborda em imagens, textos e palimpsestos incognoscíveis, intraduzíveis, perceptíveis apenas pelos que compartilham de sua micro-história em sua micro-política, locupletando-se em sua esquizofrênica e desterritorializada vida íntima.

Por outro lado esta variedade de possibilidades de interpretações permite também visões otimistas ou no mínimo não tão atoladas no lodo pestilento do niilismo e do sarcasmo, na repetição incansável da mídia das historietas estereotipadas e maniqueístas do “mundo-cão” e do “mundo-lindo”.

2. Um futuro aberto - década de 1980

Há inúmeras combinações possíveis para os humanos viverem suas vidas. A história apresenta-se com facetas abertas e sujeitas a manipulações individuais. A interatividade com o mundo sensibiliza muitas pessoas de todas as classes sociais, mas especialmente os jovens e os aventureiros. Por entre as promessas mal explicadas do liberalismo e as decepções com o socialismo há espaço para as pessoas viverem suas vidas, escreverem suas histórias, buscarem possibilidades inéditas em seu tempo e espaço. Alguns se perdem na inapetência existencial, cansados de verem suas derrotas, *losers* (perdedores) ou *quitters* (desistentes), deixam-se abater pelos sistemas nos quais eles não lograram penetrar. Outros abatem-se por conhecerem bem demais os mesmos sistemas por dentro. Os filmes estão repletos desses personagens. Francis Ford Coppola trouxe à luz vários deles, desde o garoto perdido na realidade cinzenta (tantas potencialidades dentro de si e sem vontade de fazer algo) de *Rumble Fish* até a inquietante figura do Coronel Kurtz, descrito por Joseph Conrad no livro *The heart of darkness* e trazido à vida por Marlon Brando no filme *Apocalypse Now*. São penas dois exemplos de um universo encontrável na literatura do século 20, nos seus filmes, nas histórias em quadrinhos, seriados de TV e até mesmo nos videogames.

Nesse futuro aberto os cientistas e filósofos arriscam-se a construir e até mesmo a tentar prever os próximos anos. Há muita liberdade para isso. Aliás o século XX talvez tenha superado a maior parte das expectativas criadas pela ficção política ou científica que se atreveu a dar os contornos dessa "Era dos Extremos". Os riscos são grandes ao se prever o futuro e até mesmo ao se analisar alguns pontos mais cruciais do presente. Embora se comporte de um modo geral dentro de um quadro razoavelmente padronizável, onde se pode falar de padrão de comportamento, o ser humano é bastante imprevisível. Atividades humanas que reúnam muitos indivíduos multiplicam essa imprevisibilidade graças ao somatório das incertezas particulares e daquelas geradas em determinados momentos históricos. Por isso não se pode fazer extensas previsões sobre cultura, história, política, economia e ciências humanas em geral. Mas não se pode ignorar a possibilidade de tentar planejar ou dar diretrizes para os anos vindouros, afinal existe uma realidade conhecida que pode ser analisada e equacionada, ao menos em parcelas suficientes para gerar conhecimento. Do estudo dessa realidade presente e dos ciclos históricos passados pode-se, com alguns cuidados, tentar prever algo do futuro. É perigoso? Sim. Várias revistas, almanaques e enciclopédias das décadas de 1950 e 1960 estão cheias de reportagens do tipo "Como vai ser a vida no ano 2000". Pouquíssimos acertos. Muitas das coisas que foram previstas não aconteceram (1984, de George Orwell, foi uma delas) e muitas outras coisas que hoje são banalidades sequer foram consideradas. Por exemplo, esse texto foi escrito no ano de 1995/96 em um *note book* com muito mais capacidade de armazenar informações do que a nave Apollo 11 que levou os primeiros homens à Lua e ninguém se admira por isso. Entretanto, ao longo da história, alguns se

atreveram a prever o futuro e tiveram relativo sucesso ao antecipar idéias ou engenhos científicos. É o caso do frade Roger Bacon, Leonardo da Vinci, Giordano Bruno e Julio Verne. Se alguns autores de textos audaciosos foram felizes em suas previsões, não se pode esquecer dos muitos artistas, filósofos e cientistas que falharam completamente ou deixaram de perceber algo importante algumas vezes a dias da eclosão de acontecimentos que mudariam a face do planeta.

É muito comum, em períodos de mudanças rápidas, a ocorrência de eventos decorrentes de avanços tecnológicos. De repente tudo se altera, inesperadamente. Isso revela a incapacidade do ser humano de se aperceber totalmente das causas que provocaram ou precipitaram esses acontecimentos. O historiador Paul Kennedy é muito previdente ao fazer previsões: *"Nada do que se possa dizer sobre o futuro tem (uma) certeza (absoluta). Fatos imprevistos, simples acidentes, o desaparecimento de uma tendência podem arruinar a mais plausível das previsões; se isso não acontece, então o previsor teve apenas sorte."* (Kennedy, 1989, p. 417).

Mas, apesar dos perigos, muitos tentaram prever o futuro. Observando esses exercícios de futurologia pode-se ter uma significativa leitura do presente, pois geralmente a perspectiva do futuro é a extrapolação da realidade presente. Não apenas do que já existe, mas do que as pessoas pensam que existe. O imaginário presente muitas vezes engendra as expectativas que se tem do futuro, com todas as ideologias, preconceitos, esperanças e desejos existentes. Essas previsões, mesmo as infundadas, servem como material para explorar o tipo de cultura através da qual seus poetas, literatos e futurólogos vislumbraram como futuro aquilo que em parte já existia nas suas sociedades.

A denominada pós-modernidade possui não apenas um mas vários tipos de futuro pensados para sua história, ou até mesmo a ausência de um futuro. No segundo semestre de 1986, o professor de literatura da Universidade de São Paulo José Miguel Wisnik inaugurou em São Paulo uma série de debates intitulada *Virada do Século XX (O Estado de São Paulo, 05/08/1986, cad.2, p. 1)*. Na sua palestra Wisnik considerou algumas perspectivas do futuro presentes em sua época. Esse enfoque é importante para se ter uma idéia de como, em plena década de 1980, se imaginava o futuro. É um quadro um pouco diferente do que vai ser analisado na próxima parte deste capítulo na medida em que os anos passados foram suficientes para alterar em parte até mesmo as previsões mais recentes. Com base na análise feita por Wisnik, pode-se considerar as seguintes vertentes principais da futurologia da década de 1980:

1. Uma das vertentes é a de que a evolução tecnológica leva, por si só, a um novo estágio na história da humanidade. Tanto as utopias socialistas como as capitalistas se enveredam por este caminho. Esta nova história será redimida pela ciência. Os textos de Marilyn Ferguson, Alvin Toffler, Jean-Jacques Servain-Schreber, John Naisbitt, Patricia Aburdene e vários outros alinham-se com esta proposta. São otimistas em relação ao futuro e ao desenvolvimento.

Umberto Eco os chamaria de “integrados” a esse novo mundo que desejam ver surgir do seio da tecnologia.

2. Outra vertente seria a da recuperação das tradições. Teríamos que recuperar a natureza perdida, como se o progresso fosse um erro que tivesse tirado a história de seu desenvolvimento natural. Ecologistas e ambientalistas radicais, pacifistas, gente de movimentos alternativos, grupos contra qualquer tipo de uso da energia nuclear, todos eles têm sérias restrições ao desenvolvimento tecnológico e ao progresso.

3. Outras utopias seriam as ligadas ao socialismo libertário (anarquismo) ou a micro-políticas grupais como as feministas, minorias étnicas e sexuais, grupos culturais e artísticos etc. Não são ligados ao movimento hippie e nem se prendem, necessariamente, a partidos políticos ou sindicatos para exercerem sua atividade social e política. Preferem associações e organizações quase informais e com um poder de pressão organizado para determinados alvos específicos.

4. Os pessimistas. Bastante numerosos, foram criados na leitura de *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley e *1984* de George Orwell, não vêem o futuro da humanidade de uma forma otimista. O armazenamento de armas nucleares, as novas armas químicas e bacteriológicas, a poluição industrial, as pesquisas genéticas, a perda do controle da tecnologia, colapsos econômicos, instabilidades sociais, desastres naturais causados pela manipulação irresponsável dos recursos naturais, tudo isso pode levar a civilização à barbárie. Para eles, nossa civilização está em fase terminal. Cada desastre ecológico, cada alteração climática é vista como sinal inquestionável de que o dia do juízo final está próximo. Filmes como *Blade Runner*, a trilogia australiana *Mad Max*, o canadense *O declínio do império americano*, e o escatológico *The day after* e algumas histórias em quadrinhos ou dos autores pessimistas e existencialistas fazem parte do consumo cultural dessas pessoas. Livros ensinando a sobrevivência em tempos de catástrofes naturais e artificiais foram produzidos e vendidos amplamente, especialmente na América do Norte e na Europa, principalmente durante os anos da Guerra Fria.

5. Finalmente, há uma idéia nova na história do pensamento, divisada inicialmente por Nietzsche, de que a história não tem finalidade, portanto não tem um fim. Não haveria então utopias. O filósofo Karl Popper defende uma idéia semelhante, a de que “a história não tem qualquer significação” (Popper, 1974, vol. II, p. 278).

Não há divisões estanques entre essas cinco grandes tendências estruturadas para efeito de maior clareza pedagógica ao se analisar as vertentes futuroológicas dos anos 1980. Há grupos ou pessoas que podem pertencer a um ou mais desses segmentos e nem todos se excluem necessariamente (a não ser, evidentemente, grupos como otimistas e pessimistas). Já existiam naquela época os niilistas e indiferentes para com a

situação do planeta e os salvacionistas que se prendiam a soluções religiosas ou escatológicas para propor um mundo melhor. Muitos dos niilistas e pessimistas se ressentiam da perda de uma utopia ou de uma visão de mundo que lhes era coerente, perfeita e imutável, em suma, segura. O ser humano sempre teve uma idéia, uma visão geral de seu mundo e das organizações sociais, algo para interpretar e tornar inteligível seu universo e as relações sociais nas quais se encontrava mergulhado. A diferença é que no mundo pós-moderno essas idéias se multiplicaram e a situação seria ainda mais delicada nos anos 1990.

Como resultado da proliferação de novas e exóticas idéias as pessoas acabam sentindo mais ainda a sensação de perda ou angústia perante o paradoxal crescimento de aspectos incognoscíveis do universo, ao mesmo tempo em que a ciência avança para territórios muitas vezes sequer sonhados. No início de 1996, cientistas analisando as informações geradas pelo telescópio Hubble, informaram que o universo não tem apenas 10 bilhões de galáxias pois o telescópio em órbita havia identificado massas que correspondiam a mais 40 bilhões de galáxias aumentando consideravelmente o universo conhecido. Porém a produção dos novos conhecimentos não afeta de uma mesma forma a vida das pessoas. Se a tecnologia trouxe riquezas e desenvolvimento para muitos, tem trazido, por outro lado, desemprego, problemas ambientais e armas terríveis para outros tantos. Esse fato causa consternação nas pessoas e confusão nas leituras que são feitas sobre o modo de se interpretar e transformar o mundo. O filósofo espanhol José Gaos fez uma análise histórica abrangente identificando alguns aspectos de como a "idéia do mundo" evoluiu ao longo dos séculos no ocidente. Desde a construção da catedral de Chartres na França (1195 a 1240), passando pelas diversas obras literárias, teatrais, arquitetônicas, científicas e filosóficas até o século 20, Gaos considera que:

"A história da idéia do mundo é a da progressiva e eminente extinção desta idéia: da troca de um mundo com idéia do mundo para um mundo sem idéia do mundo. Não temos que contemplá-lo, especulá-lo como faziam os filósofos, mas fazer outro como se esforçam os revolucionários e técnicos, que são os autênticos senhores de nosso mundo." (Gaos, 1973, p. 744).

A proposição de Gaos coincide com a noção de perda de história de outros pensadores, aponta uma outra ruptura na vasta série de perdas na medida em que considera a perda da noção da história e a perda da idéia que se tem do mundo onde se vive. Essas rupturas tiveram continuidade nos anos seguintes e a primeira metade da década de 1990 provou que as coisas poderiam ficar ainda mais complexas e delicadas.

3. Um futuro aberto - primeira metade da década de 1990

"Eles se tornam descartáveis, depois irrelevantes, e finalmente invisíveis no novo mundo de alta tecnologia do mercado e negócios globalizados." (Rifkin, 1995, p. 197)

O final dos anos 1980 e os primeiros anos da próxima década viram surgir um terremoto político, econômico, social e epistemológico representado pelo colapso do socialismo real. A aparência de vitória das economias liberais parecia, no início, ser tão completa e sublime que ensejou até mesmo a noção de que a história tinha chegado ao seu final, conforme o texto *The end of history and the lastman*, trabalho muitas vezes citado de Francis Fukuyama, publicado em 1992. O modo de vida das democracias liberais parecia ser o mais perfeito e único a viabilizar o desenvolvimento, a justiça social e a convivência entre grupos diferentes. A última década do século parecia promover a escatologia de um sistema econômico fadado ao sucesso absoluto. Retomando a matéria da revista *BusinessWeek*, da qual foi extraída a citação no início desse capítulo, pode-se perceber que, em 1993, a situação já não parecia tão maravilhosa aos olhos e sentidos daqueles que não apenas viam, mas sofriam, os desdobramentos inexoráveis e desconhecidos da história, desdobramentos esses que agora poderiam antecipar tudo menos o fim desse processo.

Na verdade, o cenário internacional no início da década de 1990 evocava o otimismo capitalista. Após meio século os países do leste europeu e da antiga União Soviética abandonaram o regime comunista. A China rumava decididamente para o chamado "socialismo de mercado", com grandes porções de capitalismo incluídas na heterodoxa mistura. Em março de 1996, as revistas *BusinessWeek* e *NewsWeek* publicaram matérias de capa sobre a China por ocasião da última crise política deflagrada entre a China continental e Taiwan, as reportagens analisavam o crescente potencial econômico, militar e político do país e os analistas mostravam-se satisfeitos com o modo de como a breve instabilidade diplomática arrefeceu. Os governos da América Latina aceleravam rumo ao capitalismo pleno e à democracia. Para as nações industrializadas o fim da guerra fria anunciou perspectivas de paz, incluindo evidentemente novos mercados e novas oportunidades econômicas. Os países em fase de industrialização cresceram a taxas consideráveis desde 1989 como a Malásia (9% ao ano), Indonésia (6,8% ao ano), Chile (7% ao ano) e China (30% de incremento na renda per capita). Mas os problemas surgiam em meados da década de 1990 e nas regiões mais improváveis. O Canadá, Reino Unido e Estados Unidos cresciam a taxas muito pequenas, a economia do Japão debilitou-se e a Europa entrou em recessão. As taxas de emprego dos sete países mais ricos (Estados Unidos, Canadá, Japão, Alemanha, França, Itália e Reino Unido) caíram consideravelmente desde o início da década, deixando vinte e cinco milhões de pessoas desempregadas, enfim o quadro tornou-se crítico, conforme já detalhado na parte 4 do capítulo anterior.

A pergunta, para os analistas liberais da *BusinessWeek*, era o que havia de errado com a economia mundial (crescimento lento e taxas de desemprego ascendentes). A resposta para eles é a nova ordem econômica internacional brutalmente competitiva, que surgiu com o final da guerra fria. É importante saber o que pensam os analistas de uma das mais importantes revistas econômicas do mundo, claramente comprometida com o liberalismo, para que se possa fazer uma comparação com autores já discutidos como Robert Kurz e com os autores que serão discutidos na parte 4 deste capítulo. As análises da *Businessweek* são compatíveis com as análises das outras revistas econômicas dos maiores países industrializados como a *The Economist* britânica, a *Forbes* dos Estados Unidos e a *Gazeta Mercantil* do Brasil, podendo-se ter um panorama de como o capitalismo ocidental pensa suas crises e problemas.

A lógica capitalista dessas publicações econômicas é a seguinte: na medida em que o socialismo deixa de existir da Rússia ao Vietnã (a partir do final de 1995 sofre mudanças profundas também em Cuba) e as fronteiras se abrem do México à Argentina e Indonésia, um novo sistema de comércio global começa a surgir. Os países mais ricos e desenvolvidos repentinamente têm um mercado reprimido surgindo no leste europeu e nos países em desenvolvimento. Isso significa maiores oportunidades de comércio mas também mais empresas competindo e tornando-se mais eficientes. Para se manterem competitivas, essas empresas procuram incentivos no exterior, eliminam postos de trabalho e investem em novas tecnologias para aumentar a produtividade. O "rebote" do final da guerra fria foi a desarticulação de uma imensa máquina bélica defensiva da Organização do Tratado do Atlântico Norte que significou desativação de bases, desmontagem de armamentos e desmobilização de pessoal, ou seja, efetivos militares engrossando as fileiras dos desempregados. Michael Intriligator, economista da Universidade da Califórnia em Los Angeles afirmou que "O dividendo da paz, a curto prazo, é o desemprego." (*Businessweek*, 02/08/1993, p. 31). Só a Europa, por exemplo, cortou 12% de seus gastos com defesa desde 1989, especialmente a França e o Reino Unido. Nos Estados Unidos, cerca de um milhão de pessoas perdeu seus empregos nas forças armadas e na Comunidade dos Estados Independentes a situação é tão caótica que não existem dados confiáveis de como está se desenvolvendo a operação de desarticulação parcial do Exército Vermelho. O problema é que talvez nem eles mesmos saibam para onde estão indo várias armas e equipamentos, inclusive o plutônio retirado das ogivas nucleares desativadas. Em 1993, a revista *The Economist*, edição anual, publicou uma matéria questionando o futuro paradeiro de 30 mil ogivas nucleares colocadas fora de uso. Não houve respostas conclusivas. A mistura explosiva para os problemas do ocidente, segundo os economistas liberais, concentram-se nos seguintes pontos:

a) final da guerra fria e desarticulação parcial do complexo bélico-industrial;

b) novas tecnologias e métodos administrativos buscando maior produtividade;

c) novos mercados se abrem no mundo, tanto para comprar bens e serviços, como também para produzir e vender;

d) os itens acima causam desemprego nos países industrializados e os dois itens anteriores causam desemprego também nos países em desenvolvimento porque ainda não dispõem das tecnologias no "estado de arte" e tampouco de mão-de-obra altamente especializada.

e) essa reorganização econômica mundial gera, conseqüentemente, mudança de capital em razão da qual alguns ganham e outros perdem.

A mídia tem se preocupado insistentemente com esse quadro internacional problemático. São questões que atingem todos os segmentos profissionais, abalam as instituições, preocupam os governos e garantem audiência e leitores. Oito exemplos significativos de matérias referentes à nova ordem internacional e ao desemprego serão analisados a seguir. Logo depois será feita uma comparação entre a postura da mídia, em geral capitalista liberal, e alguns autores que publicaram seus textos na primeira metade da década de 1990. Essa comparação será útil para observar como o discurso produzido por especialistas é complementado pelo discurso mais generalista destinado ao grande público. Isso significa que o debate é amplo e diversificado e que as pessoas já conseguem entender, ao menos em parte, os atores e componentes do novo cenário mundial e preocupam-se com algo que não é uma tendência ou algo que vai ocorrer em um futuro próximo, mas que já se instalou na sociedade e está produzindo rapidamente benefícios e malefícios em quase todos os níveis. A análise dos discursos vai seguir uma ordem cronológica de publicação.

a) O caderno de empregos da *Folha de São Paulo* de 18/04/1993 saiu com uma manchete direta na primeira página: *Cargos estão 'sumindo' nas empresas* e com um texto elucidativo já no primeiro parágrafo: *"Um fenômeno mais terrível que a demissão está atingindo todo o planeta e é capaz de provocar danos ainda maiores à saúde física e mental do profissional: o desaparecimento dos cargos."* O tom é dramático e quase apocalíptico e as receitas aparecem de uma maneira que vai tornar-se clássica. Para evitar ou minimizar os efeitos do desemprego estrutural o profissional deve buscar novas especializações através de cursos, leituras constantes, contatos com especialistas de outras áreas e pesquisas nos concorrentes. As pessoas poderiam ainda abrir franquias, tornar-se profissionais liberais, montar escritórios, enfim, prestar serviços. Este tema - a educação permanente - vai ser uma constante em TODOS os autores e em TODAS as matérias e artigos publicados nesse período da década de 1990. Os

temas estão intimamente relacionados com o acesso de novas informações e a necessidade de o profissional aprender a lidar com elas, de preferência - aliás, obrigatoriamente - através de um computador e outros aparatos tecnológicos de telecomunicações e processamento de dados.

b) Um relatório sobre os bancos, publicado pela *Gazeta Mercantil* em 02/09/1993, trazia a seguinte manchete: *Informação vira um pesadelo para banqueiros*. A matéria explica que a rede financeira internacional está investindo bilhões de dólares para atualizar permanentemente seus equipamentos desde a década de 1960. Maior rapidez, confiabilidade e variedade de serviços automatizados significam mais lucros. A matéria não diz, mas significam também menos postos e trabalho e mais gente desempregada nas ruas.

c) A revista *Veja* entrou na discussão na edição de 19/10/1994 com uma reportagem especial: *A revolução que liquidou o emprego*. Os dados são jogados de uma forma direta: a (antiga) Autolatina tinha 55.000 empregados em 1989 e produzia 41.000 carros por mês; em 1994 ela produzia 50.000 carros e com 47.000 empregados. Em compensação, em 1989, 65% dos trabalhadores da Autolatina tinham nível de instrução inferior ao primeiro grau completo e alguns eram analfabetos; em 1994, cerca de 45% dos trabalhadores não haviam completado o primeiro grau e a maioria fazia cursos mantidos pela empresa. A competitividade intensificada e o desaquecimento dos empregos oferecidos pela indústria são os maiores destaques da matéria ao lado da necessidade de especialização e educação constantes, não apenas a educação tradicional mas pelo menos uma língua estrangeira, informática e habilidades que não se aprende na escola como criatividade, ousadia, agressividade etc. Quanto à revolução acima referida, evidentemente é a revolução tecnológica. Ao mesmo tempo em que ela elimina empregos no setor secundário os cria no setor terciário. Entre 1988 e 1993, foram abertas 50.000 franquias no Brasil, gerando 500.000 postos de trabalho. Só a rede Mc Donald's empregava em 1994 cerca de 11.000 jovens em 140 lojas espalhadas pelo país. Finalmente a revista deixa uma mensagem clara aos jovens: *"Quanto à geração que se prepara para chegar ao mercado de trabalho, é melhor saber desde já que não encontrará nada parecido com o mundo de emprego conhecido pelos seus pais."* (*Veja*, 19/10/1994, p. 95).

d) Os problemas não são sentidos e discutidos apenas nos países em desenvolvimento. O jornal *Chicago Tribune* de 30/10/1994 (domingo, dia dos temas polêmicos na maioria dos jornais dos EUA) trouxe como reportagem principal do caderno "Perspectivas" uma matéria onde o autor, R. C. Longworth pergunta se a economia está crescendo, em colapso ou uma terceira alternativa que ninguém ainda descobriu o que pode ser. O autor analisa a economia dos Estados Unidos e aponta as discrepâncias que preocupam os analistas e fazem sofrer a população. Um primeiro ponto refere-se à uma guerra de estatísticas. A Casa Branca não se cansa de apontar o crescimento da economia. A taxa de crescimento se eleva e o desemprego e a inflação estão tão baixos quanto possível. Porém as ruas não apresentam uma atmosfera tão salutar quanto as

estatísticas e análises do governo aparentam. Depois de duas décadas de diminuição de tamanho por parte das empresas (*downsizing*), trabalho temporário e rendimentos estagnados, as classes médias e os trabalhadores norte-americanos sentem-se traumatizados e temerosos. O problema é sentido por todos aqueles que dependem de algum tipo de atividade que lhes garanta no final da semana ou do mês alguns dólares para pagar a hipoteca da casa ou o aluguel, comida, roupas e aquecimento durante o inverno, especialmente nas maiores latitudes do país. Porém, nem todos conseguem equilibrar suas finanças e inúmeros atingiram a *bankrupcy* ou a falência de sua pessoa física. Algumas estatísticas apontam que a pobreza está crescendo ainda nos anos 1994 e 1995, os bons empregos estão sendo eliminados e muitos empregos "ruins" estão surgindo e o abismo entre os pobres e ricos continua a crescer, assim como cresceu durante os oito anos do governo Reagan (1981-1988). Outras estatísticas apontam que, depois de vinte anos de dificuldades, o pior já passou. Os rendimentos estão recuperando seu poder aquisitivo e os novos empregos que estão surgindo são tão bons quanto os antigos que estão desaparecendo. A briga envolve aqueles empregos tradicionais que fizeram a fama dos operários norte-americanos do pós-II Guerra, quando o modelo taylorista-fordista moldou o *american way of life* garantindo oportunidades e conforto para todos aqueles dispostos a trabalhar duro, economizar e investir suas economias com bom senso. Eram empregos oferecidos pelas indústrias, pelo setor de transportes e na mineração industrializada. Os empregos "novos" são geralmente no setor terciário e oferecem menos benefícios, pelo menos para os não especializados. São os *burger jobs*, pois se referem aos milhares de postos criados nas lanchonetes de *fast food*, do tipo coma o quanto você quiser aqui dentro e ganhe um mínimo para sobreviver lá fora. Basta tentar comer uma semana inteira em uma mesma lanchonete três vezes por dia para perceber que a primeira condição não oferece vantagem prática nenhuma. De qualquer maneira as estatísticas governamentais reproduzidas pelo jornal *Chicago Tribune* não podem ser consideradas otimistas:

- a taxa de pobreza cresceu de 13,1% em 1989 para 15,1% em 1992 e continua a subir. Entre 1992 e 1993, os estados Unidos ganharam mais 1,3 milhões de pobres;

- o rendimento médio familiar anual em 1989 era de US\$ 33.585,00 e em 1993 foi de US\$ 31.241,00. Mesmo em 1973, em pleno auge da crise internacional do petróleo, a média foi de US\$ 32.182,00. Isso significa que a situação atual é a pior nos últimos trinta anos;

- o rendimento médio anual para os empregados em tempo integral, entretanto, subiu de US\$ 26.156,00 em 1989 para US\$ 29.395,00 em 1993.

Mesmo assim os economistas do Federal Reserve Bank de Cleveland, Max Dupuy e Mark Schweitzer afirmam na reportagem que o ditado popular de que o setor terciário paga menos que a indústria está equivocado. As lojas,

seguros, finanças e outros serviços pagariam tão bem quanto as indústrias. As controvérsias permanecem, assim como os problemas sociais degradantes.

e) A *Folha de São Paulo*, edição de domingo de 13/08/1995, abriu a primeira página da seção "Mundo" com a manchete: *Nova York tem 1,9 milhão de pobres*. Significa que um em cada três noviorquinos é pobre e tem renda anual abaixo do que o governo considera suficiente para viver bem. Não era preciso esperar a pesquisa para perceber isso. Vários filmes comerciais norte-americanos produzidos depois de 1985 (e especialmente depois de 1990) mostram os sem-teto pelas ruas de várias cidades do país. Motins raciais em Los Angeles, criminalidade crescente em Miami, miseráveis em Nova York e Washington DC, edifícios abandonados em Detroit e lojas fechadas em Montreal (o Canadá não passou ileso pela década de 1990), todas essas cenas estão no cinema, na literatura, nos jornais e perante todos os que se dispõem a andar pelas ruas dessas cidades.

f) Outro exemplo da mídia foi retirado também da *Folha de São Paulo*. Na edição de 29/10/1995, domingo, as páginas 2-6 e 2-7 do caderno "Finanças" abrigam a seguinte manchete: *Serviços empregam mais e pagam menos*. Os dados da Fundação Seade e do Dieese indicam que o setor da economia que mais cresce na Grande São Paulo é o setor de serviços e que seus salários são cerca de 10% menores do que os de funções equivalentes na indústria. Aponta ainda que cerca de 350 mil (dez por cento) dos trabalhadores nessa área não possuem carteira profissional assinada ou contrato de prestação de serviços. O crescimento dos empregos aumentou a partir do plano Real. Os dados referem-se a São Paulo e indicam a porcentagem referente ao setor de serviços e à porcentagem de crescimento no plano Real:

TIPO DE SERVIÇO	EMPREGADOS	%	% CRESCIMENTO
Reformas	170 mil	4,9	52,9
Oficinas mecânicas	148 mil	4,3	8,3
Limpeza/vigilância	323 mil	9,5	29,6
Creditícios/financeiros	218 mil	8,4	- 7,5
Alimentação	373 mil	10,9	21,1
Auxiliares	176 mil	5,1	16,2

g) A revista norte-americana *Newsweek* de 26/02/1996 tem como capa o seguinte título: *America's Corporate killers*, sobre os executivos que estão trabalhando para tornar suas empresas o mais "enxutas" possível, melhorar seu desempenho econômico (posição no mercado e nas bolsas de valores) e cortar postos de trabalho baseados no raciocínio dúbio de que o "enxugamento" passa necessariamente pelo corte de funcionários. O texto é muito claro ao afirmar que as ações dessas empresas estão subindo nas bolsas de valores, a economia dos Estados Unidos está saudável e as ruas se enchendo de desempregados "colarinhos brancos", ou seja, profissionais administrativos em

postos de chefia, gerência ou até direção. A revista elenca algumas empresas, o período em que ocorreu o enxugamento e o número de funcionários demitidos:

Empresa	Período	Número de demitidos
AT&T	janeiro 1996	40.000
Chemical/Chase	agosto 1995	12.000
GTE Corp.	janeiro 1994	17.000
IBM	julho 1993	60.000
Delta Air Lines	abril 1994	15.000
Mc Donnell Douglas	julho 1990	17.000
General Motors	dezembro 1991	74.000
Digital Equip. Corp.	maio 1994	20.000
Sears Roebuck & Co.	janeiro 1993	50.000
Philip Morris	novembro 1993	14.000
Boeing	fevereiro 1993	28.000
Nynex	janeiro 1994	16.800
Sott Paper	1994	11.000

Fonte: Newsweek, 26/01/1996 - p. 10 a 13

Algumas empresas tiveram que cortar empregados ou não sobreviveriam aos novos tempos e novos mercados. Foi o caso das IBM, Sears e General Motors, por exemplo. Outros setores como os bancos estão em um processo - que ainda não terminou - de demissões periódicas e constantes graças aos fundos mútuos, redes nacionais interligadas, computadores e automação generalizada. O mesmo acontece com empresas que estão permanentemente automatizando seus processos como companhias geradoras de eletricidade ou empresas de telecomunicações. O teor da matéria da *NewsWeek* tenta ser sutilmente "compreensivo" para com os presidentes das empresas que demitiram grande número de funcionários especialmente oriundos das classes médias, a grande novidade do desemprego nos anos 1990, mas deixa claro que as incertezas crescem na sociedade norte-americana e que esse fenômeno se reproduz no mundo todo.

h) O caderno "Mais", do jornal *Folha de São Paulo* de 3 de março de 1996, é dedicado ao tema escrito em grande letras na capa: *Trabalho sem futuro, futuro sem trabalho*, informando que mais de 800 milhões de pessoas estão desempregadas ou subempregadas no mundo todo. Os autores citados são quase os mesmos analisados ao longo deste texto e as perguntas comportam as mesmas respostas ambivalentes envolvendo relações entre globalização, novas tecnologias e desemprego.

Esses exemplos são relevantes de como, entre 1993 a 1996, persistiu na imprensa internacional a repercussão das mudanças ocorridas na ordem

internacional inaugurada nos anos 1990 e como elas afetam as diversas sociedades mundiais em um ponto extremamente sensível que é o mundo do trabalho e da formação profissional. As soluções encontradas são geralmente paliativas. Diminui-se as horas de trabalho (e, conseqüentemente, os salários), flexibiliza-se os contratos, restringe-se os benefícios sociais para diminuir a carga de impostos sociais nas folhas de pagamento, criam-se empregos no setor terciários porém com remuneração inferior para os que não são super-especializados.

Os salários abaixam também devido à pulverização de trabalhadores que perdem representatividade sindical e poder de barganha por melhor remuneração. Em uma sociedade que passa por uma crise estrutural, a prioridade é garantir um rendimento, por menor que seja, e que possibilite a pessoa manter-se afastada da situação de miséria absoluta. Outro ponto que provoca baixos salários é a baixa escolaridade dos trabalhadores. Estima-se que apenas 10,4% dessas pessoas são qualificadas, 31% são semiqualficadas e o restante não tem qualificação profissional. Em um país como o Brasil, onde a educação pública básica sofre um sucateamento sistemático desde o regime militar, o problema educacional é estrutural e nada indica que será significativamente melhorado a curto prazo. Na melhor das hipóteses somente a médio prazo melhorias poderão ser sentidas se os investimentos forem feitos imediatamente. Um exemplo claro da situação é o trabalho de recrutamento profissional da rede hoteleira internacional Renaissance. O grupo inaugurou dois hotéis cinco estrelas no Brasil em 1996, um em São Paulo, com 450 apartamentos e outro no Rio de Janeiro, com 230 apartamentos. Em novembro de 1995, o grupo já tinha nomeado um diretor de Recursos Humanos para seu hotel em São Paulo. Durante o segundo semestre de 1995 o Sr. Edwin Zephirin, vice-presidente de Recursos Humanos do grupo, esteve na Faculdade de Hotelaria de Caxias do Sul (RS), na Faculdade Renascença de São Paulo e no SENAC Turismo e Hotelaria de São Paulo e Águas de São Pedro conhecendo as escolas de hotelaria e gastronomia e fazendo contatos para dirigir a contratação da maioria de seus futuros funcionários através dessas instituições educacionais. Entrando em um mercado como a cidade de São Paulo, com pelo menos outros sete hotéis sendo seus competidores diretos, a Renaissance não vacilou nas contratações: foi direto aos formadores de mão-de-obra especializada para conhecer seus alunos, seu método de ensino e agilizar a captação de pessoal para seus quadros. O mesmo aconteceu com o Hotel Meliá de São Paulo, inaugurado no segundo semestre de 1995. O grupo investiu 500 milhões de dólares no hotel, no shopping center e na torre comercial e tentou contratar bons profissionais na região. Evidentemente, em todos esses casos, o nível mínimo de escolaridade exigido para os serviços mais básicos é o primeiro grau completo. Para chefias o mínimo exigido é o segundo grau e para o nível de gerenciamento/diretoria o nível superior com pelo menos alguma especialização ou então experiência no exterior. As pessoas disponíveis no mercado com esse perfil são escassas. **O paradoxo está desenhado: faltam pessoas capacitadas para exercerem vários trabalhos no Brasil (e em vários países desenvolvidos) e há uma grande massa de desempregados**

ou **subempregados desqualificados**. Acabou o exército de reserva dos trabalhadores, existe apenas a carência e a injustiça social em um país que não acredita em educação, cultura e ética. Mas esses pontos serão novamente abordados. Os problemas com o mercado de trabalho são evidentes e vários autores se preocupam em equacioná-los.

4. A visão de um mundo sem trabalho e mal educado

O norte-americano Jeremy Rifkin, presidente da Foundation on Economics Trends, em Washington D.C., publicou em 1995 um livro polêmico e muito discutido nos Estados Unidos intitulado *The end of work*. Rifkin vai direto ao ponto principal de sua tese afirmando que mais de oitocentos milhões de pessoas estão desempregadas ou subempregadas no mundo todo (em 1995). Uma grande parte dessas pessoas é vítima da revolução tecnológica que está substituindo rapidamente os seres humanos por máquinas em quase todos os setores da indústria e da economia globalizadas.

"Milhões de trabalhadores têm sido permanentemente eliminados do processo econômico, e todas as categorias profissionais foram reduzidas, estão sendo reestruturadas ou desapareceram. A Era da Informação chegou. Nos próximos anos, novas e mais sofisticadas tecnologias de informática vão levar a civilização mais perto de um mundo quase sem trabalho. Nos setores agrícola, industrial e de serviços, máquinas estão substituindo o trabalho humano e preconizando uma economia com produção quase totalmente automatizada em meados do século 21. A maciça substituição de trabalhadores por máquinas vai forçar as nações a repensarem o papel do ser humano no processo social. Redefinir oportunidades e responsabilidades para milhões de pessoas em uma sociedade carente de meios de gerar empregos em massa poderá ser o grande desafio social do próximo século." (Rifkin, 1995, p. XV).

Evidentemente a supressão de postos de trabalho não acontece tranquilamente nas sociedades pós-industriais. Ao lado dos enclaves rodeados de alta tecnologia, riqueza e segurança proliferam a criminalidade, a violência e o consumo abusivo de drogas leves e pesadas. Para Rifkin as oportunidades emergentes nessa nova sociedade são poucas. O crescimento de bons e disputados postos de trabalho acontece apenas para uma elite de empreendedores, cientistas, técnicos, programadores de computador, profissionais especializados, educadores e consultores. Rifkin denomina esses profissionais de **analistas simbólicos**, um segmento cosmopolita e elitizado que controla as tecnologias e as forças de produção, em contraposição ao crescente número de desempregados permanentes com pouca esperança e perspectivas de conseguirem uma "colocação" na nova economia *high-tech* globalizada.

Pode-se avaliar o ritmo e intensidade das mudanças mundiais, analisando-se a evolução do quadro de trabalhadores empregados na indústria norte-americana no século 20:

<u>Período</u>	<u>Porcentagem dos empregados na indústria (EUA)</u>
1950	33%
1960	30%
1980	20%
1995	17%
2010	12% (estimativa de Peter Drucker)

in: Rifkin, 1995, p. 8

Rifkin não é otimista em relação ao futuro. Os argumentos de que os trabalhadores eliminados da indústria encontrarão empregos no setor terciário ou em empresas de pequeno porte não o convence. Nos últimos dez anos (1985/1995) cerca de três milhões de "postos de colarinho branco" (trabalho do setor de serviços) foram eliminados nos Estados Unidos, seja pela competição internacional ou pela substituição tecnológica, conforme dados coincidentes analisados anteriormente (tabela da *Newsweek* de 26/01/1996). Entre 1989 e 1993, mais de 1,8 milhões de trabalhadores perderam seus empregos no setor de manufaturas, não apenas pela automação, mas também pela competição estrangeira. Os Estados Unidos têm sofrido uma acirrada competição por parte de países como o Japão e os novos países industrializados ou em fase de industrialização, sem contar a China. Suas fábricas automatizadas e mão-de-obra muito barata forçam os produtores norte-americanos a cortar custos, racionalizar ao máximo seus gastos e a demitir empregados. Apenas um terço dos demitidos podem ter chance de encontrar colocação no setor terciário e assim mesmo com perdas médias de 20% em seus rendimentos. Os dados sobre desemprego do governo norte-americano são frequentemente mal interpretados (ou mal produzidos), mascarando as verdadeiras dimensões do problema. Rifkin cita como exemplo o fato de o governo anunciar, em agosto de 1993, que 1.230.000 empregos haviam sido criados no primeiro semestre daquele ano. O que não foi dito é que 728.000 deles, cerca de 60%, eram em tempo parcial (*part-time*) e a maior parte em postos mal remunerados no setor terciário, os chamados *burger jobs*, ou seja, empregos em redes de *fast food* ou porteiro de parque de diversões, cassinos, hotéis etc. Sómente em fevereiro de 1993, cerca de 90% dos 365.000 empregos criados nos Estados Unidos eram em tempo parcial e a maior parte das pessoas estava procurando empregos em tempo integral e com algumas garantias. Frustradas com as poucas vagas disponíveis no mercado essas pessoas são obrigadas a agarrar qualquer oportunidade que lhes permita pagar um aluguel, comer e se aquecer nos rigorosos invernos no centro e norte do país. As análises de David Harvey sobre a flexibilização da economia capitalista amoldam-se perfeitamente às análises de Rifkin. As perdas não se referem apenas às classes trabalhadoras. As classes médias, que são razoavelmente educadas em boas escolas, sentiram o choque da retração do mercado. Mais de 35% dos recém-graduados foram forçados a aceitar trabalhos que não necessitam de nível superior e, segundo dados do

Instituto de Pesquisa sobre Empregos da Michigan State University, o mercado de trabalho para egressos do ensino superior está nos níveis mais baixos desde o final da Segunda Guerra. Outra característica da sociedade norte-americana contemporânea, iniciada durante a política econômica do governo Reagan, a *Reaganomics*, é a crescente concentração de riquezas. Estabilizada entre 1963 e 1983, a partir dos anos 1980 o *gap* (abismo) entre ricos e pobres começou a aumentar consideravelmente. No final dos anos 1980, os 0,5% mais ricos da população norte-americana detinham 30,3% das riquezas, um aumento de 4,1% desde 1983. Em 1989, o 1% mais rico ganhava 14,1% dos rendimentos totais dos Estados Unidos e possuía 38,3% das riquezas e 50,3 dos investimentos financeiros. A situação é preocupante porque envolve o desemprego estrutural, globalização da economia, concentração de riquezas e marginalização (ou exclusão) de milhões de seres humanos, exclusão esta aprofundada pela emergência acelerada da sociedade de informação.

"Estamos nos aproximando de uma importante encruzilhada da história humana. As corporações globais são capazes de produzir um volume de bens e serviços sem precedentes com uma força de trabalho cada vez menor. As novas tecnologias estão nos trazendo uma era de produção quase sem trabalho no exato momento histórico em que a população mundial cresce a níveis também sem precedentes. O choque entre as pressões desencadeadas pelo aumento populacional e a diminuição de oportunidades de trabalho vão moldar a geopolítica da emergente economia global de alta tecnologia durante o século vinte e um." (Rifkin, 1995, p. 207).

A questão das novas tecnologias não está desvinculada da questão sobre a globalização da economia e o aumento da competição entre nações e blocos econômicos. Há dúvidas e polêmicas sobre a capacidade de absorção dos novos desempregados pelo setor terciário, seja pelas pequenas empresas ou através de iniciativas individuais que exigem capital e elevado nível de conhecimento (para se montar micro-empresas ou escritórios de consultoria, por exemplo). Rifkin entende que o desemprego estrutural é um problema profundo, não conjuntural ou passageiro, com tendência a se tornar cada vez mais grave e de difícil solução. A situação seria tão séria que um dos subtítulos por ele utilizados indaga friamente: "Retreinamento para quê?" (Rifkin, 1995, p. 36). A pergunta refere-se a um programa desenvolvido pelo presidente Bill Clinton e seu Secretário do Trabalho, Robert Reich (a ser analisado no próximo tópico). O governo norte-americano investiu durante a administração Clinton mais de 3,4 bilhões de dólares em programas de treinamento para trabalhadores desempregados, em uma tentativa de apoiar os dois milhões de americanos que anualmente engrossam as estatísticas de desempregados ou subempregados. O programa pretende formar cidadãos norte-americanos melhor educados, altamente especializados, bem adaptados às novas realidades e capacitados, de acordo com os padrões internacionais de eficiência (entenda-se asiáticos ou europeus centro-nórdicos). O problema é que não haveria condições para se treinar rapidamente os excluídos do setor industrial ou de serviços para os novos empregos do setor de "conhecimento" (*knowledge sector*). Como transformar uma massa de desempregados em físicos, cientistas da computação, técnicos de alto nível, biólogos moleculares, consultores

financeiros, advogados especializados e doutores em geral? O abismo (*gap*) entre o nível educacional de quem está desempregado e o nível educacional exigido para os novos empregos disponíveis é tão grande que vários trabalhadores não teriam sequer condições para serem *retrained*.

Nesse ponto Rifkin discute algo muito sério e que se estende a outras esferas da sociedade - a educação. O quadro vai ficar mais bem definido ao se reconhecer a necessidade de saber as causas iniciais do problema, e uma das causas é a carência educacional. O debate e a análise dos dados existentes sobre a situação contemporânea internacional deve levar em consideração que as carências dos países desenvolvidos são mais profundas do que aparentam ser ao se olhar apenas a superfície. Muitos problemas encontram-se em setores delicados e cruciais da sociedade, especialmente aqueles que deveriam ser de responsabilidade do estado como a saúde e a educação pública, básica e gratuita.

De acordo com um estudo sobre nível de escolaridade de sua população, feito pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos, mais de 90 milhões de norte-americanos são tão pouco escolarizados que não conseguem sequer "escrever uma simples carta explicando um erro num cartão de crédito, encontrar um horário específico em um quadro de horários de ônibus ou usar a calculadora para determinar a diferença entre preço regular e preço com desconto em uma promoção." (dados de 1993 - Rifkin, 1995, p. 37). Ainda segundo o autor, cada um em três norte-americanos é parcial, funcional ou completamente analfabeto. Mais de 20 milhões de norte-americanos são incapazes de ler e frequentaram apenas cinco anos de escola e outros 35 milhões não passaram mais do que nove anos nas escolas do país. Segundo vários educadores, o processo de qualificação para um trabalho mais complexo inicia-se exatamente por volta do nono ano escolar. Na verdade esses dados não são novidade para os ocidentais que têm consciência de que seus sistemas educacionais públicos, mesmo nos países mais ricos, não estão se desincumbindo satisfatoriamente da educação de sua população. São poucas as pessoas com esse nível de percepção e visão integral dos problemas sociais atuais. O discurso sistemático, e de certa forma superficial, sobre a situação das escolas e a importância da educação chegou a pontos de saturação que começou a gerar indiferença ou desconfiança sobre os interesses dos professores e pesquisadores. Vários erros e atitudes menos responsáveis para com a seriedade do ensino e pesquisa alimentaram os preconceitos do senso comum para com a educação e em nada ajudaram a manter os investimentos, o trabalho sério e as reformulações necessárias no sistema. Mas os sinais de fissura no gigantesco edifício da educação pública nos países capitalistas ocidentais eram claros e preocupantes, especialmente para os dirigentes empresariais, políticos e pesquisadores que sabiam ler as evidências que se acumulavam no cotidiano. Fala-se muito que a educação é fundamental, mas os interesses corporativos dos professores, a falta de visão estratégica das organizações estudantis, o discurso governamental rico em diagnósticos e projetos, mas pobre em verbas e vontade política efetiva, além da indiferença da sociedade, têm arastado a educação a patamares de mediocridade sensíveis.

Um dos executivos que deu o alarme foi Stephen M. Wolf, presidente da United Airlines, que fez uma análise do turismo internacional no Discover America International Pow Woe de Las Vegas, EUA, no dia cinco de junho (o ano não está indicado na fonte - **Brasilturis Jornal**, primeira quinzena de julho, p. 14 a 16 - sendo provavelmente 1991 ou 1992). Em sua conferência Wolf faz seis "previsões" para o turismo na década de 1990. As cinco primeiras referem-se exclusivamente à segurança, tarifas, rotas, marketing, regulamentos e fusões entre companhias aéreas do mundo todo, mas o sexto tópico é...

"...na forma de uma preocupação e um aviso: o fato de que a população ativa em idade avançada e um sistema educacional doente causarão a falta de pessoas qualificadas das quais precisamos para atender o crescimento esperado na indústria turística. ...devemos encontrar novas formas não apenas de manter e retrainar os funcionários mais velhos. Devemos fazer uso dos trabalhadores experientes. Devemos ser capazes de atrair e manter o pessoal jovem qualificado. Devemos investir mais no treinamento no próprio local de trabalho. E, sobretudo, devemos fazer um trabalho melhor de ensino dos fundamentos da leitura, escrita e aritmética em primeiro lugar, porque, em muitos casos, nossas escolas simplesmente não estão proporcionando educação de qualidade. Em muitos casos, não estão nem mesmo proporcionando as bases necessárias para trabalhos especializados. Ainda assim, 41% dos empregos criados até o fim do século 20, versus 24% dos empregos atualmente existentes, estarão na categoria de alta especialização. Na nossa própria indústria turística a complexidade cada vez maior da nossa atividade exige funcionários que possam não apenas tratar os clientes com cortesia, mas que também possam lidar com roteiros complexos, computadores e aplicações de softwares avançados e clientes cada vez mais exigentes. Tudo isso requer uma certa base de conhecimento - e nossas empresas não podem ensinar isso desde o começo. Somente o nosso sistema de escolas públicas pode fazê-lo. Apesar disso, estamos sempre nos confrontando com a evidência da queda dos padrões educacionais nos Estados Unidos (conforme as estatísticas oficiais). Sem dúvida nossa ênfase na educação deve aumentar. Mas simplesmente gastar dinheiro com o problema não resolverá. O que resolverá? Pagando aos professores um salário decente. Investindo em salas de aula e equipamentos modernos. Tornando obrigatórios cursos de matemática e ciências. E assegurando, de uma vez por todas, que nossas crianças possam ler. A educação é um fator diretamente relevante para nossa atividade. Não se trata de 'uma questão social' abstrata. Pelo contrário - de uma forma bem verdadeira, isso determinará se nossa atividade poderá aproveitar plenamente as vantagens do crescimento da indústria turística na década de 1990 e no futuro." (as partes sublinhadas são de minha responsabilidade).

Wolf não é um educador ou um político socialista falando sobre educação de uma maneira idealizada, e sim um dos principais executivos do turismo internacional, com sua empresa sediada no país mais rico do mundo, que se preocupa e lança em um congresso internacional uma advertência embasada. Mas não é apenas a iniciativa privada norte-americana que se preocupa com sua educação. A poderosa National Education Association (NEA), um dos maiores sindicatos de professores dos Estados Unidos com sede em um quarteirão inteiro de Washington D.C., tem reproduzido em seus relatórios anuais essa mesma preocupação com a educação pública básica. Em seu *Handbook* de 1991/1992, Kelth Gelger, presidente do NEA afirma que:

"Apesar de todo o discurso, de toda retórica, nosso governo (dos EUA) não tem feito da infância sua prioridade. O Comitê para o Desenvolvimento Econômico, um grupo de 250 influentes líderes empresariais, afirmou em seu relatório de 1991: 'Nós estamos comprometendo

a sobrevivência da América enquanto sociedade livre e próspera” a não ser que atuemos eficazmente para incrementar nossos investimentos junto às crianças.” (NEA Handbook 1991/1992, p. 8).

Evidentemente isso se refere também à educação básica, apesar de as carências atingirem também a saúde, habitação, segurança e bem estar social.

Várias outras empresas públicas ou privadas nos Estados Unidos (como a Natinal Administration of Space and Aeronautics (NASA), Sea World em Orlando, Walt Disney World em Orlando, National Geographical Society em Washington D.C., United Airlines em Chicago, museus etc.) possuem equipes treinadas e instalações para atendimento exclusivo de professores de todos os níveis, do básico ao superior. Essas empresas contribuem decididamente para com a educação norte-americana não se omitindo de investir e preparar pessoas qualificadas para orientar outros educadores. Posso utilizar uma experiência pessoal como exemplo de campo do que estou afirmando. Em maio de 1992 fui aos Estados Unidos para levantar alguns dados para esta tese e contei com o apoio de vários órgãos públicos e privados daquele país. A passagem foi oferecida pela American Airlines e fui atendido em Washington D.C. pela NASA, NEA, National Geoghaphical Society, Departamento Nacional de Educação e vários museus da Smithsoniam Institution. Em todos os lugares, ao me identificar como professor brasileiro, tive um atendimento personalizado, atencioso e o acesso facilitado às bibliotecas e arquivos. Aliás, vários dos folhetos e relatórios que trouxe eram gratuitos e parte do material era destinado exclusivamente aos educadores, não sendo vendido ou distribuído para o público em geral. Este exemplo pessoal ilustra como o país está preocupado com a questão educacional e a sociedade não desloca a responsabilidade pela melhoria do ensino exclusivamente à rede pública local. Essa rede oficial norte-americana também está consciente e preocupada com o problema da má educação de sua população.

O órgão responsável pela educação nos Estados Unidos chama-se Departamento Nacional de Educação, equivalente ao Ministério da Educação brasileiro. Em 26 de agosto de 1981 o Secretário de Educação, T. H. Bell, criou a Comissão Nacional para Qualidade em Educação (National Comission on Excellence in Education) para avaliar a situação educacional no país e emitir um relatório no prazo de dezoito meses. Esse relatório inicia-se de uma forma dramática e peremptória:

“Nossa nação está em risco. Nossa então indiscutível proeminência em comércio, indústria, ciência e inovação tecnológica está sendo superada por competidores através do mundo. Este relatório refere-se a apenas uma das muitas causas e dimensões do problema, mas é um dos esteios da prosperidade, segurança e civismo americanos. Nós relatamos ao povo americano que, enquanto podemos encontrar orgulho justificável no que nossas escolas e universidades contribuíram historicamente para o erguimento dos Estados Unidos e o bem estar de seu povo, as fundações educacionais de nossa sociedade estão sendo erodidas por um crescente surto de mediocridade que ameaça nosso futuro como nação e povo. O que era imaginável a uma geração começou a ocorrer - outros estão atingindo e ultrapassando nosso desempenho educacional. ... Conhecimento, aprendizado, informação e inteligência bem

desenvolvida são as novas matérias primas do mercado internacional. ... Aprendizado é o investimento indispensável requerido para o sucesso na 'era da informação' na qual estamos entrando. ... O povo dos Estados Unidos precisa saber que indivíduos em nossa sociedade que não possuem os níveis de preparo, estudo e treinamento essenciais para essa nova era serão efetivamente excluídos, não apenas das recompensas materiais que acompanham o desempenho competente, mas também da chance de participarem plenamente em nossa vida nacional." (*A nation at risk*, 1984, p. 5 e 7).

O relatório, a exemplo das encíclicas papais, recebeu o nome que repete suas primeiras palavras oficiais, o início do capítulo dois: *A nation at risk*. Os indicadores desse risco nacional levantados pela comissão são citados em treze pontos e podem ser assim resumidos:

1. Comparações entre desempenhos estudantis internacionais abrangendo dezenove testes acadêmicos indicam que os estudantes americanos nunca estão em primeiro ou segundo lugar, em comparação com outras nações desenvolvidas que aparecem pelo menos sete vezes nessas posições privilegiadas.
2. Cerca de 23 milhões de adultos são analfabetos funcionais, dados conseguidos através de simples testes de leitura, escrita e compreensão.
3. Cerca de 13% da população com 17 anos de idade é funcionalmente analfabeta e entre as minorias este índice pode atingir 40%.
4. As médias arquivadas comparadas nas notas de *high school* (segundo grau) são inferiores ao ano em que o Sputnik foi lançado (1958).
5. Mais da metade da população de estudantes com bom potencial não alcançou a média esperada em seus testes de habilidade específicos.
6. O College Board's Scholastic Aptitude Tests (SAT) demonstra um virtual e crescente declínio de 1963 a 1980. A média de pontos em comunicação oral caiu 50 pontos e a média em matemática caiu 40 pontos e o mesmo acontece em outras disciplinas como inglês, física etc.
7. Líderes empresariais e militares reclamam que têm que gastar milhões de dólares para custear educação complementar e programas de treinamento em habilidades básicas como leitura, escrita e computação. O Departamento da Marinha, por exemplo, informa que um quarto de seus recrutas recentes não conseguem ler textos além do nono grau escolar, o mínimo necessário para entender as instruções escritas sobre segurança. Sem complemento educacional eles não podem iniciar, muito menos completar, o sofisticado treinamento necessário às forças armadas.

O relatório nota que essas deficiências aparecem ao mesmo tempo em que cresce a demanda por trabalhadores altamente qualificados em novos campos que rapidamente se ampliam:

1. Computadores e equipamentos controlados por computadores estão entrando em todos os aspectos de nossas vidas - casas, indústrias e escritórios.

2. Estimativas indicam que, por volta do final do século, milhões de empregos envolverão tecnologia de laser e robótica.

3. Tecnologia está transformando radicalmente uma série de ocupações: saúde em geral, área médica, produção de energia, processamento de alimentos, construção, criação e manutenção de sofisticados equipamentos científicos, educacionais, militares e industriais.

O relatório da Comissão Nacional de Educação veio à luz em 1983 e lançou fatos e idéias que foram aproveitados nos anos seguintes por vários autores e instituições. Isso significa que uma série de propostas estruturadas por analistas como Toffler, Naisbitt, Albrecht e vários outros pesquisadores preocupados com a "sociedade da informação" e a importância da educação já tinham sido apontados oficialmente pelo governo norte-americano em uma corajosa e aberta auto-crítica de seu sistema educacional.

O Departamento de Educação dos Estados Unidos não conseguiu resolver seus problemas e em abril de 1988 publicou outro relatório com 60 páginas intitulado *American Education - Making it work*, desta vez assinado por William J. Bennett, Secretário de Educação. Cinco anos após a publicação do polêmico *A nation at risk*, o governo norte-americano se achou na obrigação de prestar contas à sociedade sobre como as soluções para o problema estavam sendo encaminhadas. Timidamente, na página 1, afirma-se a situação está melhor do que em 1983, mas ainda precisando de cuidados. Quanto ao que fazer o relatório propõe reformular cuidadosamente o currículo escolar (que não é nacionalmente unificado como no Brasil; as escolas têm plena liberdade de escolher as disciplinas ministradas e os métodos pedagógicos aplicados), garantir oportunidades intelectuais para todos, estabelecer patamares mínimos de aprendizado, recrutar e remunerar bons professores e diretores e *last but not least*, controlar os gastos.

Apenas três anos depois aparece um outro documento federal sobre educação assinado pelo presidente George Bush e intitulado *America 2000 - An Education Strategy*, publicado em abril de 1991. Novamente o documento começa se referindo ao *A nation at risk* e afirma que muita coisa mudou, inclusive que o país gasta (em 1991) mais em educação do que em defesa. Porém o documento reconhece que muitas crianças não têm família ou vivem em casas que dificilmente poderão ser chamadas de "larés" pois a deterioração social envolveu completamente seu meio. Para muitas crianças "a vizinhança é um lugar de ameaça e a rua um lugar de violência. Várias crianças chegam na escola famintas, sujas e assustadas e outras pragas da sociedade moderna as atingem: drogas, uso e abuso de álcool, violência doméstica, gravidez adolescente, AIDS etc." (*America 2000*, 1991, p. 10-11). O documento reconhece que não é apenas o governo ou as escolas que devem

resolver os problemas, mas, sim, contar com a colaboração da sociedade em geral. As escolas não são (e nem podem ser) a família, a polícia, serviço social ou centros de desintoxicação. Outro ponto importante do documento é quando se afirma que a tecnologia é fundamental, mas não é a panacéia universal para todos os problemas educacionais e sociais. As escolas devem contar com os cuidados e atitudes das pessoas que nela trabalham. Devem ser um lugar onde os adultos possam ensinar às crianças valores e como formar um bom caráter, ao lado de conhecimento e habilidades profissionais. "*O ingrediente secreto é humano, não eletrônico*" (America 2000, 1991, p. 30). Finalmente, o documento, que muitas vezes tem o estilo de um programa de governo às vésperas das eleições, resvala para o pragmatismo quando conclama o povo: "*Através do país as pessoas começaram a transformar a escola americana. Eles sabem que o tempo de falar já passou. Seu slogan é: Don't dither, just do it (Não hesite, apenas faça).*" (America 2000, 1991, p. 50).

A preocupação com a queda da qualidade de ensino na educação não acontece apenas nos Estados Unidos. Na Europa Ocidental várias discussões estão sendo feitas tendo-se por tema principal a garantia dos padrões de excelência no ensino público e privado, pois nos últimos vinte anos esses padrões decaíram consideravelmente. Em comparação com o ensino no Japão e países asiáticos (China, "Tigres" e até mesmo a Índia que conta com um número elevado de doutores) a Europa precisa elevar suas metas. A situação não é tão grave quanto nos Estados Unidos, mas os sinais de alarme podem ser ouvidos em vários locais. No dia 26 de janeiro de 1993, participei em Londres do encontro *New Frontiers in Geography*, promovido pela Royal Geographical Society. A temática deste primeiro encontro nacional de professores de geografia do Reino Unido foi sobre novos materiais didáticos, currículo dos cursos, pesquisas realizadas sobre qualidade educacional e uma conferência dada por uma funcionária do governo sobre a pauperização do ensino de geografia no país. Como exemplo ela mostrou alguns exercícios pedidos nos exames finais do segundo grau do ano de 1949, comparados com os exercícios do ano de 1990. A diferença entre a complexidade, o grau de raciocínio e de conhecimento eram evidentes. Exigia-se muito mais dos alunos de 1949 através de questões dissertativas envolvendo análises comparativas do que as questões simples e diretas pedidas em 1990. Este é um dos muitos exemplos que podem ser encontrados na vasta bibliografia sobre Educação no Reino Unido, mas para mim foi marcante por ter participado pessoalmente do encontro e ter podido constatar um problema que no Brasil atinge proporções muito maiores.

Uma comparação entre a situação educacional dos países desenvolvidos e o Brasil é uma tarefa quase impossível. O abismo é tão grande e a situação das nossas escolas básicas públicas tão grave, que os resultados sociais são devastadores. O Brasil não tem estatísticas nacionais sobre suas escolas, professores, desempenho de alunos ou professores, apesar de no início de 1996 ter sido divulgado um relatório bastante óbvio sobre as precárias condições do ensino brasileiro. Nem o governo e nem a sociedade civil se

preocupam em traçar um quadro quantitativo ou qualitativo da totalidade da situação educacional no país. Sabe-se, empiricamente, que a situação é drástica. Os professores que dão aulas nos primeiros anos dos cursos superiores defrontam-se com as limitações que vários alunos trazem do segundo grau. Os professores dos cursinhos preparatórios para o vestibular muitas vezes percebem que alguns alunos não têm base sequer para passarem pelo treinamento intensivo e cheio de "truques" dessas escolas, pois seu nível de informação é baixíssimo e dificilmente entrarão nos cursos superiores mais disputados. Para os que conseguem terminar o segundo grau através do supletivo ou em escolas de baixo nível resta apenas (que ironia) as carreiras pouco procuradas nas universidades que são as licenciaturas. Quem se sacrificar para pagar a licenciatura numa faculdade particular ou entrar nos cursos gratuitos das universidades públicas sairá professor. A grande massa desses novos professores irá ser mal remunerada no estado (uma minoria bem capacitada vai para as escolas particulares), ampliando o perverso círculo vicioso que, no início, comprometeu os alunos e agora envolve os professores e administradores, todos atados pela baixa qualidade de ensino. Não existem dados confiáveis sobre a extensão dos danos sofridos pela imensa rede nacional de escolas públicas de primeiro e segundo graus, nos diversos estados e cidade, mas os resultados são conhecidos. Aqueles que podem pagar escolas particulares e cursinhos conseguem colocar seus filhos nas universidades e a sociedade brasileira ressentir-se da carência de bons profissionais para os diversos trabalhos oferecidos, desde os mais complexos até os mais "simples".

A razão para esse "simples" entre aspas é que na verdade não existem empregos tão simples assim. Por exemplo: um caixa de supermercado trabalha com um terminal de computador, uma máquina de leitura ótica do código de barras dos produtos, uma máquina de preencher cheques, uma máquina para cartões de bancos ou de crédito e o controle da esteira do caixa. Um zelador de um prédio de apartamentos precisa saber ler, atender moradores, visitantes e fornecedores, orientar faxineiros, separar correspondência, jornais e encomendas, tratar com o síndico, pagar contas e supervisionar o vigia noturno. O mensageiro de um hotel de 4 ou 5 estrelas situado em uma grande cidade precisa ser bem esperto, pois ele vai orientar o hóspede para seu apartamento, buscar remédios ou artigos de higiene na farmácia, observar quem entra no hotel e para onde vai, contatar garotas (os) de programa e evitar encrencas para seus hóspedes. O lixeiro precisa ter uma condição física excepcional para correr e levantar pesos, ser ágil para pular do caminhão em ruas congestionadas e não ser atropelado, pendurar-se no caminhão sem ter o braço ou a perna espremidos pelas prensas e tomar cuidado para não se machucar nos vários detritos deixados nas ruas como vidros, metal enferrujado, lixo tóxico de laboratórios e hospitais. A empregada doméstica tornou-se uma raridade e as mais qualificadas são disputadas pelas famílias que lhes pagam um bom salário, carteira assinada, condução e pequenas facilidades como acesso à geladeira, viagens com a família para cuidar das crianças etc. Não há mais empregos "simples" para pessoas desqualificadas nas grandes cidades, pois mesmo as atividades mais "humildes" exigem qualificações consideráveis que

uma grande parte da população brasileira não possui. **Portanto, o paradoxo é novamente colocado: há postos de trabalho disponíveis e carência de profissionais capacitados para exercerem o trabalho.** No caso do turismo e hotelaria, tanto na PUCCAMP quanto no SENAC, por exemplo, os professores recebem inúmeras solicitações de pessoas para trabalharem como recepcionistas de hotel, cozinheiros, agentes de viagens, gerentes e professores especializados na área. Infelizmente várias solicitações ficam sem resposta. Faltam profissionais qualificados e isso pode ser sentido no serviço oferecido por vários hotéis ou restaurantes. Sabe-se que um bom maitre ou chefe de cozinha não tem preço e a casa faz tudo para mantê-lo. Em Campinas, no ramo do turismo, observou-se um fenômeno interessante. Os melhores atendentes de agências de viagens abandonaram seus empregos e abriram sua própria agência sendo, no geral, bem sucedidos. São pequenas agências onde os próprios donos trabalham atendendo à clientela e garantindo a elevada qualidade e personalização dos serviços prestados. Quanto aos empregos de formação mediana ou medíocre resta-lhes apenas os piores e mal remunerados empregos, o subemprego ou o desemprego. Mas há outras análises diferenciadas do problema que podem ajudar em seu equacionamento e consequente estruturação das críticas e recomendações para que algumas soluções possam ser apontadas.

5. A defesa da economia internacionalizada

Para Robert Reich, a situação pode até ser grave mas tem solução a médio prazo, sendo uma das possíveis saídas reconhecer que algumas mudanças são definitivas e irreversíveis. Em seu livro *O trabalho das nações*, Reich abre o primeiro parágrafo com a afirmação:

"Estamos vivendo uma transformação que irá reestruturar a política e a economia do próximo século. Não haverá produtos ou tecnologias nacionais, nem corporações nacionais e nem tampouco indústrias nacionais. Não haverá mais economias nacionais, pelo menos da forma como costumávamos entender tal conceito. O que continuará enraizado dentro das fronteiras nacionais serão apenas as pessoas que constituem a população do país. O patrimônio fundamental de um país serão as aptidões e os conhecimentos de seus cidadãos." (Reich, 1994, p. 3).

Assim como Rifkin divide os trabalhadores em diversos graus de capacidade intelectual e/ou operacional, Reich propõe uma separação de competências similar. Seriam três categorias profissionais:

1 - **Serviços rotineiros de produção** - possuem semelhança com as tarefas repetitivas do capitalismo taylorista-fordista como os "colarinho-azul", supervisão simples como gerentes de baixo e médio nível, supervisores de linha de produção, supervisores administrativos e chefes de seção. Mesmo em setores de alta tecnologia podem ser encontrados como na montagem de componentes eletrônicos em circuitos impressos ou codificação de rotina para software e digitadores.

2 - **Serviços pessoais** - também são tarefas simples e repetitivas, sem grande necessidade de educação escolar aprofundada (no máximo segundo grau) e em geral têm contato direto com os clientes. São vendedores de varejo, garçons, empregados de hotéis, zeladores, caixas, atendentes em hospitais e asilos, secretárias, cabeleireiras, motoristas de táxi, corretores de imóveis, comissários de bordo, fisioterapeutas e guardas de segurança.

3 - **Serviços simbólicos analíticos** - são cargos que exigem capacidade para identificação e solução de problemas e promoção estratégica de vendas. São pesquisadores, engenheiros, executivos de relações públicas, financistas, advogados, promotores de imóveis, consultores em geral, especialistas, *headhunters*, analistas de sistemas, especialistas em propaganda e marketing, arquitetos, cinegrafistas, editores em geral, escritores, jornalistas, produtores de TV e vídeo, professores universitários. (Reich, 1994, p. 162/165).

Os especialistas em serviços simbólicos analíticos tem uma remuneração variável que depende principalmente da qualidade, originalidade, inteligência e velocidade com que resolvem ou antecipam e evitam os problemas. Podem ter muito sucesso e grandes rendimentos ainda jovens, mas podem perder espaço rapidamente se não se atualizarem e inovarem, utilizando sua experiência passada para ampliar sua área de atuação e reciclar permanentemente seus conhecimentos.

Robert Reich faz análises muito parecidas às de Rifkin sobre o desempenho da economia norte-americana no sentido de pauperização da população e concentração de riquezas:

"Os dados sobre a distribuição de renda nos Estados Unidos são controversos. ... Porém, quase todos concordam que a tendência, pelo menos desde meados dos anos 1970, tem sido em direção à desigualdade. Controlando-se pelo tamanho familiar, zona geográfica e outras variações, a estimativa mais correta é que entre 1977 e 1990, a renda média do quinto mais pobre do povo americano diminuiu 5%, enquanto que o quinto mais rico tornou-se 9% mais próspero. Durante esses anos, a renda média do quinto mais pobre das famílias americanas diminuiu em torno de 7%, enquanto que do quinto mais rico aumentou cerca de 15%. Tal fato deixou o quinto mais pobre do povo americano em 1990 com 3,7% da renda total do país, abaixo dos 5,5% de vinte anos atrás, a menor participação que haviam tido desde 1954. E deixou o quinto mais rico com um pouco mais da metade de toda a renda nacional, a maior participação jamais registrada por essa faixa. Os primeiros cinco por cento arrebataram 26% de toda a renda nacional, um outro recorde." (Reich, 1994, p. 183-184).

Várias razões foram apontadas para explicar essa crescente desigualdade, desde o sistema tributário até as políticas sociais dos anos Reagan (1980-1988). Porém duas constatações importantes devem ser feitas: a primeira é que nos Estados Unidos e em vários outros países, o crescimento da desigualdade tem sido dramático mesmo entre as pessoas que estão empregadas; a segunda é que o crescente distanciamento salarial está estreitamente relacionado ao nível de escolaridade. Por exemplo: alguém com

curso segundo grau completo (sem formação universitária) e bem empregado ganhava em 1973 cerca de US\$ 31.677,00 anuais e em 1987 cerca de US\$ 27.333,00 anuais, ou seja, cerca de 12% menos. Se a pessoa fosse negra a queda dos rendimentos teria sido de 44%. Se a pessoa tivesse uma formação universitária a queda dos rendimentos seria muito menor, porém deve-se ter em mente que há vários desempregados ou subempregados com diploma de nível superior nos Estados Unidos e em outros países desenvolvidos, mas esse dado não pode ser analisado de forma simplista.

"Enquanto um diploma universitário não lhe garante um rendimento muito mais alto que o de anos atrás, sem esse diploma você nem sequer entraria na competição." (Reich, 1994, p. 192).

Outra constatação de Reich é de que os operários da produção de rotina estão destinados à pauperização progressiva e ao desemprego. Os servidores pessoais podem receber salários que lhes garantam a sobrevivência nos padrões minimamente razoáveis, mas não devem esperar grandes progressos a menos que invistam pesadamente em sua formação profissional. Surgirão novas oportunidades e postos de trabalho para esses profissionais, mas será cada vez mais difícil traçar o caminho do *self made man* dos anos do capitalismo rígido e industrial.

O extrato profissional dos analistas simbólicos deve, entretanto, crescer cada vez mais e oferecer ganhos e condições vantajosas para aqueles que têm tempo e capital para investir em uma formação profissional longa, bem estruturada e que reúna diferentes talentos em um mesmo indivíduo. Nesse nível as recompensas não são apenas as de remuneração direta ou indireta. O segredo é que muitos desses profissionais são muito bem pagos para fazer o que adoram, ou seja, eles não necessariamente "trabalham" mas executam projetos tão interessantes que poderiam fazer o trabalho sem remuneração ou até pagariam para ter essa oportunidade. Seu campo profissional é emocionante, desafiador, envolve jogos de poder, trocas de idéias, disputas inteligentes entre seus pares, liberdade de ação, viagens e contatos com outras pessoas habilidosas e estimulantes.

A estreita porta para esse mundo maravilhoso de oportunidades chama-se educação. É importante que as crianças destinadas ao universo dos "dirigentes" aprendam desde cedo a conceituar problemas e soluções. Para Reich a educação formal de um profissional de alto nível requer quatro aptidões básicas: abstração, raciocínio sistêmico, experimentação e colaboração. Não seria apenas uma educação escolar mas complementada por outras atividades. Evidentemente o capitalismo do final do século 20 propicia a uma ínfima minoria as facilidades pedagógicas e culturais que possibilitem uma formação excelente.

"Mais uma vez, a afirmação não é de que as escolas e faculdades americanas estão cumprindo seus objetivos adequadamente. O argumento é mais restrito: é o de que nossas melhores escolas e universidades estão proporcionando a um pequeno subgrupo de jovens

americanos um excelente treinamento básico nas técnicas essenciais à análise simbólica. Quando complementadas por pais interessados e participantes, boa atenção com a saúde, visitas a museus, audições sinfônicas, eventuais viagens a outros países, microcomputadores em casa, livros e toda a parafernália cultural e educacional que pais simbólico analíticos se deliciam em despejar sobre sua progênie, a formação escolar dessa afortunada minoria é uma preparação excepcionalmente boa para o mundo que os aguarda." (Reich, 1994, p. 218).

Essa formação continua no mundo do trabalho. Várias empresas têm programas de *trainee*, durante o qual o jovem profissional recém-formado é selecionado e os melhores são contratados para passarem por diversos setores da empresa e serem submetidos a uma série de cursos e seminários dentro ou fora das empresas. Muitos têm facilidades para cursarem programas de pós-graduação *latu sensu* ou até mesmo *strictu sensu*. Estudos e viagens tornam-se as vertentes principais de uma educação privilegiada para um estreito segmento social também privilegiado. Essa realidade é comum nos países desenvolvidos e nos países que tentam chegar a esse estágio como o Brasil, Argentina, México, Chile e Venezuela. O problema é que a excelência se torna cada vez mais socialmente restrita e limitada àqueles que conseguem, seja pelo esporte, pela capacidade financeira ou pelo brilhantismo intelectual, galgar os difíceis patamares do ensino básico e secundário de qualidade, em geral em escolas particulares muito caras, e depois ingressarem nas melhores universidades. Paralelamente devem adquirir os conhecimentos em informática, uma língua estrangeira e o desembaraço social que facilite os contatos e relações com as pessoas influentes e decisoras. As sociedades pós-industriais tornaram-se teias de reprodução seletiva de oportunidades que isolam das massas alguns poucos "iluminados". O isolamento não é apenas físico ou cultural, mas atinge níveis mais profundos:

"Os analistas simbólicos separaram-se do resto da nação. A separação assumiu diversas formas, mas teve como base a mesma realidade econômica emergente. Esse grupo não depende mais, como no passado havia dependido, do desempenho de seus compatriotas. Em vez disso, os analistas simbólicos estão ligados às teias globais, às quais agregam valor diretamente." (Reich, 1994, p. 237).

Eles vivem em um mundo globalizado, privatizado e autônomo, vivendo em condomínios fechados, trabalhando em locais confortáveis e isolados do mundo exterior, cercados pela alta tecnologia em permanente comunicação com seus iguais. A formação das comunidades tradicionais cessou de existir e o que se observa é a implantação planejada de comunidades internacionais nos melhores setores urbanos de Miami, São Paulo, Londres, Santiago, Buenos Aires ou New York. Reich não oferece esperanças ou alternativas de que o futuro possa ser muito diferente daquilo que é analisado em seu livro. Tendo pela frente a tendência do "cosmopolitismo *laissez-faire*", o que resta para os perdedores e excluídos? A internacionalização em geral e a globalização econômica não oferecem outros campos. O final de seu livro é uma constatação melancólica do que o mundo se tornou. Pode-se perceber um alívio pelo fato do autor pertencer ao grupo dos privilegiados e se manter à tona do turbilhão que assolou o final de século. Mais uma vez o salva-vidas mais eficiente apontado é

a educação, a abertura para os mercados mundiais e a diminuição da noção limitante representada pelos estados nacionais.

O consultor empresarial norte-americano William Bridges em seu livro *Mudanças nas relações de trabalho*, afirma que os empregos estão em um processo de desaparecimento progressivo e definitivo. As mudanças ocorridas no final do século 20 só encontram paralelo nos primórdios do capitalismo, na passagem do século 18 para o 19. O desaparecimento dos postos de trabalho assume duas formas: quantitativa e qualitativa.

Ao nível quantitativo o processo é um simples jogo de números, resultado dos avanços tecnológicos ao longo dos últimos dois séculos de capitalismo.

"Agora, porém, o processo está avançando tão rapidamente que mudanças enormes ocorrem da noite para o dia. Nos Estados Unidos, o colapso da União Soviética e as tentativas de reduzir o déficit orçamentário levaram a cortes imensos no orçamento de defesa e a demissões na indústria de defesa. Entre 1990 e 1992, houve mais de 1.000 fusões nessa indústria - e todas levaram ao desemprego. Se você somar os empregos perdidos desde 1989 pelos trabalhadores nas áreas de defesa (440 mil) àqueles perdidos pelos funcionários militares (300 mil) e civis (100 mil) americanos que trabalhavam para o Departamento de Defesa, o total será duas vezes e meia os empregos perdidos durante esse período nas alardeadas reduções de estruturas da General Motors, IBM, AT&T e Sears." (Bridges, 1995, p. 8).

Ao nível qualitativo aparecem as formas de trabalho temporário, terceirizado e contratado, ou seja, com papéis e relações de consultoria ou de prestação de serviço por tempo limitado e tarefas determinadas. As novas tecnologias seriam um dos principais causadores desse fenômeno, uma posição que não encontra consenso absoluto entre os analistas e consultores. Por exemplo, Olivier Blanchard, professor de economia do Massachusetts Institute of Technology (MIT) discorda da tese de que as novas tecnologias geram desemprego e dá como exemplo as décadas de 1950 e 1960 como sendo de grande avanço tecnológico e intensa geração de empregos. Pare ele, a médio ou longo prazo novos empregos aparecerão, em flagrante discordância com Bridges, e os campos promissores estão no setor de serviços. Blanchard aponta que a grande dificuldade se dá com as pessoas de meia-idade treinadas para desempenhar tarefas que estão sendo eliminadas pela tecnologia. Atacando o que denomina de "cultura do desemprego", e afirma que "a responsabilidade pelas dificuldades que assolam os trabalhadores no mundo todo seriam das políticas econômicas incorretas dos governos, incapazes de se antecipar aos fatos." (Folha de São Paulo 3/3/1996, p. 5-11).

Os empregos não são perenes na história da humanidade e no mundo pré-industrial eram essencialmente atividades, não cargos definidos e compromissados como se tornaram com o capitalismo industrial no século 20. No Reino Unido, a grande mudança para uma cultura de empregos começou em 1789 e, nos Estados Unidos, quase meio século depois. Hoje pode-se, portanto, pensar em uma formação social que talvez esteja se formando sem as características dos postos de trabalho com grades fixas de benefícios sociais, organogramas, horários a serem cumpridos, regulamentos inalteráveis e

rendimentos rigidamente hierarquizados. Pode-se pensar que vários segmentos profissionais estão a caminho de se relacionarem com base em contratos envolvendo horários livres, propostas mais abertas de trabalho, projetos envolvendo equipes com um mínimo de variação hierárquica e menor tutela paternalista estatal ou sindical, deixando que os trabalhadores auto-regulem suas atividades. Evidentemente, alguns setores que exigem maior segurança ou níveis delicados de operacionalidade (hospitais, companhias aéreas, forças armadas, corpo de bombeiros e salvamento em geral, controle de tráfego aéreo etc.) continuarão a ser fiscalizados pelos governos ou órgãos de classe para evitar corrupção, insegurança, tráfico de influência ou até mesmo atividades criminosas mais nocivas. Grande parte do livro de Bridges é um manual otimista para aqueles que estão desempregados e querem abrir seus próprios negócios ou mudar de atividade profissional. Esse tipo de "auto ajuda" tem um alcance muito limitado, basta remeter à problemática do desemprego estrutural citada por Rifkin e à extrema seletividade da educação de alto nível citada por Reich para perceber que a solução do problema do desemprego não está apenas em força de vontade individual (apesar de ser fundamental para qualquer pessoa), mas também na reforma de estruturas econômicas que estão se tornando maciçamente excludentes e facilitadoras de concentração de riquezas e injustiças sociais.

No Brasil, os professores da UNICAMP, Jorge Mattoso, Antonio Prado e Ricardo Antunes, são alguns dos cientistas preocupados com essas novas configurações sociais. Antunes, em seu livro *Adeus ao trabalho?*, analisa como as novas tecnologias e a economia flexibilizada alteraram o campo profissional.

"A década de 1980 presenciou, nos países de capitalismo avançado, profundas transformações no mundo do trabalho, nas suas formas de inserção na estrutura produtiva, nas formas de representação sindical e política. Foram tão intensas as modificações, que se pode mesmo afirmar que a classe-que-vive-do-trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento desses níveis, afetou a sua forma de ser." (Antunes, 1995, p.15).

A essa afirmação eu faria o complemento de que os trabalhadores não sofreram uma crise, mas estão sofrendo efeitos provocados por causas que ainda não mostraram totalmente como afetarão a tessitura social, pois são fruto de um processo em pleno desenvolvimento. Ao coletar seus dados em vários países do mundo, principalmente na Europa, o autor aponta claramente os dados que indicam a passagem para uma sociedade pós-industrial ou "de serviços":

"Pode-se dizer que nos principais países industrializados da Europa Ocidental, os efetivos de trabalhadores ocupados na indústria representavam cerca de 40% da população ativa no começo dos anos 1940. Hoje, sua proporção se situa próxima dos 30%. Calcula-se que baixará a 20 ou 25% no começo do próximo século." (Antunes, 1995, p. 43).

O autor segue uma metodologia marxista em sua análise e apóia-se em Kurz para afirmar que apesar desses dados, não se pode aceitar a tese das sociedades ditas pós-industriais ou pós-capitalistas, pois os serviços teriam um

caráter improdutivo e as sociedades marcadas pelo "toyotismo" (termo com o qual ele designa a produção flexível, na terminologia de Harvey) continuariam a ser industriais, uma vez que o setor secundário continuaria a ser a vertente determinante da economia. Seguindo-se esse raciocínio ele conclui, também, que o proletariado não desaparecerá tão rapidamente e que, nem mesmo num futuro distante, será eliminada a classe que vive do trabalho (Antunes, 1995, p. 54). Essa é uma posição política e ideológica do autor, assim como vários dos outros autores analisados têm suas posições social-democratas ou até mesmo liberais. Nada mais preocupante para um marxista do que o enfraquecimento do setor industrial e a diminuição considerável do proletariado, a classe revolucionária por excelência (junto com os camponeses) na obra de Karl Marx. A concepção de que o setor de serviços não é produtivo apresenta um anacronismo bastante acentuado, encontrado em outros autores brasileiros que subestimam a capacidade do setor. Veja-se o seguinte trecho:

"O que começa a ganhar espaço na cultura da modernidade é outra ordem de serviços, cabíveis em uma ... (outra) classificação. Serviços 'inúteis' sob o ponto de vista do desenvolvimento econômico, ligados principalmente ao lazer, ao cultivo da beleza física, aos imperativos da moda etc. ... Proliferam numa sociedade que já acumulou riqueza suficiente para gastá-la com atividades que não são ... ligadas a qualquer necessidade de sobrevivência material. Passam a constituir as bases de importante setor da 'classe média', antes praticamente inexistente." (Souza, 1994, p. 75).

Essa visão retrógrada é fruto da ignorância, da obstinada falta de reconhecimento de um mundo com novas possibilidades de gerar riquezas, conhecimento e, por que não, prazer. Mesmo que se queira ficar no "economicismo" a hipótese não se sustenta. Como se pode defender a posição de que economias regionais fortes como a Flórida, sul da Espanha, Havaí e Rivas Francesa e Italiana não atingiram índices elevados de produtividade econômica graças aos recursos gerados pelo turismo? Como ignorar os dados referentes aos gastos com entretenimento em vários países desenvolvidos? Não há sustentáculo teórico possível, apenas o casuísmo conceitual e o medo perante o "novo" podem mascarar a face das mudanças e negar sua existência e seus efeitos.

Mas isso é uma discussão puramente econômica que foge ao problema principal apontado neste trabalho. O importante é que os dados analisados por Antunes apontam na mesma direção dos outros autores não marxistas, apenas a interpretação quanto algumas das causas do processo e às tendências para o futuro do trabalho são diferentes.

Com todas as diferenças metodológicas e ideológicas o mundo do trabalho apresenta um quadro bastante definido quanto às suas transformações. Está em um processo de aceleradas mudanças devido às novas tecnologias e essas mudanças se refletem na diminuição de postos de trabalho (quantitativos e qualitativos), aumentos do desemprego e subemprego, na flexibilização da produção gerando novas relações profissionais, no surgimento de categorias profissionais antes inexistentes especialmente no

setor de serviços e informática, na diminuição da população economicamente ocupada no setor secundário, hipertrofia do setor terciário e valorização de atividades como o lazer.

Essas mudanças foram percebidas pelos filósofos já em meados do século. Hannah Arendt, em 1958, com sua lucidez intelectual e sensibilidade existencial, detectou a força e os rumos das mudanças. Em seu livro, *A condição humana*, ela analisa as categorias de labor, trabalho e ação e como elas podem influenciar o presente e o futuro do ser humano. A precisão de sua análise pode ser observada no seguinte trecho: *"Mais próximo e talvez igualmente decisivo é outro evento não menos ameaçador: o advento da automação, que dentro de algumas décadas provavelmente esvaziará as fábricas e libertará a humanidade do seu fardo mais antigo e mais natural, o fardo do trabalho e da sujeição à necessidade."* (Arendt, 1983, p. 12). É uma posição ao mesmo tempo consciente e otimista frente a tendências existentes que se realizaram parcialmente. As fábricas se esvaziaram mas a "ausência do fardo do trabalho" significou, para muitos, exclusão. Mas a filósofa antevia que a transição não se efetuariam sem trauma para a sociedade. *"A era moderna trouxe consigo a glorificação teórica do trabalho, e resultou na transformação efetiva de toda a sociedade em uma sociedade operária. Assim, a realização do desejo, como sucede no conto de fadas, chega num instante em que só pode ser contraproducente. A sociedade que está para ser libertada dos grilhões do trabalho é uma sociedade de trabalhadores, uma sociedade que já não conhece aquelas outras atividades superiores e mais importantes em benefício das quais valeria a pena conquistar essa liberdade."* (Arendt, 1983, p. 12).

A sociedade, ou parte substancial dela, fica atônita perante as mudanças. Os que se aposentam precisam ser treinados para desfrutarem seu tempo livre; os que perdem empregos têm que se adaptar a uma estrutura de trabalho flexível e terceirizado, o que implica em uma maior liberdade de administração do tempo pessoal para o lazer e o trabalho; as pessoas, de repente, têm acesso a mais e melhores formas de desfrutar de sua vida, de se divertirem e se apropriarem de coisas e sensações antes encaradas como proibidas, pecaminosas ou exclusivas dos muito ricos. Daí a tentativa de negação das mudanças e da presença dos paradigmas diferentes daqueles apreendidos nas últimas décadas. Os homens e mulheres, especialmente no ocidente cristão, reprimiram seus desejos e controlaram (ou até mesmo eliminaram) seu prazer durante milênios. A ética protestante endeuou o trabalho e a produção de riquezas; a moral católica pregou a ascese e a sublimação como meio de se furtar aos pecados do mundo e da carne. O prazer ficou sistematicamente fora dos projetos das igrejas oficiais e, posteriormente, foi excluído (ou regulamentado rigidamente) pelos partidos políticos vitoriosos nas revoluções proletárias que institucionalizaram e burocratizaram todos os aspectos da vida social. Os cristãos e os comunistas sempre tiveram problemas em aceitar as dimensões do prazer. Hoje, em uma sociedade pluralista e segmentada, com várias opções existenciais, isso se torna um problema para muitos. Mas... *"o que subsistiria do progresso técnico e cultural se se retirasse da história a procura universal de maior conforto, menor dor e melhor prazer? A maneira mais radical de não ter de empregar os freios é cortar o funcionamento do motor, mas não vai longe o veículo desprovido de dinamismo interno. Temperança e ascese são freios, não levam por si a lugar algum. O deserto é o local de transição e sublimação, não Éden para ficar. Vale o deserto, notou Saint-Exupéry, pelo oásis*

que esconde; a idéia do oásis é o germe da esperança: nunca a esperança humana foi de menor conforto e menor prazer, sem compensação. O próprio deserto com seu oásis não é Éden para ficar; a doença e a crise são para sair delas." (Lepargneur, 1985, p. 138).

A abertura para novas dimensões do mundo, envolvendo inclusive análises sobre lazer e turismo, compreendem necessariamente uma relação descomplicada com o prazer, pois ele se faz presente nos tempos pós-industriais. O receio do novo mescla-se com a teia dúbia e rota que mascara as relações das pessoas com o prazer. Aí fica difícil fazer ciência, pois o subjetivismo mal resolvido pode comprometer a compreensão do real. Mas a ciência e a filosofia devem adentrar nas câmaras "esquecidas" do ser humano e retirar dos cofres apodrecidos tudo aquilo que a consciência teimou em olvidar ou esconder da luz da existência. Além de ser preciso, pode ser muito bom esta arqueologia nas profundezas da alma. "O prazer será sempre uma realidade sedutora, ao mesmo tempo atraente e perigosa, ambígua e necessária, provocadora de reações extremadas à beira da alienação, e condimento indispensável para a caravana humana em marcha." (Lepargneur, 195, p. 109). Quem tem medo de se abandonar no turbilhão de emoções em uma noite de lua, ao lado de um copo de vinho, ouvindo sua música preferida e sentindo a fragrância e a textura da pele da pessoa amada? Com certeza quem precisa de auxílio profissional. "Aquele que não usufruir nenhuma flor, nenhum fruto, deste mundo visível que passa, que prova tem que seja capaz de obter a felicidade do mundo invisível que não passará?" (Lepargneur, 1985, p. 141).

As mudanças não ocorreram apenas na relação da humanidade com o prazer, no mundo do trabalho, na organização social ou nas estruturas econômica ou política. Desde a revolução industrial, e principalmente ao longo do século 20, o mundo observou uma profunda transformação também em seu espaço geográfico e na interpretação desse espaço. O lazer e o turismo em muito contribuíram para essa nova percepção, permeados por tecnologias que "reduziram" o tamanho do planeta, graças aos novos meios de transporte, e à mídia, que reconfigurou os estereótipos culturais tradicionais.

VI - O ESPAÇO PÓS-MODERNO

"Ver a Terra a partir do espaço é uma experiência tão surpreendente, tão impressionante, que chega a mudar as pessoas. Imagine planar sobre o planeta a centenas de quilômetros de altitude e a uma velocidade de quase 30 mil km por hora, e mesmo assim sentir como se flutuasse em uma grande nave. Cores que nunca se imaginou, formas que se conhece tão bem dos mapas, lugares em que vivemos, que visitamos ou sobre os quais lemos parecem desfilar em ritmo majestoso, embora a velocidade seja alucinante, diante de nossos olhos. ... Os astronautas voltam da experiência sentindo a Terra de um modo diferente. Eles sentem mais apreço e mais respeito pelo planeta. Acho que desenvolvem um outro tipo de relacionamento com a Terra, mais ou menos igual à primeira viagem ao exterior, que dá um novo significado à identidade nacional. Gostaria que existisse alguma forma de estimular nas pessoas um pouco da curiosidade e do fascínio pela Terra que esta vista do espaço provoca. Mas viagens assim não são comuns." Astronauta Kathy Sullivan (Strain & Engle, 1992, p. 12)

1. O espaço global

O turismo exerce seu fascínio pela possibilidade de as pessoas se deslocarem pelo espaço terrestre. Evidentemente em um futuro não muito distante espaçonaves estarão conduzindo passageiros entre a Terra e estações espaciais ou até mesmo à Lua e Marte. Se falassem para meu avô, em 1915, que seu neto poderia voar em máquinas de 350 toneladas a quase mil quilômetros por hora, acompanhado por mais trezentas pessoas, ele dificilmente deixaria de dar um sorriso de incredulidade e outro de desconfiança pela afirmativa aparentemente desarrazoada. Porém mesmo restritos ao planeta Terra, as possibilidades de viagens são muito variadas, especialmente as possibilitadas pela rapidez crescente com que hoje se consegue atravessar o planeta. Por exemplo, um jato comercial convencional completa a volta ao mundo em 48 horas. Um Concorde em quase 30 horas. Os Estados Unidos estão desenvolvendo um avião "secreto" (provavelmente o Aurora), capaz de atingir qualquer ponto do planeta em 3 ou 4 horas. Isso significa a capacidade de circunavegação em 7 ou 8 horas. As naves espaciais tripuladas, o Space Shuttle por exemplo, se deslocam a quase trinta mil quilômetros por hora realizando várias "voltas ao mundo" por dia. É impossível saber o horário a bordo - já é difícil nos vôos intercontinentais no sentido leste-oeste e vice-versa -, pois a nave atravessa inúmeros fusos horários "por hora", portanto, por definição, o horário de bordo das naves norte-americanas é o mesmo do Centro de Controle em Houston, Texas.

Para melhor ilustrar essa compressão, David Harvey faz uma pequena tabela analisando a velocidade média dos meios de transportes através da história:

1500-1840: a média de velocidade das carruagens e dos barcos a vela era de 16 km/h.

1850-1930: locomotivas a vapor, 100 km/h; os barcos a vapor, 57 km/h.

1950: aviões a propulsão voavam a 480-640 km/h.

1960: jatos de passageiros voam a 800-1100 km/h.

(Harvey, 1993, p. 220)

Essas são as peculiaridades geográficas que afetam a percepção do tempo nas pessoas, mas existem outras peculiaridades criadas pelas tecnologias de comunicações que também afetam a percepção da realidade. Os sistemas bancários, redes de computadores, redes de TV, redes telefônicas operam *on line*, ou seja, em tempo real. O horário dos jogos da Copa do Mundo de 1994 foi estruturado pensando-se também nas transmissões "ao vivo", o que significava a tentativa de se escolher o melhor horário possível para a maior parte do mundo, pois audiência elevada garante tarifas também elevadas de veiculação publicitária. Os jogos, a transmissão, a publicidade e o fuso horário adequado eram as quatro variáveis que tinham que ser compatibilizadas entre si para possibilitar a maior diversão possível para os telespectadores e o maior lucro possível para os anunciantes e veiculadores dos jogos. Afinal, não é todo mundo que pode acompanhar um jogo de futebol às três da madrugada, comemorar a vitória e dormir o dia inteiro pois a maioria das pessoas precisa ir trabalhar às oito da manhã.

As transmissões de TV ao vivo em rede mundial causam algumas discrepâncias que não são totalmente percebidas pelo grande público, ou talvez tenham se tornado banais. Por exemplo, quem está assistindo à CNN ao vivo à noite em São Paulo, não se espanta (ou não sabe) que a transmissão está acontecendo na manhã seguinte se for um conflito no Oriente Médio ou, se for um evento na Califórnia, na tarde do mesmo dia, tudo simultaneamente, graças às diferenças de horário. Mas, mesmo imperceptível, a desestruturação temporal existe e afeta de várias formas o imaginário das pessoas. Essa desestruturação ou dinamismo temporal intensificou-se com o aumento da velocidade nos meios de transportes, especialmente com a construção das ferrovias no Reino Unido em meados do século 19. A disseminação das ferrovias e dos navios a vapor pelo mundo todo gerou uma conferência internacional para estabelecer um padrão de horário mundial comum a todos os países, inclusive com a divisão do planeta em fusos horários e a delimitação do meridiano "zero" em Greenwich. A conferência ocorreu em Washington D.C., capital dos Estados Unidos, no dia 22 de outubro de 1884 e estruturou os meridianos com seus respectivos fusos horários, todos eles originando-se no meridiano zero de Greenwich. A conferência delimitou também a Linha Internacional de Data (meridiano 180 graus) que corta o Oceano Pacífico. A própria escolha do meridiano zero foi ideológica. A França e a Alemanha também gostariam de ter o privilégio de sediar a "linha do início do tempo

terrestre”, mas o Reino Unido tinha mais poderio mercantil, bélico e político para ganhar a votação internacional que escolheu o local por onde o meridiano deveria passar.

Porém a percepção de que algo estava errado, ou no mínimo precisava ser arranjado, começou com as grandes navegações europeias mais de trezentos anos antes, em pleno século 16. Foi Antonio Pigafetta, relator da expedição de Fernão de Magalhães (1552), a pioneiro a fazer a circunavegação do globo terrestre, o primeiro a detectar o problema. Depois de meses no mar, eles chegaram nas ilhas de Cabo Verde, oeste da África, acreditando firmemente estarem no dia 9 de julho de 1522, mas...

“Apesar de termos feito uma contagem rigorosa dos dias, perguntamos ao chegar qual era o dia da semana e os habitantes portugueses da ilha nos disseram que era quinta-feira, o que causou um grande espanto a bordo, pois tínhamos certeza de que era quarta-feira. Não podíamos acreditar que estávamos errados; e eu estava ainda mais espantado que os outros, pois fiquei com boa saúde e todos os dias, sem interrupção, fiz a marcação dos dias decorridos...” (Condé Nast Traveler, janeiro 1990, p. 103)

Um século e meio depois, William Dampier, o bretão que descobriu a maior parte da costa da Austrália Ocidental, fez uma outra descoberta: que a irritante e mal explicada perda de um dia em viagem que parecia sempre ocorrer em navegações de longa distância - Pigafetta foi apenas o primeiro de muitos - só acontecia quando a viagem se fazia pelo oceano Pacífico no sentido leste-oeste, ou seja, proveniente das Américas. Viajantes que vinham pelo outro lado, através do Cabo da Boa Esperança e do Oceano Índico, encontravam as datas esperadas e seus calendários não precisavam sofrer alteração. Era no Pacífico que o conflito maior nas medidas de tempo acontecia. Por isso os países do Pacífico, cuja descoberta e colonização deu-se pelo oeste, geralmente acabaram por se encontrar um dia à frente dos países que foram descobertos e colonizados pelo leste. Os portugueses, os ingleses e os holandeses colonizaram o Pacífico a partir do oeste e suas colônias como Índias Orientais, Hong Kong, Macau, Austrália e Nova Zelândia estavam todos um dia adiantados. Os países colonizados pelos espanhóis, como Filipinas e Guam, estavam um dia atrasados pois seus exploradores chegaram pelo leste. Havia então o “calendário asiático” mantido em lugares como a Indonésia e o “calendário americano”, mantido pelas Filipinas. Mas em geral a confusão prevalecia. Os ingleses insistiam que todas as ilhas da colônia de Fiji (através das quais passava o meridiano da Linha Internacional de Data) tivessem o mesmo calendário e hora, que era o mesmo da Austrália. Mas o reino de Samoa, pressionado pelos comerciantes norte-americanos, decidiu manter o tempo americano.

Na medida em que as comunicações se tornaram mais rápidas durante o século 19, a manutenção dos calendários assíncronos tornou-se um absurdo para as viagens marítimas e o comércio em geral. Várias tentativas foram feitas para se estruturar uma linha divisória no Pacífico e finalmente a Conferência Internacional do Meridiano, realizada em 1884, adotou o famoso *Greenwich*

Mean Time (GMT), os fusos horários e a Linha Internacional de Data no Pacífico. Evidentemente essas linhas não são absolutamente retas. Foram feitas algumas exceções (o extremo leste da Sibéria, por exemplo, estaria além da Linha de Data mas foi mantido no mesmo "dia" para evitar problemas internos na Rússia, como ter uma parte do território distante um dia no tempo apesar de estar do outro lado da rua) e alguns arquipélagos ou países foram agrupados no mesmo fuso horário.

Além da organização dos fusos horários, outro problema espacial deve-se à nomenclatura das cidades e acidentes geográficos. Por exemplo, se alguém quiser ir até a cidade de Georgetown é melhor explicar muito bem à qual das oito cidades está se referindo. Há cinco Georgetown nos Estados Unidos (Delaware, Califórnia, Kentucky, Texas e Carolina do Sul), e mais três no resto do mundo (Guiana, São Vicente e Gâmbia); oito cidades com o nome Eureka nos estados Unidos; ou três Mérida (México, Espanha e Venezuela). Para tentar garantir uma nomenclatura geral compreensível em todo o planeta os Estados Unidos dispõem em Washington D.C. de um organismo federal que é responsável por arquivar e organizar todos esses nomes em um gigantesco inventário formado por mapas, listas de nomes e dados complementares informatizados.

O espaço geográfico tem portanto suas suscetibilidades aos níveis de fusos horários, datas e nomenclatura. Porém, há outras características mais inquietantes ao nível filosófico. Bachelard foi um dos pensadores a analisar algumas dessas questões em seu livro *A poética do espaço* que, como o nome mesmo indica, faz uma dissertação sobre como as pessoas e as coisas se distribuem nos espaços da vida, não no espaço geográfico, mas nos espaços íntimos e públicos por onde a existência transcorre no cotidiano. Outro exemplo são os espaços urbanos que se desenvolveram de uma forma pragmática e acelerada a partir de meados do século 19. Marshall Berman realiza uma completa explanação de como cidades surgiram do nada no meio de regiões inóspitas (a construção de São Petersburgo no início do século 18 pelo Czar Pedro, o Grande), ou como antigas cidades foram completamente reurbanizadas (Paris em 1870 na gestão do prefeito Hausmann) ou ainda as transformações viscerais na periferia de Nova Iorque ao longo do século 20 (Berman, 1986).

O mesmo aconteceu com a cidade de Viena, Áustria, onde as transformações urbanas impunham uma nova visão de mundo que surgia através das classes dominantes recém-empossadas no poder:

"Em 1860, os liberais da Áustria deram seu primeiro grande passo para o poder político, na parte ocidental do Império Habsburgo, e transformaram as instituições do Estado segundo os princípios do constitucionalismo e os valores culturais da classe média. Simultaneamente assumiram o poder na cidade de Viena. Ela virou seu bastião político, sua capital econômica e o centro de irradiação de sua vida intelectual. Desde que ascenderam ao poder, os liberais começaram a remodelar a cidade à sua própria imagem e, quando foram expulsos do poder no final do século, em larga medida tinham conseguido: a face de Viena estava transformada. O centro dessa reconstrução urbana foi a Ringstrasse. Vasto complexo de edifícios públicos e

residências particulares, ela ocupava uma ampla faixa de terra, que separava a antiga cidade interna e os subúrbios. Graças à sua escala e homogeneidade estilística, a 'Viena da Ringstrasse' converteu-se num conceito para os austríacos, uma forma de invocação mental das características de uma época, equivalente à noção do 'vitoriano' para os ingleses, 'Grunserzeit' para os alemães ou 'Segundo Império' para os franceses." (Schorske, 1988, p. 43).

Os arquitetos Camillo Sitte e Otto Wagner fizeram de Viena uma capital onde o espaço urbano tinha uma mensagem muito clara a oferecer. A política, a educação e a cultura burguesas estavam situadas em locais privilegiados na nova estrutura arquitetônica monumental da cidade e o espaço foi ganho através de terras devolutas das forças armadas. Essas terras tiveram sua origem nas antigas fortificações e na esplanada que tomou seu lugar depois que elas, tardiamente, foram demolidas. Após muitas negociações os liberais conseguiram autorização para transformar o antigo campo ligado a atividades bélicas em um eixo de desenvolvimento urbano à semelhança da nova Paris que surgia também fruto de recentes conquistas urbanísticas e arquitetônicas. Ambas as cidades tinham uma burguesia a louvar e uma massa crescente de trabalhadores em estado pré-revolucionário a isolar através de amplas alamedas e bulevares. Separar os detentores do capital e do conforto dos miseráveis era mais um bom motivo para reestruturar arquitetonicamente as antigas cidades européias, principalmente as capitais situadas perto do vórtice do furacão revolucionário que se aproximava.

Os espaços geográficos naturais e os espaços ocupados pelo ser humano podem contar muito sobre as sociedades neles estabelecidas. Além de Bachelard, Berman e Schorske, Paul Virilio igualmente se utiliza da crítica ao espaço urbano contemporâneo para analisar as atuais formações sociais. Para ele espaços usuais como os aeroportos, tão necessários ao fluxo turístico internacional, transformam-se em nódulos críticos baseados nos conflitos políticos:

"As construções não são mais executadas segundo as restrições técnicas tradicionais, o projeto passa a ser concebido em função dos riscos de 'contaminação terrorista' e a organização dos espaços é feita a partir da distinção entre zona estéril (partida) e zona não-estéril (chegada). Todos os circuitos de carga (passageiros, bagagens, frete...) e suas rupturas, assim como os diferentes movimentos de trânsito devem ser submetidos a um sistema de desvio de tráfego (interior/exterior), a forma arquitetural do prédio passando a traduzir menos a personalidade do arquiteto do que as precauções necessárias à segurança pública. Última porta do Estado, o aeroporto torna-se, assim, como o forte, o porto ou a estação de trem do passado, lugar de uma regulação essencial de trocas e das comunicações, portanto, espaço de uma forte experimentação de controle e vigilância máxima realizada por uma 'polícia do ar e das fronteiras', cujos efeitos contra os terroristas iriam ganhar destaque com a tomada de reféns em Mogadíscio e a mobilização dos guardas da fronteira alemães do GS.G9 a milhares de quilômetros de sua jurisdição..." (Virilio, 1993, p. 8).

Os espaços públicos urbanos vão se tornando então disformes e pragmáticos, em relação aos medos e às necessidades estatais. Quem passou pelo aeroporto de Roma no início de 1986 (alvo de um sangrento atentado palestino em dezembro de 1995) ou nos aeroportos ingleses no final de 1990 e início de 1991 (período imediatamente anterior à Guerra do Golfo) viveu uma

realidade bastante diferente daquela que se espera do ponto de chegada e partida de viagens românticas para satisfazer vontades e desejos. Aqueles aeroportos foram transformados em teatros de guerra: tropas armadas e em uniformes completos de combate, cães treinados, especialistas em explosivos, trincheiras de sacos de areia, canhões anti-aéreos, patrulhamento ostensivo destinado à intimidação e dissuasão, vigilância super-reforçada, avisos agressivos nos auto-falantes, controle de bagagens, passaportes e bilhetes aéreos checados inúmeras vezes antes do embarque. Tudo isso procurava não só garantir a segurança dos passageiros e dos funcionários, mas também impedir a infiltração de terroristas e equipamentos letais disfarçados em carga ou bagagem. A varanda de observação externa do aeroporto de Guarulhos em São Paulo está fechada ao público desde 1991, pelos mesmos motivos de segurança anti-terrorismo da Guerra do Golfo, pois pensava-se que o Iraque poderia retaliar qualquer país simpatizante da coalisão. A proposta de "segurança máxima", característica dos regimes militares autoritários da América latina nas décadas de 1970 ou dos países do socialismo real, tomou de assalto os países desenvolvidos do ocidente. Os traços arquitetônicos de qualquer embaixada dos Estados Unidos no mundo todo incluem obrigatoriamente uma mureta de concreto na fachada para evitar que terroristas suicidas entrem com carros cheios de explosivos como aconteceu em Beirute. As chegadas na União Européia, nos países do NAFTA ou nos países desenvolvidos da Ásia também ignoram os apelos paradisíacos de recantos turísticos fascinantes. Esse estereótipo pode até ser encontrado, mas depois das linhas de imigração e alfândega, ávidas por localizar fugitivos, clandestinos à procura de emprego, traficantes, terroristas, contrabandistas, prostitutas e travestis. São poucos os aeroportos liberais como Schipol, em Amsterdam, que deixam entrar todo mundo com um sorriso de despreocupação, afinal o sexo e as drogas rolam soltos pela cidade servindo de chamariz para um turismo menos ortodoxo.

Depois de passar pela segurança máxima dos aeroportos e pelos frios avisos de "Boas vindas", o viajante encontra-se pronto para desfrutar o espaço alienígena para o qual se deslocou. Esse espaço tem sofrido modificações ao longo do tempo recente e em todo o ocidente. A fragmentação social e cultural afetou a arquitetura. As novas tecnologias influenciam os novos projetos urbanos.

"De fato, há muito a transparência tomou o lugar das aparências; desde o início do século XX a profundidade de campo das perspectivas clássicas foi renovada pela profundidade de tempo das técnicas avançadas. O desenvolvimento da indústria cinematográfica e da aeronáutica seguiu de perto a abertura dos grandes bulevares. Ao desfile haussmaniano sucedeu-se o desfile acelerado de imagens dos irmãos Lumière, a esplanade dos Invalides sucedeu-se a invalidação do plano urbano, a tela bruscamente tornou-se o local, a encruzilhada de todos os meios de comunicação de massa.... Finalmente, mais do que a Las Vegas de Venturi, Hollywood merecia uma tese de urbanismo, já que se tornou, depois das cidades-teatro da atiguidade e da renascença Italiana, a primeira Cinecitta, a cidade do cinema-vivo onde se fundiram, até o delírio, o cenário e a realidade, os planos de cadastro e os planos-sequência, os vivos e os mortos-vivos. Aqui, mais do que em qualquer outra parte, as tecnologias avançadas convergiram para moldar um espaço-tempo sintético. Babilônia da desrealização fílmica,

Hollywood foi construída bairro por bairro, avenida por avenida, sob o crepúsculo das aparências, o sucesso dos procedimentos ilusionistas, o impulso de produções espetaculares como as de D. W. Griffith, em um prenúncio de urbanização megalômana da Disleilândia, Disneyworld e EPCOT-Center." (Virilio, 1993, p. 19/20).

2 - O espaço norte-americano

Em Hollywood, foi feita a conexão entre três épocas distintas: a pré-modernidade das grandes navegações européias; a arquitetura de meados do século 19, auge da modernidade; e o final do século 20, época da pós-modernidade. A cultura, os meios de comunicação, as possibilidades de viagens, as novas tecnologias transformam o espaço e o tempo dos seres humanos. Da necessidade de se estabelecer fusos horários até a superação dessa necessidade nas viagens espaciais, as pessoas acostumaram-se a tempos fluídos e etéreos e a espaços mutáveis e artificiais. A mesma Hollywood (um dos subúrbios de Los Angeles) observada por Virilio encantou outros pensadores:

"Nada iguala sobrevoar Los Angeles à noite. Uma espécie de imensidade luminosa, geométrica, incandescente, a perder de vista, que explode no interstício das nuvens. Somente o inferno de Jerônimo Bosch nos dá essa impressão de braseiro..." (Baudrillard, 1986, p. 46).

Ao ver o Hotel Bonaventure Westin de Los Angeles, Baudrillard encarou o edifício redondo, exemplo de arquitetura pós-moderna, como sendo algo "lúdico e alucinógeno" plantado na imensa planície semi-árida perto do deserto californiano. Os exemplos centrados no continente norte-americano são bastante generosos quando se fala em pós-modernidade ou em sociedade de serviços, inclusive na literatura, na crítica cultural e na filosofia.

Pensadores como Baudrillard, Umberto Eco, Paul Virilio e Nelson Brissac Peixoto parecem concordar que os Estados Unidos são um tipo de paradigma deste espaço pós-moderno. O continente norte-americano é sideral nas suas planícies e espaços abertos, em parte devido à atmosfera pura e cristalina do meio-oeste desértico. As construções foram edificadas de uma forma esteticamente artificial e estranha nesse cenário cinematográfico. A natureza selvagem das grandes planícies, das montanhas repletas de lagos e florestas temperadas e os desertos ajudam os roteiristas. Steven Spielberg começou sua carreira cinematográfica com uma história estranha que se passa nas rodovias do deserto dos Estados Unidos. *Encurralado* é o nome desse filme em que um caminhão persegue por milhas e milhas um carro com um motorista solitário apenas porque este forçou uma ultrapassagem em uma inofensiva reta. O filme *Bagda Café* também se passa nesse deserto desolado, num lugar miserável onde as pessoas desterritorializadas acabam encontrando algo de relacionamento humano possível nessas condições. Já os personagens de *Paris, Texas* encontram apenas a solidão e a frustração perante diversões dúbias, artificiais e sem sentido. O deserto norte-americano serviu de cenário para inúmeros filmes de Hollywood, filmes publicitários (a luz do deserto é mais

crystalina devido à ausência de umidade, melhorando consideravelmente a definição das imagens) e romances.

"O deserto americano é uma dramaturgia extraordinária, nada teatral, como os lugares alpestres, tão sentimental como a floresta ou a campanha. Nem erodido e monótono como o deserto australiano, sublunar. Nem místico como os desertos do Islã. É geologicamente dramático ... uma superprodução geológica. O cinema não é o único a ter-nos dado uma visão cinematográfica do deserto, a própria natureza conseguiu aqui, muito antes dos homens, produzir o seu mais belo efeito especial." (Baudrillard, 1986, p. 60).

Os Estados Unidos são o segundo país do mundo a receber turistas (em primeiro lugar está a França com 50 milhões de turistas por ano e em segundo lugar os Estados Unidos com 39 milhões, segundo dados da Organização Mundial de Turismo, 1991) e o primeiro a receber divisas (40 bilhões de dólares em 1991, dados da OMT). Seu imenso território oferece literalmente tudo o que pode ser comprado, por um preço que varia de dezenas a milhões de dólares. São mercadorias e serviços que teoricamente podem realizar os sonhos, matar as vontades ou saciar os desejos das pessoas que podem pagar por eles. Esse espaço geográfico imenso representa uma parte significativa da história deste século 20. É o país para onde os brasileiros e os latino-americanos em geral mais viajam e sua cultura deixou de ser "nacional" para se tornar multinacional.

"A América é a versão original da modernidade; nós (a Europa) somos a versão dublada ou com legendas. O Japão já é um satélite do planeta Terra. Mas a América já foi, em seu tempo, um satélite do planeta Europa. Queiramos ou não, o futuro deslocou-se para os satélites artificiais: os EUA são a utopia realizada." (Baudrillard, 1986, p. 66).

Os Estados Unidos podem ser encarados como um dos paradigmas da pós-modernidade, principalmente porque foram o paradigma da modernidade ao longo da maior parte do século 20. Atualmente o Japão, a Austrália, os "Tigres" asiáticos, o Canadá e até mesmo bolsões da América Latina como São Paulo e Buenos Aires podem ser vistos como "pós-modernos", mas até as décadas de 1970 ou 1980 a América do Norte mantinha uma certa exclusividade na detenção desse rótulo. O motivo principal é que após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos foram, perante o ocidente, o símbolo e a marca principal de liberdade e desenvolvimento tecnológico. A história da Segunda Guerra foi alterada profundamente com a entrada dos Estados Unidos em 1942 e sua participação foi fundamental para a derrota das forças do Eixo. Essa história transformou-se em mito e o mito virou indústria cultural, marketing e negócios, basta lembrar, como exemplo, a sequência final do filme *O Império do Sol*, citada no capítulo IV da parte 3. A projeção internacional norte-americana foi imensa após a guerra e nesse período o *american way of life* foi exportado para uma parte considerável do planeta graças ao desenvolvimento econômico e militar do país e à expansão de seu modelo taylorista-fordista.

Com o final da Guerra Fria o país aparece como candidato mais forte ao cargo de "xerife" mundial, comandando as tropas da ONU em vários pontos de conflitos localizados no planeta. Aliás a história das intervenções militares norte-americanas não é recente e nem breve. Desde a guerra da sua

independência (1775/1783) até a Guerra do Golfo (1991) o país se envolveu em 41 conflitos internacionais (Folha de São Paulo, 3/2/1991, p. 6 Especial). Sua dominação econômica é tão poderosa que se torna difícil fazer um inventário objetivo e abrangente do significado de sua participação na construção dos espaços sociais, urbanos e culturais da pós-modernidade. Vários intelectuais apontam a falta de cultura mais profunda das massas americanas, sociólogos preconizam a decadência irreversível da potência ianque e inúmeros grupos ao redor do mundo criticam o *"american way of life"*. Apesar disso tudo os EUA continuam a ser um referencial que não pode ser desprezado pelos cientistas sociais. Baudrillard foi um dos europeus a reconhecer a importância e os aspectos inéditos dessa cultura e sua ação no espaço geográfico continental desse país. Seu tamanho territorial, os recursos naturais e a força do parque industrial, a complexidade dos setores primário e terciário e seu poder nuclear ofensivo devem garantir a importância norte-americana por mais algumas décadas, não apenas aos níveis econômico e militar, mas também cultural e social.

Os Estados Unidos são muito vistos e analisados pelos brasileiros. A Flórida tornou-se um destino onde, pelo menos em Miami, o inglês é razoavelmente substituído pelo português do Brasil. Entre as centenas de milhares de turistas brasileiros que vão aos EUA, alguns preocupam-se em refletir sobre esse imenso país e posicionar-se criticamente sobre seu espaço e sua cultura. É o caso de Nelson Brissac Peixoto, que se vale do olhar estrangeiro para melhor tentar entender uma realidade inquietante. Assim como Jostein Gaarder repete mais uma vez a frase *"para fazer filosofia é necessária a capacidade de se admirar com o mundo"* (Gaarder, 1995, p. 10), Peixoto aproveita bem o fato de ser "alienígena" para se admirar com uma outra cultura. Para ele o viajante, o estrangeiro, está em posição privilegiada para lançar olhares críticos sobre territórios estranhos, pois não está familiarizado com o cotidiano alheio. Utilizando-se de alguns personagens como o detetive, o viajante e o estrangeiro, ele faz uma análise da sociedade norte-americana de uma maneira não usual mas profunda. Esses três personagens têm em comum o fato de se guiarem por sinais e marcas na paisagem e nas coisas que encontram pelos caminhos. Entre a literatura e o cinema, duas referências básicas em seu texto, Peixoto "lê" a população, os cenários e as histórias mitificadas norte-americanas.

As cidades, o espaço urbano são lugares de perda de identidade e de uma vida passada na obscuridade do individualismo. Solidão, mutismo e isolamento formam o cotidiano das metrópoles. O detetive, produto urbano de tantas histórias e filmes de mistério e aventuras, é alguém que se relaciona com frustrados e derrotados ao longo de suas investigações que envolvem trapaças, crimes e fraudes. No final, ele descobre-se também um perdedor. É um atrasado e impotente num mundo complexo demais. O detetive é alguém que foi tipificado pelo cinema como honesto, divorciado, durão, solitário e socialmente marginal, um sujeito indesejável cuja companhia não é apreciada nem mesmo pelo seu chefe. Os personagens de Peixoto são utilizados como pontos de

partida das análises sociais e atuam como símbolos que representam vastas parcelas da população massificada.

Os *cowboys*, aventureiros e *outsiders* que perambulam pelos desertos americanos são esse tipo de gente e as estradas que cortam esses espaços são o nada cruzando o nada. Desterritorialização completa. Ausência de história e de sentido, deixando apenas a possibilidade para a geografia natural, não humana. Quando alguma cidade entra no campo visual da paisagem fantástica do deserto, esse próprio espaço urbano se apresenta como irreal, como cenário - como hiper-real, enfim. Nas linhas de fuga das estradas americanas o ponto de vista ideal é o de dentro do automóvel. Tudo está em movimento constante, velocidade permanente e mudança contínua.

"O mundo produzido como imagem não é mais uma construção no espaço. A cidade é agora apenas uma paisagem desenhada num painel publicitário. Uma arquitetura de imagens. Um suporte de imagens. Um aparato. Em vez de construir a representação, se representa a construção. Essa sobreposição de todas as formas num só plano seria o procedimento típico da arquitetura pós-moderna ... Não há mais diferença entre o mesmo e o outro, nenhuma linha divisória entre o real e o ficcional. A pós-modernidade é a aceitação da generalidade da ilusão." (Peixoto, 1987, p. 204 e 211).

Essa é a imagem pós-moderna que o imaginário ocidental tem dos seus mais recentes paradigmas territoriais. Até mesmo cidades européias como a Berlim mostrada por Win Wenders em *Asas do Desejo*, a Paris filmada em *Subway*, a Roma de Fellini ou as cidades irlandesas mostradas no filme *Em nome do Pai* ou *O Padre* possuem essas características de fragmentação, de absurdo, de irrealidade.

Ao se analisar o espaço imaginário construído pelos filmes e histórias em quadrinhos de ficção científica, percebe-se que o futuro é uma extensão potencializada do presente caótico e conflituoso. Os cenários das cidades da história *The long tomorrow* de Moebius (pseudônimo de Jean Giraud) são existenciais e pessimistas, representando um futuro nada promissor para a felicidade humana. Esse mesmo cenário retratado nas suas histórias em quadrinhos influenciou a confecção de Los Angeles do futuro no filme *cult Blade Runner*, de Ridley Scott. As cidades onde Batman e o Juiz Dredd vivem suas aventuras também são espelhadas nos cenários dos espaços urbanos dos anos 1990. São cidades onde a alta tecnologia se impõe para os seres humanos e os edifícios os emparedam em vales escuros cercados por concreto, aço e detritos. A essência máxima dessa visão apocalíptica do futuro tecnológico pode ser vista no filme *Terminator*, o exterminador do futuro, onde as máquinas automáticas de defesa desencadeiam uma guerra termonuclear global e decidem eliminar os seres humanos que sobreviveram.

Qual é o espaço do ser humano nas cidades contemporâneas, seja ele morador ou visitante? Como o animal "homem" pode sobreviver nesse ecossistema construído ao longo dos séculos e transformado em seu nicho ecológico "natural"?

"É neste contexto de um espaço-tempo transformado pelas teletecnologias da ação à distância que podemos falar efetivamente em uma ecologia urbana. Uma ecologia que não se dedicaria mais somente às poluições atmosféricas e sonoras das grandes cidades, mas primeiramente ao aparecimento intempestivo dessa 'Cidade Mundo' totalmente dependente das telecomunicações que está sendo construída neste final de milênio. O turismo de longo curso celebrado por Paul Morand em seu tempo sendo complementado de agora em diante por uma espécie de 'turismo imóvel' do *cocooning* e da interatividade. ... Hoje, diante do declínio de uma geografia transformada em uma 'ciência do espaço' abstrata, no exato momento em que o exotismo desaparece com o desenvolvimento do turismo e dos meios de comunicação de massa, não seria oportuno questionar com a máxima urgência o sentido e a importância cultural das dimensões geofísicas? No século XVI, Jérôme Cardan constatava em sua autobiografia: 'Eu nasci neste século em que toda a terra foi descoberta, enquanto os antigos não conheciam mais do que um terço dela'. O que dizer, então, neste final de século vinte que viveu o primeiro desembarque do homem na lua, se não que esgotamos o tempo do mundo finito, uniformizamos a face da terra? ... Dessa forma se concretiza ... um último tipo de poluição: trata-se da poluição da extensão geográfica pelo transporte supersônico e pelos novos meios de comunicação com os danos que isso supõe para o sentimento de realidade de cada um de nós. A perda do sentido de um mundo que, a partir de agora, foi tomado menos inteiro do que reduzido por tecnologias que, ao longo do século XX, atingiram a velocidade absoluta das ondas eletromagnéticas." (Virilio, 1993, p. 116, 117 e 118).

Entre as inúmeras possibilidades de viagens físicas sugeridas pelas brochuras coloridas, cheias de fotos, mapas e roteiros disponíveis em todas as grandes agências de viagens do planeta e as viagens imaginárias oferecidas nos *cocoons* (casulos) domésticos (canais de TV, correio eletrônico, acesso a bancos de dados, vídeo etc.), o ser humano efetivamente começa a sentir-se um "cidadão do mundo". Mas de qual mundo? Um mundo virtual, superficial, etéreo. A realidade atingiu uma abertura tão grande e um pluralismo tão extenso que o conceito de "desterritorialização" citado por Félix Guattari e Gilles Deleuze mantém-se hiper-atualizado. As pessoas vêem seus territórios familiares tornarem-se estranhos aos seus próprios olhos, seja nas transformações arquitetônicas ou nas novas teias de relações sociais e culturais que vão surgindo. O "mundo" invade cada espaço particular, seja do indivíduo ou de sua comunidade, e o transforma em um território "aberto", transfigurado, mercantilizado e integrado em um complexo maior conhecido por nomes como realidade virtual, sistemas *on-line* ou globalização. A ocupação do planeta Terra está tão avançada que alguns escritores de ficção científica já desenham cenários futuristas onde os seres humanos estarão vivendo no espaço ou em outros planetas e, nesses futuros territórios alienígenas, chegam a compor prováveis questões sociológicas ou filosóficas (Arthur Clarke em *O martelo de Deus; 2001 - Uma odisséia no espaço*) ou teológicas (Carl Sagan em *Contato*). A Terra é apenas mais um planeta loteado por grandes empresas cujos pedaços são destinados a telecomunicações, comércio, mineração, finanças, turismo, guerras ou ficam áreas abandonadas como grande parte da África. Persistem os valores regionais particulares, mas as grandes cidades tornaram-se grandes espaços artificiais sem características específicas, partes desconexas de algo que atende pelo nome glamuroso de "civilização globalizada". O paradoxo é que esta é a primeira civilização na história humana a se tornar realmente globalizada, pelo menos em alguns setores, mas também é a primeira civilização que pode garantir aos seus membros privilegiados sentirem-se

isolados em vários lugares do mundo, mesmo cercados por milhões de pessoas e pelos mais variados meios de comunicação. O todo é fragmentado, o sistema mantém compartimentos estanques, as pessoas dividem-se entre o mundo e sua vizinhança imediata. Tudo é válido, do sentimento religioso à violência gratuita. Esquizofrênicos, psicopatas, neuróticos, hiper-hedonistas: parece que as qualidades do ser humano do final do século XX foram tiradas de um manual de psicanálise.

3. O espaço globalizado - da geopolítica à geoeconomia

"O turismo de massa é uma expressão da pós-modernidade" (P. Geiger)

O maior sistema comercial brasileiro de televisão tem um nome apropriado: rede Globo. Atacado e defendido por vários grupos que, por sua vez, detêm seus próprios interesses, a Globo brasileira conserva uma invejável saúde financeira e um incrível poder de reverberar, neutralizar ou manipular parcelas da opinião pública nacional. Exporta seus programas para vários países, possui jornais, revistas, rádios e TV por assinatura e promove campanhas institucionais. Juntamente com outras redes de TV e outros veículos de massa, pode amplificar sentimentos e idéias transformando-os em mega-espetáculos de massa: campeonatos esportivos (especialmente Copa do Mundo), corridas de Fórmula 1, eleições, comportamento em geral e velórios famosos (Tancredo Neves e Ayrton Senna). Porém a mídia impressa e eletrônica não se restringe aos aspectos "nacionais". Abrange o mundo todo, tentando trazer (e levar) informações para o maior número possível de países adquirindo a capacidade de estabelecer relações sociais e culturais mais ou menos duráveis com vários pontos do planeta. Os brasileiros que estavam nos Estados Unidos na Copa do Mundo de 1994 contaram com um exército de comentaristas, entrevistadores, jornalistas, fotógrafos, colunistas sociais, comentaristas, publicitários, relações públicas, advogados, técnicos, agentes de viagens e guias de turismo para garantir os lucros de uma das maiores veiculações publicitárias do ano e os procedimentos operacionais do imenso fluxo de pessoas que se deslocou para assistir aos jogos. As copas mundiais, as olimpíadas e a Fórmula 1 garantem intercâmbios internacionais consideráveis, assim como alguns encontros internacionais do porte da Eco-Rio em 1992 ou o encontro das mulheres em Beijing, em 1995. Então, isso tudo é a globalização, certo? Errado. Esses são alguns dos efeitos provocados pela globalização, mas suas causas e características mais profundas precisam ser bem estabelecidos.

Para ter uma visão mais geral do fenômeno da globalização, serão utilizadas as informações retiradas do artigo de Pedro P. Geiger (Mapa do Mundo Pós-Moderno), inserido no texto *Fim de século e globalização*, organizado por Milton Santos.

O espaço pós-moderno seria uma das características de um mundo globalizado, um espaço que surgiu no início da década de 1990 com o final da Guerra Fria e com a formação dos grandes blocos econômicos, como já citado no capítulo III, parte 2 (As novas tecnologias e as mudanças políticas globais). Em linhas mais gerais esse espaço se caracteriza por:

- a) multiplicação dos Estados independentes e sua enorme diversidade em dimensões de área e população;
- b) formação de grandes blocos econômicos e definição, em 1995, de novos regulamentos do antigo Acordo Geral de Comércio e Taxas (GATT), hoje denominado Organização Mundial do Comércio;
- c) os Estados Unidos mantêm-se como superpotência apoiada na dimensão do país (área, população e mercado produtor/consumidor), supremacia espacial e posse de armas não convencionais. Os Estados Unidos e a Organização do Tratado do Atlântico Norte preocupam-se com o desmantelamento da ex-União Soviética no sentido de que várias armas nucleares e material radioativo podem estar sendo perdidos e/ou desviados para fins de guerrilha ou terrorismo. Essa possibilidade já rendeu vários roteiros de filmes para Hollywood (*True Lies*, por exemplo) e um comentário preocupante da sóbria revista britânica *The Economist* em sua edição especial anual de 1994 (*The Economist, Annual Edition, 1994*);
- d) tentativa de manter estável o número de países detentores de armas nucleares. Foram criados conceitos como "governos responsáveis" (sociedades abertas e governos democráticos) e governos "não-responsáveis" (sociedades fechadas e governos autoritários) para justificar o porquê de países como a França, Reino Unido, Rússia, China, Israel, Índia e Estados Unidos poderem construir e armazenar armas nucleares e estados como Iraque, Irã ou Coreia do Norte serem impedidos de atingir tal objetivo. Segundo essa mesma lógica, países da América Latina ou do Sudeste Asiático tampouco devem preocupar-se em ter tais armas, pois estão na área de influência política de alguma grande potência podendo ter "proteção" assegurada;
- e) com a implosão do socialismo real na ex-União Soviética e na Europa Oriental restam Cuba e China, preocupados em criar o socialismo de mercado e evitar o isolamento mundial através de contatos com seus vizinhos que não lhes são hostis. No final de 1995, os Estados Unidos flexibilizou seu relacionamento com Cuba, mas ainda sem levantar o bloqueio econômico imposto desde 1962;
- f) o movimento dos países não-alinhados perde sua força, inclusive um dos países mais importantes deste bloco, a ex-Iugoslávia, desintegrou-se em uma convulsão sangrenta e complexa;
- g) o caso de Israel, pequeno estado criado em 1948, vivendo em permanente estado de tensão com os estados árabes vizinhos, representa um

dos aspectos da globalização na medida em que se relaciona com outras comunidades judaicas internacionais, detém alta tecnologia (inclusive bélica-nuclear) e uma economia sólida;

h) outra expressão da globalização é o turismo internacional envolvendo centenas de milhões de pessoas que viajam e promovem intercâmbios culturais e econômicos em vários pontos do planeta. Facilitado pela malha aeroviária internacional, o turismo cresceu consideravelmente nos últimos anos (vide Cap. I, parte 3 e Cap. III, parte 3);

i) as novas morfologias no espaço geográfico, relacionadas à nova economia e às novas tecnologias, diferenciam cada vez menos os espaços tradicionalmente conhecidos como "centro" e "periferia". Cada vez mais áreas geográficas deixam de ser moldadas por forças geradas a partir de cidades locais ou regionais para serem influenciadas diretamente por diversos centros econômicos mundiais. Nesse processo o turismo também exerce uma influência considerável.

Um dos muitos exemplos possíveis que podem ilustrar esses dois últimos tópicos é a relação diplomática entre Estados Unidos e Brasil. Os Estados Unidos controlam rigorosamente a emissão de vistos de turistas para estrangeiros que desejem visitar o país, inclusive para brasileiros. A concessão dos vistos implica um pequeno processo administrativo (passaporte, fotos, formulário especial, comprovantes de residência e rendimentos) submetido aos consulados. Esses vistos são muito cobiçados pelos brasileiros que pretendem imigrar clandestinamente para os Estados Unidos e tentar "fazer a América", baseados no antigo paradigma do período taylorista-fordista no qual o país representava a terra das oportunidades para os imigrantes do mundo todo. Apesar de todos os rigores o consulado norte-americano dava um visto válido para até quatro anos de entradas e saídas no país (não confundir com a permanência, que era restrita a 90 ou 180 dias em cada viagem) e não cobrava nada por isso. O Brasil, que também exige visto de entrada para os norte-americanos baseado no princípio de reciprocidade, tinha procedimentos bastante diferenciados: cobrava cerca de US\$ 100,00 e dava vistos com apenas três meses de validade. O governo norte-americano estipulou quase as mesmas condições depois de ter solicitado várias vezes - inutilmente - que o governo brasileiro revisse seus procedimentos. Foi um caos nos consulados, despachantes, agências de viagens e companhias aéreas, afinal vários brasileiros viajam mais de uma ou duas vezes por ano para os Estados Unidos e muitos quase todos os anos (essas estatísticas podem ser desprezíveis quando comparadas com a população absoluta brasileira, mas são muito consideráveis quando comparadas com o fluxo turístico internacional, afinal, em 1995, o Brasil foi um dos três países que mais enviaram turistas à Flórida). As câmaras de comércio dos Estados Unidos começaram a pressionar seu governo e a Associação Brasileira de Agentes de Viagens e as companhias aéreas brasileiras pressionaram as autoridades em Brasília. Rápidamente chegou-se a uma solução. A partir de meados de 1995, os consulados norte-americanos

começaram a emitir vistos com validade de até dez anos e os cidadãos norteamericanos têm reciprocidade similar para conseguir seus vistos para o Brasil. A economia falou mais alto do que os pruridos diplomáticos entre os dois países, como aliás deve ser regra nos países democráticos.

Geiger amplia sua análise para além das simples características do mapa do "mundo pós-moderno", preocupando-se em apontar as forças de transformação que originaram essa nova configuração internacional:

"Ao tratar das forças transformadoras do mapa político, poder-se-ia apontar para os seus formatos mais recentes, como o chamado 'capitalismo flexível', substituto do capitalismo 'fordista', e seu papel na globalização da economia; da nova revolução tecnológica, suporte das transições econômicas, através da qual se produz o 'meio técnico-científico', e que tem na Segunda Grande Guerra um marco inicial; dos novos desenvolvimentos científicos, associados à alta tecnologia, e que vem afetando o pensamento filosófico, cultural e político; das novas manifestações político-culturais, que dão margem, num extremo, a diversos 'fundamentalismos', e, no outro extremo, aos 'pluralismos' e ao que se denomina 'pós-modernismo', os dois movimentos repercutindo ideológica e politicamente." (Geiger, in Milton Santos org., 1994, p. 106-107)

Porém, esses novos formatos não surgem repentinamente na história humana. São, com certeza, novas expressões e conceitos, mas desdobram-se de movimentos mais amplos, de longo prazo, "como se fosse um contínuo entremeado de rupturas". Não se pode, sob pena de perder o referencial do processo histórico e da continuidade do pensamento filosófico nesse processo, ignorar toda uma série complexa de articulações entre fatos e interpretações que originaram o século 20 e seu final imerso em sombras e dúvidas a respeito do futuro. A ruptura é extensa e profunda, mas suas origens são bem conhecidas. Geiger elenca sete principais vertentes:

a) A descolonização política tem seu início nas Américas no século 18, quando vários países começam a ficar independentes. O resultado é um modelo político denominado Estado/Nação, no qual Estado e nação se equivalem, e um novo modelo de Federação estruturado de baixo para cima, quando as ex-colônias formam os Estados Unidos. A multiplicação dos Estados/Nações, especialmente após o fim da Segunda Guerra, possibilitou o aparecimento de novas formas de imperialismo, serviu à expansão do comércio e às novas formas de competitividade dando continuidade ao desenvolvimento capitalista. Alguns estudiosos consideram o esfacelamento da ex-União Soviética e da ex-Iugoslávia como episódios da descolonização, se o fato for encarado como falência de um federalismo imposto de cima para baixo e não absorvido pela população. Na dialética da fragmentação/globalização, esse fenômeno político poderia ser analisado como uma fragmentação através da qual os novos países dela resultantes poderiam se reorganizar em bloco econômicos de mercados comuns. Sai a geopolítica, entra a geoeconomia como lógica da divisão ou agrupamento de povos com interesses econômicos comuns ou complementares.

b) Os Estados Unidos dão origem a um novo modelo expansionista ao tomar o centro da América do Norte de costa a costa, um modelo

nacional/continental. O sucesso dessa articulação incentiva os estados europeus a tentarem algo semelhante após a Segunda Guerra e, lentamente, vai tomando forma a atual União Européia. Apesar de bastante avançada em sua unificação, os quinze países que a compõe ainda têm que implementar as cláusulas do acordo de Maastricht referentes à unificação monetária e vários outros detalhes importantes, porém a tendência de unificação mercadológica sensibiliza também outros países do globo, seja na América do Sul ou na Ásia/Pacífico.

c) O apogeu do capitalismo formou uma grande Nação-continente (os Estados Unidos) que evoluiu para a formação de blocos econômicos e promove a globalização de relações econômicas, políticas e de informação, tendo criado até institutos internacionais como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Nos Estados Unidos, a sequência evolutiva passou pela sociedade de massas influenciada pela indústria cultural e atingiu, no final do século, o capitalismo flexível em meio a uma crise de desemprego, de acesso a serviços de e distribuição de renda. Galbraith talvez não imaginasse que a "era das incertezas" mais profundas ainda não havia chegado no período 1970/1980, mas estava reservada para os insólitos anos 1990.

d) Quanto ao colapso do socialismo real, a análise de Geiger se alinha à de outros teóricos comentados no capítulo III, parte 2, pois seu ponto de aproximação é semelhante na medida em que privilegia o estudo da globalização e da formação capitalista flexível: *"A sociedade fechada na URSS prejudicou processos de desenvolvimento, tanto nos campos científico e técnico, como no econômico. O mundo da 'informação' necessita altas velocidades de circulação, vale dizer, altos graus de descentralização. Fazer passar toda a informação por um centro requereria um gasto excessivo de energia. Além de atrasar a circulação, a excessiva centralização conduz a censuras. A excessiva centralização dos regimes do 'socialismo real' imprimiu rigidez ao sistema, que, sem as necessárias flexibilidades, quebrou, inclusive no plano econômico."* (Geiger, in Milton Santos, 1994, p. 110).

e) *"Diz Umberto Eco que os problemas vivenciados hoje pelo mundo têm origem na Idade Média. O judaísmo, porém, vem mantendo uma ponte com a Antiguidade, proporcionando verdadeira composição pós-moderna, quando, na sinagoga, utilizando um chale daquela época sobre trajes ocidentais, faz soar um chifre de boi, o shofar, no dia do ano novo lunar."* (Geiger, in Milton Santos, p. 112). O autor é um dos poucos, no Brasil, a analisar o judaísmo como sendo uma das vertentes da situação internacional contemporânea. O judaísmo é a primeira das três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo) que dominam o cenário ocidental e do oriente médio. A própria civilização ocidental desenvolveu-se a partir da simbiose entre o mundo judaico-cristão com o mundo greco-romano, dando origem a um modelo de democracia a partir do capitalismo que hoje se encontra confrontado com outros modelos religiosos. Não se trata apenas do surgimento de potências como o Japão, a China e a Índia que abalam o modelo judaico-cristão, mas também - e principalmente - da existência de imensas massas marginalizadas até mesmo dentro dos países industrializados gerando novas formas de paganismo, fundamentalismo religioso, ódios étnicos e nacionalismo exacerbado. Essas novas pragas não são privilégio dos países com tradição

capitalista. Kapuscinski em seu livro *Imperium*, sobre a Comunidade dos Estados Independentes, deixa bastante explícito os conflitos internos, as terríveis forças de desagregação que ameaçam a consolidação dos requisitos mínimos para que a CEI possa sobreviver. A grande maioria dos problemas são exatamente os ódios étnicos, as disputas religiosas e as rivalidades nacionais, problemas que o marxismo pensava ter sepultado para sempre baseado no internacionalismo proletário e na extinção da sociedade de classes burguesa.

f) A dialética que une o "lugar" e o "mundo" em "momentos", exprime-se em viver esses "momentos" viajando e colecionando imagens reais e virtuais, simulacros e fragmentos. "O turismo de massa é uma expressão da pós-modernidade", por isso torna-se cada vez mais um fenômeno de massa, especialmente nos países mais desenvolvidos ou em países com rápida inserção na sociedade globalizada como o México, Brasil, Argentina etc.

g) O turismo é possibilitado pelas novas tecnologias que possibilitam também o incremento das telecomunicações e da produção, acesso e disseminação de informações (tópico já visto nos capítulos II e III).

Pedro Geiger insere, portanto, o turismo tanto nas características como na análise das vertentes que formam o espaço pós-moderno, sendo um dos poucos autores brasileiros a encarar o turismo de massas como sendo um fenômeno característico das sociedades pós-industriais ou pós-modernas. Como o turismo é um ato de se percorrer o espaço geográfico do planeta e como esse espaço passa por mutações tão profundas, é importante que os estudos turísticos venham a se valer principalmente da geografia, da filosofia e da economia para melhor interpretar seus dados e propor soluções aos inúmeros problemas encontrados, inclusive os relacionados com a formação de mão-de-obra especializada para a área. Sendo o turismo uma especialidade interdisciplinar e não uma disciplina específica, como veremos mais adiante, faz-se obrigatório o auxílio de outras ciências para melhor avaliar a vasta extensão dessa problemática.

4. A compressão/fragmentação do espaço-tempo

Uma outra análise sobre a experiência do tempo e do espaço no mundo pós-moderno é feita por David Harvey. *"O tempo necessário para cruzar o espaço e a forma como costumamos representar esse fato para nós mesmos são indicadores úteis do tipo do fenômeno que tenho em mente. À medida em que o espaço parece encolher numa 'aldeia global' de telecomunicações e numa 'espaçonave terra' de interdependências ecológicas e econômicas - para usar apenas duas imagens conhecidas e corriqueiras -, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal."* (Harvey, 1993, p. 219).

A visão do ser humano em relação ao espaço planetário mudou profundamente na época da Renascença, por ocasião dos "descobrimentos" (uma expressão etnocêntrica européia) marítimos. Essas viagens trouxeram

uma imensa quantidade de conhecimentos que precisaram ser absorvidos e representados. "O saber geográfico se tornou uma mercadoria valiosa numa sociedade que assumia uma consciência cada vez maior do lucro" (Harvey, 1993, p. 221). À medida em que os meios de transportes ficavam mais eficientes, ou seja, mais rápidos, seguros, confortáveis e com maior capacidade de transportar carga e passageiros, o mundo ia sendo gradativamente comprimido. Os mapas foram se tornando mais detalhados e aperfeiçoados e a própria história da representação cartográfica permite avaliar a transmutação simbólica pela qual o planeta passou nos últimos anos. Os mapas renascentistas eram um modelo de praticidade, objetividade e funcionalidade. A precisão da navegação, a determinação dos direitos de propriedade das terras, as fronteiras políticas, os direitos de passagem e de transporte passaram a ser de grande importância para fins econômicos e políticos.

O desenvolvimento cartográfico atingiu momentos privilegiados no século 20 quando a National Geographical Society, fundada em 1888 e com sede em Washington D.C., passou a publicar suas revistas mensais famosas pelos relatos de viagens e expedições científicas com mapas muito bem elaborados e divididos por temas: geografia, demografia, clima, história, recursos naturais, índices de poluição, índices econômicos etc. O uso de aerofotogrametria possibilitado por balões e aviões foi um fator fundamental para o desenvolvimento cartográfico no século 20 e bastante explorado pelos geógrafos em geral.

Finalmente, a partir da década de 1960, as fotos tiradas por satélites geoestacionários e orbitais trouxeram possibilidades inéditas de análise espacial. O livro *Imagens da Terra*, publicado pelo Museu Nacional Aero-Espacial do Instituto Smithsonian de Washington D.C., traz fotos digitalizadas por computador e reconstruídas mediante necessidades específicas. Há fotos que reproduzem os padrões dos raios visíveis pelo olho humano, fotos tiradas com filmes sensíveis aos raios infravermelhos, onde a vegetação aparece na tonalidade avermelhada e fotos que utilizam ondas de radar refletidas no solo. Essas fotos são possíveis porque são digitalizadas, ou seja, as imagens são colhidas como uma série de valores numéricos. Cada um desses números representa a quantidade de energia irradiada ou refletida por uma determinada área da superfície terrestre. As imagens são compostas por pixels, ou elementos pictoriais, semelhantes aos quadrados de um tabuleiro de xadrez. O satélite transforma a imagem em um número que corresponde à uma área e transmite esse número para uma estação de recepção na Terra. A recepção é controlada por computadores que vão formando fileiras e colunas de uma matriz numérica de cada cena transmitida. Os mesmos computadores vão decodificando os números e trabalhando com três imagens em cores diferentes (vermelho, azul e verde) para recompor a imagem original, geralmente com coloração alterada devido ao processo de digitalização computadorizado que utiliza cores aleatórias, porém necessárias ao contraste para dar melhor definição às fotos. Esses métodos são muito recentes e permitem ao ser humano vislumbrar o espaço com olhos não-humanos. A cena é "vista" em

ondas do espectro eletromagnético invisíveis aos olhos como os raios acima do vermelho visível (infravermelho, microonda e ondas de rádio) ou abaixo do violeta visível (ultravioleta, raios-X e raios gama). O espaço terrestre torna-se então nem real, nem virtual, mas digital. Vemos com os olhos das máquinas e a imagem do espaço que se torna visível é um simulacro digital do real. Ou seja, não vemos realmente os raios invisíveis mas, sim, um contraste possibilitado pela grande variedade de ondas que permitem uma interpretação mais abrangente da face terrestre, descobrindo seus segredos de uma forma que a fotografia convencional não conseguiria. O espaço se desdobra em tonalidades e texturas inéditas. E mais. As imagens tridimensionais podem ser manipuladas para criar visualmente qualquer cenário destinado a salientar ou minimizar determinadas características. Pode-se combinar imagens coletadas por satélites com dados topográficos de mapas de navegação aérea, digitalizar o conjunto e criar imagens diferentes dependendo do ângulo e da direção escolhidas. É a cartografia processada pela computação gráfica, criando efeitos especiais inéditos para o planeta. O Himalaia, por exemplo, recriado sob esses parâmetros cibernéticos, se apresenta então como um acidente geográfico totalmente estranho, um panorama que assentaria bem a qualquer outro planeta, menos à Terra.

Está completado o ciclo de transmutação cartográfica pelo qual o espaço terrestre passou sob os diferentes processos hermenêuticos utilizados para desvendar a face do planeta. Da cartografia primitiva às imagens digitalizadas geradas por satélites, a “nossa idéia do mundo” foi sendo paulatinamente reelaborada de acordo com as tecnologias existentes.

Não foi apenas o espaço genérico do planeta que foi submetido à varredura tecnológica. Os espaços urbanos foram igualmente dissecados, mas pelos olhos da cultura que, por sua vez, é bastante influenciada pelos novos e inúmeros recursos tecnológicos e pela fragmentação cultural da pós-modernidade.

David Harvey utiliza-se, também, de exemplos tirados da obra de Baudrillard para analisar o espaço norte-americano. Novamente os Estados Unidos, tão paradigmático da pós-modernidade (conforme outros exemplos já citados na parte 2 deste capítulo). Assim como Paul Virilio, Harvey compreende a natureza do turismo e das novas tecnologias como novas possibilidades de se vislumbrar o planeta: *“A televisão de massa associada com a comunicação por satélite possibilita a experiência de uma enorme gama de imagens vindas de espaços distintos quase simultaneamente, encolhendo os espaços do mundo numa série de imagens de uma tela de televisão. O mundo inteiro pode assistir aos jogos olímpicos, à Copa do Mundo, à queda de um ditador, a uma reunião de cúpula política, a uma tragédia mortal ... enquanto o turismo de massa, filmes feitos em locações espetaculares tornam uma ampla gama de experiências simuladas ou vicárias daquilo que o mundo contém acessível a muitas pessoas. A imagem de lugares e espaços se torna tão aberta à produção e ao uso efêmero quanto qualquer outra.”* (Harvey, 1993, p. 264).

O texto de David Harvey assume um caráter deliberadamente estético quando ele se propõe a analisar “o tempo e o espaço no cinema pós-moderno”. Para isso ele faz uma análise dos filmes *Blade Runner*, de Ridley Scott, e *Asas do Desejo*, de Win Wenders, dois filmes *cult* produzidos na década de 1980 e que representam duas cidades onde os fragmentos e conflitos modernos e pós-modernos explodem em toda sua exuberância: Los Angeles e Berlim respectivamente.

A Los Angeles do futuro é “... uma paisagem decrépita de desindustrialização e decadência pós-industrial. Armazéns vazios e instalações industriais abandonadas são destruídos por uma chuva ácida. A névoa toma conta de tudo, o lixo se empilha por toda parte, as infra-estruturas estão num estado de desintegração que torna suaves os caldeirões e as pontes destruídas de Nova Iorque contemporânea. Punks e catadores de lixo brigam no meio do lixo, roubando o que podem. Mas, acima das cenas de caos e decadência interiores e ao nível da rua, há um mundo de alta tecnologia de velozes transportadores, de publicidade, de imagens familiares do poder corporativo. Opondo-se às imagens do poder corporativo avassalador, há as cenas das ruas ... repletas de chineses e asiáticos. Não somente o ‘terceiro mundo’ chegou a Los Angeles ainda mais do que agora, como sinais de sistemas de organização do trabalho e de práticas de trabalho informais do terceiro mundo estão por toda parte.” (Harvey, 1993, p. 279).

Qualquer semelhança com a cidade desenhada por Moebius em sua história em quadrinhos *The long tomorrow* não é mera coincidência. Tampouco a semelhança com a cidade do Batman atual, seja o desenhado nas histórias em quadrinhos por Frank Miller ou por Dave McKean, seja o da trilogia de cinema produzida na década de 1990. A cidade por onde o morcego passa é lúgubre, decadente, sombria. Suas ruas mais pobres e seus subúrbios nada ficam a dever às cenas insólitas de Howard Philips Lovecraft, o autor racista e misantropo da década de 1930 que produzia histórias de terror nas quais os monstros alienígenas eram sutilmente comparados aos nativos do terceiro mundo. Para ele, as cidades eram a estufa do mal, representado pelos imigrantes pobres e de outras culturas. Discipulo de Edgar Allan Poe, Lovecraft esmerou-se em mostrar o horror relacionado à decadência humana.

A Berlim de Win Wenders é uma versão européia da decadência americana. A versão européia da decadência pode ser vista também nas descrições de Paris ou Berlim do futuro (ano 2023) na série *Os Imortais*, desenhada por Bilal, discípulo de Moebius. Seja através dos olhos dos anjos de Wenders ou através dos olhos dos humanos degenerados e dos alienígenas horrendos de Bilal, as cidades do presente e do futuro apresentam-se nefastas sob todos os pontos de vista e, ao mesmo tempo, excitantes e atraentes para as suas classes dominantes corrompidas. A Berlim ali descrita ainda possuía o Muro. Após a queda do Muro e a reunificação alemã a situação alterou-se, mas as tendências desagregadoras se acentuaram. Surgiu a fria indiferença - talvez um certo ódio - contra os alemães orientais mais pobres que vinham agora dividir as aposentadorias e as conquistas sociais tão duramente conquistadas pelos ocidentais. Ressurge o fantasma horrendo do nacionalismo, do ódio aos estrangeiros e da tentativa feita por jovens brancos desempregados e incultos de exumar o nazismo tentando, através do totalitarismo, resolver as

contradições da economia pós-industrial e de uma Europa a caminho da unificação continental. Menos de uma década após o filme de Wenders a situação da cidade e do país torna-se ainda mais conflitante e paradoxal. Será o futuro mesmo tão caótico e cinzento?

Toda uma vertente criada pela ficção contemporânea aponta para um futuro sombrio. Harvey tem a sua explicação para o fenômeno envolvendo os filmes por ele analisados e, por extensão, outras obras artísticas de massa com características semelhantes:

"Não creio que a similaridade seja acidental ou contingente. Ela sustenta a idéia de que a experiência recente de compressão tempo-espço, sob as pressões de passagem para modos mais flexíveis de acumulação, gerou uma crise de representação nas formas culturais e que isso é um tópico de intensa preocupação estética, no todo ou em parte. Essas práticas culturais são importantes. se há uma crise de representação do espaço e do tempo, têm que ser criadas novas maneiras de pensar e de sentir. Parte de toda a trajetória para sair da condição de pós-modernidade tem que abarcar exatamente esse processo." (Harvey, 1993, p. 288).

David Harvey se despede com sentimentos de dúvidas. As perguntas são cruciais: "... a condição da pós-modernidade passa por uma súbita evolução, talvez alcançando um ponto de autodissolução em alguma coisa diferente. Mas o que? Não é possível dar a resposta fazendo abstração das forças político-econômicas que ora transformam o mundo do trabalho, das finanças, do desenvolvimento geográfico desigual etc." (Harvey, 1993, p. 325). Porém, são deixadas sem respostas prontas e acabadas. Há um futuro aberto para se poder percorrer, um espaço permanentemente destruído e reconstruído, onde o imenso jogo das possibilidades humanas se apresenta de forma mais ou menos clara e articulada. O espaço e o tempo infinitos desvelados pelo iluminismo remetem aos pensamentos de Giordano Bruno e Pascal, enchendo os corações dos humanos de terror ao pensar nesse futuro e em como se chegou a esse presente. Em um mundo assim fragmentado e múltiplo, como se pode aprender e sobreviver ou aprender a sobreviver? Pior ainda. Com tantas dúvidas existenciais, como educar as novas gerações para um mundo que se tornou um labirinto refletido por espelhos que não deixam perceber se seus reflexos remetem a uma realidade distorcida ou a uma série de distorções de cenas virtuais, portanto já distantes das realidades outrora familiares. O espaço que se estende sob nossos pés tem outros significados e significantes. A perda, a ruptura e a dúvida tomam conta de todos os aspectos da vida, inclusive aqueles mais delicados como a trabalho e a formação profissional.

VII - A EDUCAÇÃO E OS NOVOS TEMPOS

1. Introdução

Esse texto propõe uma reflexão sobre um problema específico, apontado no primeiro capítulo, parte 4: **como preparar profissionais para o setor de serviços nas sociedades pós-industriais, especialmente para o lazer e o turismo**. O tema apontado subdivide-se em uma série de questões subsequentes e interrelacionadas envolvendo os paradigmas educacionais para esses novos profissionais, as referências filosóficas que embasem os projetos educacionais e a questão da adequação educacional aos mercados cada vez mais dinâmicos e exigentes. Uma reflexão a esse nível mostrou-se assaz multifacetada e capaz de envolver vários campos do conhecimento humano, afinal o próprio Turismo é uma especialidade embasada em várias disciplinas e em outras especialidades como será mais detalhado adiante, ainda neste capítulo. Para estruturar um eixo condutor capaz de auxiliar nessa reflexão, vários patamares foram sendo erigidos na busca da compreensão do contexto e do diagnóstico do problema e de outras variáveis concernentes. O **capítulo I** tratou de definir alguns conceitos básicos sobre lazer e turismo e reunir algumas informações que pudessem desenhar o contexto inerente à sua problemática no mundo contemporâneo. O **capítulo II** ampliou o cenário onde a problemática se articulava, discorrendo sobre um componente importante para o equacionamento das questões propostas: a pós-modernidade como paradigma filosófico da contemporaneidade ocidental. O **capítulo III** procurou inserir o turismo na nova ordem internacional vigente, fruto de transformações muito recentes na história, e tratou de ampliar as informações sobre viagens e turismo que foram comentadas no primeiro capítulo. Os **capítulos IV e V** preocuparam-se em analisar o mundo do trabalho, desde as sociedades industriais até as sociedades pós-industriais, pois é nessas últimas que o entretenimento e o turismo mais se desenvolveram. O **capítulo VI** tratou do espaço geográfico e sua interpretação na pós-modernidade, como os seres humanos elaboram e se relacionam com o planeta e seus arredores. Turismo, nova ordem internacional, mundo do trabalho e interpretação do espaço, assim foi estruturado o contexto sobre o qual deve se embasar a discussão sobre as propostas de educação na área de serviços no mundo pós-industrial.

Esses conhecimentos foram reunidos sob a aceitação de paradigmas como "sociedades pós-industriais" e "pós-modernidade". Não se pretende uma apropriação desses conceitos como sendo dogmas indiscutíveis mas simplesmente a sinalização de como foi realizada a aproximação filosófica do problema levantado, uma indicação do instrumental epistemológico considerado para a reflexão sobre a questão central que é a formação profissional no final do século 20.

Sabe-se também que em um nosso mundo, razoavelmente globalizado, existem milhares de livros, documentos, relatórios, filmes e CDs disponíveis, seja fisicamente a algumas horas de vôo, seja virtualmente nos labirintos infundáveis das redes de informações computadorizadas. Apesar da massa enorme de informações esse trabalho compõe-se de alguns poucos textos e matérias jornalísticas consideradas importantes. Isso significa que milhares de páginas e *bits* de informação ficaram sem terem sido lidos e citados. Finalmente, em um mundo dinâmico e mutável, a cada dia eu via surgirem novos livros, novas reportagens e interpretações sobre o problema escolhido para a tese. Tenho consciência de que dentro de poucos anos este trabalho poderá estar completamente obsoleto, mas isso acontece a cada dezoito meses com a maior parte do equipamento eletrônico sofisticado produzido no mundo, a cada dia com os jornais e a cada dois ou três anos com os conteúdos programáticos de várias disciplinas ministradas nas universidades do planeta. O texto foi atualizado até maio/junho de 1996. A partir daí optou-se por encerrar a pesquisa e a inserção de outras fontes (novas ou antigas) e proceder à sua digitação final.

Feitas essas considerações e concessões à velocidade e ao volume das informações no mundo atual (e que serão mais intensas a cada ano), chegou-se ao capítulo final.

2. O turismo enquanto ciência

Os profissionais em Turismo no Brasil são congregados pela Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo (ABBTUR) e os responsáveis pelas escolas reúnem-se na Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria (ABDETH). Ambas realizam encontros anuais, sendo que a ABBTUR organiza o Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo (ENBETUR). Durante esses encontros eram muito comuns, nos anos 1980 (o primeiro curso de Turismo no Brasil foi criado em 1971), extensas discussões sobre o currículo do curso, se o turismo era uma ciência e como se deveria proceder para ensiná-lo e regulamentar a profissão ao nível nacional. Esses debates não se davam apenas no Brasil. A revista norte-americana *Annals of Tourism Research* chegou a publicar em 1981 uma edição especial intitulada *Tourism Education*, onde alguns especialistas tratavam de estruturar as bases para essa discussão eminentemente epistemológica. O editor responsável foi o professor J. R. Brent Ritchie da Universidade de Calgary, Canadá, ainda hoje (1996) um dos eminentes pesquisadores da área. No texto *Framework for Tourism Education*, escrito por Ritchie em parceria com Jafar Jafari da Universidade de Wisconsin (Estados Unidos), os autores preocupam-se em delimitar o campo de sua inserção acadêmica até ao nível do detalhamento conceitual. Para eles Turismo é entendido conforme a definição feita por Jafari em 1977: "Turismo é o estudo do deslocamento humano para fora de seu habitat usual, da indústria que responde por suas necessidades, e dos impactos que ambos, o ser humano e a indústria, exercem nos ambientes sócio-cultural, econômico e físico." (Jafari/Ritchie, 1981, p. 15). Os usuários da indústria

turística podem ser denominados visitantes, hóspedes, viajantes ou turistas, já que são os termos mais populares.

Os autores entendem que o Turismo deve se valer de algumas disciplinas que são básicas para seu estudo como: Economia, Sociologia, Psicologia, Geografia e Antropologia. Jafari, em um trabalho escrito em 1977, se preocupa em fazer um esquema dos cursos específicos oferecidos pelos centros de estudos turísticos e sua disciplinariedade correspondente:

CURSO DE TURISMO	DEPARTAMENTO OU DISCIPLINA
Sociologia do Turismo	Sociologia
Implicações Econômicas do Turismo	Economia
Motivação Turística	Psicologia
Relação Hóspede/Hoteleiro	Antropologia
Mundo sem Fronteiras	Ciência Política
Geografia do Turismo	Geografia
Natureza	Ecologia
Turismo Rural	Agricultura
Administração de Recreação	Parques e Recreação
Planejamento e Desenv. Turístico	Planejamento Urbano e Regional
Marketing do Turismo	Marketing
Legislação Turística	Direito
Gerenciamento de Org. Turísticas	Administração
Fundamentos de Transporte	Transporte
Hospitalidade em Turismo	Adm. de Hotéis e Restaurantes
Educação em Turismo	Educação

Fonte: Jafari/Ritchie, 1981, p. 23

Essas disciplinas não deveriam ser oferecidas em grades, como prateleiras contendo produtos diferenciados ou um amontoado de fragmentos de onde, talvez, surja o ensinamento do Turismo. Esse seria um modelo antiquado de formação profissional em Turismo ao nível superior, porém ainda pode ser encontrado em algumas escolas do Brasil. A proposta de ensino para o Turismo é clara em seus contornos no que se refere à integração de seus currículos. Não se pode trabalhar sem um nível de integração profundo e uma coerência interna entre as diversas disciplinas que compõem os diversos programas de Turismo. Não basta, por exemplo, uma interação apenas multi-disciplinar (diversas disciplinas enfocando um problema ou desafio) ou inter-disciplinar (integração de conceitos e idéias como aspecto fundamental do projeto educacional). O ideal seria o mais elevado nível de integração educacional, a transdisciplinariedade, ou seja, algo além das disciplinas em si. Enquanto os programas interdisciplinares iniciam-se com as disciplinas, a transdisciplinariedade tem como ponto de partida um desafio

ou problema e, através do processo de solução de problemas auxiliado pelos diversos campos de conhecimento, procuram chegar até a uma solução ou resolução viável. Os autores têm consciência de que este modelo é o mais difícil de ser implementado pois pressupõe uma integração profunda entre os professores e uma compatibilidade da própria grade curricular dos cursos, além dos custos envolvidos para se garantir material didático, pesquisas e material de apoio como filmes, livros, periódicos, possibilidade de viagens etc, sem contar a inflexibilidade institucional de vários centros de ensino que dificultam a comunicação entre seus departamentos e professores. Essa grade curricular básica proposta por Jafari influenciou vários cursos de Turismo no Brasil, principalmente no momento da estruturação dos currículos para os cursos que estavam sendo criados. A partir de meados da década de 1980, vários outros especialistas internacionais passaram a influenciar a formação profissional em Turismo no Brasil, ao lado dos brasileiros que estavam se formando e participando ativamente do mercado de trabalho, compondo o corpo docente das diversas universidades que ofereciam cursos nessa área.

Com essas considerações tem-se um ponto inicial para a formação profissional em Turismo: de acordo com Jafari e Ritchie, esse campo do conhecimento deve ser ensinado de maneira **transdisciplinar**.

A discussão acadêmica internacional sobre o *status* do Turismo enquanto ciência continuou a movimentar pesquisadores em todo o mundo. As universidades George Washington (Washington DC, EUA), Calgary (Alberta, Canadá), Surrey (Reino Unido), Havaí (EUA) e a Organização Mundial do Turismo (OMT), com sede em Madri, Espanha, são algumas das principais referências internacionais sobre pesquisa e docência em Turismo. No Brasil, os principais centros são a Universidade de São Paulo, através da Escola de Artes e Comunicações onde se localiza o Departamento de Turismo; Universidade Federal do Paraná; Universidade Federal do Pará, com linhas de pesquisa sobre Turismo e Meio Ambiente; Pontifícia Universidade Católica de Campinas, através do Instituto de Artes, Comunicações e Turismo; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre e outras instituições particulares localizadas em São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro.

Como acontece com as novas áreas do conhecimento como informática, marketing, ecologia, lazer etc., é importante situar esse *corpus* no amplo contexto geral das ciências, para que se possa valer de paradigmas científicos reconhecidos em todo o mundo. É preciso um consenso acadêmico mínimo sobre conceitos básicos, métodos de pesquisa e pressupostos para que o exercício científico da atividade seja realizado com a profundidade, rigor e abrangência necessários e que se estabeleçam os parâmetros mínimos capazes de orientar a produção e reprodução do conhecimento na área.

Vários estudos foram realizados sobre o *status* do Turismo enquanto conhecimento científico. Pesquisadores da Universidade de Surrey do Reino Unido, por exemplo, fizeram várias considerações a respeito de se considerar turismo e hotelaria disciplinas ou áreas de estudo, sem terem deixado claramente uma opção excludente, talvez por entenderem não ser esta uma questão fundamental (Westlake e outros, 1994, p. 29). Para esse trabalho optou-se por Pearce devido ao seu maior embasamento epistemológico específico sobre o Turismo e por ter feito uma opção que possui um certo consenso na comunidade que pesquisa o Turismo no Brasil.

O professor Philip L. Pearce, da Universidade de Adelaide, Austrália, fez uma importante contribuição ao afirmar que:

"O Turismo como uma área de estudo possui, perto do final do século 20, uma exigência válida para ser uma área de conhecimento emergente. Há cursos formais nas Universidades, uma crescente produção em publicações sobre estudos turísticos e um número significativo de redes e organizações reunindo pesquisadores. É preciso, entretanto, devotar ainda bastante atenção para a análise da base do conhecimento em Turismo. A caracterização do Turismo como uma área de estudo é importante por diversas razões e pode ajudar a solucionar algumas questões centrais frequentemente levantadas por educadores em Turismo" (Pearce, 1993, p. 25/26).

Essas questões referem-se principalmente:

- ao conteúdo programático dos cursos de Turismo;
- à relação entre Turismo como uma área de estudo e outras disciplinas;
- ao controle dos programas educacionais em Turismo.

Pearce se utiliza de uma série de trabalhos relevantes na área para chegar a uma afirmação capaz de equacionar vários desses problemas inerentes à formação profissional. É importante reproduzir, mesmo com apenas as citações bibliográficas, o caminho pelo qual o autor pretendeu chegar à sua conclusão epistemológica:

FONTES DE DADOS CENTRAIS PARA CARACTERIZAR TURISMO COMO UMA ÁREA DE ESTUDOS

Periódicos

- Annals of Tourism Research*: Methodological review, 1988;
Annals of Tourism Research: Social Science issue, 1991;
World Travel and Tourism Review, Volume I, 1991;
World Travel and Tourism Review, Volume II, 1992;
Journal of Trafel Research; The Travel Research Bookshelf, 1970-1993.

Enciclopédias/Compêndios

- Khan, Olsen e Var, *VNR's Encyclopaedia of Hospitality and Tourism*, 1993.
Witt e Moutinho, *Tourism Marketing and Management Handbook*, 1989.
Medlik, *Managing Tourism*, 1991.
Ritchie e Goeldner, *Travel Tourism and Hospitality Research: A Handbook for Managers and Reserchers*, 1986.
New Horizons Conference Proceedings, University of Calgary, 1991.

Artigos, análises de autores

- Dartnell and Store, "The Literature of Tourism", *Journal of Tourism Studies*, 1 (1), 1990, 49-53.
Jafari J. & Aaser, D., "Tourism as the Subject of Doctoral Dissertations", *Annals of Tourism Research*, 15, 3 1988, 407-429.
Sheldon, P. J., "Journal in Tourism and Hospitality: The Perceptions of Publishing Faculty", *Journal of Tourism Studies*, 1 (1), 1990, 42-48.
Geoldner, C., "Sources of Information", *VNR Encyclopaedia*, 1993, 974-983.
Pearce, D. & Butler, R. W., *Tourism Research. Critiques and Challenges*, 1993.

Fonte: Pearce, 1993, p. 27

Esses autores e publicações representam a vertente epistemológica mais consensual na pesquisa sobre Turismo nas Américas, Europa e Bacia do Pacífico. Com base nesse referencial teórico, Pearce propõe que "Na linguagem da pesquisa em

educação superior contemporânea, Turismo é ... uma especialidade, com um estilo de aprendizagem concreto e reflexivo." (Pearce, 1993, p. 27). É uma evidente área aplicada da atividade acadêmica. As disciplinas puras (biologia, filosofia, matemática física, história etc.) têm seus próprios *corpus* e métodos específicos para gerar e reproduzir conhecimento e referem-se a áreas bastante específicas e limitadas do conhecimento em geral. As disciplinas têm um longo histórico acadêmico, comunidades universitárias internacionais, publicações consagradas, reconhecimento universitário na forma de estruturas departamentalizadas no mundo todo, elevada identidade e sociedades profissionais com referências conhecidas sobre o prestígio social de seus membros, sejam eles ilustres ou anônimos. As especialidades (ecologia, publicidade, turismo, informática etc.) são concentrações recentes de atividade acadêmica e compartilham de apenas algumas das características das disciplinas. Elas podem ou não tornar-se disciplinas no futuro sem que isso signifique que são mais ou menos importantes, são apenas diferentes.

Existem especialidades baseadas no campo teórico, por exemplo, os estudos sobre as mulheres baseiam-se em teorias feministas; baseadas em métodos, como a cristalografia; ou baseadas em conteúdos, como a ecologia. Especialidades baseadas em métodos podem incorporar vários especialistas desde que suas técnicas possam ser aplicadas a vários campos. Especialidades baseadas em teorias podem ampliar seu campo de ação através de outras disciplinas, como o estruturalismo que saiu de sua origem no campo da linguística e influenciou a antropologia, sociologia e a crítica literária. O Turismo é uma especialidade que está crescendo no mundo todo à medida em que os problemas originados por seu desenvolvimento tornam-se cada vez mais específicos e complexos e exigem análises, métodos e soluções apropriadas. O último parágrafo do texto delimita mais um passo fundamental na análise da educação em Turismo nas sociedades pós-industriais:

"Finalmente, a consideração do Turismo como uma área de conhecimento tem a ver com a questão de quem controla os programas educacionais em Turismo. Esses estudos são classificados como aplicados e o estilo de aprendizado é tipicamente concreto envolvendo exposição para muitas situações encontradas no mercado. Esse ponto deveria ser visto como um forte argumento inicial para uma participação intensiva da indústria turística na elaboração dos programas educacionais. ... As propostas de participação sadia entre educadores e profissionais da indústria são muito positivas desde que ambos compreendam a necessidade de inserir totalmente os estudantes em todos os aspectos de suas respectivas culturas ao invés de deixá-los no estreito âmbito dos campos familiares. ... Talvez o mais importante seja oferecer aos estudantes confiança de que sua área de estudo tem uma posição respeitável no dinâmico mundo do conhecimento." (Pearce, 1993, p. 30)

O Turismo é uma das **especialidades** no extenso campo da ciência.

3. O Turismo e a Educação

No Brasil, a preocupação com a formação profissional em Turismo é recente. As diretrizes mais sérias e bem articuladas, por parcelas do empresariado e dos governos federal, estadual e municipal, datam de plena década de 1990. Na verdade a docência e pesquisa em Turismo são recentes, inclusive ao nível internacional. Frank M. Go aponta um breve histórico sobre a produção teórica na área no livro *Global Tourism - The next decade*:

“Na fase contemporânea a pesquisa em Turismo tem sido realizada por acadêmicos como Hunziker e Krapf, na Suíça dos anos 1940. Entre os britânicos destacam-se Ogilvie, Norval e Lickorish e Kershaw. Mas foi apenas nos anos 1970 que acadêmicos anglo-americanos começaram a mapear as águas desconhecidas dos estudos turísticos em profundidade. Enquanto isso Medlik e Burkart, afiliados à Universidade de Surrey, destacaram-se no Reino Unido ao mesmo tempo em que Clare Gunn da Texas A&M University e Robert McIntosh da Michigan State University estiveram entre os pioneiros da educação em Turismo nos Estados Unidos. ... Os principais desafios da época eram que, em quase todos os casos, os programas se desenvolviam como resultado de um esforço acadêmico, mais do que por uma demanda do mercado e certos segmentos da indústria turística pareciam aceitar qualificações acadêmicas muito específicas.

A segunda fase da educação em Turismo começou no início dos anos 1980, quando uma revisão atualizada da rápida expansão do campo da educação em Turismo, co-editada por Jafari e Brent-Ritchie mudou o foco educacional turístico do nível pragmático para o nível acadêmico. Expandindo o leque de possibilidades em educação para o turismo, os autores estabeleceram as bases de um ensino mais profundo e incrementaram a pesquisa.” (Go, 1994, p. 333/334).

Uma terceira tendência para a educação em Turismo iniciou-se nos anos 1990, quando as mudanças geo-políticas, as novas tecnologias e as alterações demográficas provocaram um período de constantes mudanças e levou inúmeros profissionais e pesquisadores a uma encruzilhada: ou eles continuam nos mesmos caminhos conhecidos ou exploram a trilha incógnita dispostos a conhecerem novos cenários. É significativo o uso de uma frase de Charles Handy, um dos “profetas das mudanças”, no início do texto de Go, sinalizando claramente o contexto no qual o autor situa a problemática a ser discutida.

A formação profissional em Turismo realiza-se portanto, em plena década de 1990, no contexto de **mudanças globais**.

Para avaliar os desafios dos novos tempos, Frank Go fez uma pesquisa com setenta e dois delegados, educadores e profissionais em Turismo em um congresso sobre Turismo que se realizou em Calgary em 1991. Eles tiveram que identificar pontos-chave que pensavam ter forte influência nas mudanças da força de trabalho dos países industrializados nos próximos quinze anos (ou seja, até 1995). As respostas abaixo mostram em ordem decrescente a porcentagem dos três itens mais citados na pesquisa:

93,5% - Uma economia nacional forte e competitiva depende do desenvolvimento apropriado do trabalhador e talentos adquiridos através de educação e treinamento.

93,4% - As habilidades para lidar com cenários complexos vai requerer a re-estruturação de muitos postos de trabalho para incluir informática e novas exigências educacionais.

93,4% - Nas próximas duas décadas um número crescente de mulheres vai estar em funções executivas na cúpula de grandes organizações.

Fonte: Go, 1994, p. 341.

Parece que os pesquisadores tiveram sensibilidade para perceber as tendências do futuro, pois até meados da década de 1990 suas afirmações continuam válidas no cenário internacional. Aliás, a respeito do primeiro item da lista, é importante fazer uma distinção entre educação e treinamento, seguindo os conceitos de Frank Go. A **educação** em Turismo é vista por uma perspectiva gerencial do autor e baseia-se no desenvolvimento intelectual da pessoa através, por exemplo, da literatura específica da área, aprendizado de línguas estrangeiras, habilidades no uso de computadores, conhecimento de outros países e culturas sem direcionamento particular para trabalhos ou responsabilidades específicas. Em contraste, **treinamento** é o processo de trazer a pessoa para um padrão desejado de habilidades e eficiência através de instruções.

O foco desse trabalho, uma reflexão sobre o ensino superior, é centrado na **educação** e não em um simples **treinamento** de habilidades turísticas.

Após essas considerações iniciais, é importante explicitar que apesar dos grandes avanços conseguidos na área de formação profissional em Turismo, seja na docência ou na pesquisa, ainda restam vários problemas para serem equacionados e diluídos. Os principais problemas que podem comprometer a educação em Turismo e Hotelaria são apontados em um capítulo especial do texto de Westlake, no que se refere à educação nos países desenvolvidos, podendo essa problemática ser adaptada à realidade do ensino brasileiro:

Problemas para o ensino de Turismo

a) Turismo é geralmente visto como simples contribuição para enriquecer outras disciplinas como economia ou geografia.

b) A educação em Turismo é multidisciplinar e contém elementos atrativos para outras disciplinas como geografia, história e ciências comportamentais. Pode ser identificado com o lazer, uma área de estudo que alguns entendem como mais "leve". É uma área de conhecimento recentemente estabelecida (desde a década de 1940). Portanto, se alguém fala que ensina Turismo as pessoas geralmente perguntam qual o melhor lugar para se viajar nas férias ou qual é o clima da Flórida no inverno.

c) Outro problema é que o Turismo internacional de massa também é recente (pós Segunda Guerra Mundial, mais precisamente depois de 1950). Vários fenômenos inéditos (a queda do Turismo internacional em 1986 devido ao acidente de Chernobyl e ao terrorismo na Europa Ocidental, por exemplo) não encontram explicações imediatas devido à inexistência de precedentes. Há também o problema de se encontrar dados históricos exatos para se validar pesquisas e comparações sobre influências culturais provocadas pelo Turismo. É muito mais fácil pesquisar as pessoas em seu "tempo de produção" do que em seu "tempo de ócio ou lazer", por isso a dificuldade em acompanhar sociológica, econômica e culturalmente o fenômeno.

d) A educação em Turismo é também afetada pelo extenso conteúdo da natureza da indústria turística. Ela é fragmentada e atravessa vários setores que envolvem um grande leque de operações. Conseqüentemente, é difícil estudar todos os níveis e nuances de um campo razoavelmente indefinido.

e) O setor é dominado por pequenas empresas dirigidas por profissionais empreendedores e auto-suficientes que não têm treinamento formal em Turismo e que muitas vezes não reconhecem a necessidade de formação profissional para elevar os padrões da indústria.

Fonte: Westlake e outros, 1994, p. 57-60

Problemas para o ensino de Hotelaria -

a) Hospitalidade, como área de estudo, ainda tem problemas de imagem. Apesar do fato de muitos cursos, particularmente de nível superior, atraírem estudantes capazes e inteligentes, persiste uma certa idéia no senso comum de que os que procuram o curso e a carreira de Hotelaria são de menor nível intelectual. A visão de que Hotelaria está no mesmo nível de Culinária é difícil de ser superada e, como no ensino de Turismo, os educadores da área têm algumas dificuldades em estabelecer a validade acadêmica de seus estudos e ensinamentos.

b) Muitos cursos têm um amplo espectro de ensino. Como resultado os educadores são confrontados com um dilema: deve o curso ser orientado para habilidades técnico-profissionais (alimentos e bebidas, hospedagem, técnicas de coordenação de equipes de trabalho) ou deve o currículo ser orientado para o gerenciamento de negócios?

c) O terceiro problema deve ser considerado no contexto do Turismo: o crescimento do número de cursos em Hotelaria. Apesar do crescimento da área, os educadores (assim como as escolas de Turismo) começam a ter dificuldades em alocar os novos profissionais em postos de trabalho e garantir seu alto nível de formação e estágios supervisionados.

d) O último problema relaciona-se com a mentalidade de que Hotelaria aprende-se exclusivamente na prática e vários recém-formados têm que começar sua carreira nos níveis mais baixos, apesar de já terem feito aulas em laboratórios específicos (governança, restaurantes e cozinhas) e estágios supervisionados.

Fonte: Westlake, 1994, p. 60-62

Westlake pensa que os problemas associados com o ensino nessas áreas pode ser encarado como uma "crise de meia-vida". São áreas que não mais têm a desvantagem do absoluto ineditismo enquanto campos de conhecimento mas tampouco atingiram a maturidade conceitual e metodológica. No Brasil esse aspecto é bastante evidente na medida em que há poucos bacharéis em Turismo com o Doutorado completado, a produção de trabalhos acadêmicos aos níveis de mestrado e doutorado é escassa e a publicação editorial não atinge uma centena de títulos. Em países como o Reino Unido, Canadá, Estados Unidos, Espanha, México, Argentina, França, Alemanha e Suíça a produção de livros e revistas sobre Turismo e Hotelaria é muito mais volumosa e abrangente do que no Brasil, por isso é fundamental o incentivo de formação de professores para a área, ou seja, a "formação de formadores".

Alguns exemplos da realidade brasileira podem mostrar como essa problemática é enfrentada no país. Em primeiro lugar existe bastante semelhança entre as dificuldades apontadas pelos especialistas britânicos e canadenses, apesar de o Brasil ser um país em desenvolvimento e não uma potência do primeiro mundo. Porém em Hotelaria, existem algumas diferenças que apontam para características mais particulares do desenvolvimento dessa área no Brasil. O

setor hoteleiro, assim como o transporte aéreo, é visto como um nicho de mercado reservado às "elites" econômicas do país. Existe um *glamour* em viajar de avião, hospedar-se em um hotel de quatro ou cinco estrelas, fazer um cruzeiro marítimo ou sair para jantar em um restaurante elegante. São coisas de país em desenvolvimento onde as redes de *fast food* são instaladas em *shopping centers* e em bairros elegantes e a classe média pensa ser um privilégio comer no Mc Donald's ou no Arby's. Na América do Norte e Europa Ocidental, esses restaurantes são conhecidos como *junk food* (comida ordinária, em tradução livre), são frequentados pela população em geral e pelas minorias pobres, adolescentes, velhos aposentados com baixa renda ou por *junkies* (drogados) em altas horas da noite, quando os quase todos os outros restaurantes estão fechados. Se jantar na Pizza Hut é um desejo legítimo dos que têm condição econômica satisfatória, hospedar-se no Sheraton, passar uma semana no Clube Med ou embarcar de primeira classe para o exterior são sonhos inacessíveis à imensa maioria da população. Por isso existe uma "mística" envolvendo os trabalhadores qualificados da hotelaria, das companhias aéreas e os guias de turismo e profissionais das melhores operadoras. O turismo e seus componentes (hotelaria, gastronomia, agências de viagens etc.) são vistos com um misto de falta de seriedade, que se reflete muitas vezes no campo acadêmico, mas com uma postura respeitosa porque são esferas destinadas aos possuidores de talões de cheques ou cartões de crédito com poder para adquirir tais serviços. Há cerca de cinquenta cursos superiores de Turismo e sete cursos superiores de Hotelaria no Brasil. Pode-se, empiricamente, apontar que os interessados em Turismo são oriundos de segmentos sociais localizados nas faixas média e média-alta. Porém, no caso de Hotelaria, existem dados precisos sobre a procura (proporção candidatos/vaga) e a origem dos alunos, especialmente em relação aos cursos oferecidos pelo SENAC - Centro de Educação em Turismo e Hotelaria nas unidades de São Paulo e Águas de São Pedro. O vestibular para o curso de Tecnologia em Hotelaria do SENAC São Paulo é realizado em convênio com duas universidades: em São Paulo o vestibular é realizado com a PUC São Paulo e em Águas de São Pedro, com a UNMEP (Universidade Metodista de Piracicaba). Como ambas as instituições possuem uma análise de dados dos vestibulandos, o relatório específico de candidatos em geral e dos aprovados no vestibular fica disponível para o SENAC.

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM HOTELARIA - SENAC/CET

São Paulo - Vestibular unificado com a PUC-SP - Janeiro de 1996

Turno matutino (60 alunos matriculados):

Primeira opção - 558 inscritos (9,3 alunos/vaga)
 Total - 783 inscritos (13,05 alunos/vaga)
 Onde estudou - 53 em escolas particulares
 06 em escolas públicas
 01 possui curso superior incompleto

Turno vespertino (60 alunos matriculados):

Primeira opção - 213 inscritos (3,55 alunos/vaga)
 Total - 525 inscritos (8,75 alunos/vaga)
 Onde estudou - 45 em escolas particulares
 15 em escolas públicas

Águas de São Pedro - Vestibular unificado com a UNIMEP - Janeiro 1996

Turno único (50 alunos matriculados):

Primeira opção - 336 inscritos (6,72 alunos/vaga)
 Segunda opção - 97 inscritos (1,94 alunos/vaga)
 Terceira opção - 127 inscritos (2,54 alunos/vaga)
 Total - 560 inscritos (11,2 alunos/vaga)

Onde estudou - 32 em escolas particulares
 09 em escolas públicas
 09 em escolas particulares e públicas

Fonte: Relatório do SENAC-CET São Paulo, 1996

Os dados mostram a procura intensa pelo curso de Hotelaria (no vestibular da UNIMEP é o quarto curso mais procurado entre os 32 cursos oferecidos), é um dos mais procurados no vestibular da PUC São Paulo. No vestibular de 1996, o curso de Turismo da PUCCAMP foi o décimo mais concorrido entre os 39 cursos oferecidos pela Universidade, indicando um aumento significativo de procura. Essa tendência é encontrada em outras áreas afins. O curso de Turismo da PUCCAMP (oferecido desde 1974), por exemplo, historicamente tinha uma relação de 1 aluno/vaga. Em 1996, devido ao crescimento do interesse pela mídia e por profissionais nessa área, passou a contar com 5 alunos/vaga, integrando o bloco de cursos de alta demanda.

Os dados referentes à escolaridade dos alunos do Curso Superior de tecnologia em Hotelaria do SENAC São Paulo mostram claramente que a maioria

provém de escolas particulares. Dados reservados sobre a situação econômica desses alunos mostram que uma parcela significativa é de famílias de classe alta e maioria, de classes média e média-alta. Os números demonstram portanto que o curso de Hotelaria atrai um público estudantil diferenciado e disposto a enfrentar as várias aulas práticas e estágios nos diversos setores operacionais do Hotel-Escola do SENAC, o Grande Hotel São Pedro. Isso significa que todos passam por experiência como camareiros, garçons, cozinheiros, equipe de manutenção, mensageiros, faxineiros e serviços administrativos em situações de trabalho real em um Hotel-Escola aberto ao público em geral, bem posicionado no mercado e exigente quanto à qualidade de seus serviços. Para eles não existe a visão preconceituosa de que homem não coloca avental e de que garotas de boas famílias não varrem o chão ou arrumam camas. Essa visão de educação direcionada ao mercado, claramente influenciada pelo sistema educacional hoteleiro e gastronômico norte-americano, tem sido muito bem aceita no Brasil e não existem conflitos entre os alunos e os trabalhadores regulares do Hotel-Escola. É um sinal de avanço na mentalidade profissional do segmento turístico-hoteleiro no país.

A educação em Turismo ainda possui vários **problemas** a serem equacionados mas **evoluiu** consideravelmente em sua curta história acadêmica.

4. A importância da educação em Turismo e o mercado de trabalho

A formação profissional em Turismo no Brasil tem sido discutida desde a implantação do curso, em 1971, por professores de várias áreas e, posteriormente, pelos primeiros formandos, os bacharéis em Turismo. As duas associações (já citadas) em nível nacional que se preocupam com questões referentes à educação na área são a ABBTUR e a ABDETH. Durante o ano de 1996 ocorreram o Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo (ENBETUR), realizado pela ABBTUR em São Paulo, e vários encontros da ABDETH, com a finalidade de discutir o novo currículo mínimo a ser validado pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC). Ao lado do currículo mínimo e da grade curricular para os diversos cursos de Turismo e Hotelaria, são também discutidas ementas de disciplinas, conteúdos programáticos e a conveniência de implantação de ênfases profissionalizantes (agenciamento, alimentos e bebidas, eventos, meios de hospedagem, transportes, lazer e recreação, planejamento turístico) na graduação em Turismo.

O presente trabalho não se propõe a discutir a problemática da educação em Turismo a esse nível de detalhes por entender que a realidade geo-educacional e a autonomia das diversas instituições de ensino superior permitem várias adaptações às diversas realidades. Por outro lado, o fórum adequado para resoluções detalhadas sobre a formação profissional dizem respeito às

organizações como ABBTUR e ABDETH e às gestões com o MEC, feitas através da Secretaria de Educação Superior - Coordenação das Comissões de especialistas de Ensino (SESu - COESP), mais especificamente pela Comissão de Especialistas de Ensino de Administração onde a graduação em Turismo está alocada (no ano de 1996, podendo sofrer alterações no futuro). O trabalho apresentado pretende ater-se a uma realidade mais contextual, mais abrangente, que seria ao nível dos projetos pedagógicos para os cursos de Turismo. Essa seria a esfera da filosofia da educação concernente aos cursos existentes e aos cursos que estão em projeto de instalação. A preocupação central da tese é o cenário nacional e internacional em desenvolvimento e as propostas gerais de formação profissional para uma área do conhecimento ao mesmo tempo recente e suscetível às profundas transformações contemporâneas. Várias publicações internacionais como *Annals of Tourism Research*, *Tourism and Hospitality Education* e muitas outras já publicaram inúmeros textos com propostas e críticas sobre currículos e ementas para o Turismo. Essas publicações não serão analisadas pelos mesmos motivos acima citados, por se referirem aos detalhes e pormenores dos cursos de Turismo. A literatura internacional foi consultada para embasar teóricamente prováveis respostas para o problema levantado nestas teses e para identificar um quadro conceitual geral que explicita a necessidade de uma formação profissional sistemática para a área e proporcione a configuração de projetos pedagógicos embasados em uma filosofia educacional consistente. Essa filosofia educacional pode ser explícita ou até mesmo ausente, problema a ser retomado na conclusão (capítulo VIII). Após a conclusão, há dois anexos. O primeiro é o Projeto Pedagógico do curso de Turismo da PUCAMP. O segundo é a Proposta de Trabalho da Unidade do SENAC-Centro de educação em Turismo e Hotelaria do estado de São Paulo, um tipo de projeto pedagógico. Eles servem de exemplo sobre os paradigmas que estão sendo aplicados no mercado educacional, paradigmas esses de certa forma baseados em toda a problemática levantada ao longo da tese, especialmente o projeto pedagógico da PUCAMP, redigido por mim ao mesmo tempo em que desenvolvia o projeto de doutorado.

Há um ponto comum à literatura internacional existente sobre teoria em Turismo: o consenso sobre a necessidade da educação direcionada à área ser muito bem estruturada e baseada em fundamentos amplamente discutidos e aceitos pela comunidade empresarial, acadêmica e política.

O *World Travel and Tourism Review* (Vol. 1, 1991), em sua agenda sobre os Desafios de uma Política Turística Global para os anos 1990, elenca dez itens principais e nove itens emergentes para discussão. Três desses itens referem-se à educação e cultura relacionadas ao Turismo:

1 - A diversidade cultural deve ser reconhecida no contexto da sociedade global.

2 - O problema dos recursos humanos: há uma necessidade contínua e crescente para incrementar o número de pessoal especializado na área e aprimorar seu profissionalismo, nos seguintes pontos em particular:

a) priorizar programas de educação e treinamento em Turismo em todos os níveis;

b) encorajar todos os setores da indústria turística a cooperar ativamente no desenvolvimento e treinamento em programas educacionais para assegurar que esses programas preencham as necessidades de um mercado diversificado, particularmente em relação com as necessidades especiais de áreas envolvidas com multi-culturalismo, faixas etárias e outros segmentos;

c) promover a integração de conteúdos turísticos no sistema educacional público de uma forma geral;

d) possibilitar o treinamento, educação e inserção dos trabalhadores e dirigentes nativos das áreas turísticas.

3 - Os avanços tecnológicos possibilitam oportunidades e pressionam a melhoria do desempenho produtivo, do desenvolvimento de recursos humanos e a reestruturação da indústria turística.

Fonte: Ritchie, Brent, *Global Tourism Policy Issues: An Agenda for the 1990s*, in *World Travel and Tourism Review*, CAB, Wellingford, 1991, p. 153 e 156.

Mas a educação em Turismo não é importante isoladamente. O analista Chris Cooper enfoca a educação e seu relacionamento com a indústria turística, preocupado com a falta de integração em vários países do mundo entre governos, academia e empresários para juntos melhor equacionarem os desafios da formação profissional.

Ainda existe, em vários lugares do planeta, resistência à compreensão de que a **elevação da qualidade dos serviços turísticos**, dos padrões de segurança, lucratividade e eficiência **depende em boa parte de formação profissional séria e continuada.**

Cooper, assim como Frank Go, esclarece as diferenças entre educação e treinamento para o Turismo. O treinamento diz respeito à transmissão de conhecimento prático, técnicas e habilidades. Tem um longo histórico e surgiu à medida em que a indústria tornou-se mais complexa e diversificada. Desde o século passado, trabalhadores são treinados para servirem em hotéis,

restaurantes, balneários e cidades turísticas em todo o mundo desenvolvido e nas grandes cidades dos países em desenvolvimento. Há um romance escrito por um autor tcheco, Bohumil Hrabal, intitulado *I served the King of England*, onde o personagem principal é um garoto que relata seu longo aprendizado nos melhores hotéis e restaurantes de Praga, até tornar-se proprietário de um estabelecimento nas montanhas e finalmente um milionário punido pelo regime socialista pós-Segunda-Guerra. O servilismo e os sacrifícios da profissão aparecem ao lado das sutilezas, espertezas e do *glamour* que se espera encontrar nos salões amplos e iluminados dos grande Hotéis-Palácio (Palace Hotel) por entre os conluios e intrigas da burguesia emergente e da aristocracia decadente.

A educação em Turismo é uma atividade mais recente. Com exceção de algumas instituições, a maior parte dos cursos superiores de Turismo apareceram entre 1980 e 1990. Em vários países, esses cursos ainda estão se estabelecendo. Há várias razões para isso. Apenas nos últimos anos os governos reconheceram o valor do Turismo para suas economias e realizaram a conexão entre a formação de recursos humanos (educação e treinamento) e o incremento de produtividade e competitividade no setor. O Brasil é um país com várias lacunas nessa área. Não existem cursos de graduação em lazer (apenas especializações inseridas em graduações como Educação Física); o país conta com apenas um curso mais extenso de gastronomia (no SENAC-Grande Hotel São Pedro, em convênio com *The Culinary Institute of America*, dos Estados Unidos) que não é de nível superior e alguns cursos básicos de garçom e cozinheiro oferecidos pelo SENAC em alguns estados do Brasil; sete cursos superiores de Hotelaria; e cerca de cinquenta cursos superiores de Turismo, o setor mais antigo e abrangente do país ao nível de formação profissional. O mesmo acontece nas áreas de intersecção com o turismo com o meio-ambiente. O primeiro curso mais profundo nesse segmento só chegou ao mercado brasileiro no segundo semestre de 1996. É o curso de Guarda-Parque (nível médio), oferecido pelo SENAC de São Paulo, com tecnologia educacional importada do Hocking College, dos Estados Unidos. O único segmento formalmente profissionalizado desse setor (que foi regulamentado) no Brasil, é o de Guia de Turismo. A emissão da carteira de habilitação específica para essa atividade é expedida pela Embratur (Instituto Brasileiro do Turismo) após o candidato fazer um curso credenciado pela própria Embratur e apresentar o certificado de conclusão.

O que se espera de alguém graduado nesses cursos? Uma pesquisa realizada em 1992 no Reino Unido apontou o que os empresários e dirigentes esperam dos alunos saídos dos cursos de Turismo:

- Não se espera sómente habilidades específicas. É importante a pessoa ter uma cultura geral sólida, saber uma língua estrangeira, flexibilidade, competência gerencial e administrativa, trato pessoal (*savoir faire*) e social.

- Os graduados em Turismo (em oposição aos não graduados) devem se conduzir muito bem em entrevistas, possuir o mesmo nível intelectual que seus pares de outras profissões e grande conhecimento do mundo dos negócios.

- Muitas empresas esperam encontrar graduados com caráter e personalidade além das habilidades acadêmicas.

- Estudos gerais em Economia e Negócios podem abrir campos mais vastos aos novos profissionais.

- Constatou-se que é preciso informar ao empresariado o que os alunos aprendem nos cursos de Turismo e afins. Muitos não identificam claramente o conteúdo dessa área de estudo e como poderão se utilizar desse profissional.

- Os empresários estão começando a perceber que não é apenas por ter um diploma que a pessoa tem plena capacidade de realizar algumas operações profissionais básicas ou possui uma cultura fundamentada em leituras básicas relativas à sua profissão ou ao conhecimento humano em geral.

- Vários empresários entendem que os cursos de Turismo deveriam ter conteúdos mais profundos de gestão de negócios ao lado de uma sólida cultura geral humanística.

Fonte: Cooper, 1993, p. 70-71

Várias dessas constatações feitas pelo empresariado britânico podem ser transpostas para a realidade brasileira, com o agravante de que a crise educacional aqui é mais antiga e profunda.

Sobre a realidade das escolas no Brasil, o aparecimento de dados confiáveis permite traçar um quadro razoavelmente abrangente. Essas informações têm surgido porque o Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, e jornais como a *Folha de São Paulo*, têm se preocupado com informações que permitam melhor avaliar a situação do ensino em geral no país. O Ministério da Educação quer fazer um levantamento geral e detalhado sobre as condições de ensino para melhor planejar as ações que deverão ser tomadas no sentido de reverter o quadro. O jornal lançou em 1996 uma série intitulada "Tempo real - Dívida social" para denunciar as péssimas condições nos vários setores sociais como a saúde, educação, moradia, segurança etc. Com base na reportagem especial sobre educação foram obtidos os seguintes dados sobre o Brasil e o estado de São Paulo:

ENSINO DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS

	Primeiro grau	Segundo grau
Escolas	194.487	13.449
Professores	1.377.665	295.542
Alunos em escolas estaduais	56,55%	69%
Alunos em escolas municipais	31,77%	23%
Alunos em escolas particulares	11,58%	5,6%
Alunos em escolas federais	0,10%	2,4%
Taxa de repetência	33%	32%
Taxa de evasão	5%	5%
Taxa de aprovação	62%	63%

SEGUNDO GRAU E CURSO SUPERIOR

Total de estabelecimentos de 2. grau (1993):	13.449
Concluintes do 2. grau (1993):	769.603
Vagas oferecidas no vestibular (todos os cursos/1994):	574.135
Total de Instituições de Ensino Superior (1994):	851
Total de cursos superiores no país (1993):	5.562
Concluintes de cursos de nível superior (1993):	234.288
Total de docentes de nível superior (1993):	141.482
Total dos cursos de pós-graduação (1993):	1.178
Percentual de professores pós-graduados nas IES:	74%
ALUNOS DE GRADUAÇÃO -	1.661.034
ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO -	55.229

PERFIL DO PROFESSOR DE PRIMEIRO GRAU

90,7% são mulheres
 Experiência média - 11,5 anos
 Salário médio - US\$ 78,00
 Idade média - 35,3 anos
 8,5% cursaram até o primeiro grau
 Média de tempo de estudo - 12,6 anos
 63,2% usam livro didático

O salário médio nacional dos professores de Primeiro Grau, com base em 20 horas-aula semanais, é de R\$ 78,00.

PERFIL DA ESCOLA BÁSICA

97,2% têm quadro-negro
 4,4% têm equipamento de informática
 35,1% têm quadra de esporte
 20% apenas dos pais discutem o rendimento dos alunos

Fonte: Folha de São Paulo, 5/5/1996, p. 1-10/ Ministério da educação e dos Desportos

Mas há um quadro mais negro ainda a respeito da situação escolar brasileira. São os salários dos professores e os dados permitem uma avaliação completa da queda dos endimentos no estado de São Paulo. Em 33 anos o salário médio do professor, por vinte horas/aula, caiu 75% e a maior queda foi durante a gestão do governador Paulo Maluf (1979-1982) no valor de 52,24%. A lista de perdas completa está a seguir:

Salários dos professores do Estado de São Paulo para jornada semanal de 20 horas; referência é o mês de março (valores em US\$):

ANO	SALÁRIO	ANO	SALÁRIO	ANO	SALÁRIO
1963	1.042,61	1964	1.162,03	1965	1.256,35
1966	1.188,13	1967	1.217,70	1968	1.193,90
1969	1.115,44	1970	1.152,37	1971	1.135,20
1972	1.109,10	1973	1.082,42	1974	987,80
1975	1.146,64	1976	1.082,13	1977	970,93
1978	1.084,15	1979	1.442,26	1980	1.402,45
1981	1.136,79	1982	841,99	1983	868,24
1984	530,18	1985	638,34	1986	704,83
1987	608,49	1988	466,86	1989	431,52
1990	392,30	1991	315,71	1992	275,33
1993	269,70	1994	244,32	1995	249,51
1996	238,55				

Fonte: Folha de São Paulo, 5/5/1996, p. 1-10, Dados baseados na Apeosp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo).

Com apenas 4% das escolas possuindo computadores, uma perda de 75% do salário dos professores no estado mais rico da União, 19 milhões de analfabetos e investimento de 3,7% do PIB em educação (o Canadá investe 7,1%, os EUA 6,8%, Suécia e Cuba 6,7%) o Brasil vive um cenário degradante que acaba se refletindo nas Universidades. Não se pode pensar exclusivamente em propostas para o ensino superior se as bases educacionais têm sido sistematicamente erodidas e a população estudantil dos primeiro e segundo graus condenada ao fracasso. Há uma sensação crescente de que o estado não poderá resolver tudo sozinho. Parcerias com a iniciativa privada, organizações não-governamentais e segmentos da sociedade civil em geral serão urgentes e fundamentais.

No caso específico do ensino superior as parcerias entre o mercado e as escolas podem se dar em vários níveis. As opções vão de estágios supervisionados, trocas de informações e pesquisas produzidas pelos seus alunos

e trabalhadores, participação dos alunos nos congressos e encontros profissionais e dos profissionais nos seminários universitários, educação continuada para trabalhadores do *trade*, inserção de experiências empresariais no conteúdo de algumas disciplinas, contratação de profissionais altamente experientes do mercado para atuarem como conferencistas ou professores em disciplinas técnicas, contratos de planejamento turístico entre governos, empresas e escolas etc. Desde que haja vontade política por parte do estado, abertura e flexibilidade entre as Universidades e escolas de formação profissional e os empresários um grande leque de projetos e iniciativas pode se abrir de modo a que todos sejam beneficiados. Evidentemente em alguns momentos um parceiro terá que investir mais do que os outros, dependendo do projeto escolhido ou da necessidade encontrada. Qualidades como generosidade, boa vontade e abertura mental são fundamentais para que essa cooperação aconteça e prospere.

É necessária a **colaboração** entre as instituições educacionais e o mercado para melhorar o nível de ambas.

"Indústria e educação precisam trabalhar juntas em uma parceria simbiótica, não apenas para fortalecer os recursos humanos da indústria, mas também para assegurar que o setor de viagens e turismo se torne cada vez mais profissional e respeitado." (Cooper, 1993, p. 73)

Quando decidi fazer o curso técnico de Turismo em 1995, oferecido pelo SENAC Campinas em regime de intercomplementariedade com o então Colégio Estadual Culto à Ciência, houve um certo mal-estar na família. Talvez se eu tivesse decidido fazer balé clássico ou paraquedismo as reações não teriam sido tão, digamos, incisivas. Alguns parentes achavam que era algo engraçado, um tipo de mania passageira ou uma excentricidade. Outros, mais pragmáticos, diziam que eu deveria escolher uma carreira sólida e de futuro como contador, bancário ou as profissões tradicionais como medicina. Minha mãe apoiou, em parte porque tinha uma visão mais aberta do mundo e talvez também porque sabia que eu faria o que bem entendesse. Durante todo o curso técnico e depois, na graduação em Turismo na PUCAMP (1981-1983), muita gente me perguntava o que eu aprendia em Turismo, se era um visitante ocasional na escola; falavam que o curso era uma perfumaria ou, no caso das meninas, um "espera-marido". Hoje, vinte anos depois, se alguém perguntar o que se faz em Turismo estará passando um atestado de obsolescência e ignorância qualificada. Provavelmente será alguém que nunca viajou, que não entende a mídia e ficou abandonado em seu mundo frágil, antigo e pequeno. As décadas de 1980 e 1990 inseriram plenamente o Turismo na economia e nas sociedades mundiais.

Porém, não é fácil mudar a cultura vigente durante séculos e as pessoas são resistentes às mudanças. Mesmo com todos os avanços realizados, inúmeros bolsões de ignorância persistem e não podem ser subestimados. As forças destrutivas e atrasadas do obscurantismo, dos medos arcaicos, dos dogmas epistemológicos e dos ressentimentos históricos resistem às novas formações

sociais e às novas forças propulsoras do desenvolvimento representadas por novas profissões e possibilidades. Os novos caminhos não são livres de perigos e de incertezas. Toda uma reconfiguração mundial está tomando forma e desta vez os ventos da revolução não se fazem sentir como terremotos ou tempestades abruptas e aterrorizantes. São forças mais poderosas, mais profundas e permanentes. Não se apresentam como ondas gigantescas ou fraturas repentinas na terra. Todavia, como as marés e os ventos do deserto, alteram constantemente as formas e o poder das sociedades e da política, transformam a cada nanosegundo a economia e inserem novas idéias e produtos no meio das pessoas. Não respeitam fronteiras nacionais, preceitos religiosos, partidos ou modelos políticos e sistemas filosóficos. Apenas trazem o novo e deixam que ele transmute o mundo rumo ao desconhecido. Se o resultado será o paraíso ou a catástrofe não importa, as mudanças acontecem, ninguém sabe quando terminarão e como o planeta estará moldado ao final desse longo processo. Provavelmente, assim como no passado, haverá traços paradisíacos e traços do desastre horrendo. É uma sensação nova para o ser humano escrever um trabalho científico (um a mais entre milhares publicados mensalmente no mundo) e saber que dentro de alguns poucos anos ele será válido enquanto história, porque ficará inexoravelmente envelhecido e desatualizado perante o novo que se desdobra incansável em sua constante energia de transformação.

Essas mudanças varrem a face de todo o planeta e entram capilarmente em todos os domínios humanos, especialmente na educação. A formação profissional em Turismo não está desvinculada da educação em geral, de suas novas faces, perspectivas e dificuldades.

5. O novo contexto educacional e o turismo

"A luta, é claro, é contra a burrice, e contra todos esses males que dela derivam: a intolerância, a tacanhice, o extremismo, a crueldade." (Izquierdo, 1995, p. 41)

O processo educacional realiza-se hoje, no crepúsculo do século 20, em meio a imensas transformações mundiais. Muitas teses, livros e artigos em revistas especializadas ou de assunto geral, dedicadas ao grande público, têm sido escritos sobre como e por que a educação pode influenciar (positiva ou negativamente) o ser humano, especialmente nesses tempos ditos contemporâneos ou pós-modernos. Penso que o embasamento de qualquer educação, não importa a época ou o lugar, deve passar pela valorização do ser humano em primeiro lugar e de suas qualidades mais excelsas. Não se trata de um meta-discurso superficialmente humanista. O ser humano pode exteriorizar pensamentos e atitudes construtivos ou destrutivos, e a fragmentação ou o pluralismo atuais não podem obscurecer essas diferenças pois elas são fundamentais para se diferenciar entre a civilização e a barbárie, entre a construção social em bases minimamente consensuais e a violência cega e

estúpida. O planeta está repleto desses exemplos de horror que são ignorados ou vistos com indiferença pela maioria da população "bem-educada" do planeta. Ruanda, Libéria, Somália, Iugoslávia, Cáucaso, Carandiru, Candelária, Eldorado são rótulos gastos e seus conteúdos perderam-se juntamente com o telejornal noturno, o jornal diário, a revista semanal e a falsa consciência aplacada pelo consumismo das pessoas preocupadas com suas vidas difíceis.

As palavras colocadas na boca de um funcionário do serviço de inteligência britânica no romance *Nosso Jogo*, de John Le Carré, exemplificam bem o estado de coisas no mundo pós-Guerra Fria, ao se referir à problemática da Osséssia, Inguchéica e Chechênia, no Cáucaso russo:

"Moralmente, seja lá o que se imagine que isso signifique, o caso dos inguches é incontestável, mas, no mundo de soluções conflitantes em que é minha infelicidade habitar, isso significa aproximadamente fodam-se. ... Se é que os estados Unidos têm uma política pós-soviética por lá, essa política é não ter política alguma. Apatia planejada é a descrição mais suave em que posso pensar: haja com naturalidade e olhe para o outro lado, enquanto o pessoal da limpeza étnica faz o seu serviço e restaura o que os políticos chamam de normalidade. O que significa que qualquer coisa que Moscou faça está perfeito para Washington, com a condição de que ninguém assuste os cavalos. Fim da política." (Le Carré, 1996, p. 248-249).

O pragmatismo cínico, a indiferença encostada no conforto pequeno burguês e a inteligência auto-suficiente ou que se locupleta no egoísmo não são as bases do futuro. O ser humano possui outros aspectos milenarmente reconhecidos como o amor e o respeito mútuo.

"Nós somos um pouco mais inteligentes que o gorila, o gorila é um pouco mais do que o chimpanzé, e assim por diante. Já o amor, não: aparece nas aves e nos mamíferos; na forma em que o entendemos, não existe nos répteis, nos peixes, nos artrópodos. A aparição do amor é um salto evolutivo, e nas suas formas maiores, que incluem o altruísmo, por exemplo, é uma característica puramente humana. Não se vê em outros animais. Tire-se a inteligência de um homem e teremos um homem burro. Tire-se o amor, e não teremos mais um ser humano." (Izquierdo, 1995, p. 36).

Portanto, antes de se posicionar sobre métodos, tecnologias e modelos educacionais é preciso reconhecer a prioridade humanista da educação. Em um mundo onde ressurge a selvageria na forma de racismo, xenofobia, egoísmo, terrorismo e indiferença, a valorização do ser humano se faz condição inicial para entender o passado e planejar o futuro. Isso nada tem a ver com o humanismo piegas ou irresponsável, o "ter dó" dos pobrezinhos das ruas ou a filantropia de migalhas, elegantemente arrojadas aos miseráveis e retratada nas colunas sociais dos jornais provincianos. Seria a ação social e política, dos segmentos sociais articulados e dos partidos conscientes, das organizações não-governamentais, das igrejas comprometidas com seu povo e dos indivíduos que atuam ao nível micro-político, porque se importam com o que acontece. As atitudes maduras e consequentes dependem da inteligência generosa e aberta, assim como das atitudes coletivas ou individuais direcionadas a objetivos claros e inseridos na

realidade social pluralista e democrática atual. Não vou explicitar escolas e autores humanistas, apenas afirmar a necessidade dessa postura enquanto pré-requisito para uma educação nas sociedades pós-industriais. Voltarei a essas considerações no próximo capítulo, na conclusão.

Uma das primeiras constatações sobre educação e escolas neste fim de século refere-se à sua necessária convivência com a tecnologia e os meios de comunicação de massa. Em todo o ocidente e em boa parte do oriente, quando os alunos chegam à escola eles passaram algumas horas diante da televisão, jogando vídeo-games, lendo revistas ou acessando computadores. A tecnologia torna-se cada vez mais barata e simplificada, sendo acessível a faixas crescentes da população, especialmente aos jovens. A publicidade do programa Windows 1995 não poderia ser mais ilustrativa de como as novas gerações são compatíveis com a informática: sob a foto de um usuário infantil encantado com sua nova máquina está o texto "tão fácil que até um adulto pode usar". O professor Frederic Litto, da escola do Futuro da USP, comentava em uma de suas palestras que vários de seus amigos adultos nos Estados Unidos estavam aprendendo a usar computadores, porque seus filhos os convenciam a comprar e os ensinavam a usar. No Brasil, isso não é novidade, basta observar para perceber que são os mais novos que sabem programar o vídeo-cassete, fazem mais pontos nos "games" e navegam com maior desenvoltura pelos computadores domésticos ou institucionais (de bancos, universidades etc.).

A informática é uma fonte de aprendizado para os jovens, por isso não pode ser ignorada no processo educacional. Em primeiro lugar o computador não inibe o ser humano médio e muito menos a criança. Lembro-me de duas ocasiões agradáveis com essas máquinas, ambas na década de 1980: a primeira foi quando aprendi a usar o sistema da Varig em um treinamento para agentes de viagens em São Paulo, atividade que se converteu em uma diversão para todo o grupo; a segunda foi quando aprendi a usar o processador de texto em um velho AT-286 de um amigo. Evidentemente, ele não teria tempo ou paciência para me orientar detalhadamente, apenas entrou no programa de treinamento, ensinou meia dúzia de comandos básicos e me largou com a máquina. Dois dias depois e tendo feito e refeito as diversas etapas dos exercícios do auto-aprendizado, comecei a digitar meus textos no computador e só tirava dúvidas em raras ocasiões. Logo comprei um só para mim e hoje afirmo que seria impossível produzir textos e organizar meus documentos se não fosse o *notebook*, a coisa mais útil que tenho. Mas por que o computador é tão "amigável" e acessível? Porque ele não se irrita conosco e procede sempre da mesma forma profissional, não importa quantas vezes erramos, até que entendamos os procedimentos lógicos e operacionais e comecemos a fazer as coisas certas. Quem tem paciência para explicar as mesmas coisas, para não ficar furioso com nossos enganos e distrações, para repetir os mesmos jogos interativos e nos aturar a qualquer hora do dia ou da noite? Nosso companheiro íntimo e exclusivo, o computador. Ele não nos intimida, porque não nos julga, está sempre disponível,

aponta a maior parte dos nossos erros de maneira profissional, sem ser irônico ou sarcástico, não se envolve com nossos problemas apesar de o utilizarmos para resolver alguns e exige um mínimo de cuidados, muito menos do que um passarinho na gaiola ou uma planta em um vaso. Esse é um dos motivos por que cresce de forma exponencial o número de seus proprietários, seja para uso doméstico, profissional, institucional ou recreativo.

O computador, assim como as novas tecnologias em geral é um **facilitador do aprendizado** e de outras atividades humanas (profissionais, lúdicas etc.).

Com o computador vieram os jogos eletrônicos, os filmes em vídeo, CD-Roms, disquetes, redes de comunicações e impressoras maravilhosas. Com as novas tecnologias vieram também alguns críticos arcaicos temendo que o computador (assim como a régua de cálculo, a televisão e a calculadora eletrônica, no passado) fosse obstruir a capacidade de raciocínio dos estudantes, que os jogos eletrônicos fossem pervertê-los e tudo isso deixá-los mais preguiçosos e inúteis. Um dos estudos a esse respeito foi feito por Patricia Marks Greenfield e aponta fatos muito relevantes. Sua análise parte de veículos de mídia, hoje tão comuns como antigos: o cinema e a televisão. A linguagem fílmica ou televisiva pressupõe habilidades tão específicas para sua compreensão quanto a leitura (apesar desta ser mais específica). Portanto, aprender esses códigos audiovisuais é parte importante do processo educacional. Pesquisas feitas em Israel, por ocasião da introdução do programa Vila Sésamo, em 1971, provou que a linguagem televisiva se adquire e torna possível o uso da televisão para transmitir conhecimentos e habilidades cognitivas. *"O paralelo com a palavra escrita é patente: a aquisição das habilidades básicas da linguagem possibilita à criança utilizá-la para transmitir informações e idéias. Existe uma diferença, contudo: as crianças precisam ser ensinadas a ler e escrever, mas aprendem a linguagem televisiva sozinhas, simplesmente assistindo à televisão."* (Greenfield, 1988, p. 28).

O uso da TV enquanto instrumento de aprendizagem é positivo porque as crianças foram acostumadas com esses códigos desde seus primeiros anos de idade. Evidentemente, apesar de o código televisivo ser complexo e variado, existe o perigo de ele ser usado automaticamente, de forma passiva, devido ao fato de não ser interativo. Para evitar essa perda de informação seu uso para fins educacionais deve ser acompanhado da supervisão de um monitor ou professor para lançar desafios críticos ao que está sendo mostrado. Se o programa for preparado de forma a ter um conteúdo estimulante e reflexivo a tarefa do monitor será ainda mais interessante. Finalmente, a TV é apenas um dos muitos meios de aprendizado e as pessoas devem ser submetidas a outros meios de comunicação e incentivadas à leitura. A autora defende o uso da TV enquanto apoio educacional, porém fica claro que seus benefícios aparecem quando os programas produzidos têm qualidade e conteúdo minimamente razoáveis. Vários programas das TVs comerciais, com sua violência sistemática, histrionismo religioso, consumismo desvairado ou vulgaridades gratuitas não trazem benefício

educacional algum e insensibiliza as crianças e jovens para os dramas da vida real. Lembro, ainda criança, a primeira vez que assisti a uma cena violenta no cinema, uma criança atropelada e morta por um carro. A cena me deixou chocado e triste. Hoje, assisto a Quentin Tarantino comendo pipoca, tomando Coca-Cola e dando risadas. É perceptível a alteração emocional ocorrida após centenas de filmes (com cenas reais ou fictícias), fotos jornalísticas e imagens de violência ao vivo nas ruas. Para mim esses filmes são catárticos, mas questiono seus efeitos nas mentes das crianças e de alguns jovens marginalizados que cheiram cocaína para ficarem mais "frios" durante o assalto. Houve uma perda da sensibilidade em relação ao sofrimento próprio ou alheio e isso tem um preço social que ainda não temos plenas condições de avaliar afinal *"os dados confirmam que a televisão, de fato, influencia a concepção infantil da realidade social."* (Greenfield, 1988, p. 41).

A TV é um meio de comunicação muito disseminado e não interativo (vídeo-cassete, computador e vídeo-game são interativos), mas não foi a primeira grande ruptura cultural para o ser humano. O primeiro meio de comunicação foi a linguagem oral e a comunicação direta entre as pessoas, práticas que perduraram milhares de anos até que a palavra escrita surgiu e tornou-se a primeira tecnologia da comunicação de massa. Inicialmente reservada aos sacerdotes e alguns poucos escribas funcionários dos antigos estados imperiais, a escrita foi lentamente se popularizando até que, nos séculos 19 e 20, tornou-se um meio de comunicação de massa.

Aliás, ao se falar de isolamento provocado pelas novas tecnologias, não se pode olvidar que *"a escrita foi o único meio de comunicação que exigiu isolamento para sua prática eficaz. Este é um ponto importante que devemos lembrar quando ouvimos críticas sobre os efeitos isoladores da televisão, videogames e computadores. Apesar de não amenizar o problema, este aspecto coloca-o em uma perspectiva histórica."* (Greenfield, 1988, p. 71).

Ainda, na perspectiva histórica, o primeiro veículo que sucedeu a escrita não foi a televisão, mas o rádio. Hoje as crianças e jovens ouvem rádio quase que exclusivamente por causa das músicas, pois os produtos culturais infantis e juvenis estão nas TVs comerciais e a cabo e em toda a parafernália eletrônica armazenada em CDs, CD-ROMs, cartuchos de *games* e revistas. Sem contar os artefatos variados, dos brinquedos aos símbolos heterodoxos da cultura contemporânea: *posters*, *bottons*, roupas, tênis, bicicletas, adesivos, móveis e material escolar decorado com os ícones da moda. Existe também a convivência em espaços públicos, onde a cultura pós-industrial é vivenciada e celebrada, individual ou coletivamente, em um contexto hiper-estimulante de arquitetura, decoração, tecnologia e consumo como será analisado no próximo tópico deste capítulo.

Como a televisão é o meio de comunicação mais difundido e acessível, é normal que as críticas lhe sejam mais dirigidas. Em suma, para Greenfield, a TV possui seu valor mas não esgota as capacidades cognitivas das crianças. As

peças precisam de experiências múltiplas e diversificadas para apreenderem plenamente. O ideal seria que as crianças assistissem a algumas poucas horas de TV por dia e tivessem tempo e espaço para atividades reflexivas (leitura, jogos intelectuais) e imaginativas (rádio, histórias em quadrinhos etc.).

"Devido ao fato de a televisão ser um meio tão poderoso como recurso didático, é muito mais importante que as crianças sejam expostas a uma programação de alta qualidade que: (1) não vá além de sua maturidade emocional e (2) proporcione fantasia ou apresente fatos que sejam úteis, não nocivos, à vida real." (Greenfield, 1988, p. 82-83).

Esses princípios valem para os jovens estudantes do segundo grau e para os de ensino superior. Muitos chegam às universidades com 17 ou 18 anos, ainda em plena adolescência e com hábitos mesclados entre a maturidade (cerveja, cigarro e carro) e a infância (jogos, brincadeiras, risadas cúmplices e gratuitas). Entre esses podem ser encontrados os *experts* em jogos eletrônicos ou *videogames*. As pesquisas sobre essas máquinas são de certa forma surpreendentes. As evidências apontadas por pesquisas nos Estados Unidos indicam que eles são muito menos "viciáveis" do que a TV, são baratos e muito atraentes, o que lhes garante um grande sucesso e atenção por parte dos educadores e autoridades constituídas. Por que eles atraem as pessoas em geral e os jovens especialmente? Não há grandes segredos na resposta: são dinâmicos, interativos (proporcionam uma participação ativa do usuário), têm objetivos e desafios claros, contagem automática de pontos, efeitos sonoros, espaço para o acaso e a simulação da velocidade. Podem ser ainda catárticos, especialmente os jogos violentos com lutas e matanças organizadas, sejam as lutas corporais, as perseguições de nazistas em castelos labirínticos ou as missões em caças bombardeiros.

Mas o que as pessoas apreendem com os jogos? Essa pergunta não necessariamente deveria ser formulada dessa maneira, pois eles destinam-se à diversão e não ao aprendizado formal, porém as evidências indicam que podem ser muito úteis como agentes auxiliares educacionais. Eles não seriam apenas jogos sensorimotores de coordenação viso-motora, não desenvolvendo portanto o raciocínio. As habilidades sensomotora e a percepção viso-motora são muito importantes em si e úteis em várias ocupações (lembro as profissões de controlador de tráfego aéreo, operador de radar ou sonar, *disc joquei* ou operador de ilha de efeitos especiais de TV). De acordo com a teoria de Piaget, são a base para estágios posteriores de desenvolvimento cognitivo. A pesquisa norte-americana constatou ainda que os jogos requerem mais do que coordenação visual e motora. Sua estrutura e recursos incorpora tipos de complexidade impossíveis nos jogos convencionais. A complexidade do mundo atual está expressa nas telas e controles dos *games*. Um dos mais interessantes jogos que experimentei era uma cabine montada em círculos concêntricos que possibilitavam rotação de 360 graus em todas as direções. A pessoa sentava-se em uma poltrona envolvente, atada com cintos de segurança. Era uma máquina

que simulava a decolagem de um caça a jato de um porta-aviões e uma missão de combate. Ao iniciar o jogo a pessoa envolve-se totalmente com o que aparece na tela. A pista de decolagem, a aceleração e a vôo tornam-se reais pela movimentação rotacional rápida da cabine, além da atenção dirigida ao painel de instrumentos que controla navegação, armas e defesa, ocupando totalmente a atenção do "piloto". De repente, em plena "batalha aérea", fui perceber - através dos instrumentos - que estava de ponta cabeça e caindo no oceano. Isso significava que a cabine girava descontroladamente, eu estava realmente de cabeça para baixo e não me dei conta até visualizar no painel o avião em posição invertida. Ajustei o *joystick* e nivelei o jato. Finalmente, ao fim da missão, aproximei-me em ângulo errado do convés de aterrissagem e explodi contra o casario da ponte de comando do porta-aviões. Quando acabou sentia a adrenalina, a pulsação aumentada e uma sensação deliciosa de prazer. Ao redor do *game* estavam várias pessoas comentando sobre meu "vôo" e fazendo fila para experimentarem a brincadeira.

Outro jogo muito legal, mas ainda em estágio de desenvolvimento tecnológico, é o que permite viagens virtuais com o uso de um capacete apropriado. A ilusão de realidade é proporcionada por potentes computadores que "criam" um cenário por onde a pessoa pode deslocar-se olhando para diversos campos de visão, como se estivesse em um "mundo real". A realidade virtual já está sendo usada para treinamento de soldados e simulação de atividades perigosas como desarmamento de explosivos, vôos espaciais e mergulhos submarinos.

"Aprender a lidar com múltiplas variáveis interagentes é uma realização significativa, porque o mundo não é um sistema simples mas, antes, muitos sistemas complexos de múltiplos fatores interagentes." (Greenfield, 1988, p. 98).

Outro parecer importante sobre os *games* provém de Nicholas Negroponte, um dos fundadores do Media Lab do Massachusetts Institute of Technology: *"Grande parte dos adultos não consegue ver como é que as crianças aprendem com os jogos eletrônicos. A suposição generalizada é a de que esses brinquedos hipnóticos as transformam em viciados cheios de tiques, possuindo, ademais, menos características redentoras que a televisão. Não há dúvida, porém, de que os jogos eletrônicos ensinam estratégias às crianças e exigem delas uma capacidade de planejamento que lhes será útil em sua vida futura."* (Negroponte, 1995, p. 177).

Os *videogames* podem auxiliar a aquisição de muitas habilidades, especialmente quando acoplados ao meio de comunicação que mais faz sucesso no mundo pós-industrial: o computador. Por ser também dinâmico e interativo, além de programável, o computador é hoje o mais poderoso meio de comunicação e de organização do trabalho, do aprendizado e da vida pessoal. O computador ajuda na sociabilidade em sala de aula, na medida em que o professor orienta os trabalhos em duplas ou individualmente e os próprios alunos começam a trocar informações e experiências sobre tipos de máquinas,

programas, dificuldades de aprendizado e possibilidades de uso do *hardware* e *software*. O grande ganho que os computadores garantem aos alunos é a aquisição do pensamento lógico e organizado para interagir com a máquina. É impossível brincar ou trabalhar em um ambiente informatizado sem entender as regras e princípios lógicos que regem a sua totalidade. Com esses princípios adquiridos tem-se as bases do pensamento matemático, adquire-se uma nova linguagem, aprende-se a pensar e organizar um texto na tela ou adquire-se o gosto pela descoberta e pesquisa navegando nos CD-ROMs ou nos programas educacionais. O esperanto, a sonhada língua universal que acabou não se disseminando pelo mundo, pode ter encontrado um novo formato nas perspectivas otimistas de alguns "profetas" sobre o futuro da informática:

"Surge uma língua comum, outrora inexistente, permitindo as pessoas se entenderem independentemente das fronteiras." (Negroponte, 1995, p. 198).

Além de facilitar a comunicação, o computador gerencia uma série de atividades incorporadas sob a denominação de "multimeios de comunicação" ou "multimídia" e esse "pacote" é que faz a diferença entre a educação convencional e a educação apoiada em multimídia, inclusive com eventual acesso de arquivos "on line" em vários bancos de dados do planeta. Por exemplo, se eu tivesse acesso à Internet onde estou digitando o trabalho (Águas de São Pedro), poderia enriquecê-lo com milhares de citações retiradas de documentos publicados a poucos dias em Estocolmo, Vancouver ou Melbourne. O Prof. Fredederic Litto, em 1995, apontou que:

* Há 100.000 títulos de periódicos no mundo.

* A cada ano surgem 35.000 teses de doutorado e 120.000 dissertações de mestrado, só nos Estados Unidos.

* Há entre 45 e 108 canais de TV nas grandes cidades dos países mais desenvolvidos.

* 90% de todos os cientistas existentes ainda estão vivos e produzindo conhecimento.

Fonte: Palestra no III Seminário Brasileiro de Marketing Educacional, 1995, Grande Hotel São Pedro, Águas de São Pedro.

A tese poderia se perder no cipoal global das informações. Décio Pignatari, um dos especialistas em Teoria da Comunicação, entende que um volume imenso de informação é igual a nenhuma informação, porque essa massa não pode ser processada e utilizada. O professor e o pesquisador têm funções importantes nas sociedades pós-industriais, enquanto facilitadores de processos educacionais para orientar as pessoas por entre os labirintos cada vez mais ciclópicos do universo do conhecimento. É preciso selecionar, processar e organizar as informações e o conhecimento, para que exista uma inteligibilidade capaz de unir pessoas em torno de soluções para os problemas contemporâneos, sejam ao nível macro e universal ou ao nível do micro-cotidiano pessoal. Afinal, não é porque não se acessou diretamente a Internet que a tese deverá ficar invalidada. Com certeza, em poucos anos, qualquer trabalho escolar terá como fonte de pesquisas a Biblioteca Nacional dos Estados Unidos, os arquivos da NASA ou o banco de dados da Folha de São Paulo, facilitando imensamente o acesso às informações. Mas, sempre será necessário o bom senso e a compreensão dos alunos e a orientação de um professor capacitado. As perspectivas para o futuro são quase que insondáveis de tão amplas.

"Discute-se tanto e há tanto tempo a transição da era industrial para uma era pós-industrial ou da informação que é possível que não tenhamos notado que estamos passando para uma era da pós-informação." (Negroponte, 1995, p. 143).

Negroponte não é ingênuo a ponto de preconizar uma era de otimismo ilimitado. Existirão problemas como abuso de propriedade intelectual e invasão da privacidade de pessoas. Haverá o vandalismo digital, a pirataria de software e o roubo de informações. As novas tecnologias acabarão com vários empregos e, como já foi analisado nos capítulos 4 e 5, a concepção tradicional de "emprego" já está inexoravelmente comprometida. Mas, por outro lado, surgem possibilidades inéditas de diversão, lucros, trabalhos, comunicação e cultura.

O bilionário Bill Gates, presidente da Microsoft, publicou em 1995 o livro *A estrada do futuro*. Foi um fenômeno de mídia e de marketing, resenhado em quase todos os principais jornais e revistas do planeta, comentado na Internet e traduzido simultaneamente em várias línguas. Para Gates, a partir do momento, situado em meio à década de 1990, em que a informática está atingindo preços baixos e disseminou-se por todos os segmentos da vida, o mundo está à beira de uma nova revolução. A união de computadores e bancos de dados, interconectados globalmente, permitirá comunicações rápidas e a preços muito baixos, gerando hábitos e possibilidades sem precedentes na história. Essa imensa rede global seria a "estrada de informação" ou, em inglês, *information superhighway*. Atualmente (1996), existem cerca de 100 milhões de computadores no mundo manipulando dados. O problema para se conectar essas máquinas é ao nível de infra-estrutura. A Internet seria um precursor dessas "estradas de informação" do futuro e os Estados Unidos estão tentando implantar em algumas cidades protótipos desses sistemas que, em um primeiro momento, conectariam casas e escritórios, acessariam algumas lojas e serviços e teriam acesso a um grande banco de filmes para serem "alugados" através de transmissão a cabo, uma conexão entre a linha telefônica, TV e computador. Negroponte, por exemplo, pensa que no ano 2005 não haverá mais locadoras de vídeo, mas apenas conexão entre o usuário e um banco com uns 100.000 filmes estocados em *bits*, ao invés das 8.000 fitas encontradas em média nas boas casas do ramo no Brasil.

No que se refere a turismo, Gates tem um discurso equalizado com seus pares contemporâneos:

"As viagens de negócios talvez diminuam, mas as de lazer crescerão, pois as pessoas poderão tirar férias trabalhando, sabendo que podem estar conectadas a seus escritórios e lares por meio da estrada. A indústria do turismo irá mudar, ainda que a quantidade total de viagens possa permanecer igual. Os agentes de viagens, tal como todos os profissionais cuja função era oferecer acesso especializado a informações, terão de agregar valor de novas maneiras." (Gates, 1995, p. 225).

Os agentes de viagens sabem disso. Em uma palestra para profissionais da área (realizada no Grande Hotel São Pedro, em 12/04/1996), o presidente da Associação Brasileira de Agentes de Viagens (ABAV), Sérgio Nogueira, afirmou claramente que as novas tecnologias, novos mercados e novas concepções de ética estão alterando o perfil dos agentes e profissionais ligados ao turismo. O profissional do futuro, especialmente agente de viagens, terá que ser um consultor pois o cliente terá as informações básicas no computador em sua casa, no escritório ou a bordo do carro. Quanto à educação, Gates entende que...

"Mais do que nunca, uma educação que enfatize a habilidade para resolver problemas será importante. Em um mundo mutante, a educação é a melhor preparação para garantir a capacidade de adaptação. A medida que a economia mudar, as pessoas e as sociedades adequadamente educadas tenderão a se sair melhor. O preço que a sociedade paga pela habilidade vai crescer, de

modo que meu conselho é conseguir uma educação formal e nunca parar de aprender. Adquirir novos interesses e habilidades durante toda a sua vida.” (Gates, 1995, p. 313).

Mas qual educação será a garantia uma vida melhor? Já foi visto que a educação excelente é elitista e restrita a poucos que podem pagar escolas particulares, comprar livros, equipamentos e levar seus filhos a viagens culturais e instigadoras. Por outro lado, não é preciso investir bilhões de dólares ao nível regional para se conseguir melhorias consideráveis na rede pública básica e nas universidades. Alguns milhares de dólares bem empregados podem fazer a diferença entre um aprendizado medíocre e uma educação razoável. O problema é que, enquanto a indústria, comércio, finanças, medicina, transportes e cultura passaram por transformações acentuadas, a maioria das escolas continua com métodos arcaicos e acomodados.

“Nem a escola básica, nem muito menos a universidade, querem dar lugar a uma cultura que seja fruto dos meios de comunicação de massas. O giz, o quadro-negro e um indivíduo frente a trinta ou quarenta alunos continuam sendo a estrutura fundamental de aprendizagem numa sociedade eletrônica, universal e ultracósmica. É por demais evidente que os meios de comunicação estão colocando em xeque o processo de escolarização.” (Gutierrez, 1978, p. 29).

Note-se que essa afirmação é de um texto antigo, onde o autor se preocupa com a alienação da mídia e com a educação especial para os países do terceiro mundo sem imaginar que, em pouco mais de dez anos, o planeta estaria em um avançado processo de globalização informacional. Não foi dito cultural ou educacional, mas informacional, ou seja, ao nível da troca e transmissão de dados e informações que poderão ser interpretados por várias formas pelas diversas culturas e regiões geográficas. Porém, ficou evidente no texto de Gutierrez, uma preocupação já bastante antiga com a obsolescência das escolas e professores. Aparentemente, poucas coisas mudaram em quase vinte anos, especialmente no setor público básico e, por incrível que pareça, nas universidades. O prof. Litto entende que várias escolas privadas de primeiro e segundo grau (e algumas escolas públicas) têm meios tecnológicos mais avançados do que algumas universidades para auxiliarem no ensino de seus alunos (clientes, na verdade). Para Litto, as escolas ainda se orientam por antigos paradigmas educacionais, nos quais o aluno chega à sala de aula com a cabeça essencialmente vazia, para receber conhecimentos fatuais e habilidades intelectuais. Depois o aprendizado é testado periodicamente através de provas e exames. A idéia é “moldar” os alunos para um hipotético mundo fabril que os espera, usando técnicas similares às das linhas de produção. As salas de aulas são isoladas e pobres em recursos, as cadeiras colocadas em filas, o professor é o “dono” do conhecimento; o aluno é passivo e os instrumentos de aprendizado são os livros-texto e o quadro-negro. Alguns poucos professores conseguem motivar as classes dispondo apenas de um quadro-negro e sua competência, mas são casos raros, exceções que não podem ser vistas como regra ou modelo a ser seguido por todos os docentes, simplesmente porque as pessoas são diferentes e nem todos conseguem ser *showman* na sala de aula. Há muita memorização, currículos estanquisados e

rígidos e um sentimento de tédio inerente à atividade pedagógica. O maior problema é que as fábricas para as quais esses alunos são destinados não mais existem. O que existe hoje lá fora é um mundo colorido e dinâmico, cheio de novas profissões dominadas por garotos que ganham mais do que os seus professores públicos do ensino básico, sejam como atendentes de redes internacionais de lanchonetes, auxiliares em escritórios ou no vasto mundo da criminalidade..

A proposta da escola ideal de Litto baseia-se em um novo paradigma claramente estabelecido, assentado nas características das sociedades pós-industriais.

“O novo paradigma educacional sugere que a escola tem que ser, antes de tudo, um ambiente “inteligente”, especialmente criado para a aprendizagem e rico em recursos; um lugar onde os alunos podem construir os seus conhecimentos segundo os estilos individuais de aprendizagem que caracterizam cada um; onde em vez de filas de mesas e cadeiras há mesas para trabalhos em grupo, sofás e poltronas confortáveis para leituras, computadores para realização de tarefas acadêmicas e comunicações digitais locais ou internacionais; ... onde a ênfase seja colocada não na memorização mas na capacidade de o aluno pensar e se expressar claramente, solucionar problemas e tomar decisões adequadamente.” (Litto, apostila III Seminário Brasileiro de Marketing Educacional, 1995).

A educação deve se centrar na capacidade de o aluno pensar e se expressar claramente, resolver problemas e tomar decisões.

Não se espera de um recém-formado na Universidade que ele traga apenas o diploma. O básico, além do diploma, é ter conhecimento de uma língua estrangeira, conhecimentos de informática e alguma experiência no exterior. O ideal é que o jovem profissional seja capacitado para resolver - ou evitar - problemas, seja dinâmico, criativo e tenha capacidade de aprender a aprender.

Outra tendência observada foi que a educação, em si, é uma grande exigência nas sociedades pós-industriais. Ou seja:

A educação de qualidade é fundamental nas sociedades pós-industriais.

Isso fica claro quando se analisa as matérias dos jornais e revistas sobre o futuro do mercado de trabalho.

Áreas em alta no setor nos próximos dez anos (em ordem decrescente de importância):

Atendimento a clientes
 Recursos humanos
 Comunicação interna e externa
 Informática/tecnologia da informação

Educação

Marketing
 Finanças
 Telecomunicações

Treinamento

Idiomas

Áreas com menor importância nos próximos dez anos (em ordem crescente de perda de importância):

Biotecnologia
 Novos materiais
 Química
 Nutrição e alimentos
 Artes
 Física
 Arquitetura e urbanismo
 Matemática
 Odontologia
 Direito

Fonte: Folha de São Paulo, 09/01/1994, p. 7-1

Outra tabela foi feita por uma revista feminina canadense. Apresenta muitas semelhanças com a pesquisa realizada no Brasil e algumas diferenças inerentes às características de um país desenvolvido:

Carreiras mais promissoras:

Informática
 Telecomunicações
 Serviços de Saúde
 Ciências médicas
 Gerontologia/Geriatria
 Meio ambiente
 Engenharia industrial e manufatura
 Indústria aero-especial
 Serviço social (aconselhamento de carreira profissional, psicólogo)
Educação

Fonte: Revista Flare - Canada's Fashion Magazine - outubro 1994, p. 132

A revista *Veja* publicou uma matéria especial de capa sobre as profissões do futuro. Há semelhanças com as outras pesquisas e algumas discrepâncias (dentista, por exemplo, que aparece em baixa na tabela da *Folha* surge em alta na tabela da *Veja*). O item "Educação" aparece claramente nas duas tabelas anteriores (em negrito para destaque). A tabela da *Veja* não explicita a área educacional porém, das dez carreiras sugeridas oito estão na área de serviços e todas dependem de um aprendizado formal, seja ao nível educacional ou de treinamento especializado.

As dez áreas mais promissoras no Brasil:

Marketing
Advogado trabalhista
Medicina não invasiva
Franqueados
Dentista
Biólogo mineral
Informática
Hotelaria
Engenheiro de produção
Serviços em geral

Outras dicas importantes são as carreiras híbridas (dois títulos ou mais), e as áreas de consultoria ou exportação.

Fonte: *Veja*, 15/09/1994, p. 84-85

Essas tendências identificadas pela imprensa também foram discutidas por vários analistas internacionais, além de especialistas e consultores em administração de empresas, economia, recursos humanos e setor de serviços em geral. Alvin Toffler completou sua trilogia sobre os novos tempos (os dois primeiros volumes foram *A terceira onda* e *O Choque do futuro*) com o livro *Powershift - a mudança do poder*, onde ele assume o termo "Sociedade do Conhecimento" para identificar o mundo atual. Conseqüentemente, ele prioriza a informação e o conhecimento enquanto pilares da produção de riquezas e manutenção do poder. É um pensamento que, ao fim e ao cabo, se identifica com Lyotard, porém propõe argumentos bem pragmáticos, muito identificados com soluções e exemplos ligados ao mercado. Lyotard é mais filosófico no sentido de articular conceitos e refletir sobre as conseqüências das novas posturas perante o mundo pós-moderno.

Um autor que procura posicionar conceitos e aplicá-los ao mercado, mas sem descer a detalhes operacionais, é Peter Drucker. Ele foi um dos pioneiros em administração empresarial, possui mais de uma dúzia de livros traduzidos para o português e influenciou vários planejadores ligados a políticas públicas e privadas. Drucker não faz considerações diretas sobre lazer e turismo, mas enfoca a educação como sendo prioritária na organização das novas sociedades. Ele está plenamente inserido na tendência identificada neste trabalho e que se refere à importância da educação em si, sem estar aplicada a algum campo em particular. Qualquer setor das sociedades pós-industriais que desejar se manter e desenvolver precisará dos recursos educacionais. Drucker é a favor da divulgação científica em primeiro lugar, porém uma divulgação de qualidade e sem os componentes herméticos e iniciáticos que - muitas vezes desnecessariamente - cercam os escritos acadêmicos. O importante é escrever as obras de divulgação científica de forma clara e inteligível para a população com educação equivalente ao segundo grau completo. Os economistas Keynes e Schumpeter, o historiador Arnold Toynbee e o estudioso clássico Werner Jaeger foram *best sellers* porque se fizeram entender e não porque procuraram a popularidade editorial. Isso é importante para a multiplicação e difusão do conhecimento de qualidade.

"Sempre que bons eruditos - a historiadora americana Barbara Tuchman, o historiador francês Fernand Braudel, o astrofísico inglês Stephen W. Hawking - se dignam a apresentar suas obras numa prosa decente, o livro é um sucesso imediato." (Drucker, 1991, p. 215)

Com esses princípios básicos, Drucker elabora alguns tópicos que devem orientar a educação pós-industrial. São recomendações abrangentes e referem-se aos diversos campos de atuação educacionais. Não se prendem aos detalhes sobre currículos, ementas e conteúdos específicos, mas às diretrizes abertas e gerais. A educação para o presente e para o futuro envolve estas características:

- Não será uma educação isenta de valores e terá um propósito social.
- O sistema educacional precisa ser um sistema aberto, sem estar preocupado em demasia com a idade de ingresso do estudante ou com o tempo passado na Universidade.
- A educação nunca se "completa". A educação permanente é fundamental nas sociedades instruídas.
- A educação não pode restringir-se às escolas. As empresas, órgãos públicos e forças armadas devem se co-responsabilizar pela educação de seus colaboradores.
- O diploma não pode ser causa de elitização ou exclusão. A educação precisa ser suficientemente democratizada para permitir o acesso da maioria. Isso não significa necessariamente universidades gratuitas, mas uma linha de crédito que permita o estudo superior para quem desejar e que o valor investido seja ressarcido após o término dos estudos através de um parcelamento generoso porém eficaz." (Drucker, 1991, p. 207-209 e 1993, p. 154)

Como se pode perceber, esses princípios são comuns a vários analistas contemporâneos. Com exceção dos autores marxistas mais ortodoxos, a grande

maioria dos estudiosos sobre educação tem uma visão bastante consensual de como ela deve ser aplicada e espero que isso tenha ficado claro ao longo do texto.

Finalmente, quero encerrar com as considerações feitas por dois educadores ingleses, Robin Usher e Richard Edwards, que se preocupam em refletir sobre como as idéias da pós-modernidade alteram os conceitos, estruturas e hierarquias existentes. Fundamentados em Lacan, Derrida, Foucault, Featherstone e Lyotard, eles traçam sugestões e diretrizes para orientar a educação nas sociedades pós-industriais no livro intitulado *Postmodernism and education*. Sua base conceitual é similar às diversas concepções analisadas ao longo deste texto mas merecem ser citadas como artifício para relembrar a teoria discutida no capítulo II.

"Pós-modernidade se refere a uma nova época, uma nova ordem sócio-econômica, associada com a noção de pós-cultura, sociedade pós-industrial e as mudanças provocadas pelas tecnologias de informação, particularmente na esfera de mídia e comunicações globais. Pós-modernização está associada com o crescimento do setor de serviços (e modernização, em contrapartida, com o crescimento do setor industrial, o crescimento da ciência e tecnologia, o estado moderno, o mercado mundial capitalista e urbanização) e formações sociais pós-industriais. O moderno centro de produção industrial foi substituído por importantes centros de consumo - serviços financeiros e econômicos, grandes centros de comércio, áreas de entretenimento e parques temáticos." (Usher e Edwards, 1994, p. 8)

A concepção dos autores sobre a pós-modernidade encaixa-se perfeitamente na necessidade de se pensar a formação profissional direcionada ao setor de entretenimento e viagens. São não apenas profissões novas, mas inseridas em uma outra visão de mundo por parte de seus clientes e profissionais. O hedonismo pós-industrial não afeta apenas aqueles que se servem de seus produtos e serviços, mas transforma a visão de mundo também daqueles que o produzem e trabalham nos centros de elaboração do prazer, seja ele virtual ou real, conspícuo ou opcional (vide página 120/121, Tópico 5, capítulo V, sobre o prazer). O campo educacional está inserido nessas esferas. A educação não está à margem das revoluções conceituais e dos sismos epistemológicos. Mas não se espere diretrizes "fechadas" ou decisivas, pois elas não ocorrem na pós-modernidade. Aliás, os autores consultados nesse trabalho têm como base comum a inexistência de fórmulas e regras que esgotam o campo de dúvidas e tentativas para se elaborar o futuro.

"Em outras palavras, não há uniformidade, um discurso pós-moderno unificado sobre educação." (Usher e Edwards, 1994, p. 25).

Isso significa que o *approach* pós-moderno implica uma abertura pessoal, através de um diálogo crítico com outros especialistas e outros textos. com todas as variedades da tradição educacional inclusive. Mas os autores não deixam de oferecer sua contribuição baseados em sua experiência e no objeto de seus

estudos acadêmicos. Para eles, a educação pós-moderna deve se basear em cinco vertentes:

1. A educação deve ser mais diversificada em termos de objetivos e processos e, conseqüentemente, em termos de estruturas organizacionais, currículos, métodos e participação. Ela deveria se espelhar no contexto da diversidade cultural, onde estiver situada mais do que nas normas logocêntricas universais. Deveria celebrar a diversidade e ser um espaço para as diferentes idéias contra a voz autoritária da modernidade.

2. A velha questão de se a educação é meramente reprodutora da ordem social ou veículo para a mudança social não pode ser respondida definitivamente. A educação não pode ser considerada parte de uma "realidade" previsível e, portanto, não pode nem ser controladora e nem controlada. Com essa imprevisibilidade a educação não pode ser mais vista como um meio de reproduzir a sociedade e nem como instrumento de re-engenharia social em grande escala. Ela não pode ser determinista e nem determinada. É nesse sentido que a educação se torna ilimitada no tempo e no espaço, potencialmente livre das fronteiras epistemológicas, políticas e físicas impostas pela modernidade.

3. A educação não detém mais a exclusividade de produzir e disseminar o conhecimento. Ela continua a ter seu lugar na sociedade, mas este não é mais dominante. Seu lugar é especial, mas faz parte de uma oferta educacional diversificada e pluralista. Isso implica que qualquer tentativa de colocar a educação em uma camisa-de-força de conteúdos fixos, currículos padronizados, métodos de ensino tecnicistas e com "mensagens" universais de racionalidade ou moralidade será cada vez mais difícil de ser aceita.

4. A educação moderna era em geral elitista, mais excludente do que capaz de incluir a todos em sua proposta. A educação pós-moderna deve respeitar os diferentes níveis e modos de participação das pessoas. Isso significa respeitar a pluralidade e garantir possibilidade de elevação dos níveis de conhecimento da maioria, de acordo com suas expectativas e necessidades.

5. Talvez o mais importante seja que a educação na pós-modernidade deve ser marcada por uma descentralização geral e pela perda das fronteiras que limitam e separam o ser humano. Mais liberdade, participação efetiva e respeito são importantes para que haja um relacionamento construtivo entre educadores e educandos e entre eles e toda a sociedade. (Usher e Edwards, 1994, p. 211-212).

São propostas bastante humanistas e abertas. Penso que esses educadores ingleses complementam satisfatoriamente uma busca por novos conceitos de educação. Não há mais modelos ou sistemas totalizantes. Estamos em um tempo de abertura pronunciada e na vastidão descortinada muitos sentem o desconforto da falta de referências e uma indisfarçável ansiedade. Muitos

sentem vertigem ou náusea perante o infinito, e outros ficam ressentidos, porque suas propostas “modernas” foram levadas pelas ondas da história que não se cansam de apagar as pegadas das areias das praias do nosso orgulho e auto-suficiência. O mundo passa por mais uma mudança. O fluxo constante pensado por Heráclito reclama, mais uma vez, seu sacrifício e suas vítimas.

6. Estética, espaço e cultura

As escolas não são o único lugar onde se pode aprender, nas sociedades pós-industriais. As crianças, os adolescente e os adultos convivem em vários lugares destinados especificamente à diversão e ao consumo. Esses locais podem ser privados, ou seja, em suas casas e apartamentos, ou nos espaços comuns de lazer de seus edifícios ou condomínios fechados. Podem ser também espaços públicos, como os *shopping centers*, galerias de arte, cinemas, teatros, casas noturnas, parques temáticos, hotéis, aeroportos e centros de lazer e turismo em geral. Em todos esses lugares ocorre a troca e a produção de conhecimento. Um intrincado estilo de vida pós-industrial é vivenciado nesses espaços e o educador não pode ignorar que as pessoas são influenciadas pelos meios de comunicação de massa e pelo contato pessoal feito em todos esses locais. Nos espaços pós-industriais, reais ou virtuais, encontram-se pessoas e empresas especializadas em comunicação e entretenimento. Aí podem veicular seus produtos e idéias, possibilitando às pessoas um aprendizado diferenciado e divertido. O que se realiza nos grandes espaços de consumo cultural e hedonista é um tipo de "celebração". As pessoas querem aproveitar seu tempo livre ou adquirir novas habilidades profissionais informando-se e convivendo com os outros. Há desde academias de beleza, de condicionamento físico, desfiles de modas, vitrines produzidas, galerias com os mais diversos tipos de artes expostas, *happenings*, concertos e *performances* nesses espaços. Os níveis profissionais, educacionais e artísticos se interpenetram. Há corais em aeroportos comemorando datas especiais, jazz nos shoppings, exposições empresariais nas universidades, *teacher's center* na Disney World e lojas que vendem produtos educacionais em alguns parques temáticos, na Flórida.

Os anos 1980 foram importantes para a valorização da cultura nos países desenvolvidos, cultura enquanto mercadoria disputada pelos novos ricos gerados no neo-liberalismo de Regan e Thatcher. Entre 1970 e 1985 o número de galerias de arte em Nova Iorque aumentou de 73 para quase 450. Novos e jovens artistas como Robert Longo, Mark Kostabi e Sandro Chia tornaram-se famosos de uma hora para outra. No mundo efêmero da cultura pós-moderna, desapareciam poucos meses depois para dar lugar a outros artistas "de moda". A arte voltou a ser encarada abertamente como um negócio lucrativo. Da Renascença até o século 19 os artistas europeus dividiam-se em duas grandes categorias: em países com forte comércio, como reino Unido e Holanda, eram empreendedores independentes; em países menos progressistas, como França e Espanha, eram ligados à corte, como Goya, Boucher e Fragonard. (Taylor, 1993, p. 99). No final do século 20 a arte deixou de ser uma atividade "engajada" ou puramente estética para tornar-se mais uma mercadoria ao lado dos diplomas universitários, latas de sopa, carros importados, viagens para lugares exóticos, roupas com grife e diversões elaboradas.

A diversão tornou-se cada vez mais importante no cotidiano das pessoas. O lazer não era mais um privilégio da aristocracia bem-nascida ou da burguesia milionária. Uma nova economia e cultura permitia que as massas pudessem ter acesso a algum tipo de prazer, real, virtual ou um até mesmo a um simulacro do prazer. A tecnologia e a estética somaram esforços para desenvolver esses novos espaços com luzes, sons e cores para atrair as pessoas. Surgem as imensas casas de Ópera para abrigar multidões como a célebre Ópera de Sidney, Austrália. O Centro Georges Pompidou, o Beauberg, de Paris, tornou-se um referencial da cultura parisiense, provocando filas diárias entre os milhares ansiosos por desfrutar dos produtos culturais daquele prédio pós-moderno, localizado no mesmo lugar que abrigou no passado um mercado de peixes e verduras.

As casas noturnas multiplicaram-se, não apenas em número mas em propostas e estilos:

- Techno Clubs
- Casual Bars
- Sophiscaticated Bars
- Cabarets
- Comedy Clubs
- Lounges
- Taverns
- Brewpubs
- Specialty Bars
- Coffee Bars
- Restaurantes em geral

Evidentemente vários desses locais tornaram-se marcas famosas e formaram redes mundiais. Por exemplo, o Café Cancun, TGF (Thank's God is Friday), Planet Hollywood e Hard Rock Cafe tornaram-se referências internacionais para alguém "ver e ser visto". São restaurantes com cardápios mais ou menos padronizados, caros e famosos. São lugares para se "estar". A arquitetura e a decoração são muito bem elaboradas e sua proposta é realmente marcar a paisagem local com suas estéticas peculiares. As redes de *fast food* e as cadeias hoteleiras igualmente internacionalizaram suas estéticas com muita eficiência. O Burguer King de Budapeste tem tudo a ver com o de Montreal, Los Angeles e Tokyo. O Mc Donald's de Campinas, por exemplo, é parte de uma vasta clonagem que edificou mais de 15.225 unidades (dados de 31/10/1994) parecidas em todo o planeta. Nem todas as redes de *fast food* são para adolescentes, a cadeia Weldon's, por exemplo, tem como público-alvo adultos entre 25 e 40 anos. São os adolescentes dos anos passados, agora crescidos e com dinheiro suficiente para pagar por algo melhor que um sanduíche e uma coca-cola. As redes hoteleiras Hyatt e a Westin também possuem assinaturas arquitetônicas bastante identificáveis.

Essa "pasteurização" mundial dos estilos arquitetônicos, do mobiliário, dos cardápios, da moda e de outros detalhes cotidianos é o que levou Félix Guattari a considerar a "desterritorialização" contemporânea um fenômeno com várias faces:

"O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Com isso quero dizer que seus territórios etológicos originários - corpo, clã, aldeia, culto, corporação ... - não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado. Os jovens que perambulam nos boulevards com um walkman colado no ouvido, estão ligados a ritornelos que foram produzidos longe, muito longe de suas terras natais. Aliás, o que pode significar suas 'terras natais'? Certamente não o lugar onde repousam seus ancestrais, onde eles nasceram e onde terão que morrer. Não têm mais ancestrais; surgirão sem saber por que e desaparecerão do mesmo modo! ... Mas enfatizemos o paradoxo. Tudo circula: as músicas, os slogans publicitários, os turistas, os chips da informática, as filiais industriais e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecer no lugar... Os turistas, por exemplo, fazem viagens quase imóveis, sendo depositados nos mesmos tipos de cabines de avião, de pullman, de quartos de hotel e vendo desfilar diante de seus olhos paisagens que já encontraram cem vezes em suas telas de televisão, ou em prospectos turísticos. Assim a subjetividade se encontra ameaçada de paralisia. (Guattari, 1993, p. 169).

Uma estética multiplicada milhares ou milhões de vezes em todo o planeta aparentemente padronizou a vida pós-industrial. Mas a homogeneização não é completa. A sociedade, infelizmente, não se divide apenas em classes sociais, como preconizava Marx. As divisões étnicas, culturais e religiosas são profundas o suficiente para enfatizar as diferenças - o preconceito e o ódio - e atenuar o processo de equalização global. Ao nível capilar as diversidades são profundas e o pluralismo permeia os interstícios sutis do mundo pós-industrial.

A estética não cuida apenas das grandes vertentes como arquitetura e decoração, móveis e utensílios. Os detalhes são igualmente importantes: cardápios, caixas de fósforos, cartões de visitas, porta-copos, guardanapos e veiculação na mídia, tudo é padronizado e personalizado. Essa padronização pode ser ao nível mundial, como no caso da rede Sheraton de hotéis ou da Mc Donald's, ou pode se restringir a um único estabelecimento, seja um hotel, bar ou restaurante. O importante é o estilo, o "caráter" do local. Em um mundo massificado, a individualização é importante, mesmo que seja algo reproduzido milhares de vezes no mundo como o rótulo da Coca-Cola. Esse paradoxo explica-se pela posse individual de uma marca mundial, pelo prazer de deter o "meu" Marlboro, a "minha" cerveja Guinness, ficar no "meu" apartamento do hotel Four Seasons. É como se o consumidor desfrutasse, no ínfimo fragmento utilizado, da totalidade do complexo empresarial instalado para servi-lo. O contraponto entre a padronização e a personalização é uma das origens do paradoxo apontado por Guattari. Graças a ele a "viagem" através do espaço geográfico é possível. Não existe uma cristalização absoluta no planeta. O Mc Donald's do Brasil serve guaraná e torta de banana; o da América do Norte, batata mexida no café da manhã e torta de cereja e o da Ásia serve chá e saladas.

Mesmo sofrendo a descaracterização horrenda dos estereótipos impingidos aos turistas, os hotéis de lazer ao redor do mundo possuem uma decoração que remete às suas origens, seja no Caribe, Polinésia, Havaí, Tailândia, Brasil ou nas Montanhas Rochosas. Se o turista (melhor seria dizer, o viajante) quiser ir para locais pouco explorados como o Nepal, Butão, Monte Athos, Camboja, Alaska, Kamtchatka, Azerbaijão ou a delta do Parnaíba vai encontrar modos e estilos de vida diferentes do padrão ocidental. Ele estará saindo da civilização ocidental e passando para o "outro lado do espelho" da história e da cultura.

Não se pode esquecer que o discurso triunfalista da sociedade pós-industrial capitalista pretende, mesmo que não assuma, vender a idéia de que o sistema foi o grande vencedor da história e que tudo se resume à eficiência fria dos números e da produtividade. Para tomar a parte pelo todo não custa. É preciso lembrar que existem imensos territórios na terra vivendo com uma outra lógica, com outros valores e modos de vida. O lucro não é o fim último da vida humana. A sobrevivência, o prazer e o conforto sim, mas que a matéria colorida e perfumada seja a única e exclusiva forma de se chegar à felicidade, isso não é uma questão fechada ou um consenso inabalável. Existe a beleza gratuita da natureza, o prazer individual do saber e da reflexão, o prazer compartilhado do sexo, a ascese pessoal proporcionada pela oração, a satisfação de um trabalho bem feito e muitos outros exemplos que escapam à tirania do dinheiro. Vários desses prazeres não são acessíveis com um cartão de crédito, e outros são. O importante é escapar da dicotomia pobre que pretende inserir os "mocinhos" da história no lado vitorioso do capitalismo visto nas ruas de todas as grandes cidades do mundo: o capitalismo do mínimo múltiplo comum, da mediocridade feita de plástico barato, do quarto sujo de motel com privadas descoradas, do paraíso artificial horroroso proporcionado por drogas adulteradas, do filisteísmo pequeno-burguês ou da bonomia dos políticos que introjetam fantasias nefastas. O dinheiro e a tecnologia são importantes enquanto meio, não enquanto fim. A educação é importante enquanto finalidade para melhorar a vida humana. É um fim, e ao mesmo tempo um meio, para se atingir melhores patamares de cultura e civilização. Não a educação bancária já decantada por milhares estudiosos, mas a educação integral, proporcionada por todos os meios e espaços da sociedade.

O paradoxo se completa. Podemos aprender e transcender as limitações, mesmo nessa sociedade problemática. Aceitar povos e culturas com outras propostas de vida que não as do Ocidente não significa automaticamente um perigo para a nossa civilização. O pluralismo é mais do que as diferenças endógenas, existentes dentro do capitalismo pós-moderno. A pluralidade implica em outras facetas desconhecidas, desacopladas do sistema capitalista, que são significativas para milhões de pessoas. A Terra ainda é um planeta com uma população diversificada e o diferente, o desconhecido, causa medo. O medo é o primeiro passo para a violência, o ataque ou a indiferença. Por isso o Ocidente não se preocupa com as multidões de excluídos que muitas vezes procuram apenas um lugar para morrer em paz. As fotografias de Sebastião Salgado, os

romances de John Le Carré, os documentos das ONGs e das Igrejas preocupadas, e os relatórios das organizações internacionais não são suficientes para demover a insensibilidade das massas.

É justo perguntar sobre o futuro nestes “tempos sombrios”.

"Ninguém ignora que vivemos, neste final de século, um período de rupturas, de quebras, de recomposição geral das forças geoestratégicas, das formas sociais, dos agentes econômicos e das balizas culturais. Seis anos após a queda do Muro de Berlim e cinco anos após a Guerra do Golfo Pérsico, terminou o otimismo. Por toda parte, incertezas, alarme, desconcerto tomam o lugar da enorme esperança de uma 'nova ordem mundial'. Esta, como agora se sabe, já nasceu morta. E nossas sociedades, como em precedentes épocas de transição, perguntam se não estão caminhando para uma civilização do caos." (Ramonet, 1996, p. 7).

Os europeus como Ramonet e Minc preocupam-se com o futuro, afinal estão no epicentro das transformações, em pleno velho continente. Um espaço marcado pelos conflitos do passado e pelas fraturas sócio-políticas do presente. Alain Minc batizou seu livro de análises sobre a atual conjuntura mundial com o sugestivo nome de *A nova Idade Média*. Para ele a Europa apresenta áreas de instabilidade: o Báltico, a fronteira russo-ucraniana, a questão húngara, os Balcãs, a região do Cáucaso, a Turquia e seus vizinhos, e o Magreb africano (Minc, 1994, p. 100-103). Para ele os europeus trocaram um mundo com ameaças, mas sem risco da Guerra Fria, por um universo sem ameaça, mas com riscos, e as pessoas ainda não se aperceberam da extensão e profundidade das mudanças.

"De tal sismo, a morte do comunismo, nada sai incólume. O pós-comunismo não se resume nem ao triunfo incontestado da economia de mercado, tampouco à vingança das nações, nem a um hipotético império americano. Não há qualquer consequência dominante e exclusiva. Todas são verdadeiras e todas são falsas. É essa incapacidade de descobrir o princípio fundador do mundo pós-comunista que, à sua maneira, nos conduz a uma Nova Idade Média." (Minc, 1994, p. 6)

Os europeus estão céticos e até mesmo pessimistas em relação ao futuro. Os norte-americanos e asiáticos, otimistas e confiantes. Os sul-americanos desconfiados, alguns até mesmo esperançosos. O único consenso é que os africanos são os grandes perdedores no final do século 20. Em qual desses espaços está a verdade? Em todos e em nenhum. O futuro está em construção e em todos os macro ou micro-espacos do planeta é possível aprender. Existe a necessidade de muita reflexão e ação para o mundo que emerge às vésperas do terceiro milênio, uma data repleta de misticismo, ou seja, boas esperanças e intenções ao lado de crassa ignorância. São tempos multifacetados. A dúvida, pressuposto fundamental da filosofia socrática e da honestidade intelectual ocidental, persiste. É um tempo de crises, de mudanças, ou seja, uma época de perigos mas também de oportunidades. Apenas através do pluralismo e da alteridade a humanidade poderá compor seus esforços, domar seus medos e sanear sua ignorância. Não existe apenas a proposta ocidental respaldada pela tecnologia e pela democracia das massas. A tecnologia e a democracia são componentes essenciais do processo, mas não necessariamente a sua configuração exclusiva é a sociedade ocidental pós-industrial. Os perigos são evidentes, como o foram ao longo de toda a história humana. As possibilidades também. A lembrança da aposta de Pascal, feita em um contexto teológico, é verdade, pode ser inserida neste mundo mergulhado na dúvida. No grande cassino do universo não apostar talvez seja o único pecado mortal.

VIII - CONCLUSÃO

“Se a mudança é apenas outra palavra para aprendizado, então as teorias de aprendizagem deveriam ser também teorias de mudança.” (Handy, 1990, p. 56).

O avião taxiava lentamente pela pista. Uma comissária de bordo, impecavelmente vestida e penteada, tomou o microfone em suas mãos e com a voz firme e clara dirigiu-se aos passageiros informando os procedimentos de segurança na aeronave. Depois repetiu tudo novamente em inglês, quase sem nenhum *accent*. Durante o voo, ao passar pela minha poltrona para o serviço de bordo, não resisti e comentei: “adorei a voz e a postura, parabéns”. Ela sorriu em cumplicidade e disse um “obrigado” generoso. Assim que ela saiu, expliquei para o senhor sentado ao meu lado, sem esconder o orgulho: “é minha aluna, do quarto ano de Turismo da PUCAMP”. Ele se admirou e comentou que realmente ela era muito eficiente, ainda mais para conseguir trabalhar naquela empresa aérea, considerada a melhor do país.

É muito comum encontrar alunos e ex-alunos trabalhando nas mais diversas atividades relacionadas com viagens e turismo. Seja nas agências de viagens, operadoras, companhias aéreas, hotéis, restaurantes, lojas ou representações, quando viajo geralmente encontro no outro lado do balcão alguém que a algum tempo atrás estava no outro lado da sala de aula. Para quem ensina é gratificante ver aqueles meninos e meninas tornados adultos, disputando o mercado de trabalho e se realizando profissionalmente. Assim como é instrutivo acompanhar os alunos, ainda em pleno curso, fazendo estágios, dirigindo seminários mais complexos ou participando de laboratórios de gastronomia ou organização de eventos. No Hotel-Escola do SENAC, em Águas de São Pedro, é absolutamente comum encontrar o adolescente que chegou a poucas semanas, com jeans descoloridos, cabelos imensos e brincos, transformado, durante os estágios, em um recepcionista vestido com terno preto e gravata impecável, ou passando trajado de garçom, carregando uma bandeja com timidez mesclada ao desafio de se fazer algo bem feito.

Observando os jovens profissionais bem sucedidos - e também aqueles que não foram felizes no mercado de trabalho - eu fico a pensar em como poderíamos melhorar o processo educacional destinado a essas pessoas que têm um sonho e um desejo pela frente, homens e mulheres em busca de um projeto pessoal que os lance na imensidão da vida profissional. O pensamento se aprofunda quando eu vislumbro como o mercado mudou ao longo dos vinte anos de minha experiência pessoal, e fico estarrecido ao constatar que não tenho condições de imaginar como será o mundo daqui a outros vinte anos, em 2016. Só um alucinado poderia tentar traçar a estrutura do Turismo daqui a tanto tempo. Basta lembrar quando comecei a viajar como guia, em 1975, uma época em que ainda voavam os Boeing 707, a Pan Am era o orgulho dos estados Unidos, o

Brasil era uma ditadura, não havia cartão de crédito internacional, alguns países do mundo sequer tinham redes computadorizadas de reservas e boa parte do controle administrativo da viagem era manual. A Pan Am faliu, os 707 que ainda voam são conhecidos como "sucatoões", o continente se democratizou, os cartões de crédito são o meio mais fácil e rápido de gastar dinheiro no mundo inteiro, tudo é computadorizado e posso acessar milhares de informações turísticas pela Internet.

Todos os mitos da minha adolescência se transformaram: o restaurante tradicional que eu usava em Miami foi demolido; quando estive em Cuba tomei um com Coca-Cola no hotel Nacional, igualzinho ao tempo do Batista; vi a placa orgulhosa anunciando a inauguração do Mc Donald's em Sofia; fiz as primeiras viagens pela recém-inaugurada Rio-Santos; vi o último vôo internacional sair de Viracopos e o melhor aeroporto do estado virar um pátio de carga e terminal regional; vi a operadora onde trabalhei realizar um processo de *downsizing* e ficar restrita a apenas dois pequenos escritórios no Brasil, apesar de continuar a fazer bons negócios; vi outras operadoras turísticas falirem; assisti a organizações empresariais pequenas se transformarem em potências turísticas; participei do vôo inaugural do Boeing 777 no Brasil, um avião mais sofisticado que as naves espaciais de quando eu era criança; e finalmente assisto, meio cético, à segunda explosão do Turismo no Brasil (a primeira foi na época do "milagre" brasileiro), onde todos, do governo ao empresariado, afirmam ser a educação fundamental para alavancar definitivamente o setor no país.

Em um mundo tão mutável e flexível, como orientar os futuros profissionais pelas trilhas do conhecimento? Esse foi o objetivo desta reflexão. Para concluir, penso ser importante elencar resumidamente os tópicos destacados no capítulo anterior, sobre educação e turismo:

O Turismo deve ser ensinado de maneira transdisciplinar.

O Turismo é uma das especialidades no campo da ciência.

A formação profissional em Turismo realiza-se em pleno contexto das mudanças globais.

Ao nível superior, o processo de formação profissional deve ser centrado na educação e não em simples treinamento.

A educação em Turismo evoluiu em sua curta história acadêmica, mas ainda possui alguns problemas epistemológicos a serem resolvidos.

A qualidade em Turismo depende de formação profissional séria e continuada.

É importante a colaboração entre as instituições educacionais e o mercado para melhorar o nível de ambos os segmentos.

As novas tecnologias são facilitadores do aprendizado.

A educação deve se centrar na capacidade de o aluno pensar, se expressar claramente, resolver problemas e tomar decisões.

A educação de qualidade é fundamental nas sociedades pós-industriais.

A perspectiva humanista é fundamental na formação profissional, o ser humano é mais importante do que capital ou tecnologia.

Finalmente, não se pode esquecer que as áreas de Turismo, Hotelaria e Gastronomia precisam de atividades práticas e estágios supervisionados, seja em situações controladas de laboratórios ou em ambientes reais de trabalho.

As leituras e a experiência em campo mostraram algumas pistas para iluminar o processo de questionamento sobre os novos parâmetros educacionais. Uma delas é que não existe propriamente uma "filosofia da educação", direcionada aos cursos superiores na área de serviços nas sociedades pós-industriais. O que existe é um pragmatismo educacional orientado e dirigido pelo mercado globalizado. Esse mercado é viabilizado por uma teia tecnológica mundial que articula finanças, políticas e culturas nas diversas sociedades do planeta.

O Turismo é um dos componentes do setor terciário (predominante nas sociedades pós-industriais), e interage com os setores de entretenimento, brinquedos e cultura, enquanto mercadoria lucrativa, complementando as inúmeras possibilidades de lazer.

O lazer, por sua vez, não está desvinculado da produção capitalista em geral. Faz parte dela por ser uma atividade produtiva, por gerar mercadorias valiosas. O lazer interage também com o campo educacional e cultural ao oferecer oportunidades de complementação à educação formal.

Os campos do trabalho, da cultura e do lazer mesclam-se cada vez mais. Ao longo do crescente processo de globalização, interligam-se de várias formas:

1. pelas tecnologias de telecomunicações e de mega-processamento de dados, ao reunir redes de computadores a outras redes e manter uma *network* em operação durante 24 horas;

2. pela possibilidade da produção desses três setores se transformar em mercadorias com alto valor-de-troca, ou seja, altamente rentáveis e lucrativas;

3. pelo intercâmbio de conhecimento possibilitado pelo mundo do trabalho, pela produção cultural e pela multiplicidade de atividades ligadas ao lazer. A produção do conhecimento é compartilhada pelas diferentes esferas da sociedade, deixando de ser exclusividade da academia, da fábrica ou do museu.

A tecnologia é fruto da acumulação gradual de conhecimento que, por sua vez, desenvolve novas e mais eficientes tecnologias, um círculo infundável de realimentação. O conhecimento aplicado às novas tecnologias potencializa a eficiência e a produtividade, ou seja, os lucros. A educação, a cultura e o lazer, por sua vez, interagem com a tecnologia e dela se beneficiam, e passam igualmente a produzir lucros e conhecimento.

Sendo assim, o mercado de trabalho global se utiliza tanto da tecnologia pura e/ou aplicada, do conhecimento e dos aspectos que garantam sua produção (como a educação formal, a cultura em geral e o lazer).

Está fechado o círculo que compreende a interação entre essas atividades e as fortalece.

“Os centros de convenções possibilitam aos analistas simbólicos reunirem-se... Os institutos de pesquisa possibilitam condições adequadas para trabalharem na proximidade uns dos outros ... As universidades oferecem um suprimento contínuo de recém-formados brilhantes e ambiciosos ... Os aeroportos internacionais proporcionam acesso direto ao resto do mundo ... As áreas turísticas oferecem acesso fácil às distrações. A universidade de padrão mundial e o aeroporto internacional combinam os elementos fundamentais básicos da análise simbólica global - cérebros e acesso rápido a qualquer parte do mundo.” (Reich, 1994, p. 224/224).

Eu acredito que o conhecimento é fundamental para o ser humano em geral e para sua vida profissional em particular e é isso que precisamos passar aos jovens e adultos nas escolas e universidades. Porém tenho uma diferença de concepção em relação ao conhecimento. Alvin Toffler gosta de reproduzir a frase “quem detém o conhecimento, detém o poder”. Eu prefiro esta outra: “quem detém o conhecimento garante sua liberdade”.

É evidente que os novos profissionais precisam do “pacote” pronto que inclui “sólida cultura geral, língua estrangeira, informática, conhecimentos específicos, dinamismo e criatividade”. Isso tudo é importante para ganhar dinheiro e sobreviver em um mundo instável, mas as pessoas esquecem de dois pontos muito relevantes:

1. além do trabalho o ser humano tem outros aspectos de sua vida e precisa também se preparar para eles, seja através do esporte, da religião, da convivência social, das viagens ou dos *hobbies*;

2. há uma diferença entre pretender saber o que é bom para nossos alunos e convencê-los a fazerem o que pensamos ser fundamental ao seu futuro.

Penso que a resposta a ambas as perguntas continua alicerçada na filosofia. O conhecimento em geral é importante para a vida humana e um dos meios consistentes para sua aquisição são as leituras científicas e literárias de qualidade. Isso exclui boa arte do lixo produzido pela indústria cultural. Não que essa produção deva ser proibida ou censurada, nada disso. Simplesmente as pessoas precisam saber discernir entre o que contribui para sua formação pessoal e o que é secundário ou descartável, para ser usado descompromissadamente, saber dar a importância correta às coisas. Diferenciar o valor, digamos, da salsinha e da picanha, apesar de estarem no mesmo prato. A experiência tem demonstrado que o primeiro passo é convencer as pessoas a empreenderem sua *paidéia* pessoal, antes mesmo de terem clareza do segmento profissional que poderá lhes interessar. Depois que as pessoas adquirem uma consciência histórica, política e cultural, é mais fácil passar os conceitos de mudança social, revolução, necessidade de combater mazelas antiquíssimas como preconceitos e racismo. Consciência da necessidade do conhecimento e consciência dos prejuízos causados pelo "fundamentalismo" em todos os níveis devem permear os processos educacionais, especialmente nos cursos superiores destinados aos novos mercados.

Finalmente, é importante estar aberto a esses mercados para poder agir em conjunto (não contra ou a favor, segundo a velha dicotomia dos tempos industriais). A indissociabilidade entre produção/mercado e escola/cultura é cada vez mais acentuada. Em tempos de mudanças é preciso saber discernir entre as bases do conhecimento humano que alicerçam a ética, a educação e a política, das modas passageiras geradas em determinados contextos históricos. Essas últimas podem ser alteradas, ignoradas ou até mesmo eliminadas à medida em que os períodos históricos se transformem; as primeiras permeiam qualquer tipo de sociedade pretensamente justa e participativa. A luta é contra a ignorância, a intolerância e a visão unilateral, seja ela direcionada ao materialismo, ao dogmatismo político ou ao fanatismo religioso. A luta é também contra a esclerose conceitual, que impede as pessoas de compreenderem as mudanças, levando-as a um processo de cegueira situacional. A esperança é que aqueles quem têm perspectiva histórica entendam que estamos passando por mais uma mudança, com todos seus perigos e oportunidades latentes. Além dos perigos sociais, políticos e econômicos contemporâneos, paira a sombra da neurose coletiva do fim do milênio, um ambiente coletivo que, a exemplo do final do primeiro milênio, pode propiciar o irracionalismo e o fanatismo. Entre as esperanças está a contínua evolução intelectual e o reconhecimento, sempre necessário, de que a humanidade é um dos projetos mais interessantes do universo conhecido. Apesar das dores; por causa do prazer; graças ao sonho.

SUMMARY

The new international configurations are noticed at the economic, political, social and cultural level (globalization, new technologies, structural unemployment, formation of economic blocs, ethnic and religious conflicts etc.) and engender societies denominated post-industrial and post-modern. In these new societies, a deep transformation occurred in the area of labour. Since the analysis of Karl Marx until the contemporary analysis of Jeremy Rifkin, Robert Reich, Peter Drucker, Robert Kurz, Jean-François Lyotard, Charles Handy and Karl Albrecht, among others, it can be clearly seen that, in the vast international scenary, the world of labour suffered deep structural transformations that modified inexorably characteristics established during the Industrial Revolution.

A post-industrial society requires new didatic-pedagogical paradigms for the training and education of new professionals and modernization and/or pedagogical updating of professionals already established. Beyond traditional schools, other educational instruments appear such as mass media, corporations, unions and non-governmental organizations. It becomes clearly established that there is no "end" in the process of education. Permanent education, "learn to learn", periodic pedagogical updating, new courses for the new professionals, conjunctural changes, all this means successive challenges and opportunities to people. The field of leisure, tourism and hotel management is situated in the innermost part of those new realities. The professionals needs to be guided for a dynamic, mutable and extremely competitive world. In a international context, people has to get acquainted with the changes, for they are still in plain process of evolution. The analysis of the philosophical fundaments of some projects in Tourism education in North America and Western Europe is important to support the establishment of a philosophy in education for this sections in Brazil and Mercosul. The curricular changes, the new rolls, programatic contents and the jobs done together with teachers and students are fundamental instruments, so that this jobs will be developed in the sense of certifying a solid humanistic and tecnicall formation for students and insert the course in the reality of new markets. The summaries of the Pedagogical Project of the Tourism course at PUCCAMP and the Unity Plan of Work in Tourism and Hotel Management of SENAC São Paulo, were annexed to illustrate some reflexions realized during the text.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*, São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ALBRECHT, Karl. *Revolução nos serviços*, São Paulo: Pioneira, 1992.
- ALBRECHT, Karl e ZEMKE, Ron. *Service America*, New York: Warnes, 1990.
- ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência*, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Annals of Tourism Research*, Edição especial *Tourism Education* (editada por Brent Ritchie e Jafer Jafari), Alberta (Canadá): University of Calgary, Vol. VIII, número 1, 1981.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho*, São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1995.
- APPIGNANESI, Richard and GARRATT, Chris. *Postmodernism for beginners*, Cambridge: Icon, 1995.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.
- _____. *Homens em tempos sombrios*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAHRO, Rudolph. *A alternativa: para uma crítica do socialismo real*, São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- BAPTISTA, Mário. *O turismo na economia - Uma abordagem técnica, econômica, social e cultural*, Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística, 1990.
- Bar & Night Club Graphics 1*, Tokyo: Meisei, 1995.
- BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*, Campinas: Papirus, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*, São Paulo: Brasiliense, 1985.

- _____. *Partidos comunistas: os paraísos artificiais do poder*, Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- _____. *América*, Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- BELLAMY, Gail. *More bars, discos and nightclubs*, Glen Cove (NY): PBC International, 1995.
- BENNETT, William J. *American Education - Making it work*, Washington DC: United States Department of Education, 1988.
- BENI, Mário Carlos. *Análise do Desempenho do Sistema Nacional de Turismo Instituído na Administração Pública* (Tese de Livre-Docência), São Paulo: USP, 1991.
- _____. *Experiência Internacional do Ensino de Turismo e Hotelaria - Modelos para avaliação*, in *Turismo e Análise* nº 2, nov. 1992, p. 7 a 21, revista do Depto. de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da USP.
- _____. *Sistema de Turismo (SISTUR) - Estudo do Turismo frente à nova teoria dos sistemas*, in *Estudios y Perspectivas del Turismo*, nº 1, vol. 2, enero 1993, p. 7 a 26, revista do Centro de Investigaciones y Estudios Turísticos, Buenos Aires, Argentina.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*, São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BILAL. *Os imortais*, São Paulo: Martins Fontes, 1988 (HQ)
- BLOOM, Allan. *O declínio da cultura ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade*, São Paulo: Best Seller, 1989.
- BRIDGES, William. *Mudanças nas relações de trabalho*, São Paulo: Makron, 1995.
- BUSH, George. *American 2000 - An education strategy*, Washington DC: United States Department of Education, 1991.
- CALVINO, Italo. *Sob o Sol-Jaguar*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CARLZON, Jan. *A hora da verdade*, Rio de Janeiro: COP, 1992.
- CARVER, Raymond. *Short Cuts - Cenas da Vida*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994,

- CASTANHO, Maria Eugênia. *Universidade à Noite*, Campinas: Papirus, 1990.
- CASTELLI, Geraldo. *Turismo: Atividade Marcante do Século XX*, Caxias do Sul: EDUCS, 1990.
- CHEsNEAUX, Jean. *Modernidade-Mundo*, Petrópolis: Vozes, 1995.
- CHIAMPI, Irlemar (org.). *Fundadores da Modernidade*, São Paulo: Ática, 1991.
- COELHO, Teixeira. *Moderno Pós-Moderno*, PortoAlegre: L & PM, 1986.
- Commission of the European Communities. *Education and Training*, Bruxelas/Luxemburgo: 1991.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*, São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CONNOR, Steven. *Postmodernist Culture: An introduction to theories of the contemporary*, Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- COOPER, Chris; FAEPHERD, Rebecca; WESTLAKE, John. *Tourism Hospitality Education*, Guildford (UK): The University of Surrey, 1994.
- Directory of Tourism Education Programs*, edited by Lloyd E. Hudman
Wheaton, IL: Merton House Pub. Company, 1981.
- DREIFUSS, Renê. *A internacional capitalista: Estratégias e táticas do empresariado transnacional*, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- DRUCKER, Peter. *As novas realidades - no governo e na política, na economia e nas empresas, na sociedade e na visão do mundo*, São Paulo: Pioneira, 1991.
- _____. *Sociedade Pós-Capitalista*, São Paulo: Pioneira, 1993.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia Empírica do Lazer*, São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*, Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.
- Educational Institute Hospitality Courses and Multimedia Educational Tools*, East Lansing, MI: catálogo editado pela American Hotel and Motel Association, 1993.

EMBRATUR - Anuário Estatístico 1990/1991, Brasília: EMBRATUR, 1991.

EMBRATUR - Os números do turismo, Porto Alegre: EMBRATUR, 1990.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *A outra europa*, São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- FEATHERSTONE, Mike (org.). *Global culture - nationalism, globalization and modernity*. London: Sage, 1990.
- FONSECA JR., Fernando Moraes. *Autonomia na aprendizagem - pensamentos e ações*, São Paulo: CTE-SENAC, 1993. (apostila)
- FONSECA, Rubem. *Contos Reunidos*, São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
- _____. *O buraco na parede*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FREUD, Sigmund. *El malestar en la cultura*, in *Obras Completas vol. III*, Madrid: Biblioteca Nueva, 1968.
- FRIDGEN, Joseph D. *Dimensions of tourism*, East Lansing (Michigan): The Educational Institute of the American Hotel and Motel Association, 1991.
- FUSTER, Luis Fernandes, *Teoria y Técnica del Turismo* (2 vol.), Madrid: Nacional, 1974
- GAARDER, Jostein. *Sophie's World*, London: Phonix House, 1995.
- GAOS, José. *História de nuestra idea del mundo*, México: El Colégio del México y Fondo de Cultura Económica, 1973.
- GATES, Bill. *A estrada do futuro*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GEE, Chuck Y. *Resort Development and Management*, East Lansing (Michigan): The Educational Institute of the American Hotel and Motel Association, 1988.
- GLEICK, James. *Caos - A criação de uma nova ciência*, Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- GO Frank M. (vide Theobald, William F.)
- GORBATCHEV, Mikhail. *Perestroika: novas idéias para o meu país e o mundo*, São Paulo: Best Seller, 1987.
- Grande Hotel São Pedro - 20 anos de administração SENAC*, São Paulo: SENAC São Paulo, 1995.

- GREENFIELD, Patricia Marks. *O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica - os efeitos da TV, computadores e videogames*, São Paulo: Summus, 1988.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose*, Rio de Janeiro: 34, 1993.
- GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem total - Uma pedagogia dos meios de comunicação*, São Paulo: Summus, 1978.
- HANDY, Charles. *The age of unreason*, Boston: Harvard, 1989.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*, São Paulo, Loyola, 1993
- HAWKINS, Donald E. e BRENT-RITCHIE, J. R. *World Travel and Tourism Review* (vol 1), Wallingford (UK): CAB International, 1991.
- HELLER, Ágnes e FEHÉR, Ferenc. *Políticas de la postmodernidad*, Barcelona: Edicions 62, 1994.
- HIAASEN, Carl. *Caça aos turistas*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos - O breve século XX (1914-1991)*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HODGSON, Adele (org.). *The Travel and Tourism Industry - Strategies for the Future*, Oxford: Pergamon Press, 1987.
- HRABAL, Bohumil. *I served the King of England*, New York: Vintage, 1990.
- HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção e céu e inferno*, Rio de Janeiro: Globo, 1981
- IZQUIERDO, Ivan. Texto sem título in *Os construtores do futuro*, org. Lurdete Ertel, Porto Alegre: Oficinas, 1995, p. 27.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. *Imperium*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*, Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- _____. *Preparando para o século XXI*, Rio de Janeiro: Campus, 1993.

- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo - Para uma compreensão do lazer e das viagens*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização - Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- LE CARRÉ, John. *Nosso Jogo*, Rio de Janeiro: Record, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*, Campinas: UNICAMP, 1994.
- LEPARGNEUR, Hubert. *Antropologia do prazer*, Campinas: Papyrus, 1985.
- LINDBERG, Kreg e HAWKINS, Donald E. (org.). *Ecoturismo - um guia para planejamento e gestão*, São Paulo: SENAC, 1995.
- LITTO, Frederic. *As novas tecnologias de comunicação e a educação de primeiro, segundo e terceiro graus: preparando a escola para o século XXI*, Terceiro Seminário de Marketing Educacional, Águas de São Pedro: 1995 (apostila).
- LUKACS, John. *O fim do século 20 e o fim da era moderna*, São Paulo: Best Seller, Círculo do Livro, 1993.
- LYON, David. *Postmodernity*, Buckingham (UK): Open University, 1995.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massas*, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Educação*, Campinas: Papyrus, 1990.
- MARTINEZ, José Tono (org.). *La polémica de la posmodernidad*, Madrid: Ediciones Libertarias, s/d.
- MARX, Karl. *Capital*, (3 vol.), New York, 1987.
- MATTELART, Armand; DELCOURT, Xavier; MATTELART, Michéle. *Cultura contra democracia?: o audiovisual na época transnacional*, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MATTELART, Armand. *La cultura como empresa multinacional*, México: Era (Série Popular Era n. 25), 1979.

- MINC, Alain. *A nova Idade Média*, São Paulo: Ática, 1993.
- MOCSÁNYI, Dino Carlos. *Gerenciamento de mudanças*, São Paulo: Mocsányi Consultores Associados, 1995. (apostila)
- MOEBIUS. *O homem é bom?*, Porto Alegre: L & PM, 1993.
- MORAIS, Régis de. *Ecologia da Mente*, Campinas: Psy, 1993.
- _____. *Entre a educação e a barbárie*, Campinas: Papyrus, 1983.
- _____. *História e pensamento na educação brasileira*, Campinas: Papyrus, 1985.
- MURPHY, Peter E. *Tourism - A community approach*, London: Routledge, 1985.
- NAISBITT, John e ABURDENE, Patricia. *Megatrends 2000*, São Paulo: Amana-Key, 1990.
- NAISBITT, John. *Paradoxo Global*, Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- National Education Association. *Handbook 1991/1992*, Washington DC: NEA, 1991.
- NEGROPONTE, Nicholas. *Vida Digital*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- OLIC, Nelson Bacic. *3 revoluções: URSS, Alemanha, Iugoslávia*, São Paulo: Moderna, 1994.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso (org.). *Pós-modernidade*, Campinas: UNICAMP, 1987.
- PEARCE, Philip L. *Defining tourism study as a specialism: a justifications and implications*, in *Theoros* número 1, p. 25, Montreal: Université de Québec, 1993.
- PEIRCE, Douglas. *Tourism Today - A geographical Analysis*, Essex (UK): Longman House, 1987.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *América/Imagens* (2 vol.), São Paulo: Companhia das Letras/Rio de Janeiro: Videofilmes, 1989.

_____. *Cenários em ruínas: a realidade imaginária contemporânea*, São Paulo: Brasiliense, 1987.

PIZANI, Antonio Carlos. *Desenvolvimento de Instrutores de Treinamento*, São Paulo: SENAC, 1995. (apostila)

POPPER, Karl. *A sociedade aberta e seus inimigos*, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUP, 1974 (2 vol.).

A PUCCAMP e a construção de seu projeto de avaliação, Campinas: PUCCAMP, 1992.

PUCCAMP - Catálogo dos Cursos de Graduação 1992/1993, Campinas: PUCCAMP, 1992.

PUCCAMP - Estatuto e Regimento Geral da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas: PUCCAMP, 1988.

PUCCAMP - Por uma estratégia de qualidade de ensino, Campinas: Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas (FCECA), PUCCAMP, agosto de 1993.

PUCCAMP - Projeto Pedagógico do Curso de Turismo Campinas: PUCCAMP, 1993.

PUCCAMP - O estudante e a qualidade de ensino superior - Profs. Drs. Newton Cesar Balzan, Mucio Camargo de Assis e Maria Eugênia L. M. Castanho, in "Do projeto pedagógico à identidade social: o processo de avaliação na PUCCAMP (1971-1991)", Faculdade de Educação da PUCCAMP.

PUCCAMP - Relatório dos entrevistados no Vestibular de 1991, Campinas: PUCCAMP, 1993.

RAMONET, Ignacio e GRESH, Alain (orgs.). *A desordem das nações*, Petrópolis, Vozes, 1996.

REICH, Robert B. *O trabalho das nações*, São Paulo: Educator, 1994.

REQUIXA, Renato. *As dimensões do lazer*, São Paulo: SESC, 1974.

_____. *O lazer no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1977.

RIFKIN, Jeremy. *The end of work*, New York: Tarcher/Putnam, 1995.

- RUSCHMANN, Doris van de Meene. *Tendências para o desenvolvimento do turismo no Brasil até o ano 2000*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994 (tese de Doutorado).
- SANTOS, Milton e outros (org.). *Fim de século e globalização*, São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994.
- SARTRE, Jean-Paul. *As mãos sujas*, Lisboa: Europa-América, 1965.
- SAITO, Gen Takeshi. *Restaurant Design 1*, Tokyo: Graphic-sha Publishing, 1992.
- SALGADO, Sebastião. *As melhores fotos*, São Paulo: Boccato, 1992.
- SAVIANI - Demerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*, São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. *Tendências e Correntes da Educação Brasileira*, in *Filosofia da Educação Brasileira*, org. Durmeval Trigueiro Mendes, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- SCLIAR, Moacir. *Dicionário do viajante insólito*, Porto Alegre: L&PM, 1995.
- SCHAFF, Adam. *A sociedade informática*, São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1990.
- SCHORSKE, Carl E. *Viena Fin-de-siècle*, São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (São Paulo) - Centro de Educação de Turismo e Hotelaria. *Planejamento de Trabalho da Unidade* (documento interno), 1996.
- SERVAN-SCHREIBER, Jean-Jacques. *O desafio mundial*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- SINCLAIR, M. Thea e STABLER, M. J. (org.). *The tourism industry: an international analysis*, Wallingford (UK): CAB, International, 1991.
- South Bank Centre, Hayward Gallery. *Art and Power - Images of the 1930s*, London: 1995.
- SOUZA, Nelson Mello e. *Modernidade: Desacertos de um consenso*, Campinas: UNICAMP, 1994.

Speedwing Training (British Airways) - Londres: s/d.

STRAIN, Priscilla e ENGLE, Frederick. *Imagens da Terra*, Klick ed, 1992.

SUE, Roger. *El ocio*, México: Fondo de Cultura Económica - 1987.

TART, Donna. *A história secreta*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TAYLOR, John. *O circo da ambição: cultura, riqueza e poder nos anos yuppies*, São Paulo: Scritta, 1993.

THE NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY. *100 years of adventure and discovery*, New York: Harry N. Abrams, 1987.

THEOBALD, William F. (org.). *Global tourism - The next decade*, Oxford: Butterworth-Heinemann, 1994.

TOFFLER, Alvin. *Powershift - As mudanças do poder*, Rio de Janeiro: Record, 1990.

TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*, Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *O pós-socialismo*, São Paulo: Brasiliense, 1988.

TRIGO, Luiz G. Godoi. *A formação profissional em lazer e turismo nas sociedades pós-industriais*, in Comunicarte PUCCAMP, nº 16/17, p. 100, 1992.

_____. *Turismo e Qualidade - Tendências Contemporâneas*, Campinas: Papyrus, 1993.

_____. *Cronologia do Turismo no Brasil*, São Paulo: CTI/Terra, 1991.

TULIK, Olga. *Efeitos da globalização do turismo*, in Turismo em Análise, São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 1994.

United States Department of Education. *A Nation at Risk: The imperative for Educational Reform*, Washington DC: 1983.

United States Printing Office, Superintendent of Documents. *America at the Treshold - America's space exploration initiative*, Washington DC: 1991.

URRY, John. *The tourist gaze*, London: Sage, 1994.

USHER, Robin and EDWARDS, Richard. *Postmodernism and Education*, London: Routledge, 1994.

Vários autores. *Formation des managers et conduite du changement - rapport du groupe de travail de l'institute de l'entreprise*, Paris: Institute de L'entreprise, 1991.

Vários autores. *Turismo: grande desafio dos anos 1990*, II Seminário Latino-Americano da AMFORT - Escola de Comunicações e Artes da universidade de São Paulo, 1991.

VELLAS, François. *El turismo*, Buenos Aires: Librerias Turisticas, 1995.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993

VORWALD, Alan e CLARK, Frank. *Os computadores*, Rio de Janeiro: Record, 1964.

WALKER, Denis. *O cliente em primeiro lugar*, São Paulo: Makron, 1991.

WESTLAKE (vide COOPER, Chris).

WILLIS, Brest. *O psicopata americano*, Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

World Travel and Tourism Council, São Paulo: American Express, 1995.

World Travel and Tourism Review - Indicators, Trends and Forecasts, Wallingfor (UK): CAB International, 1991.

Revistas, jornais e periódicos:

American Express (folheto informativo sobre Turismo)

AMR Corporation (apostila informativa), fevereiro 1996.

Arte em Revista

Brasilturis

BusinessWeek - Edição Especial *The Information Revolution*, 1994.

Casseta & Planeta

Chicago Tribune

Condé Nast Traveler

Estudios y perspectivas en Turismo, Buenos Aires: Centro de Investigaciones y Estudios Turísticos

Flare - Canad's Fashion Magazine

Folha de São Paulo

Gazeta Mercantil

International BusinessWeek

Isto É

Jornal da Tarde

MAD

National Lampoon

Newsweek

Newsweek - Edição Especial *Technology*, 1995.

Revista Latinoamericana de Turismo, Buenos Aires: Centro de Investigaciones y
Estudios Turísticos

Speedwing Training (British Airways), folheto informativo

The Economist

Veja

FILMES CITADOS

Apocalypse Now, 1979, EUA. Dir. Francis Ford Coppola.

Asas do desejo, 1987, Alemanha. Dir. Win Wenders.

Assassinos por natureza, 1994, EUA. Dir. Oliver Stone.

Bagdá Café, 1988, EUA. Dir. Percy Adlon.

Batman, 1989, EUA. Dir. Tim Burton.

Blade Runner (O caçador de andróides), 1982, EUA. Dir. Ridley Scott.

Cenas da Vida (Short Cuts), 1993, EUA. Dir. Robert Altman.

Em nome do pai, 1993, Irlanda. Dir. Jim Sheridan.

Encurralado, 1972, EUA. Dir. Steven Spielberg.

Entrevista com o vampiro, 1994, EUA. Dir. Neil Jordan.

Juiz Dredd, 1995, EUA. Dir. Danny Cannon.

Mad Max, 1979, Austrália. Dir. George Miller.

Metrópolis, 1926, Alemanha. Dir. Fritz Lang.

Navigator, uma odisséia no tempo, 1988, Nova Zelândia. Dir. Vincent Ward.

O cabo do medo (The fear cape), 1991, EUA. Dir. Martin Scorsese.

O declínio do império americano, 1984, Canadá. Dir. Denys Arcand.

O exterminador do futuro (Terminator), 1985, EUA. Dir. James Cameron.

O império do sol, 1989, EUA. Dir. Steven Spielberg.

O padre, 1995, Irlanda. Dir. Antonia Bird.

O Rei Leão (King Lear), 1994, EUA. Walt Disney Produções.

O selvagem da motocicleta (Rumble Fish), 1983, EUA. Dir. Francis F. Coppola.

Os sete pecados (Seven), 1995, EUA. Dir. David Fincher.

O silêncio dos inocentes, 1991, EUA. Dir. Jonathan Demme.

Paris, Texas, 1984, Alemanha. Dir. Wim Wenders.

Pocahontas, 1995, EUA. Walt Disney Produções.

Pulp Fiction, 1994, EUA. Dir. Quentin Tarantino.

Roma, 1972, Itália. Dir. Federico Fellini.

Subway, 1985, França. Dir. Luc Besson.

The day after, 1983, EUA. Dir. Nicholas Meyer.

Total recall (O vingador do futuro), 1990, EUA. Dir. Paul Verhoeven.

Toy story, 1995, EUA. Walt Disney Produções.

True Lies, 1994, EUA. Dir. James Cameron.

E-Mail

Livrarias Blackwell's (Reino Unido) - <http://www.blackwell.co.uk/cgi-bin/bb>

ANEXOS

Projeto Pedagógico do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Autor: Luiz Gonzaga Godoi Trigo, 1993.

Plano de Trabalho da Unidade do Centro de Educação em Turismo e Hotelaria do SENAC. Autor: José Ruy Veloso Campos, 1996.

INTRODUÇÃO AOS ANEXOS

Os anexos inseridos na tese referem-se aos resumos de dois projetos pedagógicos com os quais eu trabalho. O primeiro é o projeto pedagógico do curso de Turismo da PUCCAMP, discutido durante 1993 com a comunidade acadêmica e alguns profissionais da área e entregue à Vice-Reitoria Acadêmica em 1994. Foi por mim redigido e serviu de apoio à alteração curricular, um projeto também democraticamente discutido e posteriormente coordenado pela Profa. Maria Ângela A. M. Bissoli, Coordenadora do Departamento de Turismo da PUCCAMP.

O segundo documento é o Plano de Trabalho da Unidade do SENAC - CET é um documento elaborado a cada ano de acordo com o plano estratégico da década, estruturado pelo SENAC São Paulo. A coordenação geral é do Prof. José Ruy Veloso Campos, Gerente Corporativo do SENAC - CET (centro de educação em Turismo e Hotelaria) de São Paulo.

Ambos os documentos permitem observar como várias das conclusões e sugestões feitas ao longo da tese aparecem nos documentos, principalmente no projeto pedagógico da PUCCAMP. É natural que assim ocorra, pois o doutorado foi um meio de aprimorar minha reflexão enquanto coordenador e docente na PUCCAMP e responsável pelas diretrizes estratégicas educacionais (em conjunto com o nível hierárquico superior, a Gerência Geral do Grande Hotel São Pedro) nesta unidade do SENAC - CET.

Os documentos estão apresentados em uma versão resumida e podem ser alterados a qualquer momento em suas respectivas unidades educacionais.

ANEXO I - A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM TURISMO NO BRASIL

I - INTRODUÇÃO

Os bacharéis em Turismo são profissionais formados em cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação, porém suas profissões não são regulamentadas, a exemplo do que também ocorre com os profissionais das áreas de Informática e Publicidade e Propaganda, por exemplo. Até mesmo áreas com "reserva de mercado", que exigem diplomas como Jornalismo e Relações Públicas, sofrem pressões empresariais para a contratação de pessoas sem curso superior ou formadas em outras áreas.

Percebe-se, analisando-se as tendências de mercado no início da década de 1990, que procedimentos como terceirização, privatização e desregulamentação inibem os esforços para que profissões ligadas ao Turismo sejam reconhecidas e regulamentadas. Em um mundo caracterizado por uma nova ordem econômica internacional, novas tecnologias e forte competitividade em mercados atingidos pelo desemprego, o profissional de Turismo tem que se impor através da competência e eficiência. É necessário também que esse profissional tenha uma postura ética e não subestime a capacidade e aptidões dos outros profissionais, graduados em diversos cursos superiores e que disputam empregos no turismo. O setor é extremamente mutável, dinâmico e, no caso do Brasil, ainda bastante instável.

A conjuntura atual e o profissional em turismo

O bacharel em Turismo precisa de algumas habilidades fundamentais para se tornar um profissional qualificado e realizado, individual e socialmente. Há desde o aspecto vocacional (com parâmetros subjetivos de determinação), até outros pontos como iniciativa, determinação, criatividade, persistência, autoconfiança, conhecimentos técnicos e o sentido de profissionalismo, que é mais do que encarar a profissão como uma simples ocupação destinada a garantir sua sobrevivência. Os futuros profissionais, durante a graduação, devem ter acesso a uma visão abrangente e completa do que a profissão e o mercado turístico representam. Para isso o curso como um todo (grade curricular, disciplinas com seus conteúdos programáticos, atividades de laboratório, viagens, pesquisas), orientado por um projeto pedagógico consistente, deve apontar para objetivos claros e desafiadores.

Os diversos relacionamentos com os quais os estudantes terão contato também ajudarão no processo educacional. Desde os relacionamentos "intra-muros" universitários (entre professores, alunos e funcionários), até os

relacionamentos com o mercado de trabalho, órgãos oficiais de turismo, a imprensa e editoras especializadas e outras instituições de ensino. Tudo o que puder veicular informação e cultura deve ser viabilizado para o curso.

O mercado de trabalho é bastante variado. O bacharel em Turismo pode se inserir em um conjunto bastante diversificado de atividades:

- setor privado em hotelaria e similares, agências de viagens e de turismo, companhias aéreas e demais setores de transportes, setor de congressos e eventos, exposições e feiras comerciais e industriais de caráter regional, nacional ou internacional;

- centros de informações, documentação e pesquisas turísticas, em nível municipal, estadual ou federal;

- órgãos oficiais de turismo, instituições de caráter misto (público e privado) para fomento, planejamento, pesquisa e controle de atividades turísticas;

- guia receptivo, local, nacional ou internacional, desde que tenha feito curso específico reconhecido pela EMBRATUR (não é necessário ser bacharel em Turismo para ser guia, bastando a carteira da Embratur porém, sem dúvida, um curso superior capacita ainda mais o guia.);

- marketing e vendas turísticas;

- formação profissional em instituições de ensino médio ou superior de Turismo, seja em instituições públicas ou privadas, nos campos de educação e pesquisa (cursos de especialização e de pós-graduação são fundamentais para capacitar o profissional dessas áreas);

- como escritor de textos para jornais e revistas especializadas, livros e publicações técnicas;

- setores de recreação e lazer programados;

- áreas de turismo de segmentos como turismo ecológico, turismo social, infanto-juvenil, para idosos, deficientes físicos, segmentos étnicos ou culturais em geral.

Não importa onde o profissional vai trabalhar, ele sempre encontrará novas realidades em um mercado que se transforma rapidamente. As mudanças se referem especialmente às novas tecnologias e à importância crescente do setor terciário na economia.

Todas as grandes redes de transportes terrestres, marítimos ou aéreos, hotéis, operadoras turísticas e agências de viagens estão informatizadas. Conhecimentos de informática, aliados à necessidade de familiarização com línguas estrangeiras (especialmente o inglês, no caso do Brasil), são requisitos básicos para quem vai se aventurar no mercado e deseja ter sucesso.

Os principais "concorrentes" do bacharel em Turismo no mercado de trabalho são:

- profissionais com curso superior em Administração de Empresas, Economia, Direito, Sociologia, Relações Públicas, etc.;

- profissionais de formação média que, através de atuação nas empresas e órgãos públicos de turismo, se familiarizam com tarefas geralmente rotineiras e com o tempo atingem postos de mais responsabilidade;

- os graduados nas áreas de Educação Física, lazer e recreação;

- profissionais estrangeiros, especialmente nas grandes cadeias hoteleiras, operadoras e agências de viagens internacionais e franquias de maior porte, onde o controle administrativo pode ainda ser realizado no exterior.

II. O ENSINO DE TURISMO

1. O contexto internacional

Nos últimos anos verificou-se, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, o aumento da inserção da população economicamente ativa no setor terciário, suplantando consideravelmente o setor secundário, responsável privilegiado durante mais de dois séculos pela produção de riquezas. O capitalismo atual, denominado de monopolista-financeiro, abrange um vasto setor de serviços públicos e privados nos quais se insere o turismo. Esse setor de serviços tem recebido cada vez mais atenções de investidores, planejadores, controladores de qualidade e formadores de mão-de-obra especializada. Os reflexos no turismo são evidentes. Especialistas como Karl Albrecht, autor do livro "Revolução nos Serviços", Denis Walker da British Airways (autor de "O cliente em primeiro lugar") e Jan Carlzon, presidente da Scandianavia Airlines que ficou célebre por tirar a empresa de dificuldades financeiras (autor de "A hora da verdade"), têm demonstrado a necessidade de se mudar a mentalidade dos antigos profissionais e de preparar os novos para o crescente e difícil mercado dos anos 1990.

O contexto internacional em mutação influencia o clima de incerteza e insegurança, apesar de apontar novas possibilidades. A emergência de novos países capitalistas, fruto do colapso do socialismo real da ex-União Soviética e dos países da Europa Oriental, além do rápido crescimento econômico dos países do leste da Ásia e da gradual abertura econômica da China, provocaram instabilidades mundiais. O final da guerra fria aumentou o desemprego na medida em que orçamentos para armas foram diminuídos e empregados de indústrias bélicas demitidos. Desde 1989 houve cortes de 15% no orçamento militar dos EUA e um milhão de demissões. Até 1996 pode haver mais um milhão de cortes em pessoal, aumentando ainda mais os índices de desemprego norte-americanos (International Business Week de 02/08/1993).

A competitividade dos novos países ex-socialistas e dos países em desenvolvimento da América Latina e da Ásia, no mercado capitalista, não ajuda a economia dos países desenvolvidos a crescer e, concomitantemente, gerar mais empregos. Além da mão-de-obra mais barata dos países em desenvolvimento há as inovações na produção, especialmente a robótica, e nos setores de serviços em geral, como a informática. Essa nova lógica da produção e dos serviços, mediada por tecnologias avançadas, ajuda a eliminar postos de trabalho. Não se vislumbra, no início da década de 1990, previsões catastróficas e tampouco visões do paraíso liberal. Analistas internacionais como Peter Drucker, Paul Kennedy e Alvin Toffler e revistas econômicas da porte de "The Economist" e "International Business Week" só têm uma unanimidade: o sentimento de incerteza e o receio de fazer previsões perante os novos cenários internacionais.

Dentro desse quadro, a cultura e o ensino, ou seja, a informação em geral, se tornam fundamentais para os novos profissionais. Jean François Lyotard afirma que

"sob a forma de mercadoria informacional indispensável ao poderio produtivo, o saber já é e será um desafio maior, talvez o mais importante, na competição pelo poder" (Lyotard, p. 5).

É nesse contexto em que se insere a formação dos novos profissionais, inclusive do setor turístico.

2. O ensino de Turismo no mundo

A formação superior em Turismo passou a ser importante em vários países europeus, especialmente após a década de 1960. Na Espanha, a partir de 1964, foram realizadas discussões em diversos níveis sobre os problemas técnicos, econômicos e sociais do turismo. Na década de 1980, a Universidade Livre de Berlim (ex-Occidental) elaborou modelos para currículos em Marketing e Turismo.

A Organização Mundial do Trabalho estima a necessidade do mercado turístico internacional em cerca de 100 milhões de profissionais, o que implica exigências para se atender à quantidade e à qualidade dessa mão-de-obra especializada.

Na **Alemanha**, a escolaridade obrigatória dura de 9 a 10 anos e o sistema educacional privilegia a formação profissional. O ensino médio em hotelaria, restaurantes e turismo é feito por escolas e empresas, tem uma duração média de 3 anos e passa por atividades práticas no local de trabalho como forma de aprendizagem. A porcentagem do ensino especializado na atividade pedagógica atinge 69% do tempo de estudo. O ensino superior torna-se um complemento acadêmico para aqueles que irão exercer atividades executivas, diretivas ou de planejamento nas diversas atividades turísticas, aproveitando-se escolas superiores de administração de empresas, economia e ciências humanas em geral.

Na **Espanha** o ensino de Turismo foi regulamentado em 1980 e, em 1989, totalmente revisado. Para se cursar qualquer curso superior na área exige-se educação secundária completa. Os cursos têm duração de 3 anos e o aluno sai com o título de Técnico de Empresas e Atividades Turísticas, com valor acadêmico universitário. São destinados à preparação de profissionais para agências de viagens, hotelaria e guias de turismo. Há cursos na Escola Oficial de Turismo (hotelaria), o Curso de Gerência Hoteleira da Universidade Politécnica de Madri e outros cursos em mais de cinquenta escolas não-oficiais em várias cidades espanholas. O desemprego é raro na atividade turística,

significando uma boa absorção desses profissionais, apesar da alta taxa de desemprego da Espanha (21% em maio de 1993). Porém, há várias questões pendentes sobre a formação profissional turística na Espanha:

"a) necessidade de maior diversificação dos estudos, pois não requerem a mesma formação os guias turísticos, os técnicos e dirigentes da atividade hoteleira, técnicos de transporte, de serviços comerciais, de informação e assistência direta aos viajantes:

b) tempo de duração dos estudos para funções técnicas de nível médio, de nível superior e carreiras profissionais de maior responsabilidade técnica e diretiva;

c) os conteúdos dos programas de estudos precisam atender ao contínuo processo de modernização na tecnologia das comunicações e as mudanças rápidas no turismo; ... precisam estar compatibilizados com exigências da administração empresarial moderna, especificamente das empresas turísticas;

d) formação teórica e prática, em termos de duração, conteúdo e condições da prática;

e) ... reforçar o modelo atual de escolas de nível superior independentes ou incluir os cursos de Turismo na Universidade;

f) colaboração de empresários e de profissionais na revisão dos cursos de turismo."
(Beni, 1992, p. 11 e 12).

Na França, a formação superior em Turismo iniciou-se em 1961, com a criação do Centro de Estudos Superiores de Turismo na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris. Em 1976 criou-se a licenciatura e pós-graduação em Turismo, colocadas em prática entre 1980 e 1992 nas Universidades de Paris I, Lyon II e Angers. O curso de hotelaria foi elaborado entre 1984 e 1985 e implantado na Universidade de Toulouse em 1986, em Strasbourg em 1987 e, em Chambéry, em 1988. Há outros cursos de Turismo e Hotelaria em várias cidades francesas.

Guias, intérpretes, recepcionistas, funcionários alfandegários e outros profissionais assemelhados têm apenas formação secundária ou em nível pré-universitário.

Os cursos superiores são, no geral, multidisciplinares, internacionalizados, mutáveis de acordo com as exigências do mercado, realizam pesquisas e trabalham em parceria com empresas turísticas. Dividem-se em 3 categorias:

a) Cursos gerais polivalentes - turismo em geral, gestão e prática profissional, línguas vivas, história e economia do turismo, geografia e ordenação do território, sociologia, contabilidade, marketing, direito, cartografia, comunicação, relações públicas.

b) Cursos para atividades específicas - promoção, animação e ambiente turístico, criação e gestão de produtos turísticos.

c) Especialização em uma ano - economia do turismo, gestão turística e hoteleira, análise econômica do lazer, etc.

Portugal tem vários cursos de nível médio e superior em Turismo, vários ainda sem reconhecimento oficial. O Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), em Lisboa, possui o curso superior de Turismo com títulos em Bacharelato e Licenciatura. O estudante pode optar por várias áreas: Guias Intérpretes, Técnico de Turismo e Licenciatura e Gestão Turística, curso que foi implantado em 1991/1992, com duração máxima de cinco anos. Portugal tem ainda o Instituto Nacional de Formação Turística (INFT), responsável pela publicação de vários textos sobre o turismo português e europeu e pela análise dos variados currículos de Turismo dos países da Comunidade Européia, para emitir certificados de equivalência para profissionais diplomados de outros países da CE que desejem trabalhar em Portugal.

Nos **Países Baixos**, há cursos superiores em Turismo, Recreação e Lazer. Em 1964, foi criado o Instituto Holandês Para Estudos de Turismo, Lazer e Transportes em Breda. Em 1974, começaram os cursos em nível médio para Turismo. O Instituto Holandês oferece cursos nas mais diversas áreas de Turismo e lazer. Em 1990, cerca de 12 mil pessoas estudavam em alguma área ligada ao turismo. O mercado de trabalho é sazonal, empregando mais de 300 mil trabalhadores em tempo parcial.

O **Reino Unido** também oferece cursos superiores em Lazer, Turismo, Hotelaria e Entretenimento, sendo a maioria deles intimamente ligada a empresas, privilegiando atividades e pesquisas práticas e direcionadas à realidade do mercado.

Na **Itália**, país com vários pesquisadores e teóricos em turismo, o ensino superior ainda se faz com base nas realidades regionais, inexistindo currículos ou programas nacionais. Em 1974, o Professor Alberto Sessa iniciou o curso de especialização em Turismo na Universidade Livre Internacional de Estudos Sociais, em Roma, dentro do Instituto de Economia Política, onde já havia desde 1963 o curso de especialização em Economia do Turismo, com duração de um ano, agregado à Faculdade de Economia e Comércio da Universidade de Florença.

Em 1970, foi criado um Curso de Aperfeiçoamento na Escola de Estudos Turísticos de Rimini, dependente da Faculdade de Economia e Comércio de Bolonha. Em Veneza e Florença, há cursos para formação de operadores dos serviços turísticos, com ênfase em economia turística. A mais antiga instituição

a oferecer cursos de Turismo é a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas de Nápoles.

"A teoria e a educação estão estreitamente ligadas à pesquisa básica e à pesquisa aplicada, e essas não foram bem formuladas para o desenvolvimento do turismo italiano. A Itália ainda está em busca da filosofia que deve embasar o ensino do Turismo em suas escolas de nível superior e começa a ensaiar os primeiros passos na teoria sistêmica para responder às exigências atuais de formação e capacitação de mão-de-obra na área." (Beni, 1992, p. 15)

Na **Suíça**, o Centro Internacional de Glion, em Groyère, tem mais de trinta anos de experiência, unindo o ensino do Turismo à experiência profissional. O conteúdo e os métodos de seus cursos são permanentemente revisados para responder aos maciços investimentos da hotelaria norte-americana na Europa, em uma disputa violenta de mercado. Há dois séculos, o turismo é, na Suíça, uma das bases de sua economia, portanto a preocupação com a formação profissional se insere no cotidiano do planejamento e das preocupações empresariais, seja em hotelaria ou nas atividades turísticas em geral. Dezenas de escolas oferecem cursos em nível médio, superior e de pós-graduação, especialmente na área de hospedagem e alimentos e bebidas.

O **Canadá** possui a Universidade de Calgary, no Estado de Alberta, que sedia o Centro de Ensino e Pesquisa de Turismo Mundial. O Prof. J. R. Brent Ritchie tem se destacado como co-organizador do World Travel and Tourism Review, uma das principais publicações da área, editado pela CAB International do Reino Unido. Ritchie foi ainda o ganhador do primeiro prêmio da edição de 1992 do "The Annual Review of Travel", editado pela American Express, com o artigo "New Realities, New Horizons". O setor de pesquisa é bastante relevante em Calgary, realizando contatos com empresas privadas e públicas de turismo e outros centros de pesquisa turística em todo o mundo.

Nos **Estados Unidos**, a Universidade George Washington, em Washington D.C., destaca-se no campo de pesquisa e é uma das instituições responsáveis pela publicação do World Travel and Tourism Review. Os EUA se destacam pela grande quantidade de cursos relacionados com o setor de lazer e turismo. O Directory of Tourism Education Programs (1981) traz uma listagem dividida em tres campos: 123 cursos em aviação, abrangendo as áreas de Atendentes de Vôo, Manutenção de Aeronaves e Treinamento de Pilotos; 164 cursos em administração hoteleira, envolvendo setores como gerência de hotéis e motéis e gerência de alimentos e bebidas; e 88 cursos em viagens e turismo. Esses cursos variam, em extensão, de dois a quatro anos em "colleges" e "universities" em todo o território dos EUA.

O Educational Institute of the American Hotel and Motel Association tem uma série própria de publicações. São 38 títulos de livros, 50 títulos de vídeo, 1 título de áudio (fita cassete) e 10 programas de computadores cobrindo os campos de: Introdução à Hotelaria, Administração Hoteleira, Recepção,

Governança, Alimentos e Bebidas, Recursos Humanos, Marketing e Vendas, Convenções, Engenharia de Manutenção, Contabilidade e Finanças, Sistemas de Computadores, Legislação/Segurança e Turismo/Hotéis de Lazer. O Educational Institute oferece ainda trinta cursos e vários seminários, todos acompanhados de material didático próprio. A maior parte desses cursos é por correspondência e os alunos são posteriormente submetidos a uma avaliação que lhes dá o "Certified Hospitality Educator".

Como a educação nos Estados Unidos não tem um currículo básico nacional, cada estado, ou até cada unidade administrativa municipal, organiza seus próprios currículos e programas de cursos, desde o ensino básico até a pós-graduação. O Departamento de Educação (equivalente ao Ministério da Educação no Brasil) tem poderes limitados. A National Education Association é uma das mais poderosas associações de professores da América do Norte. Sua sede em Washington ocupa todo um quarteirão e as conclusões de seus encontros são acompanhadas pelo governo. Em seu manual dos anos 1991-1992, a NEA reafirma e defende o princípio de diversidade existente na educação e na cultura norte-americana, reforçando a tese de que cada região ou estado deve constituir sua programação nas escolas, livre de controles do governo central. Isso gera uma pluralidade e diversidade de cursos e opções que se reflete, naturalmente, no campo de formação profissional em Turismo.

3. O contexto nacional/regional e a formação em turismo

No passado a vertente jurídico-legal do turismo foi lentamente se estruturando, enquanto, simultaneamente, algumas entidades empresariais foram também se organizando. Enquanto setor organizado da economia, o Brasil tinha uma estruturação recente e precária de turismo. Tanto o setor privado quanto o setor público pouco investiam nesta área. Há poucas iniciativas relevantes. Em 1928, a Sociedade Brasileira de Turismo, hoje Touring Clube do Brasil, promoveu a primeira Convenção Interestadual de Turismo para seus sócios e, em 1932, foi organizada uma segunda convenção. A entidade era dirigida aos poucos proprietários de automóveis dos anos 1920 e foi a primeira a se preocupar com o turismo nacional.

Em 1934, a Divisão de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo de Getúlio Vargas publicou oficialmente pela primeira vez matérias ilustradas sobre viagens no país, cuja abordagem se fazia quase sempre em torno das viagens marítimas. É dessa mesma época a primeira legislação para agências de viagens e a fixação de diretrizes sobre termalismo e climatismo. Em 1937, foi criado o primeiro Parque Nacional do Brasil, em Itatiaia, na divisa de Rio de Janeiro e Minas Gerais, com 11.394 hectares (o primeiro parque nacional do mundo havia sido criado nos Estados Unidos, em Yellowstone, em 1872). Em 1938, foi promulgado o Código Brasileiro do Ar, reformulado em 1966 pelo Decreto-Lei nº 32, de 18/11/1966.

Em 10/01/1946, foi criado pelo Decreto-Lei nº 8.621 o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) que, no futuro, teria grande importância na formação de nível médio e tecnólogo de profissionais nas áreas de hotelaria e turismo através do SENAC/CEATEL. O Decreto-Lei nº 9.853 de 13/09/1946 criou o Serviço Social do Comércio (SESC). Essa entidade, juntamente com o SENAC, muito contribuiu para a teoria e prática do lazer social. Lazer e cultura são atividades muito importantes no SESC, reunindo colônias de férias, balneários, centros campestres e centros culturais para uso de seus associados, em uma prática exemplar de lazer e turismo social.

No dia 30 de abril de 1946, foi dado um duro golpe no turismo nacional com a proibição dos cassinos e jogos de azar no país. Cerca de quarenta mil pessoas perderam seus empregos imediatamente, especialmente nas cidades do Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis, Santos, Recife e Salvador. Infelizmente, até 1993, o Governo Federal ainda não reparou este ato retrógrado e anacrônico.

Em 1953 foi criada a Associação Brasileira de Agentes de Viagens (ABAV) no Rio de Janeiro, posteriormente estruturadas em outros estados da Federação. O primeiro congresso nacional da ABAV aconteceu em São Paulo, em abril de 1959. Em 1955 foi criado o SKAL Club de São Paulo, o primeiro do Brasil. O SKAL é um clube de dirigentes do turismo, destinado primordialmente a atividades sociais.

No final da década de 1950, operavam no país dois grandes grupos de empresas aéreas e quase cem agências de viagens, mais a malha ferroviária e hidroviária, entretanto nada ainda tinha sido feito para estruturar uma organização nacional de planejamento e normatização do turismo e tampouco pensava-se na formação profissional para o setor. Em 1958, foi criada pelo Decreto-Lei nº 44.865 a Comissão Brasileira de Turismo (COMBRATUR). Essa Comissão foi extinta em 1962 pelo Decreto nº 572, uma vez que em 1961 o governo Jânio Quadros, pela Lei nº 40.084, desvinculava do Ministério do Trabalho a indústria e o comércio, organizando o Ministério da Indústria e Comércio, sem dar grande importância ao turismo. Em 1963, o deputado Nelson Carneiro, que presidia a Associação Interparlamentar do Turismo, propôs no I Simpósio Nacional de Turismo a criação do Instituto Brasileiro de Turismo (IBRATUR). Após receber emendas, o projeto foi aprovado no Congresso Nacional, mas vetado integralmente pelo Presidente da república. Os relatos do Simpósio foram publicados em 1964 pelo Departamento de Imprensa Nacional, com o título "I Simpósio Nacional do Turismo". Também em 1963 foi criada a Secretaria de Turismo do Estado da Guanabara.

Em 1966, era evidente que o Governo Federal não podia continuar com suas atividades no setor turístico restritas a uma Divisão, um órgão burocrático

subordinado ao um Departamento ligado à Secretaria de Comércio, do Ministério da Indústria e do Comércio, algo como sendo do quarto escalão do governo. O turismo exigia ações mais abrangentes. Existiam apenas, em nível federal, a Divisão de Turismo e certames e, no estadual, duas secretarias de Estado (Rio de Janeiro e São Paulo). Nos outros estados havia departamentos e serviços autônomos exercendo atividades de turismo, sendo de destaque a SETUR do Rio Grande do Sul, o mais antigo órgão estadual de turismo do Brasil, mesmo sem ter sido uma secretaria. No dia 18 de novembro de 1966, o Decreto-Lei nº 55 do regime militar definia a política nacional de turismo, criando o Conselho Nacional de Turismo e a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR). Posteriormente o Decreto nº 60.224 de 16/02/1967 e o Decreto nº 62.006 de 29/12/1967 dispôs regulamentaram os incentivos previstos no Decreto-Lei nº 55. Houve ainda o Decreto nº 55.483 de 23/05/1966 que regulamentou as agências de viagens e turismo. Nesse ano (1966) havia 899 agências de turismo no Brasil, sendo 179 no Rio de Janeiro e 393 em São Paulo. Em outubro de 1967, foi realizado no Rio de Janeiro o I Encontro Oficial do Turismo Nacional.

Os primeiros dados estatísticos sobre turismo receptivo no Brasil começaram a ser realizados sistematicamente a partir de 1968 pela Embratur que nesse ano apontou 290.079 chegadas internacionais no país. Analisando-se os dados da Embratur observa-se que o turismo receptivo (entrada de estrangeiros) cresceu até 1980, decresceu até 1982 e recomeçou a crescer em 1983, mantendo-se em ascensão até 1986. A partir desse ano vem caindo de forma acentuada e os motivos são a deterioração da infra-estrutura nacional em geral, o descrédito político, a dívida externa, os problemas ambientais, as crises econômicas e o aumento da criminalidade com conseqüente repercussão na imprensa internacional.

Há doze cursos de turismo no Estado de São Paulo: nove na capital, um em Santos e dois no interior, inclusive o da PUCCAMP em Campinas.

A região de Campinas e todo o interior do estado de São Paulo, observam a sua economia crescer especialmente no setor terciário. O setor de lazer tem sido muito privilegiado. Desde o início da década de 1990, Campinas assistiu a implantação de três shopping centers (Galleria, D. Paschoal e Outlet), de 4 hipermercados (Extra, Eldorado, Carrefour II e Enxuto), de novas boites casas noturnas, de novos parques (Parque Ecológico, Largo do Café e Praça Maior) e de novas lojas de alimentação rápida (fast food) e restaurantes variados.

O crescimento qualitativo da região é impulsionado também pela indústria de alta tecnologia, pelo número de universidades públicas e privadas, pela agricultura intensiva e pela quantidade de vias de transporte que garantem a distribuição das mercadorias.

Com essas características, a região de Campinas tem tudo para desenvolver continuamente o setor de lazer e turismo. Novos profissionais serão necessários para gerir e planejar essa área e a PUCCAMP se coloca como um dos centros privilegiados de formação profissional, especialmente na área de turismo onde atua com exclusividade (o curso técnico de turismo de Souza e as unidades do SENAC não oferecem cursos em nível de bacharelato).

Outras escolas relacionadas com lazer e Turismo são a Faculdade de Educação Física da UNICAMP e a Academia Accor, e o SENAC, todos localizados em Campinas. Deve-se notar que a Universidade de Serviços (Academia Accor), inaugurada em 1992, é o primeiro "Corporate College" do Brasil e sua localização em Campinas deveu-se às peculiares condições da região.

4. As tendências educacionais no Brasil

As concepções pragmáticas e tecnicistas da educação brasileira fazem parte de uma série de "modismos" com os quais procurou-se, ao longo da República, tratar os problemas e traçar o planejamento educacional do país. O educador Demerval Saviani fez uma análise, ao nível da Filosofia da Educação, sobre as tendências e correntes da educação brasileira. Essa análise será útil para contextualizar a afirmação de que o ensino do Turismo iniciou-se sob a égide do "tecnicismo". Para Saviani, o termo "tendências" significa determinações gerais nas quais se desenvolvem orientações específicas, subdivididas pelo termo "correntes". Com um referencial teórico orientador das investigações a serem efetuadas, Saviani esboçou um quadro das diferentes correntes em quatro concepções fundamentais da Filosofia da Educação, ao nível internacional, na pedagogia ocidental:

- | | |
|------------------------------------|-------------|
| a) Concepção humanista tradicional | - até 1930 |
| b) Concepção humanista moderna | - 1930/1960 |
| c) Concepção analítica | - 1960/1969 |
| d) Concepção dialética | - 1970/... |

Há inúmeras concepções diferentes da Filosofia da Educação, quase tanto quanto o número de filósofos e pedagogos que trabalharam nesse campo. Saviani cita as divisões feitas por Brubacher, Cunningham, Kneller e Ozmon, mas prefere construir ele próprio o quadro sistemático mostrado acima. Cada uma dessas concepções fundamentais da Filosofia da Educação tem suas características peculiares:

a) Concepção humanista - Seja na concepção tradicional ou moderna, ela engloba um grande número de correntes com uma mesma visão do homem. A tradicional é marcada por uma visão essencialista do homem, ou seja, a essência procedendo a existência. Há duas vertentes nesta concepção tradicional; a vertente religiosa que deita raízes na Idade Média e se expressa no tomismo e no neo-tomismo e a vertente leiga, centrada na idéia de natureza humana e elaborada por pensadores modernos.

b) Concepção analítica - Pretende que a Filosofia da Educação efetue a análise lógica da linguagem educacional, trabalha no contexto linguístico, podendo ser vinculada ao neo-positivismo.

c) Concepção dialética - Também não parte de uma concepção determinada da visão do ser humano. Ela se interessa pelo ser humano concreto, uma "síntese de múltiplas determinações", ou seja, o ser humano como conjunto das diversas relações sociais.

d) Crítico-reprodutivista - A Filosofia da Educação tem por tarefa explicitar os problemas educacionais dentro do contexto histórico no qual estão inseridos. Nesta ótica, Saviani se propõe a analisar a realidade brasileira para observar como esses conceitos gerais se realizaram no país, dentro dos sistemas educacionais que aqui foram constituídos.

Inserida no liberalismo, a escola surge, em meados do século XIX, como grande instrumento da realização das idéias liberais. É a proposta da escola como "redentora da humanidade". Diante de suas limitações e alguns fracassos, toma o nome de "Escola Nova", em um grande movimento que começa a perder a força a partir da II Guerra Mundial, menos no Brasil onde ainda encontra um vasto campo de atuação.

O educador Paulo Freire trabalha diretamente com os conceitos de explorador/explorado, dominador/dominado, em seu processo de educação integral e consciente, opondo-se à educação "bancária" e alienante das classes burguesas.

Começa-se, então, a exigir das escolas tarefas superiores às suas possibilidades reais. Fala-se em Educação Permanente ou se valoriza a educação informal, para-escolar ou até mesmo não escolar, atingindo-se, enfim, o conceito da destruição da escola.

Entre os exemplos de críticas feitas à escola no século XX podem ser citados vários autores e tendências. A Escola de Frankfurt reuniu autores que analisaram a problemática escolar sob uma ótica marxista, relacionada com a emergência dos meios de comunicação de massa. Althusser, por exemplo, coloca a escola, juntamente com a família, a religião e os meios de

comunicação de massa, como reprodutora das relações de produção, como parte do aparelho ideológico do Estado. Neste mesmo enfoque, Maria de Lourdes Chagas Deiró Nosella em, "As Belas Mentiras", analisa a ideologia subjacente aos textos didáticos de 1º grau no Brasil.

Saviani deixa claro que a "concepção dialética", que em 1979 ele denomina de "pedagogia histórico-crítica", não é exatamente posterior às outras. A divisão em períodos cronológicos e tendências educacionais é acadêmica e didática. Na realidade existe superposição de conceitos que estão expressos em diversas práticas pedagógicas das escolas brasileiras. Não existe um marxismo ou um existencialismo "puros", nem um liberalismo ortodoxo na maior parte das instituições educacionais.

O que é evidente é o caráter hegemônico do discurso burguês e liberal no processo educacional. Nas sociedades pós-industriais, a informatização e a disseminação da alta tecnologia em geral afetaram a produção e transmissão do saber. Em uma "nova ordem internacional", com a crise e o colapso do socialismo real existente, baseado no autoritarismo estalinista da ex-União Soviética e do Leste Europeu, ressurge o discurso liberal (ou neo-liberal). As críticas aos meta-sistemas filosóficos não pouparam nenhum sistema pretensamente globalizante, inclusive o liberalismo e o marxismo. Jean-François Lyotard explicita que:

"Sob a forma de mercadoria informacional indispensável ao poderio produtivo, o saber já é e será um desafio maior, talvez o mais importante, na competição mundial do poder. Do mesmo modo que os Estados-Nações se bateram para dominar territórios, e com isto dominar o acesso e a exploração das matérias-primas e da mão-de-obra barata, é concebível que eles se batam no futuro para dominar as informações." (Lyotard, 1986, p. 5)

Neste cenário mutável da contemporaneidade se insere inúmeros novos cursos destinados a formar profissionais no setor terciário, ou de prestação de serviços. Um desses cursos é Turismo, caracterizado por ter que elaborar propostas de formação profissional em um novo contexto dessas sociedades pós-industriais.

Saviani sistematizou, para o Brasil, um quadro mais específico dessas concepções ou tendências filosóficas ocidentais, no campo educacional. É importante delimitar esse quadro para que se possa inserir a proposta do curso de Turismo na década de 1990, em um momento preparatório para a próxima década e século, a despeito das dificuldades de se fazer previsões das tendências nacionais e internacionais mesmo a curto prazo:

- a) predomínio da tendência "humanista" tradicional - até 1930;
- b) equilíbrio entre tendências "humanista" tradicional e "humanista" moderna;

- c) predomínio da tendência "humanista" moderna - 1945 a 1960;
- d) crise da tendência "humanista" moderna e articulação da tendência tecnicista;
- e) predomínio da tendência tecnicista e críticas à pedagogia oficial e à política educacional para implantá-la - a partir de 1968.
- f) a redemocratização do país e a nova ordem internacional - a partir de 1985 (esta tendência não foi apontada por Saviani em seu estudo, sendo apontada por outros autores como Jean-François Lyotard, Alvin Toffler, Peter Drucker, John Naisbitt, Paul Kennedy, etc.

Em 1924 foi criada a Associação Brasileira de Educação (ABE) com tendências marcadamente humanistas. Havia uma delimitação de campos de ação entre as escolas públicas e privadas, estas representadas em sua maioria pelas escolas confessionais católicas. O positivismo e o ecletismo dominaram o quadro cultural brasileiro até por volta da década de 1930, com tentativas de se importar o que de "melhor" havia no pensamento internacional, inclusive no campo da educação.

No final da década de 1950 podia-se distinguir três tendências predominantes: o liberal-pragmatismo, constituído por educadores influentes da ABE; o liberal-idealismo, representado por professores de Geografia e História da Universidade de São Paulo; e o grupo de sociólogos liderados por Florestan Fernandes, com conotações do socialismo científico.

Também na década de 1950 as escolas católicas voltam-se para o método Montessori-Lubienska (Escola Nova) que comportava a visão cristã de educação. Poucos anos mais tarde, várias escolas católicas apoiariam o método Paulo Freire, com forte influência da Teologia da Libertação, desenvolvida por teólogos latino-americanos e estruturada na reunião do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) em Medellín, Colômbia, em 1968. Durante a década de 1980 e 1990 o Vaticano, orientado pelo Papa João Paulo II e vários cardeais, deixou claro que as doutrinas cristãs híbridas (como a Teologia da Libertação, mesclando doutrinas cristãs com teorias marxistas) não seriam aceitas enquanto proposta eclesial para a pastoral católica, incluindo-se aí a educação.

O golpe militar de 1964 valeu-se da repressão para impor uma reforma do ensino superior (lei 5540/68) e do ensino de 1º e 2º graus (lei 5692/71). Neste momento começa a se formar a tendência tecnicista do ensino brasileiro. Surgiram novidades tecnológicas como o tele-ensino, a educação programada, módulos de ensino e educação via satélite. Luiz Antônio Cunha identificou, a partir de 1968, teses sobre educação com enfoques norte-americanizados centrados no economicismo, computacionismo, tecnicismo e sistemismo. Todos estes "ismos" se propunham a descobrir fórmulas definitivas e fáceis para o problema educacional do país. O entusiasmo com as novas tecnologias e com o "milagre econômico" temporário brasileiro (1969-1973), levantaram uma onda de

ufanismo, quando acreditava-se que o Brasil estava entrando rapidamente no primeiro mundo e na tão esperada modernidade. Guardadas as devidas proporções, a ano de 1995 apresenta um certo otimismo que vai favorecer alguns setores de serviços, entre eles o lazer e o turismo. Mas as primeiras semelhanças diluem-se ao se constatar que agora o Brasil não mais vive em um regime autoritário e que o presidente foi eleito no primeiro turno com voto popular e sob a sedução das tendências de globalização econômica, mercados econômicos globais abertos e as novas tecnologias de acesso mundial.

5. O surgimento dos cursos de Turismo

A Habilitação Única em Turismo é relativamente recente no Brasil, assim como outros cursos superiores como, por exemplo, da área de comunicações e informática. O curso superior de Turismo começou a existir na burocracia governamental através do parecer nº 35/71 do Ministério de Educação, feito pelo relator Cons. Roberto Siqueira Santos e aprovado em 28/01/1971. Esse parecer deu base à Resolução s/nº de 28/01/1971, do Conselho Federal de Educação, que fixou o conteúdo mínimo e a duração do curso superior de Turismo.

O primeiro currículo foi elaborado pelo Prof. Domingo Hernandez Peña, após um levantamento nas escolas européias, e adaptado à realidade brasileira. Os primeiros cursos de Turismo foram sendo implementados em unidades universitárias autônomas ou ligados aos igualmente novos cursos de Artes e Comunicações.

Chegou-se a discutir a possibilidade de inserir os cursos de Turismo nas faculdade de Administração de Empresas ou de Educação Física mas, em vista da realidade do turismo no Brasil, esse projeto foi abandonado. Prevaleceu a tendência de manter o curso em unidades independentes ou ligado à área de Comunicações.

O primeiro curso de Turismo no Brasil foi criado em 1971 (a atual Faculdade Anhembí-Morumbi), em pleno regime militar. Segundo Berger, o golpe de 1964 transformou o sistema educacional - além da política e das Forças Armadas - em instrumentos para o controle do processo de desenvolvimento da sociedade. Esse desenvolvimento era eminentemente tecnicista, menosprezando os aspectos sócio-políticos e culturais da superestrutura social.

A legislação e o planejamento do período militar utilizavam terminologia economicista que tentava expressar a realidade sob o enfoque primordialmente tecnológico. Procurava-se adaptar meios escassos, de forma considerada a mais adequada possível, com um máximo de eficácia e um mínimo de desperdício nos três graus do sistema educacional. Esperava-se dos cursos

superiores um certo pragmatismo, aumento do número de vagas e formação sistemática de profissionais de alto nível para o mercado de trabalho.

Escolas superiores de Turismo (lista incompleta)

Apenas em 1971 é que surgem as primeiras preocupações com a formação profissional e a mão-de-obra especializada em turismo, com a criação da Faculdade de Turismo do Morumbi em São Paulo que, conforme foi analisado anteriormente, surge em pleno "milagre" brasileiro. Em meio à euforia de modernização, os cursos de Turismo despontam como mais uma opção de elevação econômica e social para uma classe média disposta a se especializar em setores da economia caracterizados pelo dinamismo e "modernidade".

Indiscutivelmente fazia-se necessária a organização de escolas de Turismo no Brasil. Na Europa e na América do Norte essas escolas, em nível técnico e superior, já estavam implantadas há vários anos, formando pessoas para planejar e operacionalizar viagens e turismo.

Cronologia da abertura de alguns dos cursos de Turismo no Brasil:

- 1971 - Faculdade de Turismo do Morumbi, São Paulo, atualmente Faculdade Anhembimorumbi
- 1973 - Faculdade de Turismo da Guanabara, Rio de Janeiro; Faculdade Ibero-Americana, São Paulo; Faculdade de Ciências Exatas, Administrativas e Sociais - União Pioneira de Integração Social, Brasília; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- 1974 - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- 1975 - Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- 1976 - Faculdade Associação Educacional do Litoral Santista, Santos; Faculdade Capital de Administração e Estatística, São Paulo.
- 1977 - Reconhecido o curso de Turismo da Faculdade Hélio Alonso, Rio de Janeiro.
- 1978 - Criado o Centro de Estudos de Administração Hoteleira e Turismo (CEATEL, ligado ao SENAC, São Paulo.
- 1979 - Curso de Hotelaria da Faculdade de Administração Hoteleira, Caxias do Sul (RS).
- 1980 - Associação Educacional Veiga de Almeida - Faculdade de Turismo Embaixador Paschoal Carlos Magno, Rio de Janeiro. Reconhecido o curso de Turismo da PUCCAMP pela Portaria Ministerial (MEC) nº 335.
- 1981 - Instituto Cultural Newton Paiva Ferreira, Belo Horizonte.
- 1984 - Faculdade de Turismo da Bahia, Salvador; curso de Hotelaria da Faculdade

Hebraico-Renascença, São Paulo

1985 - Faculdade de Ciências de Foz do Iguaçu, PR; Universidade de Fortaleza, CE.

1989 - O SENAC/CEATEL cria o curso Técnico de Turismo (nível secundário) com um ano de duração. Neste mesmo ano instalou seu primeiro curso superior regular, o de Tecnologia em Hotelaria.

O SENAC já havia feito experiências com o curso técnico em Turismo no início da década de 1970 em São Paulo. O curso existiu em Campinas, de 1972 a 1977, em regime de intercomplementaridade, unindo o SENAC local e a EEPSP Culto à Ciência formando três turmas de técnicos. Atualmente, na rede pública do estado de São Paulo só existe o curso técnico de Turismo da EEPSP Tomás Alves no distrito de Souzas, em Campinas.

Nos primeiros cinco anos de funcionamento do curso superior de Turismo, a procura foi muito grande, especialmente em São Paulo, o que estimulou o interesse dos novos empresários da educação para a abertura de outros cursos. A partir de 1976, houve um decréscimo no número de ingressantes, devido a vários fatores. A conjuntura nacional produzia mais uma de suas crises cíclicas provocando desemprego, queda do poder aquisitivo das classes médias e baixas e aumento das mensalidades escolares. A crise econômica afetou diretamente o turismo, especialmente com as medidas restritivas tomadas pelos tecnoburocratas estatais. Uma das medidas foi o comunicado GECAM nº 313 de 10/10/1976 do Banco Central do Brasil, suspendendo autorização para remessas de dólar ao exterior destinadas ao pagamento de serviços turísticos terrestres como hotéis, traslados e passeios. Outra medida restritiva foi o Decreto nº 1470 de 1976 que estipulou que todos os viajantes para o exterior (com exceção dos turistas que se destinavam ao Chile, Paraguai, Uruguai e Argentina, além de funcionários do governo e estudantes para qualquer destino) fizessem um depósito compulsório de doze mil cruzeiros na época. Esse depósito seria devolvido após um ano sem juros ou correção monetária. Isto significava, em um país com inflação de 46,3% ao ano, a perda de quase metade do dinheiro.

Essa foi mais uma medida autoritária do regime militar, tomada com o intuito de reduzir o déficit da balança comercial mas que muito prejudicou o "trade" turístico aumentando o desemprego e a recessão no setor. O turismo só se reaqueceu a partir do final da década de 1970, para vir a sofrer outras crises após 1987.

Em São Paulo, excetuando-se o curso de Turismo da Escola de Comunicações e Artes da USP, todos os outros pertencem à rede privada. Isto foi reflexo direto da legislação de ensino da Constituição de 1967 que fez com que o empresariado se voltasse a investimentos em áreas antes inexistentes. Surgiram desde os cursinhos pré-vestibulares até os novos cursos superiores.

Em 1968, houve a "Reforma Universitária" que originou contradições como uma pretensa pseudo-democratização do ensino superior. Essas contradições se deram na medida em que o ano de 1968 foi marcado por revoltas estudantis no Brasil e em vários países do mundo, especialmente França, Estados Unidos, ex-Tchecoslováquia e vários outros países capitalistas e socialistas.

IV - O CURSO DE TURISMO DA PUCCAMP

Descrição e identidade

O curso de Turismo da PUCCAMP é bastante similar a vários cursos de Turismo no Brasil. Várias constatações iniciais podem ser feitas sobre sua estrutura e problemática. É oferecido somente no período noturno, com quatro anos de duração e 90 vagas disponíveis para o 1º ano.

Sendo um curso interdisciplinar, apenas seis professores são do Departamento de Turismo. Todos os outros vêm de outras unidades da Universidade para ministrar aulas nas diversas disciplinas. Nenhum professor do Departamento de Turismo está na Carreira Docente da Universidade, em regime de horas-dedicação.

Histórico

O curso de Turismo da PUCCAMP surgiu primeiramente como habilitação do curso de Comunicação Social, funcionando no período matutino, com duração de quatro anos.

Em 1979, sofreu sua **primeira alteração curricular** com a inclusão das disciplinas de Espanhol, Estatística e Marketing Turístico. Também em 1979, foi criado o Centro de Pesquisas e Informações Turísticas (CEPITUR) desativado no início de 1983 e reativado em março de 1993.

A partir de 1981, com a criação da departamentalização e a aprovação da reformulação curricular concluída em 1984, o curso de Turismo desmembrou-se do curso de Comunicação Social e passou a funcionar somente no período noturno, com a carga total de 2.460 horas, mantendo as turmas anteriores no período matutino até o 4º ano, ou seja, a conclusão do curso.

Em 1985, houve outras alterações curriculares:

- inclusão da disciplina de Cartografia;
- extinção da disciplina Inglês III;
- remanejamento das disciplinas nas séries, não alterando a carga horária total do curso.

Em 1994 foi discutido o presente Projeto Pedagógico e uma nova grade curricular ara ser aplicada a partir de 1995. Essa nova grade foi submetida à apreciação da Vice-Reitoria Acadêmica, aprovada nas instâncias da Universidade e aplicada a partir de 1995, devendo ser gradualmente inserida nos quatro anos do curso, ano após ano, até 1998.

Problemas dos cursos de Turismo em geral

Graças à conjuntura apresentada nos seus anos iniciais, conforme demonstrado na análise histórica da formação dos cursos de Turismo, houve um grande crescimento nesses cursos, chegando a ser um dos cursos superiores que geravam "status" aos seus estudantes, apesar de ser desconhecido em várias áreas do país. Após a fase de euforia, surgiram as primeiras dificuldades em meados da década de 1970, constatando-se algumas deficiências:

a) dificuldade para seleção do corpo docente, pois não havia professores especializados no Brasil;

b) falta de conscientização dos próprios alunos quanto à abrangência e real importância do curso;

c) inexistência de bibliografia nacional específica ou de traduções, além da dificuldade de importação de livros e periódicos do exterior;

d) conteúdo programático não padronizado entre as universidades e nem sempre compatível com a realidade brasileira. A falta de integração entre as universidades tornou-se outro problema na medida em que as diferenças regionais provocavam, necessariamente, currículos com certas particularidades.

A grande extensão territorial e a diversificação cultural do Brasil, faz com que exista a necessidade de se organizar bem as disciplinas comuns à todo o país e as disciplinas que atenderão melhor as particularidades de cada região.

Ao nível da conjuntura nacional, evidenciou-se que os órgãos oficiais de turismo, desde a EMBRATUR até os órgãos estaduais e municipais, em geral não se preocupavam em contratar profissionais especializados na área. Valiam os critérios sub-desenvolvidos de nepotismo, troca de favores políticos e clientelismo para preencher os cargos disponíveis. Na iniciativa privada, o desconhecimento dos cursos de turismo e o receio do mercado ser tomado por pessoas que defendiam abertamente a regulamentação da profissão, faziam com que os estudantes recém-saídos das universidades nem sempre encontrassem um campo favorável à sua absorção no mercado de trabalho.

Por outro lado houve, no passado, alguns casos de recém-formados em Turismo que exigiam posição privilegiada em seus novos empregos, alta remuneração e prestígio, esquecendo-se das regras do mercado onde a

experiência profissional das pessoas não pode ser desprezada, assim como a sociedade não pode desprezar a experiência adquirida no ambiente acadêmico. Acabou havendo uma certa rivalidade entre empresários e profissionais de Turismo não diplomados, e os egressos das universidades, ansiosos por iniciar seu trabalho e orgulhosos por possuírem um diploma de nível superior.

Essas rivalidades foram sendo administradas, na medida em que ambos os lados compreendiam que teoria e prática não podem ser excludentes e que ambas se complementam. Atualmente inúmeros bacharéis em Turismo atuam na área, chegando a ocupar postos executivos em primeiro escalão, seja nos órgãos oficiais como na iniciativa privada e nas universidades. Começa também a aumentar o número de mestres e doutores com teses defendidas em áreas relacionadas, direta ou indiretamente, com o turismo.

Objetivos

O projeto pedagógico do curso de Turismo nasceu no contexto do Projeto Institucional da PUCAMP, um universo maior, dentro do qual os 39 cursos de graduação e os cursos de pós-graduação da Universidade procuram se inserir.

Portanto, os objetivos do curso de turismo, se pautam pelo projeto institucional da Universidade:

"A Universidade, buscando ser fiel ao compromisso social e ao projeto de qualidade que defende, comprometida com princípios humanistas e cristãos característicos de sua identidade católica, vem, há mais de uma década, desenvolvendo seu projeto institucional na perspectiva de promover a formação integral de seus alunos, buscando responder às inquietações e necessidades do homem e da sociedade contemporânea, através da realização de atividades de ensino, pesquisa e extensão que privilegiem o pluralismo e a interdisciplinaridade.

O espaço acadêmico da Universidade por sua natureza, comporta uma multiplicidade de domínios que não podem ser considerados de modo estanque. Os domínios do ensino, da pesquisa e da extensão devem estar integrados na vida universitária e nesse sentido a questão acadêmico-administrativa deve ser concebida e necessariamente relacionada ao pedagógico, para que tenha efetiva possibilidade de promover a melhoria do sistema de gestão e desenvolvimento do ensino de graduação e de pós-graduação." (Catálogo dos Cursos de Graduação da PUCAMP 1992, pág. 5).

A PUCAMP, neste projeto institucional político-pedagógico, se preocupa com uma

"relação comprometida com a libertação do homem, no resgate de seu papel de sujeito da história". Os pressupostos básicos desse projeto "evidenciam o compromisso com a reconstrução da sociedade, visando a corrigir as distorções a favor da imensa maioria da população brasileira, desprovida do acesso igualitário às necessidades básicas." (A PUCAMP e a construção de seu projeto institucional de avaliação, pág. 4).

Sem querer substituir a tarefa do Estado nas questões sociais a Universidade se co-responsabiliza por essa problemática nacional, tão grave no início da década de 1990, mas sem esquecer seus deveres para com a formação profissional e com os desafios contemporâneos, conforme ficou evidenciado na parte 1 (Situação atual do curso).

Se as novas realidades nacionais e internacionais apresentam dúvidas e crises sucessivas, a realidade específica do turismo sofre essas influências e obriga seus planejadores a tentar projetar o futuro em um cenário mutável, dinâmico e repleto de incertezas e necessidades profissionais prementes.

Os cursos de Turismo apresentam-se com vários objetivos possíveis. Em algumas universidades pode estar mais ligados à pesquisa ou ao ensino, ao planejamento, às atividades empresariais, à hotelaria (apesar de haver cursos específicos nesta área), a aspectos técnicos ou ainda ao lazer e à recreação (apesar de recreação estar no currículo de alguns cursos de Educação Física).

O curso de Turismo da PUCCAMP, está procurando definir uma "personalidade" própria. O curso não tem optado por uma linha pedagógica definida e exclusiva, mas tem se preocupado com o atendimento à um público formado por estudantes que desejam conhecer o mercado onde vão atuar e querem adquirir uma cultura mais geral na Universidade. Além de preparar futuros profissionais para o mercado de trabalho, o curso de Turismo também procura garantir suporte teórico àqueles que querem pesquisar e participar mais diretamente da vida acadêmica.

O curso de Turismo da Universidade de São Paulo, por exemplo, tem um perfil claramente direcionado à pesquisa. Os cursos da Faculdade Anhembi-Morumbi e da Faculdade Ibero-Americana, têm características mais técnicas, procurando formar profissionais para atuação no mercado de trabalho, porém sem descuidar de aspectos teóricos e conceituais. Outros cursos, como o SENAC-CEATEL, se preocupam mais com a parte técnica pois são quase que exclusivamente formadores profissionais.

O curso de Turismo da PUCCAMP visa tanto a formação profissional como o preparo teórico. Suas principais características são:

a) Planificação do Turismo - Tem a finalidade de possibilitar ao aluno o conhecimento básico das atividades gerais do setor, entendendo-o como um *sistema articulado e inter-relacionado*. Esse conhecimento é adquirido ao longo de quatro anos, seja através de disciplinas que contextualizam a problemática do turismo na sociedade contemporânea (história, geografia, antropologia, filosofia, artes, estatística), seja através das disciplinas técnicas que englobam aspectos de transportes, hospedagem, agências de viagens, operadoras, representações turísticas, órgãos oficiais, eventos, recreação e lazer.

b) Administração de Empresas de Turismo - A capacidade de administrar empresas de turismo, públicas ou privadas, depende do conhecimento que o aluno deverá ter das atividades turísticas organizadas em torno de projetos e tarefas específicas. Toda empresa tem seus objetivos particulares e depende de uma conjuntura (local, regional ou internacional) na qual os profissionais precisam se inserir, adquirir senso crítico e analítico e compreender sua complexidade.

Para que esses objetivos principais sejam alcançados os alunos têm que acessar conhecimentos gerais e específicos na área de lazer e turismo de maneira planejada, sistemática, detalhada e articulada com outros "corpus" do conhecimento, daí a necessidade interdisciplinar. Conceitualmente, o turismo faz parte de um conjunto maior de atividades que é o lazer.

O lazer e o turismo fazem parte do setor econômico terciário, ou de prestação de serviços, onde dependem de estabilidade econômica, política e social para que possam se desenvolver plenamente e se beneficiar das novas tecnologias. O turismo é responsável, juntamente com a "indústria cultural", por profundas reformulações culturais nas sociedades contemporâneas. Esses fatos não podem ser ignorados ao se pensar nos objetivos de um curso de Turismo. Corre-se o perigo de, ao desconhecer esses objetivos, ignorar uma visão cultural mais abrangente, bitolando-se nos estreitos caminhos do tecnicismo que caracterizou o ambiente acadêmico nacional do início da década de 1970, na época do surgimento dos cursos de turismo.

Como consequência desses pressupostos, o curso pretende valorizar o fenômeno turístico, como objeto privilegiado de estudo da realidade internacional e nacional. Pretende ser cada vez mais uma graduação competitiva, com oferecimento de disciplinas, inclusive optativas, de acordo com as necessidades e interesses dos alunos. Sendo a realidade onde o turismo se situa e interage bastante dinâmica e mutável, os conteúdos programáticos, e até mesmo algumas disciplinas da grade curricular, não podem ser imutáveis. Se o mercado, as pesquisas e os fluxos turísticos são cada vez mais dinâmicos, os cursos superiores precisam se atualizar e promover pesquisas que permitam anteciper as futuras tendências do turismo.

Essa problemática ficou descrita em um artigo analisando o aprendizado acadêmico do turismo:

"O turismo muda radicalmente após certos períodos de tempo, que cada vez vão ficando mais curtos. Só esse fato já justifica a necessidade de se analisar cuidadosamente o curso de vez em quando. Uma aluna do primeiro ano escreveu em um trabalho, uma crítica ao curso no sentido de que nós poderíamos imaginar com segurança e certeza como ele (o curso) seria daqui a quatro ou cinco anos. Mas não poderíamos imaginar como estará o turismo, a cultura e as comunicações, com precisão, sequer daqui a dois anos. Grande verdade, mas a Universidade

pode - deve - assegurar-se de que não ficará defasada em relação às empresas nacionais e internacionais." (Trigo, Comunicarte 11/12 p. 71, 1988).

Além do **dinamismo**, outro fator é o **conhecimento**. Os alunos precisam ter uma sólida formação humanística em geografia, história, português, antropologia, política, economia e sociologia, ao lado dos conhecimentos técnicos específicos da área.

"A Universidade é construída sobre estes dois componentes: uma parte humanística geral, que oferece possibilidades aos estudantes de aprofundar suas questões discutidas sem muita profundidade no segundo grau; e uma parte de formação técnica já ligada ao seu campo particular de escolha profissional. Até mesmo a grade curricular se estrutura dessa maneira, tentando fazer com que os diferentes institutos garantam uma formação integral e profunda em todos os níveis." (Trigo, Comunicarte 11/12. p. 73, 1988).

O Projeto Pedagógico do curso de Turismo da PUCAMP é bastante claro quanto à proposta geral do curso:

"A formação universitária deve ser aberta, pluralista, não dogmática e crítica. Deve também possibilitar a percepção e consciência da realidade social e econômica na qual os estudantes e seu mercado de trabalho se inserem. Um curso de turismo, ou qualquer outro curso humanista, não pode oferecer "pacotes" ideológicos fechados aos seus alunos. É impensável, na década de 1990, promover a intolerância ou o dogmatismo, o preconceito epistemológico ou cultural na sala de aula ou no direcionamento das pesquisas e trabalhos." (Projeto Pedagógico PUCAMP, pág. 36)

Sendo o turismo um fenômeno multinacional, a xenofobia e o etnocentrismo são incompatíveis com as propostas do curso. O pluralismo cultural e a troca de informações com outras culturas e etnias é fundamental para a compreensão e desenvolvimento do turismo. A valorização da identidade nacional não são incompatíveis com as trocas culturais e com os contatos com outras etnias. O nacionalismo exacerbado bem mostrou do que é capaz na Europa Ocidental das décadas de 1930 e 1940 e nos atuais acontecimentos envolvendo o racismo e o separatismo político em algumas regiões européias.

Como função social, o turismo insere-se no campo do lazer, e este deve ser encarado como um direito humano básico. O lazer e o tempo livre, recentemente começaram a ser encarados como direitos tão fundamentais quanto o trabalho, moradia, transporte, segurança, saúde e educação. Resta, no Brasil e na maioria dos países em desenvolvimento, a tarefa de fazer as pessoas entenderem que o lazer e o turismo não são privilégios das classes dominantes ou de alguns segmentos sociais exclusivos. Os trabalhadores em geral, os idosos, os deficientes físicos, as crianças e os jovens, as minorias étnicas e comportamentais, todos os segmentos sociais têm direito de viajar e se divertir. A valorização do prazer, enquanto espaço legítimo e necessário da vida humana, encontra no turismo um campo rico em motivações. Viajar é bom para o mercado, para o desenvolvimento econômico e para a balança comercial

dos países. Viajar é bom, antes de tudo, para o indivíduo ter prazer, se divertir, acessar informações e se relacionar com outras pessoas no seu país e no mundo.

Em resumo, o curso de Turismo da PUCAMP tem como principais objetivos:

- Valorizar o turismo como objeto de estudo.
- Ser um curso competitivo com oferecimento de disciplinas optativas, de acordo com as necessidades e interesses dos alunos, em consonância com as mudanças e necessidades do mercado de trabalho.
- Conscientizar o formando de que Turismo é prestação de serviços, portanto um setor que depende de uma formação profissional sólida, de uma cultura geral e de qualidade e eficiência para garantir a satisfação dos clientes.
- O mercado é fundamental, mas não se pode ignorar a importância de valores éticos e sociais como os ligados à preservação do meio-ambiente e dos recursos naturais, do patrimônio histórico e artístico e das sociedades envolvidas no processo turístico.
- Os futuros profissionais precisam ter uma clara percepção da realidade social, econômica e política na qual estão inseridos. O curso deve proporcionar aos alunos a informação e a crítica das várias propostas de interpretação e estudo da realidade. A pesquisa científica, as ações técnicas e políticas decorrentes da atuação profissional, e a responsabilidade social não podem ficar alijadas dos objetivos do curso, sob perigo de se mergulhar em uma proposta tecnicista e alienada.
- A formação técnico-científica, ao lado da conscientização da responsabilidade social e política e das exigências e problemas do mercado, são importantes para a formação dos futuros profissionais de Turismo.

Currículo mínimo atual (1996)

Currículo mínimo segundo exigência do MEC, válido para todos os cursos de Turismo do Brasil:

Segundo a Resolução S/N, de 28 de janeiro de 1971 que fixa os mínimos de conteúdo e duração do curso de turismo:

"O Presidente do Conselho Federal de Educação, na forma do que dispõe o artigo 26 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, e tendo em vista as conclusões do Parecer nº 35/71, que a esta se incorpora, homologado pelo Exmo. Sr. Ministro de Estado da Educação e Cultura,

RESOLVE:

Art. 1º - A formação em nível superior de profissionais para o planejamento e a organização do turismo será feita em curso de graduação em Turismo.

Art. 2º - O currículo do curso compreenderá, no mínimo, as seguintes matérias e atividades:

a) Matérias

- 1. Sociologia*
- 2. História do Brasil*
- 3. Geografia do Brasil*
- 4. História da Cultura*
- 5. Estudos Brasileiros*
- 6. Introdução à Administração*
- 7. Noções de Direito*
- 8. Técnica Publicitária*
- 9. Planejamento e Organização do Turismo*

b) Estágio em entidades oficiais e privadas de turismo e hotelaria.

Art. 3º - No ensino da matéria Geografia terá ênfase a Cartografia.

Art. 4º - No estudo da matéria História da Cultura terá ênfase a Cultura Brasileira, com especial referência às Artes.

Art. 5º - A matéria Noções de Direito incluirá o Direito Constitucional, Direito Fiscal Alfandegário, da Legislação Trabalhista, Estatuto Jurídico do Estrangeiro e da Legislação Específica do Turismo.

Art. 6º - A duração mínima do curso será de 1.600 horas, as quais serão integralizadas no mínimo em dois e no máximo em quatro anos.

Parágrafo único - O estágio a que se refere o item b do artigo 2º desta Resolução terá a duração mínima de quatro meses, podendo realizar-se mediante convênios entre a instituição responsável pelo curso e entidades especializadas.

Art. 7º - Ao organizar o currículo pleno, a instituição responsável poderá desdobrar as matérias do currículo mínimo e acrescentar disciplinas complementares."

Currículo do curso de turismo da PUCAMP (1995), por séries:

Disciplina	c/h	Créd.
1º série		
Antropologia Teológica A	030	02
Transportes aéreos e de superfície	060	04
Geografia Geral	060 04	
História da Cultura	030	02
Introdução à Administração B	060	04
Psicologia Social aplicada ao Turismo	060	04
Cartografia A	060	04
Metodologia Pesq. Científica A	030	02
Inglês Instrumental para Turismo	060	04
Teoria e Técnica de Turismo I	120	08
Educação Física	060	
2º série		
Antropologia Teológica B	030	02
Sociologia Geral C	030	02
Sociologia do lazer	030	02
Administração de empresas turísticas	060	04
História do Brasil	060	04
Est. Rec. Tur. Naturais e Cult. no Brasil	060	04
Geografia do Brasil I	060	04
Inglês Instrumental para Turismo II	060	04
Agências de Viagens I	060	04
Meios de Hospedagem e Alimentação I	060	04
Teoria Técnica de Turismo II	120	08
Educação Física II	060	
3º série		
Antropologia Teológica C	030	02
Estatística aplicada à pesquisa turística	030	02
Tec. Animação Cultural e Turística	030	02
Língua Portuguesa em Turismo	060	04
Planejamento Organização do Turismo I	060	04
Planejamento e Organização do Turismo II	060	04
História geral da Arte	060	04
Geografia do Brasil II	060	04
Economia Geral	060 04	
Marketing Aplicado ao Turismo	060	04
Agências de Viagens II	060	04
Meios de Hospedagem e Alimentação II	060	04

4º série

Elab. Análise Proj. Turísticos	120	08
Estágio Supervisionado em Hotelaria e Turismo	260	
Estágio Supervisionado no CEPITUR	060	
Ética e Legislação em Turismo	030	02
Princípios de Direito	030	02
Meios de Hospedagem e Alimentação III	060	04
Espanhol Instrumental para Turismo	060	04
Análise Econômica do Turismo	060	04
Técnica Publicitária	060	04
Total	2.580	154

Relação dos professores do Departamento de Turismo:

Luiz Gonzaga Godoi Trigo	(Quadro reg./ Classe II C)
Maria Ângela Marques Ambrizzi Bissoli	(Quadro reg./Classe II C)
Luiz Alberto Timossi	(Quadro esp./Assistente)
Caetano Haberli Junior	(Quadro reg./Classe I C)
Cecília Helena Marques Ambrizzi Piovesan	(Quadro esp./Assistente)
Laura Umbelina Santi	(Quadro reg./Classe I C)

CEPITUR

No dia 30 de março de 1993 foi reativado o Centro de Pesquisas e Informações Turísticas (CEPITUR), permanentemente aberto em horário comercial e contando com o trabalho de três monitores selecionados. O CEPITUR existiu de 1979 a 1983, quando foi desativado. Segundo folheto próprio "o Centro oferecerá informações sobre os serviços turísticos para o público da PUCCAMP (professores, alunos e funcionários), e interessados em geral. Essas informações são voltadas para orientação sobre viagens e recursos turísticos em nível nacional e internacional. Não haverá comercialização de serviços turísticos, apenas assessoria e informações para facilitar a aquisição dos mesmos no mercado". As metas do CEPITUR são:

- Contribuir para a formação de profissionais.
- Dar orientações gerais sobre viagens, congressos e eventos para a comunidade universitária.
- Ser receptivo a visitantes de outras universidades.
- Incentivar o lazer.

- Auxiliar aulas técnicas.
- Manter um banco de dados atualizado sobre destinos e projetos turísticos no Brasil e no exterior.
- Organizar viagens de estudos a locais turísticos.
- Coletar e divulgar informações e coordenar pesquisas para auxiliar a formação dos alunos.
- Divulgar os estudos realizados na Universidade nos campos de lazer e turismo, através de publicações acadêmicas e/ou empresariais.
- Manter contato com outros cursos de Turismo no Brasil e no exterior.

Corpo discente e número de matrículas**RELAÇÃO DE ALUNOS FORMADOS NO CURSO DE TURISMO DA PUCCAMP**

Ano	Número de alunos formados	
	Início do curso	
1974	-	
1975	-	
1976	21	(primeira turma)
1977	09	
1978	25	
1979	23	
1980	10	
1981	19	
1982	17	
1983	22	
1984	15	
1985	13	
1986	13	
1987	21	
1988	32	
1989	31	
1990	24	
1991	18	
1992	32	
1993	34	
1994	22	
1995		
Total	401	

ALUNOS MATRICULADOS POR ANO NO CURSO (PUCCAMP)

Ano/série	Alunos matriculados	Ano/série	Alunos matriculados
1987		1993	
1ª série	89	1a série	69
2ª série	49	2a série	42
3ª série	25	3a série	40
4ª série	17	4a série	33
1988		1994	
1ª série	82	1a série	77
2ª série	49	2a série	26
3ª série	40	3a série	27
4ª série	26	4a série	28
1989		1995	
1ª série	77	1a série	115
2ª série	45	2a série	41
3ª série	41	3a série	19
4ª série	43	4a série	34
1990			
1ª série	86		
2ª série	30		
3ª série	30		
4ª série	44		
1991			
1ª série	88		
2ª série	39		
3ª série	23		
4ª série	30		
1992			
1ª série	67		
2ª série	38		
3ª série	35		
4ª série	31		

ANEXO II - PROPOSTA DE TRABALHO PARA A ÁREA DE TURISMO E HOTELARIA - SENAC/CET 1996

CONSIDERAÇÕES GERAIS:

A área de Turismo e Hotelaria do SENAC-SP continua orientada pelo Plano Diretor de Turismo de 1989, que privilegia os programas de terceiro e segundo graus e concentra investimentos na disponibilização de facilidades oferecidas pelo conjunto de Unidades que hoje compõem a especializada da Área.

No aspecto corporativo de ação em rede, a orientação para a Área é a de concentração de esforços nas regiões de vocação turística, aqui entendidas como núcleos de comunidades que desenvolvem atividades turísticas ou tenham potencial para tanto. Para tais regiões, a prioridade é a de oferecer programas de nível técnico e, pontualmente, os de curta duração, conforme as necessidades e demandas locais.

Além dessa chamada "vocação regional", especial atenção é dada aos serviços de assessoria e consultoria e treinamentos internos nas sub-áreas de Restauração de Coletividades e Planejamento Turístico, sendo essa primeira um bom nicho de mercado nas regiões mais industrializadas, onde se oferece alimentação coletiva aos trabalhadores.

Nas demais regionais, onde tais características não forem acentuadas, a proposta de ações pontuais pode direcionar-se para a sub-área denominada Alimentos e Bebidas, que enfoca assuntos diversos dentro do item e é bastante procurada por pessoas fora do mercado profissional que buscam alternativas de aumento de renda.

Como já foi proposto para 1995, buscar-se-á firmar a atuação do SENAC-SP nessa área através da abordagem às comunidades dentro do Programa Nacional de Municipalização do Turismo, estimulado pelo Governo Federal com a parceria de diversas instituições, entre elas o SENAC em nível nacional.

Tal abordagem consiste no estímulo ao desenvolvimento de ações que propiciem a discussão das questões relativas ao desenvolvimento turístico e participação - sem investimentos significativos - nas ações propostas.

Com relação aos programas de nível técnico recomenda-se a atenção para investimentos necessários em três frentes;

- aumento de títulos específicos para os Núcleos de Comunicação e Informação
- instalações adequadas para o laboratório de nutrição e dietética, cuja configuração permite seu multi uso para outras áreas ocupacionais.
- desenvolvimento de fornecedores de serviços para as áreas de turismo e nutrição, que exigem pessoas com formação acadêmica específica e vivência profissional que possibilite passar sua experiência nos programas e/ou consultorias.

Em 96 a rede deverá receber também alguns kits de serviço para o desenvolvimento de cursos para pessoal de base como garçons e camareiros. Tal proposta alinha-se com o Plano Diretor de 1989 que trata da ênfase na formação de multiplicadores, entendidos como os egressos formados em programas de nível técnico ou superior e no preparo de material destinado a instrumentação e formação acelerada da base da pirâmide ocupacional da Área.

NOVAS SUB-ÁREAS

Duas outras sub-áreas do turismo que devem ser implementadas no ano de 1996 em nível de rede são LAZER e o MEIO AMBIENTE.

Ambas as sub-áreas têm programas de nível técnico em desenvolvimento para serem implantados no próximo exercício.

LAZER E RECREAÇÃO é um tema ainda não bem definido do ponto de vista de formação de pessoas que atuam nessa área. As equipes de recreação montadas para esses serviços em hotéis, colônias de férias e navios são formadas a partir de pessoas com formação em educação física, atividades circenses, teatro e turismo, passando - raramente - por pedagogos.

O programa de Qualificação IV em "Técnico em animação Cultural e Recreativa" propõem uma instrumentação adequada para que pessoas de formações diversas possam atuar de forma definida nesse campo refletido sobre o homem, o ócio, o tempo livre e o conceito de lazer ao mesmo tempo em que foi instrumentado para conduzir ações operacionais destinadas ao entretenimento de grupos de diversas faixas etárias.

A preocupação universal desse final de século com o MEIO AMBIENTE dispensa quaisquer tipos de considerações sobre o assunto como forma introdutória.

É interessante lembrar que, desde 1991, o SENAC de São Paulo tem realizado trabalhos nesse campo a partir de um política de coleta seletiva de lixo como campanha educativa para a própria organização, proposta pela então Gerência de Turismo e Hotelaria.

Hoje já temos consolidado um programa de pós-graduação "lato sensu" de Turismo e Meio Ambiente, um prêmio SENAC de Turismo Ambiental, publicação de livro traduzido sobre o assunto e diversas ações pontuais nessa área.

O programa mais forte contudo está em fase final de elaboração de articulações de parceria e deverá acontecer em convênio com uma instituição americana do estado de Ohio, o Hocking College. Tratam-se dos cursos de Qualificação III e IV fundidos num só programa, sendo respectivamente os de GUARDA-PARQUES (QP III) e TÉCNICO DE UNIDADE DE CONSERVAÇÃO (QP IV).

Não se trata definitivamente de um programa para ser disseminado pela rede SENAC-SP. É um programa que exige uma complexa logística e pessoal altamente especializado e deverá ter sua concentração em uma das três unidades da Especializada. Deverá contar com outros recursos como reservas florestais, haras, estandes de tiro, unidades de resgate e serviços paramédicos.

Com relação a rede SENAC, tanto uma sub-área como outra deverão ser estimuladas através de ações pontuais que marquem a preocupação da organização com esses assuntos. A especializada deverá apoiar logística e tecnicamente as ações propostas pelas demais unidades.

A organização e administração de eventos também é uma sub-área onde a Especializada adquiriu experiência consolidada através de diversos programas de suprimento e um programa de especialização "lato sensu".

Contudo, a experiência de trabalho nesse campo tem apresentado dificuldades na localização e manutenção de bons parceiros e docentes para ajudar na condução dos programas. No decorrer do ano a especializada deverá estimular e apoiar, técnica e logisticamente, iniciativas nessa direção, observadas a cautela necessária à garantia de qualidade.

INTRODUÇÃO À ÁREA

Compreender o tempo é libertar-se do presente.

Jean Piaget

Todos os estudiosos das mais variadas correntes, que analisam as tendências para o próximo milênio, são unânimes em afirmar que a área de serviços é, de longe, a que vai dominar a sociedade do conhecimento do novo século. Uma passada rápida por autores como Alvin Toffler, Peter Drucker, David Harvey e John Naisbit apenas confirmará essa tendência que chega com sombras sob a qualidade de vida nos grandes centros urbanos. A diversificação de serviços que a sociedade cada vez mais passa a solicitar, numa rapidez quase incompreensível, é imensa.

Toda essa massa de informações e mudança de relações, vai empurrar a sociedade para uma solução inadiável de administração do tempo livre do homem como forma de sobrevivência nesse contexto. Não se trata necessariamente de uma melhoria das condições de vida. Trata-se, isso sim, de uma saída para a absorção de toda a força produtiva pelo mercado de trabalho e os espaços necessários para que tal contingente se reveze em turnos onde, provavelmente, venham a ganhar menos do que hoje mas se dêem por satisfeitos de não ficarem marginalizados, quando cerca de 80% das populações estarão vivendo em núcleos urbanos.

Na outra mão da direção, muitos dos equipamentos e facilidades hoje ainda de alto custo, estarão banalizados quanto a seus custos de produção e, portanto, sofrerão uma dose de socialização do ponto de vista de acesso para os menos privilegiados.

Isso significa que o homem terá mais tempo livre e, se as economias o presentear com moedas razoavelmente estáveis, ele terá também condições de aproveitar melhor esse tempo.

A sociedade de serviços terá mais uma boa oportunidade de vender seu trabalho através o fenômeno, ou da atividade econômica do turismo.

Dados da WTTC mostram que a atividade turística é a que mais emprega pessoas e faz circular riquezas mesmo nos países industrializados como os EUA, Alemanha, Japão e França.

Isso está explícito no capítulo dedicado ao Turismo, no livro de John Naisbit, *Paradoxo Global*, que foi distribuído às Unidades no Seminário de Planejamento de 1994, no Grande Hotel São Pedro.

Muitas comunidades poderão beneficiar-se das atividades voltadas para o turismo, como forma de atrair divisas para seus cidadãos através da exploração racional e adequada de seus recursos e atrativos.

Numa região como o Estado de São Paulo, que tem características comparadas a países desenvolvidos, tendo por capital uma megalópole que abriga uma população necessitada de descanso e de contato com a natureza para a renovação de suas energias, essa alternativa econômica é uma tendência irreversível e está registrada neste ano de 1995 pelas notícias de investimentos em parques temáticos, reservas naturais e hotéis de lazer que vão surgindo em diversas regiões.

Ao lado desses investimentos, estudos avançam sobre o resgate da ferrovia, sobre alternativas de turismo fluvial, resgate de patrimônio histórico e sua arquitetura e a organização de museus.

Tal composto forma um nexo entre espaço, tempo, ócio e investimentos. Enfim, formam novos paradigmas do setor de comércio e serviços, dentro das características produtivas de cada comunidade, mas se insere nelas como uma alternativa ou uma oportunidade, perene ou sazonal, de aumento de renda de suas populações, abrangendo todas as faixas etárias do setor primário ao terciário, passando pelo governamental.

Esse fenômeno acaba acontecendo de forma desorganizada, desenvolvendo-se em cada área de serviços ao gosto do visitante e na idéia de quem se dispõe a oferecer um diferente serviço.

O papel do SENAC-SP tem que ser o de estimulador de ações educativas que preparem as comunidades para que, de forma organizada, passem a se preocupar com o turismo e sua organização, visando uma exploração adequada que traga benefícios para seus cidadãos.

Nosso papel é o de apresentar alternativas e vender serviços que avancem na direção dessa organização através de cursos, programas, produtos e demais atividades que, sobretudo lancem e façam germinar nessas sociedades a cultura do turismo, única forma de conseguir que, nos próximos anos, as ações educativas desse final de século não sejam esquecidas, mas sim, empreendidas pelas futuras gerações.

É preciso que se compreenda ainda que outras sub-áreas contidas no guarda-chuva do Turismo e Hotelaria estarão diretamente ligadas com a qualidade de vida dos cidadãos e que, portanto, têm a ver com essas perspectivas de aproveitamento do tempo livre e da manutenção do homem e sua comunidade.

"Um dos mistérios mais profundos que se apresentam ao homem quando este tenta compreender sua própria existência é a questão do que será propriamente o tempo. A certeza da vida e da morte, a experiência da juventude e da velhice, a irreversibilidade do futuro, a distribuição diária do tempo e a planificação de nosso trabalho, tudo isso significa tempo... Tanto a medida do tempo como a questão sobre o tempo é algo que se defronta de algum modo todo homem, assim que inicia a reflexão sobre a própria vida e suas experiências..."

Hans-Georg Gadamer (El tiempo y las filosofías, Salamanca y Unesco, 1979)

ORGANIZAÇÃO

... Inovação deve ser parte essencial do rotineiro, a norma, senão a rotina.

Peter F. Drucker

(Entrepreunership, 1987)

Conforme o proposto no Plano Diretor de Turismo e Hotelaria, a concentração de atividades e programas oferecidos pela área dar-se-á prioritariamente a partir da Unidade Especializada e de suas duas Unidades de aplicação e formação, em Águas de São Pedro e Campos do Jordão. Assim, as metas de produção colocam sob responsabilidade desse núcleo cerca de 75% da receita para a área.

Mais do que realizar tal receita através de seus programas de segundo e terceiro graus, a proposta de concentração programática na Especializada tem a ver com uma política deliberada de formação de especialistas e oferta de programas que exigem equipamentos específicos para sua realização. Não se pode ignorar também a importância de sinergia decorrente dessa centralização ou acumulação do conhecimento num mesmo Campus.

Essa experiência tem se mostrado positiva e produtiva, pois reúne talentos e equipamentos disponíveis para diversas sub-áreas num só conjunto, permitindo que esses sejam alocados numa cronologia bem orquestrada para o atendimento de diferentes clientelas e serviços, incluídos aí atendimentos a outros Estados da Federação.

Assim, a evolução natural dessa concentração levou a Unidade Operacional Grande Hotel São Pedro a passar de uma unidade de aplicação a uma unidade de formação ao nível de terceiro grau, a partir de agosto de 1995.

A partir de 1996, com a abertura das atividades educacionais na Unidade Operacional de Campos do Jordão, mais um Campus passa a integrar a Especializada nesta proposta. Da mesma forma, recursos físicos e humanos serão aproveitados em ações sinérgicas que permitam trabalhar diversas sub-áreas em diferentes regiões geo-educacionais.

No centro dessa proposta está uma constante formação de pessoal técnico para os trabalhos de docência e consultoria, formação essa que teve seu início em 1991 como programas de *trainees* para hotelaria e que deve ser ampliado em 1996 para turismo e gastronomia.

Essa proposta de concentração programática e formação de quadros está diretamente ligada a um custo diferenciado do *overhead* da especializada, custo esse que deverá estar totalmente coberto até o ano 2000 de acordo com a macro estratégia de auto-sustentabilidade.

No período compreendido entre 1996 e 2000, tais custos deverão ser minimizados diante do impacto de novos programas de nível superior e de nível médio com habilitações específicas nas áreas de turismo e hotelaria.

Para a exequibilidade de tal proposta é fundamental a compreensão, pela organização, dessa política de se trabalhar o conhecimento a partir de talentos na

própria casa, naturalmente enriquecidos pela presença de oriundos de outras escolas que possibilitem a multiplicidade de correntes e diversidade de opiniões sobre os mais diversos temas trabalhados nessa área.

GRANDE HOTEL SÃO PEDRO

“Dois atributos do macroambiente são particularmente importantes: sua mutação constante e forças ambientais amplamente fora do controle e da influência das organizações”

Philip Kotler (Strategic Market for Educational Institutions, 1985)

A Unidade Operacional Grande Hotel São Pedro tem sua em atividade comercial a grande contribuição para o resultado financeiro da área total.

Com a implantação dos programas de nível superior a partir de 1995, sua área educacional começa a deslançar rumo a auto-sustentabilidade, decorrente do princípio de que essa unidade trabalha com duas estratégias de negócio (a comercial e a educacional), ainda que, do ponto de vista conceitual e operacional, essa composição se traduza num avançado processo educacional onde se acaba vivenciando na prática aquilo que as escolas tradicionais diferenciavam entre teoria e prática.

Para 1996, o Grande Hotel São Pedro deverá ter aumentada a sua oferta de programas, ao mesmo tempo em que mergulha em profundidade na prática de formação de auditores internos para fazer frente ao grande aumento de demanda nesta área.

Outra tendência que deverá definir-se e firmar-se no decorrer desse exercício, é a da consolidação de um grande centro de formação em gastronomia através do programa de formação de Cozinheiro-Chefe Internacional, hoje mantido em convênio com o Instituto Culinário da América - CIA.

Essa alternativa se apresenta em razão das dificuldades de se oferecer nas três unidades que compõem a Especializada, programas da mesma natureza. Essa proposta apresentada aos parceiros norte-americanos foi questionada por duas razões iniciais: a falta de docentes para cobrir um leque tão diversificado e a falta equipamentos para atender a demanda gerada por esta oferta.

Uma terceira questão que nos parece forte o bastante para essa decisão é a de que é preciso ter maior número de alunos para fazer face aos custos gerados por programas dessa natureza.

Assim, uma proposta de aumentar as facilidades para receber um maior número de alunos, é fundamental para a Unidade de Águas de São Pedro. Nessa

perspetiva, Campos de Jordão e São Paulo atuarão mais no nível da educação continuada e outros programas de iniciação.

Outras sub-áreas de provável aproveitamento no GHSP são as de Meio Ambiente e Recreação e Lazer. A primeira na tentativa de oferecer programas ao nível regional, aproveitando a área verde que cerca a Unidade, tanto nas iniciativas da própria Unidade como em complemento aos programas oferecidos em São Paulo.

A sub-área de Recreação e Lazer segue os mesmos critérios, incluindo-se como campo de prática o setor de lazer e eventos do hotel.

A atualização do GHSP nos programas de suprimento tem sido surpreendente se considerados os dados históricos da Unidade nessa atividade. Trata-se de um crescimento que deverá abarcar também as áreas de consultoria e assessoria para os diversos serviços de hotelaria, gastronomia, turismo e lazer.

Um aspecto importante da gestão do GHSP é a implantação de novo sistema operacional para a área comercial, que começou a ser implantado nos segundo semestre de 1995 e deve estar concluído até o final do ano. Deverá atender o sistema de controles e geração de informações para decisões gerenciais, em substituição ao sistema obsoleto existente, e utilizar na operação do hotel o mesmo sistema que é trabalhado com os alunos (Sistema uniforme de Contabilidade).

Outros dois aspectos relevantes são a projeção do GHSP como uma faculdade de hotelaria na região e (principalmente Águas de São Pedro e São Pedro) e as boas relações e ações sinérgicas que o GHSP tem desenvolvido com as comunidade, numa perspectiva de um trabalho integrado de promoção e educação para o turismo local.

A finalização de um prédio destinado as atividade educacionais sinaliza o equilíbrio de investimentos entre e as áreas comercial e educacional. Contudo, é preciso ressaltar a necessidade de se equipar devidamente a Unidade, sobretudo em relação a informática. Se considerarmos a demanda existente hoje com os alunos de curso de Cozinheiro Chefe em tempo integral, mais duas turmas de Tecnólogo em Hotelaria, somando os 140 alunos que ficam em tempo quase integral de estudos, ver-se-á a dificuldade de se conviver com apenas um laboratório de informática com oito máquinas. A proposta é que se tenha dois laboratórios, com 8 a 10 máquinas, e mais uma sala com 20 máquinas para os cursos de graduação.

Além disso, devem ser adquiridos equipamentos e utensílios como microscópios, data show, forno de cultura etc. para a área de gastronomia e nutrição. A área educacional necessita também de um veículo a sua disposição para os diversos trabalhos de contato e divulgação de seus programas.